



A GAROTA PERFEITA

ROMANCE BEST-SELLER DO
NEW YORK TIMES E DA AMAZON

MARY
KUBICA



Copyright © Mary Kyrychenko, 2015

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016

Título original: *The Good Girl* Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução no todo ou em parte sob qualquer forma. Este livro foi publicado em acordo com Harlequin Books S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou são usados de forma ficcional e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, Eventos ou lugares é mera coincidência.

Preparação: Alessandra Miranda de Sá *Revisão:* Luciana Paixão e Marcia Benjamim
Diagramação: Mauro C. Naxara *Capa:* Adaptada do Projeto gráfico original *Adaptação para eBook:* Hondana

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Kubica, Mary

A garota perfeita / Mary Kubica ; tradução de Fal Azevedo. -- São Paulo : Planeta do Brasil, 2016.

ISBN 978-85-422-0681-4

Título original: *The good girl*

1. Literatura norte-americana 2. Ficção I. Título II. Azevedo, Fal

CDD 813.6

16-02647

2016

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manoel, 100 – 21º andar
Edifício Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo – SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

A
GAROTA
PERFEITA

MARY
KUBICA

Tradução
FAL AZEVEDO

 Planeta

SUMÁRIO

EVE

ANTES

GABE

ANTES

EVE

DEPOIS

GABE

ANTES

EVE

DEPOIS

GABE

ANTES

COLIN

ANTES

EVE

DEPOIS

COLIN

ANTES

GABE

DEPOIS

COLIN
ANTES

EVE
DEPOIS

COLIN
ANTES

EVE
DEPOIS

COLIN
ANTES

GABE
ANTES

COLIN
ANTES

EVE
ANTES

COLIN
ANTES

GABE
ANTES

COLIN

ANTES

EVE

ANTES

COLIN

ANTES

GABE

ANTES

COLIN

ANTES

EVE

DEPOIS

COLIN

ANTES

GABE

ANTES

COLIN

ANTES

EVE

ANTES

COLIN

ANTES

GABE
ANTES

COLIN
ANTES

EVE
ANTES

COLIN
ANTES

GABE
ANTES

COLIN
ANTES

EVE
DEPOIS

COLIN
ANTES

EVE
DEPOIS

COLIN
ANTES

GABE

ANTES

COLIN

ANTES

GABE

ANTES

COLIN

ANTES

EVE

ANTES

COLIN

ANTES

GABE

DEPOIS

COLIN

ANTES

EVE

DEPOIS

COLIN

ANTES

EVE

DEPOIS

COLIN
ANTES

GABE
ANTES

COLIN
ANTES

GABE
DEPOIS

COLIN
ANTES

EVE
VÉSPERA DE NATAL

COLIN
ANTES

EVE
DEPOIS

GABE
VÉSPERA DE NATAL

COLIN
VÉSPERA DE NATAL

EVE

DEPOIS

COLIN

VÉSPERA DE NATAL

GABE

VÉSPERA DE NATAL

EVE

DEPOIS

GABE

VÉSPERA DE NATAL

GABE

DEPOIS

EVE

DEPOIS

GABE

DEPOIS

EPÍLOGO MIA

DEPOIS

AGRADECIMENTOS

Para A&A

EVE

ANTES

Estou sentada no balcão da cozinha, bebendo chocolate quente, quando o telefone toca. Absorta em pensamentos, observo, pela janela dos fundos, o gramado que, agora, em pleno começo de outono, está repleto de folhas. A maioria delas está morta, mas algumas ainda se apegam, quase sem vida, aos galhos das árvores. É fim de tarde. O céu está nublado, a temperatura despencando para dez ou, ainda, quatro graus. *Não estou pronta para isto, penso, parece que ontem dávamos as boas-vindas à primavera e, instantes depois, ao verão.*

Ruído do telefone me assusta. Tenho quase certeza de que é algum operador de telemarketing, então não me preocupo em deixar meu lugar para atender ao apelo estridente. Aproveito as últimas e poucas horas de silêncio que tenho, antes de James passar trovejando pela porta da frente, invadindo meu mundo. A última coisa que desejo é desperdiçar meus derradeiros minutos preciosos de sossego falando com algum vendedor, que tentará me empurrar algo que, com certeza, vou recusar.

Barulho irritante para e, depois, recomeça. Atendo só para que deixe de tocar.

– Alô? – Pergunto irritada, agora em pé no meio da cozinha.

– Senhora Dennett? – Questiona uma voz de mulher. Penso por um momento em dizer a ela que foi engano, ou interromper a venda com um simples “não estou interessada”.

– Sou eu.

– Senhora Dennett, quem fala é Ayanna Jackson.

Já ouvi esse nome. Nunca a conheci pessoalmente, mas ela tinha sido uma constante na vida de Mia durante o último ano. Quantas vezes a ouvi dizer o nome dela: “Ayanna e eu fizemos isso... Ayanna e eu fizemos aquilo...”. Ao telefone, ela me explica como conheceu Mia; as duas trabalham juntas como professoras no colégio alternativo, na cidade.

– Espero não estar interrompendo nada – diz ela.

Prendo o fôlego.

– Ah, não, Ayanna, acabei de chegar – minto.

Mia fará 25 anos em apenas um mês, no dia 31 de outubro. Ela nasceu em um Halloween, e presumo que Ayanna esteja telefonando para falar sobre isso. Ela deve estar planejando uma festa surpresa para minha filha.

– Senhora Dennett, Mia não veio trabalhar hoje – explica Ayanna.

Não é isso que espero ouvir. Leva alguns instantes para que eu coloque meus pensamentos no lugar.

– Bem, ela deve estar doente – digo. Meu primeiro pensamento é proteger minha filha. Ela deve ter uma explicação plausível para ter faltado ao trabalho e não comunicar o motivo de sua ausência. Minha filha é um espírito livre, com certeza, mas também é responsável.

– A senhora não teve notícias dela?

– Não – respondo, mas isso não é incomum. Ficamos dias, às vezes semanas sem nos falarmos. Desde a invenção do e-mail, nossa melhor forma de comunicação passou a ser esse tipo de mensagem trivial.

– Tentei telefonar para a casa dela, mas ninguém atendeu.

– Você deixou uma mensagem?

– Várias.

– E ela não respondeu?

– Não.

Ouçõ, sem muito interesse, a mulher do outro lado da linha. Observo pela janela as crianças dos vizinhos chacoalharem uma árvore frágil para que as folhas remanescentes caiam sobre elas. As crianças são o meu relógio, quando aparecem no quintal, sei que a tarde chegou ao fim, que acabaram as aulas. Quando desaparecem dentro de casa de novo, o relógio me avisa que é hora de começar o jantar.

– Tentou telefonar para o celular dela?

– Cai direto na caixa postal.

– Você tentou...

– Deixei uma mensagem.

– Tem certeza de que ela não telefonou para avisar nada?

– A administração não tem notícia nenhuma dela.

Fico preocupada com a possibilidade de Mia ter problemas. De ser demitida. A possibilidade dela estar em apuros passa pela minha mente.

– Espero que isso não tenha causado algum problema sério para ela aí no trabalho.

Ayanna explica que os alunos do primeiro período de Mia não informaram a ausência dela a ninguém, até que, no segundo período, a notícia de que a senhorita Dennett não tinha aparecido se espalhou, mas não havia nenhum professor substituto. O diretor foi até a sala para manter a ordem, até que fosse providenciado outro professor. Ao chegar lá, encontrou as paredes rabiscadas com o material de arte caro que Mia fez questão de comprar, depois que a administração da escola vetou sua solicitação.

– Senhora Dennett, não acha isso estranho? – Ela pergunta.
– Não é um comportamento típico de Mia.

– Ah, Ayanna, estou certa de que ela deva ter uma boa explicação.

– Por exemplo? – Questiona ela.

– Vou telefonar para os hospitais. Há alguns na vizinhança dela...

– Já fiz isso.

– Então vou telefonar para alguns amigos – Falo, mas não conheço nenhum dos amigos de Mia. Ouvi alguns nomes de passagem, como Ayanna e Lauren, e sei que há um rapaz, com visto de estudante, vindo do Zimbábue e que está prestes a voltar para sua terra, algo que Mia considera uma completa injustiça. Mas não os *conheço*, e sobrenomes e números de telefone são difíceis de encontrar.

– Já fiz isso.

– Ela vai aparecer, Ayanna. É apenas um mal-entendido. Pode haver um milhão de motivos para o que está acontecendo.

– Senhora Dennett – diz Ayanna, e é quando o pensamento

de que algo está errado me ocorre. Sinto uma pontada no estômago, e a primeira lembrança que tenho é uma imagem minha grávida de sete ou oito meses de Mia, seus membros robustos chutando e batendo com tanta força, que seus minúsculos pés e mãos emergem sob minha pele.

Puxo uma banqueta, sento-me junto ao balcão da cozinha e penso que, antes que eu perceba, Mia fará 25 anos e sequer pensei em um presente. Não me ofereci para fazer uma festa, nem sugeri que nós, James, Grace, Mia e eu, fizéssemos reservas para jantar em um restaurante elegante na cidade.

– O que você sugere que façamos então? – Pergunto.

Ouçoo um suspiro do outro lado da linha.

– Tinha esperanças de que a senhora me dissesse que Mia estava aí – responde ela.

GABE

ANTES

É noite quando chego. Há luz nas janelas da casa do período Tudor e ao longo do caminho arborizado. Consigo ver um grupo de pessoas lá dentro, esperando por mim. Há o juiz, andando de um lado para o outro, e a senhora Dennett, sentada na ponta de um sofá, bebericando alguma coisa que parece alcoólica. Há policiais fardados e outra mulher, uma morena, que espia pela janela da frente.

Os Dennett são como qualquer outra família da Costa Norte de Chicago e que vive em um dos subúrbios que margeiam o lago Michigan. Quer dizer, são podres de ricos. Não é à toa que estou procrastinando dentro do carro, quando deveria estar a caminho da enorme casa, concentrando-me na minha entrada triunfal.

Penso nas palavras do sargento antes de me designar para o caso: *Não ferre tudo desta vez.*

Da segurança e do calor do meu humilde carro, observo a casa senhorial. Do lado de fora, não é tão colossal como imagino ser o seu interior. Ela tem todo o charme que uma casa inglesa da era Tudor pode oferecer: janelas estreitas, vigas aparentes de madeira no andar superior e telhado inclinado e íngreme. A casa

me faz lembrar um castelo medieval.

Embora tenha sido bem advertido sob manter aquilo em segredo, deveria estar me sentindo privilegiado por ter sido designado para um caso importante como esse. Mas, por algum motivo, não me sinto desse modo.

Caminho até a porta da frente, atravessando o gramado até a área cimentada do entorno da casa, que me conduz a dois degraus, e bato à porta. Está frio. Enfio as mãos nos bolsos para mantê-las aquecidas, enquanto espero. Sinto-me ridículo usando minhas roupas do dia a dia – uma calça cáqui e uma camisa polo que escondi sob uma jaqueta de couro – quando sou recebido por um dos mais influentes membros do Judiciário do país.

– Juiz Dennett – eu o cumprimento ao entrar. Ajo com mais autoridade do que acredito ter, demonstrando traços de autoconfiança que devo ter escondido em algum lugar seguro para usar em momentos como este. O juiz Dennett é um homem considerável em tamanho e poder. Estragar as coisas com ele significava ser chutado do caso, na melhor das hipóteses. A senhora Dennett se levanta de sua poltrona. Dirijo-me a ela no meu tom de voz mais refinado: – Sente-se, por favor.

Uma outra mulher, Grace Dennett, presumo pela minha pesquisa prévia, uma jovem entre 20 e 30 anos aproxima-se de mim e do juiz Dennett, no limiar onde o vestíbulo termina e dá lugar à sala de estar.

– Detetive Gabe Hoffman – apresento-me, sem as gentilezas que poderiam ser esperadas em um primeiro encontro. Não sorrio nem ofereço um aperto de mão. A garota

confirma que ela é, de fato, Grace, associada sênior em um escritório de advocacia da Dalton & Meyers. De pronto não gostei dela. Há um ar de superioridade que a rodeia e seu olhar enviesado para minhas roupas de trabalho aliado ao cinismo em sua voz me dão arrepios.

A senhora Dennett entra em ação com sua voz bastante marcada pelo sotaque britânico – embora eu saiba, pela minha pesquisa, que ela mora nos estados unidos desde os 18 anos. Parece em pânico. Essa é minha primeira impressão. Sua voz é estridente e seus dedos mexem em qualquer coisa que esteja ao alcance deles.

– Minha filha está desaparecida, detetive – diz ela. – Seus amigos não a viram. Não falaram com ela. Telefonei para seu celular e deixei mensagens. – Ela engasga com as próprias palavras, tentando desesperadamente não chorar. – Fui até o seu apartamento ver se ela estava lá – acrescenta, e depois admite –, mas o senhorio não me deixou entrar.

A senhora Dennett é uma mulher estonteante. Não posso deixar de notar seus longos cabelos loiros caindo em mechas desordenadas sobre o decote da sua blusa, que se formou por um descuido de ter ali um botão aberto de sua blusa. Eu tinha visto fotos da senhora Dennett ao lado do marido na escadaria do Tribunal de Justiça. Mas as fotos não se assemelhavam à visão de Eve Dennett em carne e osso.

– Quando foi a última vez que a senhora falou com ela? – Pergunto.

– Na semana passada – responde o juiz.

– Não foi na semana passada, James – corrige Eve. Ela faz

uma pausa, ciente da expressão de irritação do marido devido à interrupção, antes de continuar: – Há duas semanas. Talvez até mesmo três. É como nos relacionamos com Mia... Ficamos por semanas sem contato.

– Então isso não é incomum? – Questiono. – Ficar sem notícias dela por um tempo?

– Não – responde a senhora Dennett.

– E quanto a você, Grace?

– Nós nos falamos na semana passada. Um telefonema rápido. Na quarta-feira, acho. Talvez na quinta. Sim, foi na quinta-feira, porque ela telefonou quando eu estava entrando no tribunal para uma audiência sobre uma moção de suspensão.

Ela disse isso apenas para eu saber que era advogada, como se o blazer risca de giz e a pasta de couro a seu lado já não passassem essa ideia.

– Algo fora do normal?

– Apenas Mia sendo Mia.

– E o que isso significa?

– Gabe – interrompe o juiz.

– Detetive Hoffman – corrijo-o com autoridade. Se tenho de chamá-lo de *juiz*, com certeza ele pode me chamar de *detetive*.

– Mia é muito independente. Ela dança conforme o próprio ritmo, digamos assim.

– Então, até onde sabemos, sua filha está desaparecida desde quinta-feira?

– Uma amiga falou com ela ontem, viu-a no trabalho.

– A que horas?

– Não sei... três da tarde.

Confiro meu relógio.

– Então ela está desaparecida há 27 horas?

– Não é verdade que ela passa a ser considerada oficialmente desaparecida depois de 48 horas? – Pergunta a senhora Dennett.

– Claro que não, Eve – responde o marido em um tom bastante irritado.

– Não, senhora – digo, tentando ser cordial. Não gosto do modo como o marido a humilha. – Na verdade, as primeiras 48 horas são cruciais em casos de pessoas desaparecidas.

O juiz se sobressalta.

– Minha filha não é uma pessoa desaparecida. Ela está em um *local desconhecido*. Com certeza, fazendo algo irresponsável e negligente, algum ato imprudente. Mas não está *desaparecida*.

– Meritíssimo, quem foi então a última pessoa a ver sua filha antes dela... – Sou um cara bem astuto, então completo a frase com –... ir para *algum local desconhecido*?

É a senhora Dennett quem responde:

– Uma mulher chamada Ayanna Jackson. Ela e Mia são colegas de trabalho.

– A senhora tem o número de contato dela?

– Em uma folha de papel. Na cozinha.

Indico o caminho para que um dos oficiais vá até a cozinha e pegue – papel.

– Mia alguma outra vez fez algo assim?

– Não, com certeza não.

Mas a linguagem corporal do juiz e de Grace Dennett diz o contrário.

– Não é verdade, mamãe – repreende Grace. Eu a observo em expectativa. Advogados adoram ouvir a si mesmos. – Em cinco ou seis ocasiões diferentes, Mia desapareceu de casa. Passou a noite Deus sabe onde e com quem.

Sim, penso comigo mesmo, Grace Dennett é mesmo uma vaca. Tem cabelos escuros como os do pai, de quem também herdou a forma física. Da mãe, Grace herdou a altura, o que não resultou em uma boa mistura. Algumas pessoas poderiam classificar esse tipo de corpo de ampulheta. Era provável que eu fizesse isso também, se gostasse dela. Mas, em vez disso, eu a identifico como gorda.

– Isto é completamente diferente. Ela estava no ensino médio. Era um pouco ingênua e travessa, mas...

– Eve, não faça disso mais do que é – alerta o juiz Dennett.

– Mia costuma beber? – Pergunto.

– Não muito – responde a senhora Dennett.

– Como você sabe o que Mia faz, Eve? Vocês se falam só de vez em quando.

A senhora Dennett leva uma das mãos ao rosto para limpar o nariz e, por um momento, fico tão surpreso com o tamanho da pedra no anel em seu dedo, que nem ouço James Dennett divagar sobre como sua esposa podia ter envolvido “Eddie” – veja bem, não apenas o juiz é amigo íntimo do meu chefe, como também os dois se tratam por apelidos –, antes que ele chegasse em casa e tivesse a chance de dar sua opinião. O juiz Dennett parece convencido de que a filha está tirando umas férias e que não há necessidade de envolvimento de autoridades nesse sumiço.

– O senhor não acha que esse seja um caso para a polícia? – Pergunto. – Claro que não. É um problema familiar, que cabe à família resolver.

– Como é a ética de Mia em relação ao trabalho?

– Como? – Pergunta o juiz, enquanto rugas se formam em sua testa e ele as esfrega com a mão, irritado.

– Sua relação com o trabalho. Ela é uma boa funcionária? Já tinha faltado ao trabalho antes? Telefona com frequência dizendo que está doente quando não está?

– Não sei. Ela tem um emprego. Recebe pagamento. Tira dele o seu sustento. Não faço perguntas sobre isso.

– Senhora Dennett?

– Ela ama seu trabalho. Simplesmente ama. Ensinar foi sempre o que ela quis fazer.

Mia é professora de artes. Dá aulas em classes do ensino médio. Tomo nota disso, para um lembrete futuro.

O juiz quer saber se eu acho que isso é importante.

– Pode ser – respondo.

– E por quê?

– Meritíssimo, estou apenas tentando entender sua filha. Saber quem ela é. Isso é tudo.

A senhora Dennett está à beira das lágrimas. Seus olhos azuis começam a inchar e a ficar vermelhos, e ela, de modo patético, tenta conter as pequenas lágrimas que vêm à tona.

– Acha que aconteceu alguma coisa com Mia?

Penso comigo mesmo: não foi por isso que me chamaram aqui? Os senhores acham que algo aconteceu com ela. Mas, em vez disso, digo: – Acho que devemos agir agora e agradecer a

Deus mais tarde, quando soubermos que foi apenas um mal-entendido. Tenho certeza de que ela está bem, sim, mas eu gostaria de investigar. – Eu me sentiria péssimo se – se – ficasse provado que Mia estivera em apuros. – Há quanto tempo Mia está morando sozinha? – Continuo o interrogatório.

– Vai fazer sete anos em um mês – afirma a senhora Dennett à queima-roupa.

Fico surpreso.

– A senhora sabe a data certa? Até o dia?

– Foi no aniversário de 18 anos dela. Mal podia esperar para sair daqui.

– Não quero parecer inconveniente, mas onde ela mora agora?

O juiz responde:

– Em um apartamento na cidade. Perto da Clark com a Addison.

Sou um fã ávido do Chicago Cubs, por isso fico emocionado. A simples menção das palavras *Clark* ou *Addison* faz meus ouvidos se animarem, como se eu fosse um cachorro faminto.

– Em Wrigleyville. É uma boa vizinhança. Segura.

– Vou pegar o endereço para você – oferece a senhora Dennett.

– Gostaria de checar o lugar, se os senhores não se importarem. Ver se alguma janela está quebrada, se há sinais de arrombamento.

A voz da senhora Dennett está trêmula quando pergunta:

– Acha que alguém invadiu o apartamento de Mia?

Tento empregar um tom reconfortante:

– Quero apenas checar, senhora Dennett. O prédio onde ela mora tem porteiro?

– Não.

– Algum sistema de segurança? Câmeras?

– Como poderíamos saber disso? – Pergunta o juiz, quase rosnando de irritação.

– Os senhores nunca a visitavam? – Pergunto, antes que consiga me controlar. Espero por uma resposta, que não vem.

EVE

DEPOIS

Fecho o casaco para ela, puxo o capuz por cima de sua cabeça, e andamos sentindo o vento intransigente de Chicago no rosto.

– Precisamos nos apressar agora – digo, e ela assente, embora não pergunte o motivo. As rajadas de vento quase nos derrubam no caminho até o Suv de James, estacionado a 400 metros, e, quando a seguro pelo cotovelo, a única coisa de que tenho certeza é que, se uma de nós cair, ambas despencamos. Quatro dias depois do Natal, o estacionamento é um campo de gelo escorregadio. Faço o melhor que posso para protegê-la do frio e do vento incessante, atraindo-a para mim e envolvendo sua cintura com o braço, para mantê-la aquecida. Mas meu corpo é bem menor que o dela e estou, certamente, deixando a desejar em minha tarefa.

– Vamos voltar na próxima semana – digo a Mia, enquanto ela se senta no banco de trás. Minha voz se sobrepõe ao barulho de portas se fechando e cintos de segurança sendo colocados. O rádio grita para nós, o motor do carro prestes a morrer nesse dia penoso. Mia se encolhe, e peço a James que desligue o rádio. No banco de trás, Mia está calada, olhando pela janela e observando

os carros, três deles, enquanto nos cercam como um grupo de tubarões famintos, os motoristas intrometidos e vorazes. Um leva a câmera fotográfica até os olhos e o *flash* cega a todos nós.

– Onde diabos estão os policiais quando precisamos deles? – Pergunta James para ninguém em particular, e em seguida enfia a mão na buzina, até Mia tapar os ouvidos para impedir que aquele som horrível chegue até ela. Câmeras são disparadas de novo.

Os carros ficaram rodeando o estacionamento, os motores rugindo, enquanto a fumaça expelida pelos escapamentos se dispersa no dia cinzento.

Mia ergue os olhos e vê que eu a observo.

– Você me ouviu, Mia? – Pergunto em um tom de voz afetuoso. Ela balança a cabeça, e não ouço nada além dos pensamentos incômodos que rondam sua mente: *Chloe. Meu nome é Chloe.*

Seus olhos azuis estão cravados nos meus, que estão vermelhos e lacrimejantes devido às lágrimas contidas, algo que havia se tornado comum desde o retorno de Mia, apesar de James estar sempre por perto, lembrando-me de ficar calada. Tento manter as coisas em perspectiva, obrigando-me a manter um sorriso que, apesar de forçado, é honesto, embora palavras não ditas perambulem pela minha mente: *Não consigo acreditar que você está em casa.* esforço-me para dar privacidade a Mia, sem muita certeza do quanto ela precisa disso, mas bem certa de que não quero ultrapassar nenhum limite. Percebo sua aflição em cada gesto e expressão, no modo como se comporta sem um pinga da autoconfiança que a Mia que eu conhecia tinha.

Compreendo que algo horrível se passou com ela. Contudo, quero saber: será que ela percebe que algo aconteceu comigo?

Mia desvia o olhar.

– Vamos voltar a ver a doutora Rhodes na próxima semana – digo, e ela assente em resposta. – Na terça-feira.

– A que horas? – Pergunta James.

– À uma da tarde.

Ele consulta seu smartphone com uma das mãos e me diz que terei de levar Mia à consulta sozinha. Diz que haverá um julgamento que não pode perder. E, além disso, que tem certeza de que posso lidar com isso sozinha. Respondo que sim, claro, posso *lidar com isso*, mas me inclino e sussurro em seu ouvido:

– Ela precisa de você, que é o pai dela – lembro a ele que isso é uma coisa sobre a qual discutimos e concordamos, algo de que ele tinha prometido participar. Ele rebate que vai ver o que pode fazer, mas a dúvida pesa em minha mente. Posso ver nele a crença de que seus horários de trabalho inabaláveis não permitem gastar tempo com crises familiares como essa.

No assento de trás, Mia olha pela janela, observando o mundo que passa voando por nós, enquanto descemos pela i-94 e deixamos a cidade. São quase três e meia de uma tarde de sexta-feira, no fim de semana do ano-Novo, e, por isso, o tráfego está uma bagunça. Paramos e esperamos, e então avançamos centímetros, em ritmo de tartaruga, sem alcançar sequer 50 quilômetros por hora na via expressa. James não está com paciência para isso. Ele olha pelo retrovisor, esperando que os *paparazzi* reapareçam a qualquer instante.

– Então, Mia – diz James, para passar o tempo –, aquela

conselheira diz que você teve amnesia.

– Ah, James – imploro –, por favor, agora não.

Meu marido não está com vontade de esperar. Deseja chegar ao fundo disso. Mal faz uma semana que Mia está em casa, vivendo comigo e com James, já que não está pronta para cuidar de si mesma. Penso no dia de Natal, quando o velho veículo se arrastou devagarzinho para dentro de nossa garagem, com Mia dentro dele. Lembro-me de como James, quase sempre distante, quase sempre *blasé*, forçou-se a passar pela porta da frente e ser o primeiro a saudá-la, a tomar aquela mulher em seus braços, em nossa entrada de carros coberta de neve, como se tivesse sido ele e não eu a passar aqueles longos meses cheia de medo, temendo pelo pior.

Mas desde então, observei, depois que aquele alívio momentâneo se dissipou, Mia, em seu esquecimento, tornou-se cansativa para James, e qualquer um dos casos em sua lista crescente de trabalhos era melhor que nossa *filha*.

– Então quando?

– Depois, por favor. Além disso, aquela mulher é uma profissional, James – insisto. – Uma psiquiatra. Ela não é uma *conselheira*.

– Certo. Então, Mia, aquela *psiquiatra* diz que você tem amnesia – repete ele, mas Mia não responde. Ele a observa pelo espelho retrovisor, com aqueles olhos castanhos que a mantêm cativa. Por um instante fugaz, ela faz o melhor que pode para devolver o olhar, mas então seus olhos se fixam nas mãos, onde ela encontra uma pequena cicatriz.

– Quer falar alguma coisa sobre isso? – Pergunta ele.

– Foi isso que ela me disse também – responde Mia, e eu me lembro das palavras da médica, quando ela se sentou diante de mim e de James naquele consultório infeliz – Mia tinha sido dispensada e mandada para a sala de espera, para folhear revistas antigas de moda – e nos deu, literalmente, a definição textual de uma doença aguda de estresse, e tudo em que pude pensar foi naqueles pobres veteranos do Vietnã.

Ele suspira. Posso afirmar que James acha aquilo implausível, o fato de a memória dela ter desvanecido no ar.

– Como isso funciona? Você se lembra de que sou seu pai e de que esta é sua mãe, mas pensa que seu nome é Chloe. Sabe quantos anos tem, onde vive e que tem uma irmã, mas não tem a mínima ideia de quem é Colin Thatcher? Sendo franca, você não sabe mesmo onde estive nos últimos três meses?

Intervenho em defesa de Mia dizendo:

– Isso se chama amnesia *seletiva*, James.

– Está me dizendo que ela escolhe as coisas que deseja lembrar?

– Mia não faz isso. Seu subconsciente ou inconsciente, ou alguma coisa do tipo, é que faz, guardando pensamentos dolorosos onde ela não consiga encontrá-los. Não é uma coisa que ela *decida* fazer. É o modo como o corpo dela a ajuda a lidar com isso.

– Lidar com o quê?

– Com a coisa toda, James. Com tudo o que aconteceu.

Ele quer saber como podemos consertar isso. O que eu não sei com certeza, mas tenho uma sugestão:

– Tempo, eu acho. Terapia. Remédios. Hipnose.

Ele zomba da minha resposta, achando a hipnose tão real quanto a amnesia.

– Que tipo de remédios?

– Antidepressivos, James – respondo. Eu me viro e, com um tapinha na mão de Mia, digo: – Talvez a memória dela nunca volte e, mesmo assim, tudo fique bem. – Eu a admiro por um momento, quase a imagem refletida de mim mesma, embora fosse mais alta e mais jovem, e, ao contrário de mim, anos e anos distante das rugas e mechas de cabelo grisalhas, que já tinham começado a se infiltrar em meu cabelo loiro-escuro.

– Como antidepressivos a ajudarão a se lembrar?

– Eles a farão se sentir melhor.

Ele é sempre sincero, sem dúvida. Essa era uma das falhas de James.

– Bem, diabos, Eve, se ela não consegue lembrar, então o que há para fazê-la se sentir mal? – Pergunta ele, e nossos olhares se desviam para as janelas, para o tráfego que se move, dando a conversa por encerrada.

GABE

ANTES

O colégio onde Mia Dennett leciona está localizado na parte noroeste de Chicago, em uma área conhecida como North Center. É uma vizinhança relativamente boa, próxima de sua casa, com uma população quase predominante de caucasianos, com ganho médio mensal acima de mil dólares. Isso é um bom presságio para ela. Se trabalhasse em Englewood, eu não estaria tão certo. O propósito da escola é fornecer educação para os desistentes do ensino médio. Eles oferecem treinamento vocacional, aulas de computação, habilidades para a vida *etc.* Em módulos de curta duração. É aí que se encaixa Mia Dennett, a professora de artes cujo propósito é apresentar aos alunos um curso mais alternativo do que o administrado nas escolas de ensino médio tradicionais, que precisam de mais tempo para ministrar Matemática e Ciências, e assim entediar até a morte aqueles desajustados de 16 anos que não dão a mínima.

Ayanna Jackson me encontra no escritório. Tenho de aguardar uns bons 15 minutos, porque ela está no meio de uma aula, então espremo meu corpo em uma dessas cadeiras escolares e espero. Isso é uma coisa que, com certeza, não é fácil

para mim. Estou longe de ser o cara atlético do meu passado, mas gosto de pensar que o peso extra me cai bem. A secretária mantém o olho sobre mim o tempo todo, como se eu fosse um estudante enviado para uma conversa com o diretor. Essa é uma cena com a qual eu, infelizmente, estou acostumado. Muitos dos meus dias no ensino médio foram gastos numa cadeira parecida, a espera do interrogatório de algum diretor.

– Está tentando encontrar Mia – diz a secretária, quando me apresento como detetive Gabe Hoffman. Digo a ela que sim, estou. Fazia quase quatro dias que alguém tinha visto ou falado com ela, então, Mia foi oficialmente dada como desaparecida, para grande desgosto do juiz. O sumiço estava estampado nos jornais e nos noticiários e, a cada manhã, quando saio da cama, digo a mim mesmo que hoje será o dia em que encontrarei Mia Dennett e me tornarei um herói.

– Quando foi a última vez que você viu Mia?

– Terça-feira.

– Onde?

– Aqui.

Vamos até uma sala de aula, e Ayanna – ela me implora para não chamá-la de senhorita Jackson – me convida para sentar em uma cadeira afixada a uma mesinha quebrada e toda rabiscada.

– Há quanto tempo você conhece Mia?

Ela se senta em uma confortável cadeira de couro, atrás de sua mesa, e eu me sinto como uma criança, mesmo ultrapassando-a em altura. Ela cruza as longas pernas, e a fenda da saia preta se abre, expondo um pedaço de sua pele.

– Há três anos. O mesmo tempo que Mia trabalha como professora.

– Mia se dá bem com todo mundo? Com os estudantes? Com a administração?

Ela assume um tom solene.

– Não há ninguém com quem Mia não se dê bem.

Ayanna continua a me falar sobre Mia. Sobre como, quando ela chegou à escola, havia uma graça natural nela, sobre como criou empatia com os alunos e agiu como se ela também tivesse crescido nas ruas de Chicago. Também me falou sobre como Mia organizou um programa para levantar fundos que provesse bolsas de estudos a alunos carentes.

– Você nunca diria que ela era uma Dennett.

De acordo com a senhorita Jackson, a maioria dos novos professores não durava muito nesse tipo de instituição educacional. Com as dificuldades do mercado as escolas alternativas eram praticamente as únicas que contratavam e, assim, recém-formados aceitavam o emprego até outra coisa aparecer. Mas esse não era o caso de Mia.

– Era aqui que ela queria estar. Deixe-me mostrar-lhe uma coisa – diz ela, puxando uma pilha de papéis acomodadas sobre sua mesa. Levanta-se e caminha até uma carteira a meu lado, onde se senta. Ela empilha o monte de papéis diante de mim, e o que vejo é alguma coisa rabiscada em uma caligrafia ruim, pior que a minha.

– Esta manhã os alunos trabalharam em seus artigos para o jornal desta semana – explica ela, enquanto meus olhos analisam o trabalho. Vejo o nome *senhorita Dennett* mais vezes do

que consigo contar. – Os alunos escrevem artigos toda semana. O tema desta – explica – era me contar o que queriam fazer da vida quando saíssem da escola.

Penso sobre isso um minuto vendo as palavras *senhorita Dennett* escritas em quase todos os trabalhos.

– Mas 90% dos estudantes não pensam em nada além de Mia – conclui ela, e posso ouvir, pelo desânimo em sua voz, que ela também mal consegue pensar em alguma coisa além da amiga.

– Ela teve problemas com algum dos estudantes? – Pergunto, apenas para me certificar. Mas sei qual será a resposta antes de ela balançar a cabeça em uma negativa. – E quanto a um namorado? – Pergunto.

– Acho que sim – responde ela –, se é que se pode chamá-lo assim. Jason alguma coisa. Não sei seu sobrenome. Não é nada sério. Estavam se vendo há poucas semanas, talvez um mês, não mais que isso.

Anoto essa informação. Os Dennett não fizeram nenhuma referência a um namorado. É possível que não saibam? Claro que é. Com a família Dennett, começo a aprender, tudo é possível.

– Sabe como entrar em contato com ele?

– Ele é arquiteto – ela responde. – Trabalha em alguma empresa da região de Wabash. Ela o encontrava quase sempre às sextas-feiras, para um happy hour. Wabash e... Eu não sei, talvez Wacker? Em algum lugar ao longo do rio.

Soa como uma busca inútil para mim, mas vou atrás da informação. Anoto os detalhes em meu bloco de notas amarelo.

O fato de Mia Dennett ter uma espécie de namorado é uma

grande notícia para mim. Em casos como esse, o culpado sempre é o namorado. Se achar Jason, estou certo de que encontro Mia também, ou pelo menos o que tiver sobrado dela. Considerando que está desaparecida há quatro dias, começo a pensar que essa história pode não ter um final feliz. Jason trabalha perto do rio Chicago, o que é uma notícia ruim. Deus sabe quantos corpos são retirados do rio todo ano. Ele é arquiteto, então é esperto, bom em resolver problemas, como descartar um corpo de 54 quilos sem que ninguém perceba.

– Se Mia e Jason estavam namorando – pergunto –, não é estranho que *ele* não esteja tentando encontrá-la?

– Acha que ele pode estar envolvido no desaparecimento dela?

Dou de ombros.

– Só sei que, se eu tivesse uma namorada e não falasse com ela por quatro dias, estaria um pouco preocupado.

– Concordo – responde ela. Depois se levanta e começa a apagar o quadro-negro. Pequenos grãos de poeira caem em sua saia preta. – Será que ele não telefonou para os Dennett?

– O senhor e a senhora Dennett não têm ideia de que haja um namorado nesta história. Até onde sabem, Mia não tem ninguém.

– Ela e os pais não são próximos. Eles têm certas... diferenças ideológicas.

– Percebi.

– Não acredito que isso seja o tipo de coisa que ela contaria a eles.

O foco da conversa está mudando, então tento trazer Ayanna

de volta ao assunto principal.

– Contudo, você e Mia são próximas. – Ela confirma. – Você diria que ela lhe conta tudo?

– Até onde sei...

– O que ela fala sobre Jason?

Ayanna volta a sentar, desta vez junto à extremidade de sua mesa. Dá uma espiada no relógio da parede, limpando as mãos. Está pensando sobre minha pergunta.

– Não iria durar – diz ela, tentando encontrar as palavras certas para explicar. – Mia não se envolve com frequência. Ela não gosta de se amarrar. De ter compromisso. É bem independente, talvez seja um defeito.

– E Jason é... carente? O tipo de namorado grudento?

Ela nega com um gesto de cabeça.

– Não, nada disso. É só que ele não era o cara certo. Os olhos dela não brilhavam quando falava sobre ele. Não ficava de conversinha, como as garotas fazem quando encontram o *cara*. Sempre tive de forçá-la a me falar sobre ele e, então, era como se eu escutasse um documentário: “fomos jantar, vimos um filme”. e sei que os horários dele eram ruins, o que irritava Mia. Ele sempre faltava a encontros ou aparecia atrasado. Mia odiava ficar presa à agenda dele. Quando você tem vários *problemas* como esses no primeiro mês, o relacionamento acaba não durando muito.

– Então é possível que Mia estivesse planejando terminar com ele?

– Não sei.

– Mas ela não estava muito feliz.

– Eu não diria que Mia não estava *feliz* – responde Ayanna.
– Apenas acho que ela não se importava.

– Pelo que você sabe, Jason sentia o mesmo?

Ela responde que não sabe e diz que Mia ficava muito distante quando falava sobre ele. As conversas eram imprecisas, como uma lista de coisas que eles tinham feito no dia, detalhes sobre a altura, o peso, a cor dos olhos e do cabelo do namorado... embora, o que pareceu bem estranho, sem menção a um sobrenome. Mas Mia nunca contou como eram os beijos dele nem que ele lhe provocava frio na barriga – segundo as palavras de Ayanna, não minhas –, coisas às quais você se refere quando está saindo com o homem dos seus sonhos. Ela parecia chateada quando Jason a deixava esperando – o que, segundo Ayanna, acontecia com frequência – e não se mostrava especialmente excitada com os encontros tarde da noite que planejavam às margens do rio Chicago.

– E você caracterizaria isso como desinteresse? – Pergunto.

– Pelo relacionamento? Por Jason? Por tudo?

– Mia estava dando um tempo com ele, enquanto esperava algo melhor aparecer.

– Eles brigaram?

– Não que eu saiba.

– Mas, se houvesse algum problema, Mia teria lhe contado?

– Gostaria de pensar que sim – responde ela com um olhar triste.

Um sino toca à distância, seguido pelo ruído de passos no corredor. Ayanna Jackson se levanta, o que tomo como uma deixa para minha saída. Digo que ficarei em contato e deixo com

ela meu cartão, pedindo que me telefone caso se lembre de alguma coisa.

EVE

DEPOIS

Estou no meio da escada quando os vejo: um grupo de jornalistas na calçada de nossa casa. Estão lá tremendo, enquanto empunham suas câmeras e microfones. Entre eles vejo Tammy Palmer, trajando um sobretudo cor de canela e botas até os joelhos, plantada no gramado da frente. Ela está de costas para mim. Um homem conta com os dedos – três... dois... – e, enquanto aponta para ela, tudo o que consigo ouvir são as primeiras palavras de sua reportagem: “estou aqui, em frente à casa de Mia Dennett...”.

Essa não é a primeira vez que estão aqui. A quantidade começou a diminuir agora, com os repórteres voltando o interesse a outras histórias, como leis sobre o casamento entre casais homossexuais e o estado deplorável da economia. Mas nos dias logo após a volta de Mia, acampavam do lado de fora da casa, desesperados por um vislumbre da mulher alquebrada, ávidos por qualquer fragmento de informação que pudesse ser transformado em manchete. Eles nos seguiam pela cidade em seus carros. Mas trancafiamos Mia dentro de casa.

Havia carros misteriosos estacionados do lado de fora,

fotógrafos de revistas de ética duvidável espiando pela janela dos nossos carros, com suas lentes telescópicas, tentando transformar Mia em uma mina de dinheiro. Cerro as cortinas.

Vejo Mia sentada à mesa da cozinha. Desço a escada em silêncio, observando minha filha em seu próprio mundo, antes que eu o invada. Ela usa um jeans rasgado e um suéter azul-marinho de gola alta que ressalta a cor de seus olhos. Seu cabelo está úmido porque acabou de tomar banho, e os fios descem pelas costas, e vão secando em mechas onduladas. Fico confusa ao ver as meias de lã grossas que cobrem seus pés e a caneca de café em suas mãos.

Ela percebe minha aproximação e se vira para olhar. Sim, penso, esse suéter deixa os olhos dela incríveis.

– Está bebendo café – comento, e a expressão vaga que se forma em seu rosto me faz ter certeza de que eu disse algo errado.

– Eu não bebo café?

Estive pisando em ovos durante uma semana, sempre tentando dizer a coisa certa, aproximando-me aos poucos, tudo para fazê-la se sentir em casa. Tento de todas as maneiras minimizar a apatia de James e a confusão de Mia. E então, quando menos espero, em uma conversa aparentemente superficial, cometo uma gafe.

Mia não bebe café. Não bebe cafeína de forma alguma. Isso a deixa nervosa. Mas eu a observo dar mais um gole, depois ficar imóvel, e penso – desejo – que talvez um pouco de cafeína a ajude. Quem é esta mulher insegura diante de mim, pergunto-me, reconhecendo o rosto, mas sem saber nada sobre a

linguagem de seu corpo, ou o tom de sua voz, ou o silêncio perturbador que a envolve como uma bolha.

Há um milhão de coisas que desejo perguntar a ela. Mas não faço isso. Jurei não incomodá-la. James a aborrece mais do que o necessário por nós dois. Deixarei as perguntas para os profissionais, a doutora Rhodes e o detetive Hoffman, e para aquele que nunca sabe quando parar... James.

Ela é minha filha, mas não é. Ela é Mia, porém não é. Parece-se com ela, mas essa moça usa meias e bebe café, e acorda chorando no meio da noite. Responde mais rápido se a chamo de Chloe do que quando a chamo pelo seu nome. Ela parece vazia e letárgica quando acordada, e permanece insone quando deveria dormir. Deu um pulo de quase um metro de altura da cadeira quando liguei o triturador de lixo na noite anterior e, em seguida, retirou-se para seu quarto. Não a vimos por horas e, quando perguntei onde estivera todo aquele tempo, tudo o que conseguiu dizer foi *não sei*. a Mia que conheço não consegue ficar quieta durante todo esse tempo.

– Parece ser um bom dia – puxo assunto, mas ela não responde. É mesmo um bom dia. Está ensolarado. Mas o sol em janeiro é enganador, e estou certa de que a temperatura não ultrapassará os seis graus.

– Quero lhe mostrar uma coisa – digo, levando-a da cozinha para a sala de jantar, onde tinha colocado uma edição limitada de um de seus trabalhos de arte, em novembro, quando estava certa de que ela havia morrido. A pintura de Mia, feita com giz em tons pastéis, retrata uma pitoresca vila na Toscana, que ela desenhou com base em uma fotografia, depois de

visitarmos a região anos atrás. Ela usou camadas de tons pastéis para criar uma representação dramática da vila, um instante no tempo capturado naquela moldura. Observo Mia olhar para o quadro e penso: *Ah, se tudo pudesse ser preservado desse jeito.*

– Você a pintou – digo.

Ela sabe. Disso ela se lembra. Lembra-se do dia em que se sentou na sala de jantar, com os gizes em tons pastéis e a fotografia. Tinha implorado ao pai que comprasse a tela para ela, e ele concordou, certo de que sua recém-descoberta paixão pela arte fosse apenas uma fase passageira. Quando terminou, todos nos maravilhamos, e, então, a pintura foi colocada em algum lugar na companhia de velhas fantasias de Halloween e patins, apenas para ser redescoberta em uma busca por fotografias de Mia que o detetive nos pediu para fazer.

– Você se lembra de nossa viagem à Toscana? – Pergunto.

Ela se aproxima para correr os dedos de leve sobre a pintura. Ela é

Alguns centímetros mais alta que eu, mas, na sala de jantar, é uma criança – inexperiente, incerta de como se sustentar sobre os próprios pés.

– Choveu – responde Mia, sem desgrudar os olhos da pintura.

Balanço a cabeça em concordância.

– Sim. Choveu – digo, feliz por ela ter se lembrado. Mas choveu apenas um dia; todos os outros foram dádivas de Deus.

Quero dizer que pendurei a pintura porque estava muito preocupada com ela. Estava aterrorizada. Permaneci acordada, noite após noite, por meses a fio, pensando: *E se...? E se ela não*

estiver bem? E se estiver bem e nunca a encontrarmos? E se estiver morta e nunca descobrirmos? E se estiver morta e ficarmos sabendo apenas quando o detetive nos pedir para identificarmos seus restos mortais?

Quero contar a Mia que pendurei sua meia de Natal na lareira, apenas por garantia, e que lhe comprei presentes e os embrulhei, colocando-os sob a árvore. Quero que saiba que deixei a luz da varanda acesa todas as noites e que devo ter telefonado para seu celular umas mil vezes, só para checar. Apenas para ver se alguma vez a ligação não caía direto na caixa postal. Mas ouvia a mensagem uma vez e mais outra, as mesmas palavras, a mesma voz – “oi, aqui é Mia. Por favor, deixe uma mensagem”. Ao menos me permitia saborear o som da sua voz por um instante. Perguntei-me: *E se essas forem as últimas palavras que ouvirei da minha filha? E se...?*

Seus olhos estão vazios, sua expressão é distante. Ela tem a pele mais aveludada e macia que acredito já ter visto, mas o veludo parece ter desaparecido, e ela é toda alva como um fantasma. Não olha para mim quando conversamos; olha além de mim, ou através de mim, mas nunca diretamente para mim. Parece ficar de cabeça baixa a maior parte do tempo, concentrada nos pés, nas mãos, em qualquer coisa para evitar o olhar de outra pessoa.

E então, bem ali na sala de jantar, seu rosto perde o restante de cor. Isso acontece em um instante, a luz infiltrando-se na sala através das cortinas abertas, destacando a silhueta de Mia, e então seus ombros caem, a mão abandona a pintura da Toscana e vai para o estômago em um movimento rápido. Seu queixo

encosta no peito, a respiração fica difícil. Coloco a mão em suas costas magras – tão magras que consigo sentir os ossos – e espero. Mas não por muito tempo. Mesmo assim fico impaciente.

– Mia, querida... – Começo, mas ela já está me dizendo que está bem, que está ótima, e tenho certeza de que é efeito do café.

– O que aconteceu?

Ela dá de ombros. A mão está colada à barriga, e sei que ela não se sente bem. Seu corpo começa a se retirar da sala de jantar.

– Estou cansada, é isso. Preciso apenas me deitar – responde ela, e faço uma anotação mental para me livrar de qualquer vestígio de cafeína que exista na casa antes que ela acorde de seu cochilo.

GABE

ANTES

– Você não é um homem fácil de ser encontrado – comento, quando ele me convida a entrar em seu local de trabalho. É mais um cubículo do que um escritório, mas com paredes mais altas que o normal, oferecendo um mínimo de privacidade. Há apenas uma cadeira – a dele –, então fico em pé junto à porta, inclinado contra a parede flexível.

– Não sabia que alguém estava tentando me encontrar.

Minha primeira impressão é de que ele é um cretino pretensioso, muito parecido comigo anos atrás, antes de eu perceber que era mais arrogante do que deveria ser. Ele é um homem grande, robusto, mas não tão alto. Estou certo de que isso se deve à musculação, *shakes* à base de proteína, ou talvez ao uso de esteroides. Vou acrescentar isso às minhas notas, mas, agora, odiaria que ele notasse que eu fazia essas suposições. Poderia levar um chute que me colocaria para fora dali.

– Você conhece Mia Dennett? – Pergunto.

– Depende. – Ele vira a cadeira giratória e finaliza um e-mail, de costas para mim.

– Do quê?

– De quem deseja saber.

Não estou muito a fim de jogar esse jogo.

– Eu quero saber – afirmo, guardando meu trunfo para mais tarde.

– E você é...?

– Estou procurando Mia Dennett – respondo.

Posso me ver nesse cara, embora ele mal pareça ter 24 ou 25 anos, recém-saído da faculdade, ainda acreditando que o mundo gire ao seu redor.

– Se diz que está...

Eu, entretanto, estou à beira dos 50 anos, e tinha acabado de perceber, naquela mesma manhã, os primeiros fios grisalhos no meu cabelo. Tenho certeza de que devo meus cabelos brancos ao juiz Dennett.

Ele continua se ocupando do e-mail. *Que diabos*, penso. Não poderia estar se importando menos comigo plantado ali, esperando para falar com ele. Espio por cima do seu ombro. É algo sobre futebol americano da faculdade, enviado para um destinatário cujo endereço eletrônico é *carcamano82*. Minha mãe é italiana – daí vêm meu cabelo escuro e meus olhos, que, tenho certeza, são amados por todas as mulheres –, por isso tomo aquele nome depreciativo como um insulto contra o meu povo, embora nunca tenha estado na Itália. Apenas procuro outro motivo para não gostar daquele cara.

– Deve estar num dia cheio – comento, e ele parece irritado por eu estar lendo seu e-mail. Então, minimiza a tela.

– Quem diabos é você? – Ele pergunta de novo.

Puxo meu distintivo dourado, que adoro tanto, do bolso de

trás.

– Detetive Gabe Hoffman.

Ele fica visivelmente perturbado por um segundo, talvez dois. Sorrio. Deus, amo meu trabalho.

Ele dá uma de estúpido:

– Há algum problema com Mia?

– Sim, acho que pode se dizer isso.

Ele espera que eu continue. O que não faço, apenas para irritá-lo.

– O que ela fez?

– Quando foi a última vez que você viu Mia?

– Tem um tempo já. Uma semana mais ou menos.

– E quando foi a última vez que falou com ela?

– Não sei. Semana passada. Terça-feira à noite, acho.

– Você acha? – Pergunto.

Ele confirma em seu calendário.

– Sim, foi na terça-feira à noite.

– Mas você não a viu na terça-feira?

– Não. Era pra ter visto, mas precisei cancelar. Você sabe, trabalho.

– Claro.

– O que aconteceu com Mia?

– Você não fala com ela desde terça-feira?

– Isso.

– E é normal? Ficar quase uma semana sem se falarem?

– Telefonei para ela – ele confessa. – Quarta-feira, talvez quinta. Ela não retornou a ligação. Supus que estivesse chateada.

– E por que estaria? Tinha algum motivo para estar

chateada?

Ele dá de ombros. Pega uma garrafa de água em sua mesa e toma um gole.

– Cancelei nosso encontro na terça-feira à noite. Precisei trabalhar. Mia foi meio grossa comigo ao telefone, entende? Pude perceber que ficou com raiva. Mas precisei trabalhar. Então pensei que ela estivesse magoada e não retornou minha ligação por isso... Sei lá.

– Quais eram os planos de vocês?

– Para terça-feira à noite?

– É.

– Íamos nos encontrar em um bar em Uptown. Mia já estava lá quando telefonei. Estava atrasado. Disse a ela que não ia conseguir ir até lá.

– E ela ficou com raiva.

– Não estava feliz.

– Então você ficou aqui, trabalhando, na noite de terça-feira?

– Até as 3h da manhã.

– Alguém pode confirmar isso?

– Hum... sim. Minha chefe. Estávamos discutindo alguns projetos para a reunião com um cliente na quinta-feira. Fui e voltei da sala dela durante metade da noite. Estou em alguma encrenca?

– Vamos chegar a isso – respondo de forma categórica, transcrevendo a conversa em minha caligrafia que ninguém, além de mim, consegue decifrar. – Aonde você foi depois que saiu do trabalho?

- Para casa, cara. Era de madrugada.
- Você tem um álibi?
- Um álibi? – Ele fica desconfortável, remexendo-se na cadeira. – Não sei. Peguei um táxi.
- Tem recibo?
- Não.
- Seu prédio tem porteiro? Alguém que possa nos dizer que você chegou em casa são e salvo?
- Há câmeras – responde ele, e depois pergunta: – onde diabos Mia está?

Tinha puxado os registros telefônicos de Mia, depois da minha reunião com Ayanna Jackson. Encontrei telefonemas quase diários para Jason Becker, cujo rastro segui até uma empresa de arquitetura em Chicago Loop. Visitei o cara para ver se ele sabia alguma coisa sobre o desaparecimento da namorada e notei a percepção evidente em seu rosto quando mencionei o nome dela. “Sim, conheço Mia”, ele tinha me dito, levando-me ao seu cubículo. Notei isso no primeiro instante: ciúmes. Ele estava convencido de que eu era o outro.

- Ela está desaparecida – digo, tentando interpretar sua resposta.
- Desaparecida?
- É. Sumiu. Ninguém a vê desde terça-feira.
- E você acha que eu tenho alguma coisa a ver com isso?

Irrita-me o fato de ele estar mais preocupado com sua culpa do que com a vida de Mia.

- Sim – respondo, mentindo. – Acho que você pode ter alguma coisa a ver com isso. – Mas, se o álibi dele for tão bom

quanto está fazendo parecer, estou de volta à estaca zero.

– Preciso de um advogado?

– Você acha que precisa?

– Eu lhe disse, estava trabalhando. Não me encontrei com Mia na terça-feira à noite. Pergunte para minha chefe.

– Farei isso – asseguro, embora a expressão que cruza seu rosto me implora para que não o faça.

Os colegas de trabalho de Jason o espiam durante o interrogatório. Caminham mais devagar quando passam por seu cubículo; ficam por perto, fingindo conversar. Eu não me importo. Ele sim. Isso o deixa louco. Está preocupado com sua reputação. Gosto de vê-lo se remexer na cadeira, inquieto.

– Você precisa de mais alguma coisa? – ele pergunta, tentando apressar as coisas. Ele me quer longe dali.

– Preciso saber de seus planos para a noite de terça-feira. Onde Mia estava quando você telefonou. Que horas eram. Checar seus registros telefônicos. Preciso falar com sua chefe para me certificar de que você estava aqui, e com a segurança, para ver a que horas saiu. Vou precisar ver as imagens das câmeras do seu prédio para verificar se você chegou bem em casa. Se estiver confortável em me fornecer isso, ficaremos bem. Se preferir que eu arranje um mandado...

– Está me ameaçando?

– Não – minto –, apenas lhe fornecendo suas opções.

Ele concorda em me dar as informações de que preciso, entre elas uma apresentação à sua chefe – uma senhora de meia-idade que ficava em um escritório ridiculamente maior que o dele, com janelas que iam do chão ao teto, cuja vista dava

para o rio Chicago – antes de eu ir embora.

– Jason – declaro depois de sua chefe ter me garantido que ele estivera trabalhando a noite toda –, faremos todo o possível para encontrar Mia.

Minha frase apenas imprime uma expressão de apatia em seu rosto. Então eu saio.

COLIN

ANTES

Não precisa muito. Pago algum cara para ficar no trabalho algumas horas a mais. Eu a sigo até o bar e me sento em um lugar onde posso observá-la sem ser visto. Espero pelo telefonema e, quando ela se levanta, eu me movo.

Não sei muito sobre ela. Eu a vi em um instantâneo. É uma foto borrada que a mostra saindo da plataforma “L”, tirada de um carro estacionado a três metros de distância mais ou menos. Há cerca de dez pessoas entre o fotógrafo e a garota, por isso seu rosto está circulado com uma caneta vermelha. Na parte de trás da fotografia estão as palavras *Mia Dennett* e um endereço. Essa foto me foi entregue há uma semana. Nunca fiz nada parecido. Furto, sim. Assédio, sim. Sequestro, não. Mas preciso do dinheiro.

Estive seguindo-a durante os últimos dias. Sei onde faz suas compras, onde lava suas roupas, onde trabalha. Nunca falei com ela. Não reconheceria o som de sua voz. Não sei a cor dos seus olhos nem como reagem quando ela se assusta. Mas saberei.

Carrego uma cerveja, mas não a bebo. Não quero correr o risco de ficar embriagado. Não hoje à noite. Mas não quero

chamar atenção sobre mim, então peço a cerveja, assim não fico de mãos vazias. Ela sai do bar quando o telefone toca e, quando volta, está frustrada. Pensa em sair, mas decide terminar sua bebida. Encontra uma caneta na bolsa e desenha algo no guardanapo do bar, ouvindo algum babaca ler poesia no palco.

Tento não pensar nisso. Tento não pensar no fato de ela ser bonita. Lembro do dinheiro. Preciso do dinheiro. Isso não pode ser tão difícil. Em algumas horas, tudo estará terminado.

– Isso é muito bom – digo, apontando para o guardanapo. É o melhor que consigo dizer, não sei nada sobre arte.

Ela me dá um olhar frio quando me aproximo pela primeira vez. Não quer nada comigo. Isso torna a coisa mais fácil. Ela mal desvia os olhos do guardanapo quando elogio a vela que está desenhando. Ela quer que eu a deixe sozinha.

– Obrigada. – Ela não olha para mim.

– Um tanto abstrato.

Parece ter sido a coisa errada a dizer.

– Acha que está uma porcaria?

Outro homem daria risada. Diria que estava brincando e a cobriria de elogios. Mas não eu. Não com ela.

Sento-me à mesa que ela ocupa. Com qualquer outra garota, em qualquer outro dia, eu teria ido embora. Em qualquer outro dia eu nem teria me aproximado, não da mesa de uma garota que parecia uma cadela chateada. Eu deixaria a conversinha, o flerte e todas aquelas bobagens para outra pessoa.

– Não diria que está uma porcaria.

Ela apanha o casaco.

– Estava de saída – diz. Engole o resto da bebida e coloca o

copo sobre a mesa. – A mesa é toda sua.

– Como Monet – digo. – Monet faz arte abstrata, não faz?

Digo isso de propósito.

Ela me encara. Tenho certeza de que pela primeira vez. Sorrio. Pergunto-me se o que ela vê é o bastante para que largue o casaco. Seu tom de voz se suaviza; ela sabe que foi ríspida. Talvez não seja tão cadela assim. Está apenas chateada.

– Monet é um pintor impressionista – ela explica. – Picasso, ele sim faz arte abstrata. Kandinsky. Jackson Pollock.

Nunca tinha ouvido falar neles. Ela ainda planeja ir embora. Não estou preocupado. Se decidir ir, eu a sigo até sua casa. Sei onde ela mora. E tenho tempo de sobra. Mas tento mesmo assim.

Pego o guardanapo que ela amassou e jogou em um cinzeiro. Limpo as cinzas e o desamasso.

– Não está uma porcaria – digo a ela, enquanto dobro o papel e coloco no bolso de trás da minha calça.

Isso é o bastante para fazer com que os olhos dela procurem pela garçonete; ela pensa em tomar outra bebida.

– Vai ficar com ele? – Pergunta.

– Sim.

Ela ri.

– Para o caso de eu ser famosa algum dia?

As pessoas gostam de se sentir importantes. Assim, ela dá o melhor de si.

Conta que seu nome é Mia. Digo que o meu é Owen. Tinha ficado quieto por tempo suficiente após ela perguntar meu nome, e ela comenta: “Não sabia que era uma pergunta tão

difícil”. Conto a ela que meus pais vivem em Toledo e que sou bancário. Nada disso é verdade. Ela não fala muito sobre si mesma. Conversamos sobre coisas impessoais: um acidente de carro na Dan Ryan, o descarrilamento de um trem de carga, a final do campeonato de beisebol que se aproxima. Ela sugere que conversemos sobre algo que não seja deprimente. Essa é fácil. Ela pede outra bebida, e depois outra. Quanto mais ela bebe, mais receptiva se torna. Admite que seu namorado lhe deu um bolo. Ela me conta sobre ele, que estavam namorando desde o fim de agosto, e ela poderia contar o número de encontros a que ele realmente tinha comparecido usando os dedos de uma só mão. Ela busca uma simpatia que não lhe ofereço. Não é do meu feitio.

Em algum momento, aproximo-me dela. Às vezes, nós nos tocamos, as pernas se roçando de forma não intencional sob a mesa.

Tento não pensar sobre isso. Sobre depois. Tento não pensar em forçá-la a entrar no carro ou entregá-la a Dalmar. Eu a escuto tagarelar e tagarelar, sobre o que eu realmente não sei, porque estou pensando no dinheiro. Em como será possuir uma quantia daquelas. Isso – sentar com uma mulher em um bar em que, apostaria minha vida nisso, eu nunca colocaria os pés e fazer reféns a troco de um resgate – não é o que faço. Mas sorrio quando ela olha para mim e, quando sua mão toca a minha, não recuo, porque sei de uma coisa: essa garota pode mudar minha vida.

EVE

DEPOIS

Estou olhando o livro do Bebê de Mia, quando o pensamento me ocorre: no segundo ano, ela teve uma amiga imaginária chamada Chloe.

Está aqui, nas páginas amareladas do livro, escrito na minha própria caligrafia cursiva, em tinta azul, em algum lugar na margem, espremido entre o primeiro osso quebrado e uma gripe perversa que a fez parar no pronto-socorro. Sua fotografia do terceiro ano cobre parte do nome Chloe, mas consigo distingui-lo.

Olho para aquela fotografia do terceiro ano, o retrato de uma garota feliz, com uma visão positiva da vida, muitos anos antes do aparelho nos dentes, da acne e de Colin Thatcher. Ela dispara aquele sorriso desdentado, com tufos de cabelo loiro engolindo sua cabeça como chamas. Seu rosto é salpicado de sardas, que desapareceram com o tempo, e seu cabelo está diversos tons mais claro do que viria a ser. A gola da blusa está desdobrada, e tenho certeza de que suas pernas magras estão envolvidas pela *legging* fúcsia, que anteriormente tinha sido de Grace.

Fotos instantâneas cobrem as páginas do livro do Bebê:

manhã de Natal, quando Mia tinha 2 anos e Grace, 7, usando pijamas iguais, o cabelo oleoso de James aparecendo em um canto. Primeiro dia na escola. Festas de aniversário.

Estou sentada no balcão do café da manhã com o livro aberto diante de mim, vendo fraldas e mamadeiras, e desejando tudo aquilo de novo. Telefone para a doutora Rhodes. Para minha surpresa, ela atende.

Quando conto a ela sobre a amiga imaginária, a doutora Rhodes embarca em uma análise psicológica.

– Muitas vezes, senhora Dennett, as crianças criam amigos imaginários para compensar a solidão ou a falta de amigos reais em sua vida. Com frequência, dão a esses amigos imaginários características que desejam na própria existência, tornando-os extrovertidos, se a criança é tímida, por exemplo, ou um grande atleta, se a criança é desajeitada para esportes. Ter um amigo imaginário não é, necessariamente, um problema, supondo que o *amigo* desapareça quando a criança amadurece.

– Doutora Rhodes – digo –, Mia chamava sua amiga imaginária de Chloe.

Ela se cala.

– Isso é interessante – ela diz, e fico entorpecida.

Tornei-me obcecada pelo nome Chloe. Passo a manhã inteira na internet, tentando aprender tudo o que há para saber sobre esse nome. É um nome grego que significa *florescer*, *verdejante* ou *crescimento*, dependendo do site em que procuro, mas sem dúvida os significados são sinônimos. Este ano, é um dos nomes mais populares, mas em 1990, estava em 212ª posição entre todos os nomes de bebês americanos, entre

Alejandra e Marie. Há, no momento, aproximadamente 10.500 pessoas, nos estados unidos, chamadas Chloe. Algumas vezes, você encontra o nome com trema sobre o e (perco quase 20 minutos na tentativa de encontrar o significado desses dois pontos sobre a vogal e, quando consigo – é apenas para diferenciar os sons do o e do e no fim do nome –, percebo que foi um desperdício de tempo); em outras, sem o trema. Imagino como Mia o soletra, embora não ouse perguntar. De onde Mia tiraria um nome como Chloe? Talvez aparecesse em uma das certidões de nascimento de uma das bebês-repolhinhos de Mia, distribuídas no Babyland general Hospital. Vou ao site. Fico surpresa ao encontrar novos tons de pele para os bebês este ano – café com leite e bege –, mas nenhuma referência a alguma boneca chamada Chloe. Talvez fosse o nome de outra criança na sala de segundo ano de Mia...

Pesquiso sobre pessoas famosas chamadas Chloe: Candice Bergen e Olivia Newton-John deram esse nome às suas filhas. É o primeiro nome verdadeiro da autora Toni Morrison, embora eu tenha muitas dúvidas de que Mia estivesse lendo *Amada* no segundo ano. Descubro as atrizes Chloë Sevigny (com o trema) e Chloe Webb (sem); contudo, tenho certeza de que a primeira é muito jovem, e a segunda, muito velha para que Mia tenha prestado qualquer atenção a elas aos 8 anos.

Poderia perguntar a ela. Poderia subir as escadas, bater na porta de seu quarto e apenas perguntar. É isso o que James faria. Ele chegaria ao fundo disso. Eu quero chegar ao fundo também, mas não quero violar a confiança que Mia tem em mim. Anos atrás, procuraria o conselho de James, sua ajuda. Mas isso foi há

muitos anos.

Pego o telefone, disco os números. A voz me saúda de um modo gentil, mas informal.

- Eve – diz ele, e eu me sinto mais calma.
- Olá, Gabe.

COLIN

ANTES

Eu a levo até um apartamento de um prédio alto em Kenmore. Pegamos o elevador e vamos até o sétimo andar. Uma música alta escapa do outro apartamento, enquanto seguimos pelo carpete manchado de urina até uma porta no fim do corredor. Abro-a, enquanto ela fica parada. Está escuro no apartamento. Apenas a luz do fogão está acesa. Atravesso o piso de tacos e acendo um abajur ao lado do sofá. As sombras desaparecem e, no lugar delas, surge o conteúdo de uma vida simples: revistas *Sports Illustrated*, uma coleção de sapatos fazendo barricada diante do armário, um *bagel* pela metade que jaz em um prato de papel sobre a mesinha lateral. Observo em silêncio, enquanto ela me julga. Silêncio. Um vizinho fez comida indiana esta noite e o cheiro de curry a sufoca.

– Tudo bem com você? – Pergunta ela, devido ao silêncio desconfortável. Provavelmente está pensando que tudo isso foi um erro, que deveria ir embora.

Vou até ela e acaricio seu cabelo, agarrando as mechas em sua nuca. Eu a encaro, colocando-a sobre um pedestal, e vejo em seus olhos como ela deseja, mesmo que por um instante, ficar

ali. É um lugar onde não estive por um bom tempo. Esqueceu-se de como é ser admirada por alguém dessa forma. Ela me beija, deixando de lado a ideia de ir embora.

Pressiono meus lábios contra os dela de um modo que é novo e familiar ao mesmo tempo. Meu toque é assertivo. Fiz isso milhares de vezes. Isso a acalma. Se eu fosse inábil, recusando-me a fazer o primeiro movimento, ela teria tempo para reconsiderar. Mas tudo acontece muito rápido.

E então, com a mesma velocidade com que começa, termina. Mudo de ideia e a empurro, e ela pergunta, ofegante:

– O que foi? Tem algo errado? – ela protesta, tentando me puxar de volta para si. Suas mãos enlaçam minha cintura; seus dedos, motivados pela bebida, ocupam-se do meu cinto.

– Não é uma boa ideia – respondo, enquanto me afasto.

– Por quê? – Ela pergunta de novo. Sua voz parece implorar. Ela agarra minha camisa, desesperada. Eu me afasto mais, ficando fora de seu alcance. E, então, começa a fazer sentido, bem devagar... a rejeição. Ela está envergonhada. Pressiona as mãos contra o rosto como se ele estivesse em chamas.

Cai sobre a poltrona e tenta recuperar o fôlego. A sala roda a seu redor. Posso ler em sua expressão: não está acostumada a ouvir a palavra *não*. ela arruma a camisa amarrotada, deslizando as mãos suadas pelo cabelo, envergonhada.

Não sei quanto tempo ficamos assim.

– Apenas não é uma boa ideia – digo, de repente inspirado a organizar meus sapatos. Jogo-os dentro do armário, um par de cada vez. Eles batem contra o fundo. Caem formando uma pilha bagunçada atrás da porta, que eu fecho, deixando a bagunça

onde não possa vê-la.

Nessa hora, o ressentimento cresce, e ela pergunta:

– Por que me trouxe aqui? Você me trouxe aqui apenas para me humilhar?

Recordo nós dois no bar. Imagino meus olhos famintos, quando me inclinei e sugeri: “vamos dar o fora daqui”. Disse-lhe que meu apartamento era logo ali, rua abaixo. Corremos o percurso todo.

Eu a encaro.

– Não é uma boa ideia – respondo outra vez. Ela se levanta e pega a bolsa. Pessoas caminham pelo corredor, as risadas parecendo mil facas. Ela tenta se levantar e andar, mas perde o equilíbrio.

– Onde você está indo? – Pergunto. Com o corpo, bloqueio a porta da frente. Ela não pode sair agora.

– Para casa – responde.

– Você está bêbada.

– E daí? – Ela pergunta em tom de desafio. Ampara-se na parede para se equilibrar.

– Você não pode ir – insisto. *Não quando estou tão perto*, penso, mas o que digo é: – Não desse jeito.

Ela sorri e diz que minha atitude é meiga. Pensa que estou preocupado com ela.

Pobre coitada. Eu não me importava nem um pouco com ela.

GABE

DEPOIS

Grace e Mia Dennett estão sentadas à minha mesa quando chego, viradas de costas para mim. Grace não poderia parecer mais desconfortável. Ela pega uma caneta da minha mesa e tira a tampa mastigada com a proteção da manga de sua camisa. Afrouxo o nó da minha gravata estampada e, quando me aproximo, ouço Grace murmurar palavras: “aparência desleixada”, “impróprio” e “pele nojenta”. Presumo que esteja falando sobre mim, e então a ouço falar que os cachos espiralados de Mia não viam um secador de cabelos há semanas; havia bolsas sob seus olhos; suas roupas estavam amarrotadas e pareciam ter sido de alguém do ensino fundamental, de um menino na pré-adolescência. Ela não sorri.

– Irônico, não é? – Diz Grace. – Como desejo que você grite comigo: Me chame de vaca, narcisista, qualquer um dos nomes desagradáveis que você usava comigo naqueles tempos antes de Colin Thatcher.

Mas Mia só a encara.

– Bom-dia – cumprimento.

Grace me interrompe de modo direto:

– Acha que podemos começar? Tenho coisas a fazer hoje.

– Claro – respondo, e depois encho meu café de açúcar do modo mais vagaroso possível. – Esperava poder conversar com Mia, ver se consigo tirar alguma informação dela.

– Não vejo como ela possa ajudar – afirma Grace. Ela me lembra da amnesia. – Ela não se lembra do que aconteceu.

Pedi a Mia que viesse essa manhã para ver se conseguíamos refrescar sua memória; para ver se Colin Thatcher tinha contado a ela qualquer coisa dentro daquela cabana que pudesse ter algum valor para a investigação em curso. Já que sua mãe não se sentia bem, tinha mandado Grace como acompanhante da irmã, e posso ver, nos olhos da jovem advogada, que ela preferia uma consulta no dentista a ficar sentada ali com Mia e eu.

– Gostaria de tentar refrescar sua memória. Ver se algumas fotografias ajudam.

Ela revira os olhos e diz:

– Por Deus, detetive, imagens de detentos? Todos sabemos qual é a aparência de Colin Thatcher. Vimos as fotografias. Acha que ela não vai identificá-lo?

– Não se trata de fotografias de detentos – asseguro, abrindo uma gaveta para desenterrar uma coisa que estava sob uma pilha de pastas de casos. Grace espreita minha mesa e parece perplexa ao ver meu caderninho de anotações. É um caderno em espiral; seus olhos escaneiam a capa em busca de pistas, mas as palavras “papel reciclado” não oferecem nenhuma. Mia, no entanto, tem um vislumbre de reconhecimento – do quê, nem eu e nem Grace sabemos, mas algo ilumina seu rosto, uma onda de recordação que então se

vai, tão rápida quanto surgiu. Vejo isso em sua linguagem corporal, a postura se endireitando, inclinando-se para frente, as mãos procurando, às cegas, o caderno, puxando-o para si.

– Reconhece isso? – Pergunto, dando voz às palavras que estavam na ponta da língua de Grace.

Mia o toma nas mãos. Não o abre. Em vez disso, corre a mão sobre a capa texturizada. Não diz coisa alguma e, depois de um minuto ou dois, balança a cabeça. Acabou. Ela amolece sobre a cadeira, e seus dedos soltam o caderno, deixando-o cair no colo.

Grace o pega do colo da irmã. Ela o abre, e é saudada por um fluxo de esboços de Mia. Eve me disse uma vez que Mia levava consigo um caderno de esboços para todos os lugares aonde ia, desenhando qualquer coisa, desde mendigos na “l” até um carro estacionado na estação de trem. É esse seu modo de manter um diário: lugares aonde foi, coisas que viu. Este caderno reciclável de esboços, que abrigava em suas páginas árvores, muitas delas, um lago rodeado por árvores; uma pequena cabana de madeira que, é claro, todos vimos nas fotos; um gatinho malhado e magricela dormindo sob alguns raios de sol. Nada disso parece surpreender Grace, não até ela chegar ao desenho de Colin Thatcher, que, literalmente, salta da página para cumprimentá-la de modo sorrateiro, entre árvores e a cabana coberta de neve.

A aparência dele é desleixada, os cabelos encaracolados desgrenhados. A barba, o jeans rasgado e o moletom de capuz ultrapassam a barreira do grunge, indo direto para a lixeira. Mia desenhava um homem alto e forte. Teve especial cuidado com os olhos, sombreando e aplicando camadas, escurecendo os traços ao redor deles, até que aqueles profundos faróis que olhavam de

soslaio quase forçam Grace a desviar o olhar da página.

– Você desenhou isso, você sabe – afirma, obrigando Mia a olhar para a página. Ela a enfia nas mãos da irmã, para que a veja. Ele está diante de um fogão a lenha, sentado no chão, as pernas cruzadas, de costas para a chama. Mia passa a mão pela página e mancha um pouco o traço feito a lápis. Ela olha para a ponta dos dedos e observa os vestígios de grafite, esfregando-os entre o polegar e o indicador.

– Isso traz alguma lembrança? – Pergunto, tomando um gole de café da minha caneca.

– Este – Mia hesita – é ele?

– Se por *ele* você quer dizer o estranho que a sequestrou, sim – responde Grace –, é ele.

Suspiro.

– Este é Colin Thatcher. – Mostro a ela uma fotografia. Não daquelas do arquivo da cadeia, que ela estava acostumada a ver, mas uma boa foto dele, em seus melhores trajes de domingo. Os olhos de Mia vão e voltam, tentando fazer a conexão. Os cabelos encaracolados. O corpo forte. Os olhos escuros. A pele bege e arrepiada. O modo como ele cruza os braços diante de si, o rosto parecendo fazer todo um esforço para esconder um sorriso.

– Você é uma artista e tanto – cumprimento.

– Eu desenhei isto? – Pergunta Mia.

Faço que sim com um gesto de cabeça.

– Eles encontraram o caderno de esboços na cabana, junto com suas coisas e as de Colin. Presumo que isso lhe pertença.

– Você levou isso com você para Minnesota? – Pergunta Grace.

Mia dá de ombros. Seus olhos estão fixos nas imagens de Colin Thatcher. Claro que ela não sabe. Grace sabe que ela não sabe, mas pergunta mesmo assim. Ela está pensando a mesma coisa que eu: ali estava aquele bastardo raptando-a e levando-a para alguma cabana abandonada em Minnesota, e ela encontra um meio de levar com ela um caderno de esboços, acima de qualquer outra coisa?

– O que mais você levou?

– Não sei – responde ela, a voz à beira do inaudível.

– Bem, o que mais você *achou*? – Pergunta Grace para mim, de modo exigente desta vez.

Observo Mia, lembrando-me de sua comunicação não verbal: o modo como seus dedos se lançaram para tocar as imagens diante dela, a frustração que, devagar e de maneira silenciosa, vai tomando forma. Toda vez que ela tenta desistir e largar as imagens, volta para elas, como se implorasse à sua mente: *pense, apenas pense*.

– Nada além do comum.

Grace enlouquece.

– O que isso significa? Roupas, comidas, armas, bombas, facas, um cavalete para pinturas e um conjunto de aquarela? Diga-me você – diz ela, tirando o caderno de esboços das mãos de Mia. – Isso é totalmente fora do comum. Um sequestrador, normalmente, não permite que o sequestrado desenhe a prova de seu crime em um caderno de esboços barato, feito de papel reciclado. – Ela se vira para Mia e apresenta o óbvio: – Se ele ficou sentado por todo esse tempo, Mia, tempo o bastante para você desenhar isso, por que você não fugiu?

Ela encara Grace com uma expressão dura no rosto. A outra suspira, completamente exasperada, e olha para a irmã como se ela merecesse estar trancafiada em alguma enfermaria para malucos. Como se ela não tivesse nenhuma ligação com a realidade, com onde estava ou por que estava ali. Como se quisesse bater nela com algum objeto pontiagudo e trazê-la de volta ao mundo dos sãos.

Saio em defesa de Mia:

– Talvez ela estivesse com medo. Talvez não existisse para onde correr. A cabana ficava no meio do nada, e o norte de Minnesota, no inverno, é quase uma cidade fantasma. Não haveria nenhum lugar para ir. Ele poderia encontrá-la, pegá-la, e depois? O que teria acontecido?

Grace afunda na cadeira enquanto folheia o caderno de esboço, vendo árvores estéreis e uma infinidade de neve, o lago pitoresco cercado por uma densa floresta... Ela quase passa por todas elas mas então volta algumas, arrancando a página do espiral.

– Isto é uma *árvore de Natal*? – Pergunta, quase implorando, o olhar chocado fixo naquela imagem nostálgica no canto interno da página. O ruído de papel sendo rasgado faz Mia pular em seu assento.

Eu a observo assustar-se e, em seguida, coloco a mão sobre a dela, para acalmá-la.

– Oh, sim. – Solto uma risada, embora não haja nenhuma diversão nisso. – Sim, acho que podemos considerar isso algo fora do comum, não podemos? Encontramos uma árvore de Natal. Charmosa, pra dizer a verdade.

COLIN

ANTES

Ela luta contra o desejo de dormir, quando o telefone toca. Tinha dito cerca de mil vezes que precisava ir. Garanti que não precisava.

Foi necessário cada grama de autocontrole para me afastar dela. Para dar as costas ao olhar suplicante e me forçar a esquecê-lo. Acontece que há algo de errado em dormir com a garota que você está prestes a raptar.

Mas, seja como for, eu a convenço a ficar. Ela pensa que é para o próprio bem. Quando estiver sóbria, digo, eu a levo até um táxi. Aparentemente, ela se convence com esse argumento.

O telefone toca. Ela não se assusta. Olha para mim com a ideia de que deve ser uma garota telefonando. Quem mais telefonaria no meio da noite? São quase 2h da manhã, e vou até a cozinha atender a ligação, vendo-a se levantar do sofá, tentando lutar contra a letargia que a invadiu.

– Tudo pronto? – Pergunta Dalmar. Não sei nada sobre Dalmar, só que ele pulou de um barco e é mais negro que qualquer outra coisa que já vi. Fiz trabalhos para Dalmar antes: furto, perseguição, coerção. Nunca sequestro.

– Hum-hum. – Espio a garota em pé, desajeitada, no meio da sala de estar. Está me esperando terminar o telefonema.

Ela está de saída. Afasto-me. O máximo que consigo. Com cuidado, puxo uma semiautomática da gaveta.

– Duas e quinze – ele diz.

Sei onde encontrá-lo: em um lugar no metrô, onde apenas os sem-teto vagam a essa hora da noite. Verifico meu relógio. Devo parar atrás de uma minivan cinza. Eles pegam a garota e deixam o dinheiro para trás. Não preciso sequer sair do carro.

– Duas e quinze – confirmo. A garota Dennett mal chega a pesar 60 quilos. Está perdida na névoa provocada pela bebida e reforçada por uma enxaqueca. A coisa toda vai ser muito fácil.

Ela está dizendo novamente que vai embora quando volto para a sala. Vai até a porta da frente. Eu a impeço com um único braço em volta de sua cintura. Puxo-a para longe da porta, meu braço tocando seu corpo.

– Você não vai a lugar nenhum.

– Não, sério – ela argumenta. – Preciso trabalhar de manhã.

Ela ri. Como se isso fosse divertido.

Mas há a arma. Ela a vê. E, neste momento, as coisas mudam. Há um instante de reconhecimento. De sua mente registrando a presença da arma, ela percebendo o que afinal está prestes a acontecer. Seus lábios se abrem e soltam uma palavra:

– Oh. – É quase uma reflexão tardia, depois de ter visto a arma. – O que pretende com isto? – Ela pergunta, afastando-se de mim e esbarrando no sofá.

– Você precisa vir comigo. – Dou um passo para frente,

diminuindo a distância entre nós.

– Para onde? – Ela pergunta. Quando minhas mãos a tocam, ela se contorce, desvencilhando-se e indo para longe. Eu descruzo os braços e a agarro.

– Não torne isso mais difícil do que tem de ser.

– O que está fazendo com essa arma? – Pergunta. Está mais calma do que espero que ela esteja. Está preocupada. Mas não grita. Nem chora. Tem os olhos fixos na arma.

– Você só precisa vir comigo. – Estico a mão e agarro seu braço. Ela está tremendo. Tenta fugir. Mas eu a seguro com força, torcendo seu braço. Ela grita de dor, olhando para mim de um jeito reprovador, magoado e surpreso. Diz para eu soltá-la, para manter minhas mãos longe dela. Há um tom de superioridade em sua voz que me aborrece. Como se fosse ela que estivesse no comando.

Ela tenta se soltar, mas descobre que não consegue. Não vou permitir.

– Cale a boca – digo. Aperto ainda mais seu pulso, e sei que isso dói. A pressão a machuca, deixando marcas vermelhas de dedos em sua pele.

– Isso é um erro – rosna ela. – Você entendeu tudo errado.
– Há uma estranha postura na fala dela, embora os olhos continuem grudados na arma. Não consigo lhe dizer quantas vezes ouvi essa mesma fala. Cada uma das minhas vítimas diz que cometi um erro.

– Cale a boca – grito desta vez. Com mais autoridade. Coloco-a contra a parede, esbarrando em um abajur enquanto faço esse movimento. O objeto cai no chão, atingindo o piso de

tacos com um baque desagradável. A lâmpada se estilhaça, mas o abajur não quebra.

Eu a mantenho presa. Digo para ela se calar. Uma vez e mais outra. Apenas cale a merda da sua boca.

Ela não diz uma palavra. Nenhuma emoção transparece em seu rosto, embora, por dentro, deva estar enfrentando um turbilhão de emoções.

– Tudo bem – disse por fim, como se fosse sua escolha. Como se pudesse opinar sobre a questão. Balança a cabeça com desdém. Seus olhos estão atentos. Cansados, mas atentos. *Belos*, penso eu. Ela tem lindos olhos azuis. Forço o pensamento a sair da minha mente. Não posso pensar em porcarias como essa. Não agora. Não antes de eu entregá-la a Dalmar. Preciso terminar o serviço. Seguir em frente, antes de começar a duvidar de mim mesmo.

Com a arma pressionada contra a cabeça dela, digo-lhe como será. Ela virá comigo. Se gritar, puxarei o gatinho. Simples assim.

Mas ela não vai gritar. Até eu consigo ver isso.

– Minha bolsa – diz ela, quando pisamos na bolsa que ela deixou cair no chão, ao entrarmos no apartamento, horas atrás, brigando com as roupas um do outro.

– Esqueça a droga da bolsa – grito. Puxo-a para o corredor, batendo a porta.

Faz frio do lado de fora. O vento vem da direção do lago e explode em seu cabelo, em seu rosto. Ela está congelando. Meu braço está firme ao redor de seu tronco. Não para lhe proporcionar calor. Não dou a mínima para o fato de ela sentir

frio. Só não quero que fuja. Eu a agarro com tanta força, que o seu lado esquerdo roça o meu lado direito e, às vezes, nossos pés colidem e tropeçamos. Andamos rápido, correndo para o carro estacionado na Ainslie.

– Depressa – digo mais uma vez, embora saibamos que sou eu quem está nos atrasando. Olho para trás, certifico-me de que não estamos sendo seguidos. Ela encara o chão, tentando evitar o vento cortante. Seu casaco ficou no meu apartamento. Sua pele está arrepiada. A camisa fina não a protege do ar frio de começo de outubro. Não há mais ninguém na rua além de nós.

Abro a porta para a garota, e ela entra. Não perco tempo afivelando o cinto de segurança. Dou partida no carro e desço a rua, virando na Ainslie e seguindo na contramão, em uma via de mão única.

As ruas estão vazias. Dirijo bem rápido, sabendo que não deveria, mas desejando que isso termine logo. Ela está calada; sua respiração, estável. Está estranhamente anestesiada. Embora, pelo canto do meu olho, vejo que ela treme: de frio, de medo. Imagino no que ela pensa. Não implora nada para mim. Curva o corpo sobre o assento do passageiro da caminhonete e observa a cidade.

Não vai demorar para encostarmos atrás da minivan, e os homens de Dalmar a tirarão do carro, pondo suas mãos sujas sobre ela. Dalmar tem um péssimo temperamento. Não sei o que planejaram para a garota. Um resgate. Isso é tudo o que sei. Mantê-la por um resgate até que o pai dela libere uma quantia substancial. Quando a grana for paga, não sei o que farão com ela. Eles a matarão? Vão mandá-la de volta para casa? Duvido. E,

se fizerem isso, será somente depois que Dalmar e seus homens se divertirem um pouco com ela.

Minha mente começa a correr em um milhão de direções. E agora estou pensando sobre o que acontecerá se eu for pego. Tudo isso terá sido em vão. Sequestro dá uma sentença de 32 anos. Eu sei. Chequei isso. Depois pensei sobre o que ia fazer, mais de uma vez.

Dalmar me contratou. Mas uma coisa é pensar sobre isso, outra é fazer. Agora estou aqui, com a garota no carro e pensando sobre os 32 anos de pena.

Ela não olha para mim. Em um semáforo, lanço um olhar para ela. A garota mantém os olhos fixos à frente, mas sei que consegue me ver. Sei que consegue sentir meus olhos sobre ela. Ela prende o fôlego. Luta contra a vontade de chorar. Dirijo só com uma das mãos. A outra segura a arma em meu colo.

Não é porque me importo com a garota. Não dou a mínima para ela. É porque estou pensando no que vai acontecer quando souberem, lá em casa, que me envolvi nisso; quando meu nome estiver associado a um sequestro ou a um assassinato. E isso poderia acontecer. Dalmar nunca associaria o nome dele a uma coisa dessas. Ele armaria para mim. Se, e quando essa história se complicasse, eu seria o fantoche, o bode expiatório, o que estaria na mira.

O semáforo fica verde. Saio para a Michigan. Um grupo de garotos bêbados está parado na esquina, esperando o ônibus. Estão brincando de um jeito estúpido. Um deles tropeça no meio-fio e eu quase bato nele.

– Idiota – digo entre os dentes. Ele me mostra o dedo do

meio.

Reflito sobre meu plano B. Sempre tenho um plano extra para quando e se as coisas derem errado. Nunca precisei usá-lo. Checo o combustível. Tem o bastante para, pelo menos, sairmos da cidade.

Deveria sair na Wacker. Os números vermelhos no painel da caminhonete marcam duas e doze da madrugada. Dalmar e seus homens estão no local, esperando. Ele poderia ter feito isso sozinho, mas não fez. Dalmar nunca quer sujar as mãos. Ele encontra alguém, algum pária como eu, para fazer o trabalho sujo, assim pode se sentar e só assistir. Dessa forma, quando as coisas dão errado, ele está limpo de qualquer acusação ilegal. Não há impressões digitais suas na cena do crime, seu rosto não aparece em nenhuma prova fotográfica. Ele deixa que o resto de nós, seus *agentes*, como chama, como se estivéssemos na porcaria da Cia, levem a culpa. Há provavelmente quatro deles na van; quatro bandidos apenas esperando para segurarem essa garota que está sentada e imóvel a meu lado, quando poderia estar lutando pela vida.

Minhas mãos escorregam do volante. Estou suando como um porco. Eu as enxugo em minha calça e depois bato no volante, e a menina solta um grito abafado.

Deveria sair na Wacker, mas não faço isso. Continuo dirigindo.

Sei que é burrice. Sei que tudo pode dar errado. Mas faço isso mesmo assim. Espio pelo espelho retrovisor, para ter certeza de que não estou sendo seguido. E então acelero. Desço a Michigan, para ontário, e estou na interestadual 90 antes de o

relógio dar 14h15.

Não conto nada para a garota, porque não há nada que eu pudesse lhe dizer em que ela acreditaria. Não tenho certeza de em que ponto acontece. É em algum lugar enquanto dirigimos para longe da cidade, e o horizonte começa a desaparecer na escuridão, os prédios começando a ser engolidos pela distância. Ela se contorce no assento. A postura começa a minguar. Seus olhos se movem: da janela lateral para o para-brisa traseiro, enquanto a cidade se desvanece. Como se alguém finalmente apertasse o botão, e *agora* ela percebesse o que diabos estava acontecendo.

– Aonde estamos indo? – Ela pergunta, a voz assumindo um tom histérico. A máscara sem emoção deu lugar a olhos esbugalhados, à pele corada. Vejo isso sob o brilho da iluminação pública, enquanto voamos pelo asfalto, que está iluminando seu rosto a cada cinco segundos, mais ou menos.

Por um instante, ela implora para que eu a deixe ir. Digo para se calar. Não quero ouvir isso. Agora, ela está chorando. Agora, as lágrimas a transformam em um caos lamentoso, implorando que a deixe ir embora. Ela pergunta de novo:

– Aonde estamos indo?

Eu pego a arma. Não consigo suportar o som de sua voz, estridente e alta. Preciso que cale a boca. Aponto a arma para ela e lhe digo para ficar quieta. Ela obedece. Está quieta, mas continua a chorar, limpando o nariz na manga da camisa, enquanto saímos da cidade e entramos na periferia, as árvores varrendo o infinito como se fossem arranha-céus, a linha azul serpenteando pelo meio da estrada.

EVE

DEPOIS

Mia senta-se à mesa da cozinha, segurando um envelope pardo com seu nome escrito em uma caligrafia masculina e com letras maiúsculas.

Preparo o jantar para Mia e para mim. A TV está ligada na sala, para servir como ruído de fundo, mas o som escapa para a cozinha, compensando o silêncio entre nós. Mia parece não perceber, mas, nesses dias, esse vazio me deixa uma pilha de nervos, e então jogo conversa fora para disfarçar o silêncio.

– Gostaria de peito de frango com a sua salada? – Pergunto, e ela dá de ombros. – Rolinhos com farinha de trigo integral ou branca? – quero saber, mas ela não responde. – Farei o frango – digo. – Seu pai gosta de frango.

Mas ambas sabemos que James não estará em casa.

– O que é isso? – Pergunto, apontando para o que ela tem nas mãos.

– O quê? – Ela indaga.

– O envelope.

– Oh – diz ela. – Isto.

Ao colocar a frigideira no fogão, bato-a sem querer no

queimador. Ela dá um pulo e, logo em seguida, começo a me desculpar, coberta de vergonha:

– Oh, Mia, querida, não queria assustá-la – digo, e leva um instante para ela se acalmar, para que consiga equilibrar a velocidade de seus batimentos cardíacos e limpar as gotas de suor causadas pelo baque da frigideira.

Ela diz que não sabe por que se sente assim.

Diz que costumava gostar quando escurecia, quando o mundo lá fora mudava. Descreve para mim o modo como as luzes da rua e os prédios brilhavam no céu noturno. Diz que gostava do anonimato e de todas as possibilidades que surgiam quando o sol ia dormir. Mas agora a escuridão a aterrorizava, com todas as coisas desconhecidas além daquelas cortinas de seda.

Mia não costumava ser medrosa. Perambulava pelas ruas da cidade depois do escurecer e se sentia perfeitamente segura. Confessou que, com frequência, encontrava consolo no tráfego ensurdecedor, nas buzinas e sirenes inoportunas dos carros que tocavam a todo momento. Mas, agora, o som de uma frigideira abalava seus nervos.

Peço desculpas em exagero, e Mia me diz que está tudo bem. Ela ouve a televisão no outro cômodo. O noticiário da noite dá lugar à série das 19h.

– Mia? – chamo, e ela se vira para mim.

– O quê? – Pergunta.

– O envelope. – Eu o indico, e então ela se lembra. Ela o vira entre as mãos. – Foi aquele policial que me deu – responde.

Estou cortando um tomate.

– O detetive Hoffman?

– Sim.

Mia, em geral, só vem ao andar de baixo quando James não está em casa. O resto do tempo, ela se esconde. Tenho certeza de que este cômodo a faz lembrar sua infância. A sala está do mesmo jeito que estava há 12 anos: a pintura, a decoração cor de manteiga, a iluminação alegre. As velas estão acesas. A iluminação direta, diminuída. A mesa é um pedestal negro com pernas torneadas em madeira e cadeiras estofadas combinando, onde ela passou muito tempo olhando através de um microscópio quando criança. Tenho certeza de que se sente como uma criança, incapaz de ser deixada sozinha, precisando que alguém lhe faça comida e a observe constantemente. Sua independência se foi.

Ontem ela me perguntou quando poderia ir para casa, para o próprio apartamento, e tudo o que respondi foi “daqui a um tempo”.

James e eu não a deixamos sair de casa, a menos que seja para ver a doutora Rhodes ou ir à delegacia. Sair por aí está fora de questão. Durante dias a campainha tocou do amanhecer até a noite, mulheres e homens com microfones e câmeras de vídeos esperando por nós na porta da frente. “Mia Dennett, gostaríamos de lhe fazer algumas poucas perguntas”, exigiam, empurrando os microfones em sua direção, até eu lhe dizer que não abrisse a porta e começasse a ignorar a campainha. O telefone toca incessantemente e, nas poucas vezes em que atendi, a única coisa que falei foi: “Sem comentários”. Depois de mais ou menos um dia, passei a deixar as ligações caírem direto

na caixa postal, e depois, quando o barulho do toque ficou insuportável, desliguei o telefone da tomada.

– Bem, não vai abri-lo? – Pergunto a Mia.

Ela desliza o dedo sob a aba do envelope e a levanta. Há apenas uma folha de papel lá dentro. Ela a retira do envelope com cuidado e dá uma olhada. Deixo a faca sobre a tábua de cortar e contorno a mesa, parando ao lado de Mia, fingindo apenas um interesse parcial, quando, na verdade, sou a mais atenta de nós duas.

É uma fotocópia de um desenho, com pequenos círculos no topo, indicando que foi arrancado do espiral. É o desenho de uma pessoa, uma mulher – só consigo presumir esse fato pelo cabelo longo.

– Eu desenhei isto – diz Mia para mim, e estendo as mãos para o desenho.

– Posso? – Pergunto, sentando na cadeira a seu lado. – Por que diz isso? – quero saber. Minhas mãos começam a tremer, meu estômago dá cambalhotas. Mia desenha desde muito tempo. Ela é uma artista talentosa. Perguntei-lhe uma vez por que amava tanto desenhar; por que era tão apaixonada por essa atividade. Ela me respondeu que desenhava porque esse era o único modo de promover mudanças. Ela conseguia transformar gansos em cisnes ou um dia nublado em ensolarado. Era um espaço onde a realidade não precisava existir.

Mas este desenho era uma coisa totalmente diferente. Os olhos eram círculos perfeitos, o sorriso lembrava aqueles que aprendemos a desenhar na pré-escola. Os cílios, linhas retas apontando para cima. O rosto estava, mal desenhado.

– Isto veio do mesmo caderno que o detetive Hoffman guarda em sua sala. Aquele com os meus desenhos.

– Você não desenhou isto – digo com absoluta certeza. – Talvez há dez anos. Quando estava aprendendo. Mas não agora. É muito *básico* para você. É medíocre, na melhor das hipóteses.

Um *timer* dispara, e eu me levanto. Mia pega a folha e dá outra olhada.

– Então, por que o policial daria isso para mim? – Pergunta, virando o envelope. Digo a ela que não sei.

Arrumo os rolinhos na assadeira e os levo ao forno, quando Mia pergunta:

– Então, quem? Quem desenhou isto? – sobre o fogão, o frango chia.

Viro a carne e começo a fatiar um pepino, como se fosse o próprio Colin Thatcher.

Dou de ombros.

– Este desenho – respondo, tentando com muita dificuldade não chorar. Mia se senta, examinando a folha, e eu vejo isso, tão claro quanto o dia: o cabelo longo, os olhos redondos, o sorriso em forma de U. – Este desenho – digo novamente – é você.

COLIN

ANTES

Estamos na Kennedy antes mesmo de me incomodar em ligar o aquecedor. Em algum lugar de Wisconsin. Ligo o rádio. A estática retumba nas caixas de som. A garota olha pela janela lateral. Não fala. Estou certo de que um par de faróis vinha nos seguindo durante toda a extensão da interestadual 90, mas eles desapareceram na entrada de Janesville, em Wisconsin.

Saio da interestadual. A estrada está escura e deserta, e parece não levar a lugar nenhum. Paro em um posto de gasolina. Não há um atendente no turno. Desligo o motor e vou encher o tanque, levando a arma comigo.

Fico de olho nela o tempo todo, quando então vejo um brilho no interior da caminhonete. É a luz da tela de um celular que ganha vida. Como pude ser tão estúpido? Abro a porta com força, assustando-a. Ela pula, tentando esconder o aparelho debaixo da camisa.

– Dê esse telefone pra mim – grito, ciente de que me esqueci de desligar o celular dela antes de sairmos.

A luz do posto de gasolina invade a cabine da caminhonete. Ela está descomposta, a maquiagem escorrendo pelo rosto, o

cabelo uma catástrofe.

– Por quê? – Pergunta. Sei que ela não é idiota.

– Apenas me dê isso.

– Por quê?

– Apenas me dê isso.

– Não estou com ele – mente ela.

– Dê a merda do telefone já! – grito e me aproximo para arrancar o aparelho debaixo de sua camisa. Ela me diz para tirar minhas mãos de cima de seu corpo. Checo o telefone. Ela conseguiu ir até a agenda de contatos, mas foi só isso. Conforme encho o tanque, asseguro-me de que ele está desligado. Depois, jogo o aparelho no lixo. Mesmo que a polícia rastreie o sinal, não estaremos por perto quando acharem o aparelho.

Verifico a parte de trás da caminhonete, em busca de alguma coisa que me sirva de corda, um pedaço de pano. Junto as mãos dela, apertadas o bastante para que grite de dor.

– Tente isso de novo – digo, quando volto para a caminhonete –, e eu a matarei. – Bato a porta e dou a partida no motor.

Apenas uma coisa é certa: quando não apareci com a garota, Dalmar mandou todo mundo que conhece atrás de nós. Agora eles já reviraram meu apartamento. Há um alvo sobre nossas cabeças. Não há a mínima chance de eu voltar. Se essa garota for burra o suficiente para tentar fugir, ela morrerá. Mas não vou deixar que isso aconteça. Ela vai contar a eles onde estou antes que a matem, só que eu a matarei primeiro. Já fiz boas ações demais.

Avançamos pela estrada ao longo de toda a noite. Ela fecha

os olhos apenas por alguns instantes, então os abre de supetão e toca a caminhonete para ver se não é um pesadelo. É tudo real: eu, a caminhonete suja, os bancos de vinil rasgados que cospem algodão, a estática no rádio, os campos sem fim e o escuro céu noturno. A arma está em meu colo – sei que ela não tem coragem de pegá-la –, e minhas mãos agarram o volante enquanto dirijo mais devagar, agora que sei que não estamos sendo seguidos.

Com a voz trêmula, ela me questiona:

– Por que está fazendo isso comigo?

Estamos em algum lugar perto de Madison. Ela ficou todo este tempo em silêncio, ouvindo um padre católico divagar sobre o pecado original, sua voz aumentando de tom a cada três ou quatro palavras. E então, de repente: “Por que está fazendo isso comigo?”. E é a parte do “comigo” que não me desce bem. Ela pensa que tudo gira em torno dela. Isso não tem nada a ver com ela. Essa garota é um peão, uma marionete, um cordeiro de sacrifício.

– Não se preocupe com isso – respondo.

Ela não gosta da resposta.

– Você nem mesmo me conhece – acusa ela em um tom superior.

– Conheço você – digo, olhando para ela. Está escuro no carro. Não consigo ver mais que uma silhueta.

– O que eu fiz para você? O que foi que eu fiz? – ela pergunta, implorando.

Ela nunca fez nada para mim. Sei disso. Ela também. Mas digo para se calar mesmo assim.

– Chega! – e, quando ela não para, digo de novo: – Cale a boca. – Da terceira vez, grito: – apenas cale a merda da boca!

A arma se move e aponta para ela. Deixo a pista e piso no freio. Saio da caminhonete, e ela já está berrando para que eu não encoste nela.

Vou até a caçamba da caminhonete e corto um pedaço de fita adesiva com meus dentes. O ar está frio, com o som ocasional de um caminhão pequeno cruzando a estrada no meio da noite.

– O que está fazendo? – Pergunta, chutando-me no instante em que abro a porta do passageiro. Ela dá um chute forte e me atinge na barriga. É uma guerreira. Reconheço isso, mas serve apenas para me deixar mais irritado. Forço minha entrada na cabine, coloco a fita adesiva sobre seus lábios e digo:

– Disse pra você calar a boca.

Contorno a caminhonete e bato a minha porta, entrando às cegas na interestadual, as rodas levantando cascalho do acostamento.

Não é de admirar que leve uns bons 150 quilômetros, mais ou menos, para tomar a coragem de colocar a mão trêmula em meu braço e conseguir minha atenção.

– Que foi? – grito, puxando minha arma para longe da mão dela. O amanhecer se aproxima. Ela se remexe no assento. Há uma sensação de urgência no olhar. Arranco a fita adesiva, e ela solta um gemido. Isso machuca. Machuca como o inferno. *Bom, penso comigo mesmo. Isso a ensinará a manter a boca fechada quando eu lhe mandar fazer isso.*

– Preciso usar o banheiro – ela murmura, temerosa.

Paro em um estacionamento de cascalhos para caminhões

do lado de fora de Eau Claire. O sol começa a nascer sobre uma fazenda de vacas-leiteiras a leste. Uma manada de vacas holandesas pasta ao longo da estrada. Será um dia ensolarado, mas bastante frio. Outubro. As árvores estão mudando.

No estacionamento, hesito. Tudo está vazio, exceto por uma perua velha, com adesivos políticos e estacionada na parte de trás, o farol traseiro está preso com uma fita adesiva. Meu coração dispara. Pego a arma no colo. É como se não estivesse pensando nisso desde que partimos. Sabia que era uma coisa que eu teria de fazer. Agora era para a garota estar com Dalmar, e percebo que estive tentando, com esforço, esquecer o que fiz. Não planejei essa parte. Mas, se fosse dar certo, há coisas das quais precisamos, como dinheiro. Tenho algum, mas não é o bastante para isso. Esvaziei a carteira da garota antes de sairmos. Cartões de crédito estão fora de cogitação. Puxo uma faca do porta-luvas. Corto o que mantinha suas mãos presas e digo:

– Fique a meu lado. Não tente nada estúpido. – Falo que pode usar o banheiro quando eu disser que pode, apenas quando eu disser.

Corto uns 60 centímetros de corda e coloco em um bolso do casaco.

A garota parece ridícula quando sai da caminhonete, a camisa amassada que não lhe chega até os pulsos. Ela cruza os braços à frente do peito e os junta como se fossem um xis. Treme de frio. Seu cabelo cai sobre o rosto. Ela mantém a cabeça baixa, os olhos no cascalho. Seus antebraços estão machucados, bem acima de alguma tatuagem com caracteres chineses que

tem na parte interior do braço.

Há apenas uma senhora trabalhando, nem um único cliente. Bem como pensei. Passo o braço ao redor da garota e a puxo em minha direção, tentando demonstrar que somos próximos. Seus pés hesitam e perdem a sincronia com os meus. Ela tropeça, mas a seguro antes que caia. Meus olhos a ameaçam para que se comporte. Minhas mãos sobre ela não são um sinal de intimidade, são uma demonstração de força. Ela sabe disso, mas a senhora atrás da caixa registradora, não.

Vamos e voltamos entre os corredores. Pego uma caixa de envelopes. Checo o banheiro apenas para ter certeza de que está vazio. Certifico-me de que não exista uma janela por onde a garota possa pular e fugir, e então digo a ela para usá-lo. A mulher na caixa registradora me olha de forma estranha. Faço uma careta e explico a ela que minha acompanhante bebeu muito. Aparentemente, ela acredita. Parece levar uma eternidade para a garota fazer xixi e, quando dou uma espiadela dentro do banheiro, está parada diante do espelho, jogando água no rosto. Ela encara o reflexo por um bom tempo.

– Vamos – digo depois de um instante.

E então vamos até a caixa registradora pagar pelos envelopes. Mas não pagamos por eles. A senhora está distraída, assistindo reprises de antigos programas dos anos 1970 em uma TV de 12 polegadas. Olho ao redor e me certifico de que não há câmeras no local.

Em seguida, vou para trás dela, puxo a arma de dentro da minha calça e mando esvaziar a merda da caixa registradora.

Não sei quem entra mais em pânico. A garota congela, o

rosto inundado de medo. Aqui estou eu, com o cano da arma pressionado contra uma mulher de meia-idade de cabelos grisalhos. Ela é uma testemunha. Uma cúmplice.

– O que está fazendo? – Pergunta, gritando.

Digo para ela calar a boca.

A senhora implora por sua vida.

– Por favor, não me machuque. Por favor, apenas me deixe ir.

Eu a empurro para frente, digo de novo para esvaziar a caixa registradora. Ela a abre e começa a colocar pilhas de dinheiro em uma sacola plástica cuja estampa é um grande sorriso com as palavras *Tenha um bom dia*. Mando a garota olhar pela janela para me dizer se tem alguém vindo. Ela obedece, submissa como uma criança.

– Não – responde entre lágrimas. – Ninguém. – E pergunta: – o que está fazendo?

Pressiono ainda mais a arma, pedindo à senhora que se apresse.

– Por favor, não me machuque.

– Os centavos também – digo. Há pilhas de moedas. – Tem selos? – Pergunto a ela. Suas mãos começam a se mover em direção a uma gaveta, e eu grito: – Não toque em merda nenhuma. Só responda. Você tem selos? – Porque, até onde presumo, há uma semiautomática naquela gaveta.

Ela choraminga ao som da minha voz.

– Na gaveta – responde, chorando. – Por favor, não me machuque – implora. Ela me conta sobre seus netos. Dois, um menino e uma menina. O único nome que entendo é Zelda. De

qualquer forma, que tipo de nome estúpido é Zelda? Alcanço a gaveta e encontro um maço de selos. Eu o enfio na sacola que tomei das mãos da senhora e passei para a garota.

– Segure isto – digo. – Apenas fique aqui e segure isto.

Deixo a arma apontada para ela por um instante, deixando claro que não estou de brincadeira. Ela dá um grito e se encolhe como se talvez – apenas talvez – eu fosse mesmo atirar nela.

Amarro a senhora em uma cadeira com a corda que trouxe no bolso. Depois, atiro no telefone por uma questão estratégica. Ambas gritam.

Não posso deixar que ela telefone para a polícia tão cedo.

Há uma pilha de suéteres ao lado da porta da frente. Pego um e digo à garota que o vista. Estou incomodado e cansado de vê-la tremer. Ela o desliza pela cabeça, e a estática toma conta de seu cabelo. É o suéter mais feio que já vi. *L'étoile du Nord*. Seja lá o que isso significa.

Pego alguns suéteres extras, algumas ceroulas e meias. E duas rosquinhas velhas para a viagem.

E então saímos.

Na caminhonete, amarro mais uma vez as mãos da garota. Ela ainda está chorando. Falo para encontrar um modo de ficar de boca fechada ou vou descobrir um jeito por ela. Seus olhos se dirigem à fita adesiva sobre o painel, e ela se cala. Sabe que não estou brincando.

Pego um envelope e escrevo nele um endereço. Enfio dentro dele a maior quantidade de dinheiro que consigo e coloco um selo no canto. Deixo o resto do dinheiro em meu bolso. Dirigimos até que eu encontre uma grande caixa azul do correio

e coloque o envelope dentro dela. A garota me observa, perguntando-se o que diabos estou fazendo, mas não me pergunta. E eu também não explico. Quando a olho nos olhos, digo:

– Não se preocupe com isso.

Daí penso: *Não é assunto seu.*

Não é um arranjo perfeito. Não chega nem perto disso. Mas, por ora, é o que temos de fazer.

EVE

DEPOIS

Eu me acostumei com a visão dos carros de polícia parados do lado de fora da minha casa. Havia dois deles ali, dia e noite, quatro guardas uniformizados mantendo o olho em Mia. Sentavam-se no banco dianteiro dos carros de patrulha, bebendo café e comendo sanduíches, que pegavam, em turnos, na *delicatéssen*. Fico olhando da janela do meu quarto, espiando entre as persianas que afasto com a mão. Parecem garotos de escola para mim, mais jovens que minhas filhas, mas carregam armas e cassetetes, e me observam pelos binóculos, encarando-me. Convenço a mim mesma que não conseguem me ver e, noite após noite, diminuo as luzes para vestir meu pijama de flanela, mas a verdade é que não tenho certeza.

Mia se senta na varanda da frente todos os dias, parecendo indiferente ao frio cortante. Ela encara a neve que rodeia a nossa casa como o fosso de um castelo. Observa as árvores dormentes se inclinarem para frente e para trás sob a força do vento. Mas não percebe os carros de polícia, os quatro homens que a estudam todas as horas do dia. Implorei a ela para que não deixasse a varanda, e ela concordou, embora, às vezes, atravessasse

a neve e vá até a calçada, por onde caminha, passando pelas casas do senhor e da senhora Pewter, e também da família Donaldson. Enquanto um dos carros se arrasta atrás dela, os outros mandam um oficial me chamar e eu venho correndo porta afora, descalça, para conter minha filha errante.

– Mia, querida, onde está indo? – eu me ouço dizer incontáveis vezes, agarrando-a pelas mangas da camiseta e cambaleando. Ela nunca usa um casaco, e suas mãos estão congeladas. Nunca sabe onde está indo, mas sempre me segue, e eu agradeço aos oficiais quando passamos, em direção à nossa cozinha, para pegar uma xícara de leite quente. Ela treme enquanto bebe e diz que está indo para a cama. Sentiu-se mal durante toda a semana passada, sempre querendo ir para a cama.

Mas, hoje, por algum motivo, ela percebe os carros de polícia. Estou tirando o carro da garagem para ir ao consultório da doutora Rhodes, para a primeira sessão de hipnose de Mia. Em um vislumbre de lucidez, quando ela olha pela janela, pergunta: – O que estão fazendo aqui? – como se tivessem chegado ali naquele momento.

– Estão nos mantendo em segurança – respondo com diplomacia. O que quero dizer é que estão mantendo você em segurança, mas não quero que ela tema razões que desconhece.

– Do quê? – ela pergunta, virando a cabeça para observar os policiais através do para-brisa traseiro. Um dos carros começa a nos seguir pela estrada. O outro fica cuidando da casa enquanto estamos fora.

– Não há nada a temer – respondo, em vez de dar uma

resposta direta à sua pergunta, e ela, ainda bem, aceita, virando-se para encarar o para-brisa dianteiro, completamente esquecida de tudo aquilo para o qual estamos sendo arrastadas.

Dirigimos pelas ruas da vizinhança. Tudo tão silencioso. As crianças voltaram para a escola depois das férias de inverno de duas semanas, e não ficam mais no gramado da frente construindo bonecos de neve nem fazendo guerra de bolas de neve com risadas altas e estridentes, sons tão estranhos em nossa casa pouco comunicativa. As luzes de Natal permanecem nas casas, os Papais Noéis infláveis caídos e inertes sobre montes de neve. James não encontrou tempo para decorar o exterior da casa, embora eu tenha decorado todo o interior. Apenas para o caso de Mia vir para casa e haver um motivo para comemorar.

Ela concordou com a hipnose. Não precisou de muita persuasão. Ultimamente, Mia concorda com quase tudo. James é contra a ideia; ele pensa que hipnose é uma pseudociência, equivalente a ler mãos e astrologia. Não sei se acredito, contudo ficarei louca se não tentar. Se isso vai ajudar Mia a se lembrar de uma fração de segundo dos meses que se passaram, vale a pena o custo exorbitante e o tempo gasto na sala de espera da doutora Avery Rhodes.

O que eu entendia por hipnose uma semana atrás era insignificante. Mas depois de ficar acordada à noite pesquisando na internet, tornei-me uma entendida. Hipnose, tal como pesquisei, é um transe muito relaxado, quase como sonhar acordado. Isso permitirá que Mia fique menos inibida e sintonize o resto do mundo para se permitir, com a ajuda da médica, a

emersão das recordações que perdeu. Sob hipnose, o sujeito se torna muito mais sugestível e pode relembrar informações que a mente trancou em um cofre. Hipnotizando Mia, a doutora Rhodes estará lidando diretamente com seu subconsciente, a parte do cérebro que esconde as lembranças de Mia dela mesma. O objetivo é colocá-la em um estado de relaxamento tão profundo, que a consciência dela, digamos assim, adormeça, e a doutora Rhodes consiga lidar com seu subconsciente. Pelo bem de Mia, o objetivo é recuperar o tempo todo, ou – alguns minutos e detalhes que sejam –, de quando viveu na cabana. Assim, através de terapia, ela poderá chegar a um consenso sobre seu rapto e sua cura. Para o bem da investigação, por outro lado, o detetive Hoffman está desesperado por alguma informação, qualquer pormenor ou pista que Colin Thatcher possa ter deixado escapar na cabana e que ajude a polícia a encontrar o homem que fez isso a Mia.

Quando chegamos ao consultório da doutora Rhodes, devido à insistência de James, minha entrada é permitida. Ele quer que eu vigie a *louca*, como chama a médica, no caso de ela tentar *brincar* com a cabeça de Mia.

Sento-me em uma poltrona, fora do caminho, enquanto Mia, relutantemente, arrasta-se até o sofá. Estantes do chão ao teto estão cheias de livros na parede ao sul do cômodo. Pela janela com vista para o estacionamento, que a doutora Rhodes mantém com as persianas fechadas, apenas uma quantidade escassa de luz adentra à sala, proporcionando privacidade e um pouco de aconchego. A sala é escura e discreta, e os segredos revelados dentro de suas paredes serão absorvidos pela pintura

borgonha e pelos lambris de carvalho. O ambiente é elegante; ajeito meu suéter no corpo e me abraço, enquanto a consciência de Mia começa a ficar letárgica.

– Vamos começar com coisas simples, com o que sabemos ser verdade, e veremos aonde isso nos leva – diz a médica.

Os fatos não surgem cronologicamente. Nem sequer de forma sensata e, para mim, depois de escapar de um dia de inverno cortante, aquilo é um quebra-cabeça. Tinha imaginado que a hipnose iria destrancar o cofre e ali, bem naquele instante, todas as memórias cairiam sobre o tapete persa falso, e Mia, a médica e eu poderíamos nos debruçar sobre elas e dissecá-las. Mas não é assim que acontece. Por um tempo limitado, em que Mia fica sob hipnose – talvez 20 minutos, mas não mais que isso –, a “porta” se abre e a doutora Rhodes, com sua voz gentil e harmoniosa, tenta afastar as camadas que não importam para chegar ao recheio. Ele vem em migalhas: a textura rústica da cabana, em painéis de pino nodoso e vigas expostas, a estática do rádio do carro, o som de *Für Elise*, de Beethoven, a visão de um alce.

- Quem está no carro, Mia?
- Não tenho certeza.
- Você está aí?
- Sim.
- Está dirigindo o carro?
- Não.
- Quem está dirigindo o carro?
- Não sei. Está escuro.
- Que horas são?

- De manhã cedo. O sol começou a nascer.
- Consegue ver pela janela?
- Sim.
- Vê estrelas?
- Sim.
- E a lua?
- Sim.
- Uma lua cheia?
- Não. – Ela balança a cabeça. – Lua crescente.
- Você sabe onde está?
- Em uma estrada. Pequena. De duas mãos, rodeada de árvores.
- Há outros carros?
- Não.
- Vê placas de sinalização?
- Não.
- Ouve alguma coisa?
- Não.
- Nada?
- Estática. Do rádio. Há um homem falando, mas sua voz... Há a estática. – Mia está deitada no sofá, as pernas esticadas e cruzadas. É a primeira vez que a vejo relaxar nas duas últimas semanas. Seus braços estão cruzados sobre a barriga – seu suéter amplo, creme, subiu alguns centímetros quando ela se deitou –, como se tivesse sido colocada em um caixão.
- Consegue ouvir o que o homem está dizendo? – Pergunta a doutora Rhodes de onde está sentada, uma poltrona marrom ao lado de Mia. A mulher é um epítome de compostura:

nenhuma ruga na roupa, nenhum fio de cabelo fora de lugar. O som de sua voz é monótono; poderia me acalmar até que eu dormisse.

– A temperatura está em torno de quatro graus, muito sol...

– A previsão do tempo?

– É um DJ, o som está vindo do rádio. Mas a estática... Os alto-falantes frontais não funcionam. A voz vem do assento traseiro.

– Há alguém no banco de trás, Mia?

– Não. Somos apenas nós.

– Nós?

– Posso ver as mãos dele na penumbra. Ele dirige com as duas mãos, apertando o volante bem forte.

– O que mais pode me dizer sobre ele? – Mia balança a cabeça em uma negativa. – Consegue dizer o que ele está vestindo?

– Não.

– Mas consegue ver suas mãos?

– Sim.

– Há alguma coisa nelas: um anel, um relógio? Qualquer coisa?

– Não sei.

– Mas você não consegue ver as mãos dele?

– Sim.

– O que você pode me contar sobre as mãos dele?

– São ásperas.

– Você consegue ver isso? Consegue ver que as mãos dele são ásperas?

Fico na beirada da minha cadeira, atendo-me à última palavra muda de Mia. Sei que aquela garota – a velha Mia, antes de Colin Thatcher – jamais iria querer que eu ouvisse essa conversa.

Ela não responde à pergunta.

– Ele está machucando você? – Mia se encolhe no sofá, fugindo da questão. A doutora Rhodes pergunta novamente: – ele machucou você, Mia? Aí, no carro, ou talvez antes? – Não há resposta.

A doutora avança.

– O que mais você pode dizer sobre o carro?

Mas Mia afirma, em vez de responder: – Isso não era... não era para acontecer.

– O que não era para acontecer, Mia? – Pergunta a médica.
– O que não deveria ter acontecido?

– Está tudo errado – responde Mia. Ela está desorientada, suas visões, desordenadas, recordações aleatórias correndo à deriva em sua mente.

– Como assim, tudo errado?

Não há resposta.

– Mia, como assim, tudo errado? Tem algo de errado com o carro? Alguma coisa sobre o carro?

Mas Mia não fala. Não no começo, pelo menos. Mas depois ela respira fundo, com violência, e afirma: – É minha culpa. É tudo minha culpa. – Ouvir isso consome cada pedacinho de minha força de vontade e é difícil não correr e abraçar minha filha. Quero dizer a ela que não, que não é. Não é culpa dela. Posso ver o modo como isso a entristece; a maneira como seu

rosto fica tenso; as mãos espalmadas se fecham em punhos cerrados. – Eu fiz isso – diz ela.

– Isso não é culpa sua – afirma a doutora Rhodes. Sua voz é reflexiva, calma.

Agarro os braços da poltrona onde estou sentada e me forço a permanecer calma.

– Não é sua culpa – repete a doutora, e mais tarde, depois de terminada a sessão, ela explica para mim, em particular, que as vítimas quase sempre culpam a si mesmas. Ela diz que, com frequência, isso ocorre com vítimas de estupro, motivo pelo qual quase metade dos casos não é reportada, porque a vítima tem certeza de que a culpa foi dela. Se nunca tivesse ido a tal bar; se nunca tivesse falado com tal estranho; se nunca tivesse usado uma roupa tão provocante. Mia, ela explica, passa por um fenômeno natural que os psicólogos e sociólogos estudam por anos: autculpa. “a autculpa pode, é claro, ser destrutiva caso seja levada ao extremo”, ela me diz depois, enquanto Mia aguarda na sala de espera para irmos para casa. “Mas também pode impedir as vítimas de se tornarem vulneráveis no futuro.” Como se isso pudesse me tranquilizar.

– Mia, o que mais você vê? – Pergunta a médica, assim que Mia se acalma.

Ela está taciturna a princípio. A doutora pergunta novamente: – Mia, o que mais você vê?

Desta vez, ela responde:

- Uma casa.
- Fale-me sobre a casa.
- É pequena.

– O que mais?

– Tem uma varanda. Uma varanda pequena com degraus que levam para a floresta. É uma cabana de madeira escura. Você mal consegue enxergá-la entre as árvores. É velha. Tudo que tem nela é velho: a mobília, os aparelhos domésticos.

– Fale-me sobre a mobília.

– Os móveis são bambos. O sofá é xadrez. Azul e branco. Nada na casa é confortável. Há uma velha cadeira de balanço de madeira. Luminárias que não conseguem iluminar bem a sala. Uma mesa minúscula com pés vacilantes e uma toalha xadrez de vinil, daquelas que a gente costuma levar aos piqueniques. O piso de madeira range. Ela é fria. Cheira mal.

– Cheiro de quê?

– Naftalina.

Mais tarde, naquela noite, enquanto dávamos um tempo na cozinha depois do jantar, James pergunta que diabos o cheiro de naftalina tem a ver com alguma coisa. Digo a ele que é um progresso – lento, mas um progresso. É um começo. Uma coisa da qual, ontem, Mia não conseguia se lembrar. Eu também desejei algo fenomenal: uma única sessão de hipnose e Mia estaria curada. A doutora Rhodes percebeu minha frustração quando saíamos de seu consultório e me explicou que precisávamos ser pacientes; esse tipo de coisa levava tempo, e apressar Mia faria mais mal do que bem. James não acreditou; tem certeza de que é outra estratégia para conseguir mais dinheiro. Vejo-o arrancar uma cerveja do refrigerador e ir para seu escritório trabalhar, enquanto lavo a louça do jantar, percebendo, pela terceira vez nesta semana, que o prato de Mia

mal tinha sido tocado. Vejo o espaguete endurecido sobre o prato de porcelana e me lembro de que esse é seu prato favorito.

Começo a elaborar uma lista, arquivando as coisas individualmente: mãos ásperas, previsão do tempo. Passo a noite na internet procurando informações úteis. A última vez que a temperatura chegou a quatro graus no norte de Minnesota foi na última semana de novembro, embora tenha oscilado entre menos um grau e quatro graus desde o desaparecimento de Mia até o dia seguinte ao dia de ação de graças. Depois disso, despencou para seis graus negativos e mais baixo ainda, e não subiu para quatro senão após algum tempo. Houve uma lua crescente em 30 de setembro, 14 de outubro e outra no dia 29. Daí houve uma em 12 de novembro e outra no dia 28, embora Mia não tivesse certeza de que a lua estivesse mesmo crescente e, assim, as datas eram apenas hipotéticas. Alces eram comuns em Minnesota, sobretudo no inverno. Beethoven compôs *Für Elise* por volta de 1810, contudo Elise deveria ser, na verdade, Therese, uma mulher com a qual ele se casou no mesmo ano.

Antes de ir para a cama, passo pelo quarto onde Mia dorme. Em silêncio, abro a porta e fico ali, observando-a, o modo como ela ocupa a cama toda, o cobertor empurrado para longe de seu corpo, e que em algum momento da noite jaz como uma poça no chão. Raios de luar entram pelas frestas da persiana de bambu, marcando seu rosto com facho de luz, descendo pelo pijama berinjela de malha. A calça está enrolada até o joelho direito, que se acomoda sobre um travesseiro extra. Nesses dias, é o único momento que Mia fica em paz. Vou até ela para cobri-la. Ao me debruçar vejo que seu rosto está sereno, sua alma, tranquila, e,

embora ela seja uma mulher, ainda imagino minha menininha tão feliz, muito antes de ela ter sido tirada de mim. Mia estar aqui é muito bom para ser verdade. Eu ficaria sentada ali a noite toda, se pudesse, convencendo a mim mesma de que isso não era um sonho; que, quando acordasse pela manhã, Mia – ou Chloe – ainda estaria ali.

Quando deito na cama ao lado do corpo quente de James, o aconchegante edredom fazendo-o transpirar, pergunto-me que utilidade essas informações – a previsão do tempo e a fase da lua – terão para mim, embora eu as tenha guardado em uma pasta, junto com as dúzias de significados para o nome Chloe. Não sei ao certo porquê, mas digo a mim mesma que quaisquer detalhes, notáveis o suficiente para Mia recontá-los na sessão de hipnose, são importantes para mim; qualquer migalha de informação que me explique o que aconteceu com minha filha dentro daquela cabana de madeira no interior de Minnesota.

COLIN

ANTES

Há árvores, um monte delas. Pinheiros, abetos vermelhos, abetos brancos. Elas impressionam com suas folhas pontiagudas verdes. Ao redor delas, folhas de carvalhos e olmos murcham e caem no chão. É quarta-feira. A noite veio e se foi. Saímos da rodovia e entramos em uma estrada de duas mãos. A garota se segura em seu assento a cada curva. Poderia diminuir a velocidade, mas não faço isso, porque quero chegar logo. Não há quase ninguém no caminho. De vez em quando, passamos por outro carro, alguns turistas percorrendo o trajeto abaixo do limite de velocidade para apreciarem a vista. Não há postos de gasolina. Nem lojas de conveniência. Só as lojinhas familiares de sempre. A garota olha pela janela enquanto seguimos. Tenho certeza de que pensa que estamos em Timbuktu. Não se incomoda em perguntar. Talvez ela saiba. Talvez não dê a mínima.

Continuamos rumo ao norte, para um dos recantos mais profundos e obscuros de Minnesota. O tráfego continua a minguar depois de Two Harbors, onde a caminhonete é quase engolida pelas folhas pontiagudas dos abetos. A estrada está

repleta de buracos. Eles nos fazem voar e praguejo ao passar por cada um deles. A última coisa de que precisamos é um pneu furado.

Já estive aqui. Conheço o cara que é dono do lugar, uma cabana minúscula e suja no meio do nada. Fica perdida entre as árvores, o chão recoberto por uma camada de folhas mortas. As árvores são um pouco mais do que ramos estéreis.

Olho para a cabana e está como me lembro dela, igual a quando eu era criança. Construída em madeira com vista para o lago, que parece frio. Tenho certeza de que está um gelo. Há cadeiras de plástico do lado de fora, na varanda, e uma pequena churrasqueira. O lugar é completamente desolador, ninguém em centenas de quilômetros.

Bem o que precisamos.

Estaciono a caminhonete e saímos. Tirando um pé de cabra da traseira do veículo, subimos uma colina até a velha cabana. A casa parece abandonada, como eu sabia que estaria, mas procuro por sinais de vida mesmo assim: um carro estacionado nos fundos, sombras nas janelas. Não há nada.

Ela está parada, imóvel.

– Vamos – digo. Por fim, ela sobe os cerca de 12 degraus que levam à varanda. Faz uma pausa para recuperar o fôlego. – Ande logo – ordeno. Segundo imagino podemos estar sendo observados. Primeiro bato na porta, apenas para ter certeza de que estamos sozinhos. E então digo para a garota calar a boca, enquanto fico atento aos sons. Tudo está silencioso.

Uso o pé de cabra para arrombar a porta. Eu a quebro. Falo para a garota que a consertarei depois. Coloco uma mesa diante

da porta para mantê-la fechada. A garota fica parada, as costas apoiadas em uma parede feita de troncos vermelhos de pinheiro. Ela olha ao redor. O cômodo é pequeno. Há um sofá velho e azul, uma horrível cadeira de plástico vermelha e um fogão a lenha em um canto, que não fornece nem um pouco de calor. Há fotografias da cabana, de quando foi construída, velhas imagens em preto e branco feitas com uma câmera antiga. Eu me lembro de ouvir o dono falar sobre isso quando eu era um garoto; sobre como as pessoas que construíram a cabana há cem anos escolheram o local não pela vista, mas sim pela fileira de pinheiros a leste, que protegem a construção de correntes de vento. Como se ele conhecesse mesmo os pensamentos que passavam pela mente daquelas pessoas, que estão mortas agora, e que construíram a cabana. Eu me lembro de, mesmo naquela época, olhar para seu cabelo gorduroso e escasso, e para a pele marcada pela acne, e pensar que ele era um saco de merda.

Há a cozinha com aparelhos domésticos em cor mostarda e piso de linóleo, além de uma mesa coberta com uma toalha de vinil. A poeira cobre cada superfície à vista. Há teias de aranha e uma camada de besouros mortos nos parapeitos das janelas. A cabana cheirava mal.

– Acostume-se com isso – digo a ela. Vejo a repugnância em seu olhar. Tenho certeza de que a casa do juiz nunca teve aquela aparência.

Ligo o interruptor da luz e testo a água. Nada. A cabana está um gelo antes mesmo da chegada do inverno. Não que fôssemos próximos, mas continuei monitorando o cara mesmo assim. Sei que seu casamento não deu certo e ele foi preso há um ano, mais

ou menos, por dirigir alcoolizado; sei que, há algumas semanas, como ele faz em todos os outonos, empacotou suas coisas e voltou para Winona, onde trabalha para o departamento de Transportes limpando a neve das estradas.

Arranco o telefone da tomada e, encontrando um par de tesouras na gaveta da cozinha, corto o fio. Olho para a garota, que não saiu de perto da porta. Seus olhos estão fixos na toalha de mesa xadrez. É feia, eu sei. Saio para urinar. Um minuto depois volto. Ela continua olhando para o mesmo lugar.

– Por que você não faz alguma coisa de útil e acende o fogo?
– sugiro.

Ela coloca as mãos nos quadris e me encara, dentro daquele suéter horrível do posto de gasolina.

– Por que você não faz isso? – pergunta, mas sua voz está trêmula, assim como suas mãos, e sei que ela não é tão corajosa quanto quer me fazer pensar.

Saio e trago três feixes de lenha, largando-os no chão ao lado dos pés dela. A garota dá um pulo. Passo para ela uma caixa de fósforos, que ela deixa cair no chão; a caixa se abre, e os palitos se espalham. Digo a ela para pegá-los. Sou ignorado.

Ela precisa entender que sou eu que mando aqui. Não ela. Ela é apenas a acompanhante, contanto que fique de boca fechada e faça o que digo. Tiro a arma do bolso, engato o pente. E a aponto para ela. Para aqueles lindos olhos azuis que vão da crença à descrença, e ela sussurra para mim:

– Você entendeu tudo errado.

Eu destravo a arma, falo para ela pegar os fósforos e acender o fogo. E me pergunto se isso foi um erro, se eu só deveria tê-la

entregue a Dalmar. Não sei o que esperava da garota, mas com certeza não era isso.

Nunca imaginei que acabaria com uma ingrata. Ela me encara. Desafiadora. Pensando se vou mesmo matá-la.

Chego mais perto e seguro a arma apontada para sua cabeça.

E então ela cede. Desmorona no chão com aquelas mãos trêmulas e pega os fósforos. Um por um. E os coloca na caixa.

Eu fico ali parado, a arma apontada para ela, enquanto ela tenta acender o palito. A chama queima seus dedos antes que consiga acender os pedaços de madeira. A garota chupa o dedo e depois tenta de novo. De novo. E mais uma vez. Sabe que eu a observo. Agora suas mãos tremem tanto que ela não consegue acender a porcaria do fósforo.

– Deixe-me fazer isso – digo, e rapidamente me posiciono atrás dela. A garota recua. Eu acendo o fogo sem problema e passo por ela, indo à cozinha, em busca de comida. Não há nada. Nem um pacote de biscoitos velhos sequer.

– E agora? – ela pergunta, e eu a ignoro. – O que estamos fazendo *aqui*?

Ando pela cabana, apenas para me certificar. Os canos não funcionam. Tudo foi congelado pelo inverno. Não que eu não possa consertar. É óbvio que eu podia. Mas quando ele deixou a casa para congelar, não planejava voltar até a primavera, a época do ano em que ele se enfia aqui e vive como um eremita por seis meses.

Posso ouvi-la ir de um lado para outro, esperando que alguém ou algo entre pela porta da frente para matá-la. Digo que pare. Digo para sentar. Ela fica em pé por tempo suficiente,

antes de colocar a cadeira de plástico contra a parede diante da porta e sentar. Ela espera. É apocalíptico observá-la sentada ali, olhando para a porta da frente, esperando o fim chegar.

A noite vem e vai. Nenhum de nós dorme.

A cabana ficará mais fria quando o inverno chegar. Não foi feita para ser habitada depois de primeiro de novembro. A única fonte de calor dentro dela é o fogão a lenha. Há anticongelante no banheiro.

A eletricidade foi desligada. Algo que arrumei na última noite. Encontrei o disjuntor principal e o religuei. Literalmente, ouvi a garota agradecer a Deus pela luz escassa fornecida pelo feio candeeiro sobre a mesa. Voltei pela lateral da cabana. Chequei um galpão nos fundos, que está cheio de porcarias de que ninguém jamais precisará, porém tem também coisas que podem ser úteis. Como uma caixa de ferramentas.

Ontem, disse à garota que ela tinha de urinar do lado de fora. Estava muito cansado para lidar com o encanamento. Fiquei observando-a descer a escada, como se estivesse em uma prancha. Escondeu-se atrás de uma árvore e desceu a calça. Agachou e pensou que eu não conseguia vê-la; depois, uma vez que não ousaria limpar-se com uma folha, optou por ficar ali e se deixar secar ao natural. Urinou apenas uma vez.

Hoje encontro o registro principal da água e deixo que corra devagar. São gotas a princípio, mas, depois, começa a fluir normalmente. Dou descarga no banheiro e deixo a torneira da pia escorrer todo o anticongelante. Faço uma lista mental do que precisamos: isolante térmico, mais fita adesiva para os canos,

papel higiênico, comida.

Ela é pretensiosa. Presunçosa e arrogante, uma prima-dona. ignora-me porque está chateada e assustada, mas também porque pensa que é muito melhor que eu. Senta-se na horrível cadeira vermelha e olha pela janela. Para onde? Lugar nenhum. Apenas fica olhando. Não disse mais que duas palavras desde cedo.

– Vamos – anuncio. Digo a ela para subir na parte de trás da caminhonete. – Vamos dar uma volta.

– Onde? – Ela não quer ir a lugar nenhum. Preferiria ficar olhando para fora daquela maldita janela e contando as folhas que caem das árvores.

– Você vai ver. – Ela está com medo. Não gosta da incerteza. Não se move, mas me observa com uma falsa coragem e uma atitude imaginária de desafio, quando sei que está assustada até o último fio de cabelo. – Quero comer, você não quer?

Aparentemente, ela quer.

E assim saímos. Entramos na caminhonete e seguimos para Grand Marais.

Tenho um plano na cabeça: sair logo do país. Deixarei a garota para trás. Não quero que ela me atrase. “vou tomar um avião para o Zimbábue ou para a arábia Saudita, algum lugar de onde não consigam me extraditar”, digo a mim mesmo. Farei isso logo. Eu a amarrarei na cabana e subirei em um avião em Minneapolis, antes que ela tenha a chance de espalhar a foto do meu rosto por toda a Interpol.

Digo a ela que não posso chamá-la de Mia. Não em público. Logo alguma informação sobre o desaparecimento da garota

vazará. Deveria deixá-la no carro, mas não posso. Ela tem que descer. E então ela coloca meu boné de time de beisebol, e eu a mando olhar para baixo, sem fazer contato visual. Isso provavelmente nem precisa ser dito. Ela conhece muito mais o cascalho do chão do que eu. Pergunto por qual nome ela quer que eu a chame. Depois de hesitar bastante a ponto de me irritar, ela me vem com o nome Chloe.

Ninguém dá a mínima para o fato de eu estar desaparecido. Quando não aparecer no trabalho, vão achar que é preguiça. Não tenho amigos mesmo.

Deixo que ela escolha sopa de frango para o almoço. Eu odeio, mas concordo mesmo assim. Estou faminto. Pegamos cerca de vinte latas. Sopa de frango, de tomate, e mais tangerina e creme de milho. O tipo de comida que você encontra em um kit de sobrevivência. A garota percebe isso e diz:

– Talvez você não planeje me matar logo.

Respondo que não, até comermos o creme de milho.

De tarde, tento dormir. Esses dias não passam com facilidade. Fico uma hora aqui, outra ali, mas na maior parte do tempo fico acordado, preocupado com a ideia de Dalmar vir atrás de mim ou de a polícia aparecer na porta da cabana. Estou alerta o tempo todo, espiando por cada janela que passo. Sempre olhando por cima do ombro. Faço uma barricada na porta da frente antes de dormir e fico feliz ao ver que as janelas foram seladas por algum idiota com tinta na mão. Nem penso em me preocupar com alguma tentativa de fuga da garota. Baixo minha guarda, deixo as chaves da caminhonete à vista, e isso é todo o incentivo de que ela precisa.

Ouço a porta da frente bater. Fico em pé com rapidez. Leva um minuto para me orientar. Quando consigo, vejo a garota caída na entrada de cascalho. Corro porta afora gritando, irado. Ela está mancando. A porta da caminhonete está destrancada. Ela entra e tenta dar a partida. Mas não consegue encontrar a chave certa. Posso vê-la através da janela do motorista. Assisto enquanto esmurra o volante. Estou me aproximando da caminhonete. Agora, ela fica desesperada. Desliza pelo assento dianteiro e sai pela porta do passageiro. Entra na floresta. Ela é rápida, mas eu sou mais. Os galhos das árvores avançam pelo meio do caminho, arranhando seus braços e suas pernas. Ela tropeça e cai em uma pilha de folhas. Levanta e continua a correr. Está se cansando, perdendo velocidade. Chora, implorando para que eu a deixe em paz.

Mas estou com raiva.

Eu a agarro pelo cabelo. Seus pés continuam a correr, mas sua cabeça é puxada para trás com violência. Ela cai feio no chão. Não tem tempo de chorar antes de eu estar sobre ela, todos os meus noventa e poucos quilos esmagando seu corpo magro. Ela engasga, implorando que eu pare. Mas não faço isso. Estou enlouquecido. Enquanto isso, a garota chora com ferocidade. Lágrimas escorrem pelo seu rosto, misturando-se a sangue, lama e minha própria saliva. Ela se contorce toda. Cospe em mim. Tenho certeza de que vê sua vida inteira passar diante dos olhos. Digo a ela que é uma estúpida. E então encosto a arma em sua cabeça e a destravo.

A garota para de se mexer; fica paralisada.

Eu pressiono a arma em sua pele, o cano deixa uma marca

na sua brancura. Poderia fazer isso. Poderia dar um fim à vida dela.

Ela é uma idiota, uma maldita imbecil. Preciso de cada grama de boa vontade para não puxar o gatilho. Fiz isso por ela. Salvei sua vida. Quem diabos ela pensa que é para fugir? Pressiono mais forte a arma; quase enterro o cano em seu cérebro. Ela grita.

– Você acha que isso dói? – Pergunto.

– Por favor... – Ela implora, mas não lhe dou ouvidos. Deveria ter me livrado dela quando tive a chance.

Eu me levanto e a agarro pelo cabelo. Ela berra.

– Cale a boca – digo. Puxo-a pelo cabelo pelo caminho cercado de árvores. Empurro-a diante de mim e ordeno que se mova. – Depressa! – É como se suas pernas não funcionassem direito. Ela tropeça, cai. – Levante-se! – grito.

Ela tem alguma ideia do que Dalmar faria comigo se me encontrasse? Uma arma na cabeça seria a melhor saída. Uma morte rápida e fácil. Eu seria crucificado. Torturado.

Empurro-a pelos degraus acima, para dentro da cabana. Bato a porta, mas ela se entreabre. Chuto-a e jogo a mesa em sua direção, para mantê-la fechada. Arrasto “Chloe” para dentro do quarto e digo que, se ouvir o som de sua respiração, ela nunca mais verá a luz do dia.

GABE

ANTES

Dirijo até o centro da cidade de novo, a quarta vez em uma semana, planejando minha bronca para quando não for reembolsado pelos quilômetros acumulados que eu rodei. São apenas 16 quilômetros, mas leva quase 30 minutos para percorrê-los devido ao maldito trânsito. Há um motivo para eu não viver na cidade. Pago outros US\$ 15 para estacionar – um roubo, se quer saber – porque passei do cruzamento da Lawrence com a Broadway quase uma dúzia de vezes e ainda não consigo encontrar uma área livre de zona azul para estacionar.

O bar não abrirá senão em algumas horas. Sorte minha, penso, batendo na janela para conseguir a atenção do atendente. Ele está reabastecendo o bar, e sei que me escuta, mas não dá a mínima. Bato de novo e, desta vez, quando seus olhos se voltam para mim, eu lhe mostro meu distintivo.

Ele abre a porta.

O salão está silencioso. A luminosidade é fraca, poucos raios de sol passam pelas janelas sujas. O lugar está empoeirado e cheira a fumaça de cigarro, coisas que um cliente não perceberia ao som do jazz iluminado pela luz das velas.

– Abrimos às 19h – diz ele.

– Quem está no comando aqui? – Pergunto.

– Está olhando para o chefe. – Ele se vira e começa a recuar para dentro do bar. Eu o sigo e me jogo em um dos bancos de vinil rasgado. Pego em meu bolso uma fotografia: Mia Dennett. É uma imagem fascinante, que Eve Dennett me emprestou na semana anterior. Prometi que não a perderia nem danificaria, e fiquei mal quando vi que o bolso da minha camisa já havia amassado um dos cantos. Para a senhora Dennett, essa era uma fotografia que mostrava *Mia como um todo*, ou assim ela disse. A imagem de uma mulher independente, de cabelo loiro-escuro, muito comprido, olhos azuis e um sorriso honesto e franco. Ela está diante da fonte Buckingham, a água espirrando em todas as direções, e o vento de Chicago atingindo-a em cheio, enquanto ela ri como uma criança.

– Você já viu essa mulher antes? – Pergunto, passando a fotografia pelo balcão. Ele pega a imagem para dar uma olhada. Peço que seja cuidadoso. Vejo o reconhecimento de imediato. Ele a conhece.

– Ela está por aqui o tempo todo; senta-se naquela mesa... ali – responde, apontando para um lugar atrás de mim.

– Você já falou com ela?

– Sim. Quando ela pede uma bebida.

– Isso é tudo?

– Sim. Tudo. Por que está me perguntando essas coisas?

– Ela estava aqui na última quinta-feira à noite? Por volta das 20h?

– Na última quinta-feira? Amigo, mal consigo me lembrar

do que comi hoje no café da manhã. Ela esteve aqui antes, isso é tudo o que sei com certeza. – Ele me devolve a foto. Odeio o fato de ele ter me chamado de *amigo*. é degradante.

– Detetive – digo.

– Hein?

– É detetive Hoffman. Não amigo. – Então pergunto a ele: – Pode me dizer quem estava trabalhando aqui na noite da última quinta-feira?

– Sobre o que é essa conversa exatamente? – ele indaga. Respondo que ele não precisa se preocupar com isso. Pergunto de novo quem estava trabalhando no turno de quinta à noite. Desta vez, com um tom autoritário, que o irrita demais. Ele não fica muito contente com meu desrespeito. Sabe que poderia chutar meu traseiro, se quisesse. O único problema: eu carrego uma arma comigo.

Ele se retira para uma sala nos fundos. Quando volta diz: – Sarah.

– Sarah?

– É com ela que você deve falar. Ela estava servindo *aquela* mesa – explica, apontando para uma mesa suja em um recuo na parte de trás do bar – quinta-feira à noite. Ela estará de volta em uma hora.

Por um tempo, sento-me no bar e o observo estocar garrafas de bebida. Vejo-o encher as caixas de gelo e contar o dinheiro na caixa registradora. Tento jogar conversa fora, enquanto ele conta o que parecem ser milhares de moedas de um centavo. Perco a conta depois de quarenta e nove. Ando pelo bar.

Sarah Rorhig aparece após uma hora, entrando pela porta da frente com seu avental nas mãos. Seu chefe troca com ela um olhar sugestivo, e ela então olha para mim. Há uma expressão preocupada em seu rosto, um sorriso forçado. Estou na mesa, fingindo revistar o local em busca de pistas, quando tudo ali se resume a bancos de vinil e um painel de madeira que faz as vezes de mesa. Isso e uma vela verde bonitinha que considero levar para casa.

– Sarah? – Pergunto, e ela confirma sua identidade. Eu me apresento e peço a ela que se sente. Exibo a fotografia de Mia. – Viu esta mulher?

– Sim – ela responde.

– Você se lembra se ela esteve aqui na última quinta-feira, por volta das 20h?

Deve ser meu dia de sorte. Sarah Rorhig é assistente médica em período integral e só trabalha nas noites de quinta-feira para ganhar um dinheirinho extra. Faz uma semana que esteve fazendo bico no bar, então a imagem de Mia estava fresca em sua mente. Ela diz que Mia sempre aparece nas noites de quinta-feira. Algumas vezes sozinha, outras com um homem.

– Por que às quintas-feiras?

– Às quintas-feiras tem o Torneio de Poesia – responde –, pelo menos, presumo que esse seja o motivo de ela estar sempre aqui. Embora nunca esteja bem certa de que está ouvindo alguma coisa. Sempre me pareceu distraída.

– Distraída?

– Sonhando acordada.

Pergunto o que diabos é um torneio de poesia. Nunca ouvi

falar disso. Imagino trabalhos de Whitman e Yeats sendo jogados no chão. Não deve ser o caso. A ideia de ouvir pessoas recitando os próprios poemas no palco, entretanto, deixa-me mais perplexo ainda. Quem no mundo iria querer ouvir isso? Parece que tenho muito a aprender sobre Mia Dennett. – Ela estava sozinha na noite de quinta-feira passada?

– Não.

– Quem estava com ela?

Sarah pensa por um minuto.

– Um cara. Eu já o tinha visto por aqui.

– Com Mia? – Pergunto.

– Esse é o nome dela? – Pergunta Sarah. – Mia? – Respondo que é. Sarah diz que ela era legal – o uso do verbo no passado me deixa um pouco preocupado – e muito amigável, sempre. Deixava boas gorjetas. Sarah espera que esteja tudo bem. Pode presumir, pelas minhas perguntas, que provavelmente não está, mas não me pergunta o que aconteceu, e eu não conto a ela.

– Esse homem que estava aqui com Mia na noite da última quinta-feira... Eles já tinham vindo juntos antes?

Ela responde que não, nunca. Foi a primeira vez que ela os viu juntos. Geralmente, ele ficava no bar, sozinho. Ela prestou atenção nele porque é bonitinho, de um jeito enigmático – anoto essa informação; terei de olhar o termo no dicionário. Mia sempre ficava nesta mesa, algumas vezes sozinha, outras não. Mas, na quinta-feira à noite, eles se sentaram juntos e saíram juntos, com pressa. Ela não sabia o nome do homem, mas pedi que ela o descrevesse: alto, robusto, cabelo farto e bagunçado,

olhos escuros. Ela concordou em encontrar um desenhista para ver se conseguimos chegar a alguma coisa.

Pergunto de novo:

– Tem certeza de que eles saíram juntos? Isso é muito importante.

– Sim.

– Você os viu sair?

– Sim. Bem, mais ou menos. Trouxe a conta deles e, quando voltei, tinham ido embora.

– Pareceu que ela estava saindo por vontade própria?

– Pareceu que ela não via a hora de sair daqui.

Pergunto se eles chegaram ao bar juntos. Ela responde que não, achava que não. Como ele veio parar na mesa de Mia? Sarah não sabe. Pergunto mais uma vez se ela sabe o nome dele. Não. Alguém saberia? Provavelmente não. Ele e Mia pagaram em dinheiro; deixaram cinquenta dólares sobre a mesa, ela lembra, pois, por cinco ou seis cervejas, era uma gorjeta bem generosa. Mais do que os clientes *habitués* deixavam. Ela se lembra de ter comentado o assunto mais tarde, mostrando a nota com o rosto de Ulysses S. Grant, para que todos os colegas do trabalho a vissem.

Quando saio do bar, checo a Broadway de cima a baixo, procurando por câmeras de segurança fora do restaurante, em bancos, no estúdio de ioga, em qualquer lugar que me mostre com quem Mia Dennett estava naquela noite de quinta-feira, quando desapareceu.

COLIN

ANTES

Ela não vai comer. Ofereci-lhe comida quatro vezes, deixei uma tigela cheia no chão do quarto. Como se eu fosse a droga do seu cozinheiro. Ela está deitada na cama, de lado, as costas viradas para a porta. Não se mexe quando eu entro, mas posso ver que respira. Sei que está viva. Mas, se fizer isso por muito tempo, vai morrer de fome. Ora, isso seria muito irônico.

Ela sai do quarto como um zumbi, seu cabelo – um ninho de rato – esconde seu rosto. Caminha até o banheiro, faz suas necessidades e volta. Eu a ignoro; ela me ignora. Mando deixar a porta do quarto aberta. Quero ter certeza de que ela não vai aprontar nada lá, mas tudo o que a garota faz é dormir.

Até esta tarde.

Estive do lado de fora, cortando lenha. Trabalhei até suar. Estava sem fôlego. Volto correndo para a cabana, pensando somente em uma coisa: água.

Lá está ela, em pé no meio da sala, só de calcinha e sutiã de renda. Ela poderia muito bem já estar morta. Sua pele estava sem cor. Seu cabelo, desgrenhado. E havia um hematoma do tamanho de um ovo de gansa em sua coxa. Tinha um lábio

machucado, um olho roxo e arranhões, resultados de sua fuga pela floresta. Os olhos estavam vermelhos e inchados. Lágrimas escorriam deles, descendo pela pele pálida. Seu corpo estremeceu; tinha se arrepiado em todos os lugares que meus olhos podiam ver. Ela se aproximou mancando. E me perguntou:

– É isso que você quer?

Eu a encaro. Olho para o cabelo, que cai, descuidado, sobre os ombros de marfim. Para a pele pálida e negligenciada. Para as crateras formadas pelas clavículas e sua barriga perfeita. Para sua calcinha, um pouco grande demais, e suas pernas longas. Para o tornozelo, tão inchado que pode estar fraturado. Para suas lágrimas, que secaram no chão, diante dos pés descalços. Ao lado das unhas pintadas com um tom de vermelho-rubi. Ao lado das pernas trêmulas enquanto avançavam, bambeando tanto que pensei que não aguentariam. Olhei para a secreção que lhe escorria do nariz, o choro agora livre, quando ela esticou e colocou a mão trêmula em meu cinto e começou a abri-lo.

– É isso que você quer? – Pergunta de novo, e nessa hora permito que ela coloque as duas mãos no meu cinto. Permito que ela o tire e o deixe cair no chão. Permito que desabotoe minha calça e abra meu zíper. Não podia dizer que não era o que eu queria. Ela fedia, assim como eu. Suas mãos estavam como gelo quando me tocou. Mas não foi isso. Isso não teria me detido.

Eu a afasto com gentileza.

– Pare – sussurro.

– Deixe-me fazer isso – ela implora. Pensa que isso vai ajudar. Que isso vai mudar as coisas.

– Vista-se – digo. Fecho os olhos. Não posso olhar para ela.

A garota para diante de mim. – Não...

Ela força minhas mãos sobre ela.

– Pare. – Ela não acredita em mim. – Pare – digo mais alto desta vez, com mais força. E então acrescento: – Pare com isso já! – enquanto a afasto de mim, falo para ela colocar as malditas roupas.

Saio correndo da cabana, apanho o machado e começo a cortar lenha vigorosamente, de forma mecânica. Tinha me esquecido por completo da água.

EVE

ANTES

É de madrugada e, como tem acontecido há uma semana, não consigo dormir. Lembranças de Mia me visitam todas as horas do dia e da noite, uma imagem dela no primeiro ano de vida, com uma roupa verde-oliva, as coxas roliças se revelando, enquanto ela tentava, sem sucesso, andar. Seus dedos do pé, tão preciosos e gordinhos aos 3 anos, pintados de fúcsia; o som de seu gemido quando furei suas orelhas. Depois, vendo-a por horas, enquanto admirava as opalas no espelho do banheiro.

Estou de pé, na despensa de nossa casa às escuras, o relógio que fica acima do fogão marcando 3h12 da manhã. Apalpo as prateleiras às cegas, em busca de chá de camomila para me ajudar a dormir. Vejo Mia fazendo a Primeira Comunhão, vejo o desgosto em seu rosto quando recebeu a primeira hóstia na ponta da língua; ouço sua risada sobre isso mais tarde, sozinhas no quarto, apenas eu e ela – o quanto tinha sido difícil mastigar e engolir; como ela quase se engasgou com o vinho.

E isso me acerta como se fosse um punhado de tijolos, um pensamento que me oprime de repente: meu bebê pode estar morto; e ali, no meio da despensa, em plena madrugada, começo

a chorar; caindo no chão, pressiono a manga do pijama em meu rosto, para abafar o som. Eu a vislumbro naquela roupa verde-oliva, vejo seu sorriso desdentado enquanto se apoia na mesa lateral e, com cuidado, vem até minhas mãos estendidas.

Meu bebê pode estar morto.

Estou fazendo o que posso para ajudar na investigação, mas ainda assim isso parece tão trivial e frívolo, porque Mia não está em casa. Passei o dia inteiro na vizinhança dela, entregando panfletos de *Desaparecida* para todos por quem passei. Coloquei cartazes nos postes e nas janelas das lojas, uma imagem de Mia em um papel fúcsia que é impossível ignorar. Encontrei-me com sua amiga Ayanna para o almoço e juntas repassamos os detalhes do último dia de Mia, desesperadas por algum detalhe bizarro que nos escapou e que pudesse explicar seu desaparecimento. Mas não havia nenhum. Rodo pela cidade com o detetive Hoffman, depois de ele ter arrumado a chave do apartamento de Mia e checado se o lugar não era uma cena de crime. Juntos, reviramos os pertences dela, passando por cada objeto – desde planos de aula a caderno de endereços, listas de compras e afazeres, esperançosos por alguma pista. Nada.

O detetive Hoffman me telefona uma ou, às vezes, duas vezes por dia. Dificilmente passamos um dia sem nos falar. Acho sua voz, sua natureza gentil, reconfortantes, e ele é amigável mesmo quando James o trata mal.

James diz que ele é um idiota.

O detetive me dá a impressão de que sou a primeira a saber de cada informação que chega à sua mesa, mas tenho certeza de que não sou; de que ele revisa os pontos com mais precisão,

antes de me oferecer fragmentos que dispararam mil “e se...” na mente de uma mãe.

Sou lembrada do desaparecimento da minha filha a cada respiração. Quando vejo mães segurando a mão de seus filhos. Quando vejo crianças embarcando em ônibus escolares. Quando as vejo colocar cartazes de gatos desaparecidos nos postes da rua, ou ouço a mãe de alguma criança chamá-la pelo nome.

O detetive Hoffman quer saber tudo o que pode sobre Mia. Vasculho fotografias antigas no porão, procuro no meio de fantasias de Halloween abandonadas, em meio a roupas infantis, patins e bonecas Barbie. Sei que há *outros* casos, outras garotas desaparecidas como Mia. Penso sobre a mãe delas. Sei que há garotas que nunca voltam para casa.

O detetive me lembra de que falta de notícias é boa notícia. Às vezes, ele telefona para me dizer que não há nada, nenhuma informação, para o caso de eu estar me perguntando. O que sempre faço. Ele me alegra. Promete-me fazer tudo o que puder para encontrar Mia. Vejo isso em seus olhos, quando olha para mim, ou quando permanece um momento a mais do que deveria, para ter certeza de que não estou prestes a desmoronar.

Mas penso nisso o tempo todo, sobre como se tornou difícil levantar e andar; sobre como é impossível permanecer funcional e viver em um mundo que ainda pensa em política, entretenimento, esportes e economia, quando tudo em que penso é Mia.

Com certeza, não fui a melhor das mães. Isso é óbvio. Entretanto, também não fui a pior. Apenas aconteceu. Na época, ser ruim como mãe era brincadeira de criança se comparado a

ser uma boa mãe, que significava esforço constante, 24 horas por dia de perder ou perder. Bem, depois de as meninas estarem na cama, o tormento do que eu tinha feito ou não durante as horas em que estávamos juntas afligia minha alma. Por que permiti que Grace fizesse Mia chorar? Por que gritei para ela se calar, apenas porque estava fazendo barulho? Por que eu fugia para lugares calmos sempre que podia? Por que apressava os dias – *desejava* que passassem mais rápido – para poder ficar sozinha? Outras mães levavam os filhos a museus, jardins, praia. Eu mantinha as minhas dentro de casa, o quanto conseguisse, assim não faríamos uma cena em público.

Fico acordada à noite pensando: e se nunca tiver a chance de fazer as pazes com Mia? E se nunca for capaz de mostrar a ela o tipo de mãe que sempre quis ser? O tipo que brinca por horas sem fim de esconde-esconde, que fofoca como se fosse uma amiga ao lado da cama das filhas, sobre quais garotos do ensino médio eram bonitinhos.

Sempre imaginei uma amizade entre minhas filhas e eu. Sempre nos imaginei fazendo compras juntas e compartilhando segredos, em vez do relacionamento formal e obrigatório que agora existe entre mim, Grace e Mia. Listo em minha cabeça todas as coisas que diria à Mia, se pudesse, como quando escolhi o nome Mia, pois minha bisavó, amelia, vetou a opção de James: Abigail. Ou de que no Natal em que ela fez 4 anos, James ficou acordado até as 3h da manhã montando a casa de boneca dos sonhos dela. Também diria a ela que, apesar de suas lembranças sobre o pai serem preenchidas só com coisas ruins, houve minutos de bondade: James ensinando-a a nadar, ajudando-a a

se preparar para o teste de soletração do quarto ano da escola. E diria que lamento cada segundo e o tempo todo que desperdicei com um livro a mais antes de dormir, e que agora estava desesperada por aqueles poucos 5 minutos de risadas com o livro infantil *Harry the Dirty Dog*. Vou à livraria e compro um exemplar, depois de, sem sucesso, vasculhar o porão à procura do livro que ela costumava ler. Eu lhe contaria que me sento no chão de seu antigo quarto e leio o livro de novo, e outra vez, e mais outra. Diria que eu a amo. E que sinto muito.

COLIN

ANTES

Ela se esconde no quarto o dia todo. Não vai sair. Não a deixo fechar a porta, então ela se senta na cama. Senta e pensa. Sobre o que, eu não sei. Não dou a mínima.

A garota chora, as lágrimas se espalhando pelo travesseiro, até que, é provável, ele fique encharcado. Seu rosto, quando ela sai para urinar, está vermelho e inchado. Tenta chorar em silêncio, como se achasse que não pudesse ouvi-la. Mas a cabana é pequena e feita de madeira. Nada aqui absorve o som.

Seu corpo dói. Posso ver isso no modo como anda. Não consegue colocar o peso sobre a perna esquerda, um ferimento sofrido quando ela correu pelos degraus, na sua fuga frustrada. Ela manca, segurando-se na parede, enquanto cambaleia para o banheiro. Lá, corre um dedo sobre a contusão, que agora está inchada e escurecida.

Ela me ouve no outro cômodo.

Eu me apresso. Corto lenha o bastante para nos aquecer durante o inverno. Mas nunca fica realmente quente. Tenho certeza de que ela sente frio o tempo todo, embora esteja de ceroulas e fique o tempo todo sob a colcha. O calor do fogão não

alcança o quarto. Mas ela se recusa a ficar na sala, onde está quente.

Imagino que o som dos meus passos a assustem.

Ela não ouve nada além de passos, esperando o pior acontecer.

Tento me manter ocupado. Limpo a cabana. Tiro as teias de aranha e recolho os besouros mortos. Jogo-os no lixo. Desembalo as coisas que trouxemos da cidade: comida enlatada e café, doces, sabão e fita adesiva. Conserto a porta da frente. Limpo a pia e o balcão da cozinha com papel toalha e água. É apenas para passar o tempo. Pego as roupas da garota do chão do banheiro. Estou prestes a gritar com ela por ser uma pateta e deixar as roupas sujas jogadas no chão. Mas então ouço seu choro.

Encho a banheira com água. Lavo a camisa e a calça com o sabão e estendo do lado de fora para secarem. Não podemos fazer isso para sempre. A cabana é apenas um arranjo temporário. Estou quebrando a cabeça para definir os próximos passos, desejando ter pensado nisso antes de decidir pegar a garota e fugir.

Ela esbarra em mim para usar o banheiro. Está machucada e mancando. Não sou do tipo que sente culpa, mas sei que fui eu quem causou isso a ela, lá fora, na floresta, quando ela tentou fugir. Digo a mim mesmo que ela pediu por isso. Falo para mim mesmo que agora, pelo menos, ela está quieta, com a autoestima abalada.

Agora ela sabe quem está no comando. Eu.

Bebo café porque a água da torneira tem gosto de merda.

Ofereci um pouco a ela. Ofereço água também, mas ela recusa. Ainda não está comendo nada. Muito em breve, eu a prenderei e enfiarei a comida em sua maldita boca adentro. Não a deixarei morrer de fome. Não depois de tudo.

Na manhã seguinte, entro no quarto.

– O que você quer de café da manhã? – Pergunto.

Ela está deitada na cama, de costas para a porta. Está semiadormecida quando me ouve entrar. O som inesperado dos meus pés, a explosão de palavras no meio do silêncio, forçam sua saída da cama.

É o fim, pensa ela, desorientada demais para escutar o que falo.

Suas pernas se enroscam nos lençóis. Seus pés estão confusos, e não conseguem atender a vontade de seu corpo de se afastar da minha voz. Ela despenca no chão duro. Seus pés lutam com os lençóis para acharem o chão. Seu corpo se contorce para longe de mim tanto quanto consegue. Ela se encosta na parede, a roupa de cama apertada na mão trêmula. Estou parado na porta, vestindo as mesmas roupas há quase uma semana.

Ela olha para mim, os olhos dilatados repletos de pânico, as sobrelhas arqueadas, a boca aberta. Ela me olha como se eu fosse um monstro, um canibal que espera devorá-la no café da manhã.

– O que você quer? – Pergunta chorando.

– É hora de comer.

Ela engole em seco.

– Não estou com fome – diz.

– Que pena.

Digo que ela não tem escolha.

Ela me segue até o outro cômodo e observa enquanto coloco na frigideira o que supostamente seriam ovos, mas parecem e cheiram como merda. Vejo-os fritando. O cheiro me dá náuseas.

Ela odeia tudo a meu respeito. Sei disso. Vejo isso em seus olhos. Odeia o modo como estou. Odeia meu cabelo sujo e a barba que agora preenche meu queixo. Odeia minhas mãos, observando o modo como elas mexem os ovos na frigideira. Odeia o jeito como olho para ela. Odeia o tom da minha voz e o modo como minha boca forma as palavras.

Mais do que tudo, odeia ver a arma em meu bolso. O tempo todo, garantindo que se comporte bem.

Digo a ela que não pode mais ficar no quarto. Só para dormir. É isso. O resto do dia ela tem de ficar fora, onde posso ficar de olho nela. Ter certeza de que se alimenta, toma água, faz suas necessidades. É como se eu tivesse cuidando de uma criança.

Ela come tanto quanto um bebê – poucas mordidas aqui, outras ali. Diz que não está com fome, mas come o bastante para sobreviver. Isso é tudo o que importa.

Eu a vigio, para que assim ela não tente escapar, como da última vez.

Quando vamos dormir, coloco uma mesa pesada diante da porta da frente, assim ouvirei se ela tentar escapar. Tenho o sono leve. Durmo com a arma ao meu lado. Vasculhei as gavetas da cozinha e me certifiquei de que não havia facas. Apenas meu próprio canivete, que carrego comigo o tempo todo.

Ela não tem absolutamente nada para me dizer, e não tento

puxar conversa. Por que me incomodar? Não posso ficar aqui para sempre. Na primavera, os turistas chegarão. Logo precisaremos ir embora. Dane-se a garota, penso. Logo *eu* precisarei ir embora. Vou abandoná-la, pegar um avião e partir. Antes que a polícia me encontre. Antes que Dalmar me ache. Preciso ir embora.

Mas é claro que alguma coisa me segura, alguma coisa me impede de pegar um avião e sumir.

GABE

ANTES

Estou em pé no meio da cozinha dos Dennett. A senhora Dennett está na pia, raspando os restos da carne de porco do jantar. Posso ver que o prato do juiz está limpo, enquanto o dela ostenta um filé e uma pilha de ervilhas. A mulher está desaparecendo diante dos meus olhos. A água escorre quente, e, embora suas mãos estejam imersas nela, não parecem sentir o calor. Ela esfrega a porcelana com uma ferocidade que nunca tinha visto em uma mulher lavando pratos.

Estamos diante do balcão no centro da cozinha. Ninguém me oferece uma cadeira. É uma cozinha chique, com balcões de nogueira e bancadas de granito. Todos os eletrodomésticos são em aço inoxidável, entre eles *dois* fornos, pelos quais minha mãe italiana teria dado um braço e uma perna. Imagino o dia de ação de graças sem o drama de precisar manter tudo quente até a hora do jantar, sem lágrimas quando meu pai comentasse que as batatas estavam um pouco frias.

Há uma imagem de um homem colocada no balcão diante do juiz e de mim. É um desenho forense, que nosso profissional da delegacia fez com a ajuda da garçonete.

– Então este é o homem? Este é o homem que está com minha filha? – Perguntou Eve Dennett, a voz embargada, quando tirei o retrato falado da pasta de documentos. Agora as lágrimas corriam soltas. Virou as costas para a conversa e tentou se perder na lavagem dos pratos, chorando silenciosamente sob o som da água corrente.

– Mia foi vista à noite, na última quinta-feira, com este homem – respondo, embora nessa hora ela já esteja de costas para mim. A imagem diante de nós é de um homem rude. Sua aparência nos faz crer que ele é alguém perverso, mas não se aproxima dos homens mascarados de filmes de terror. Ele só não está à altura dos Dennett. Nem eu estou.

– E...? – Pergunta o juiz, quase implorando para saber mais.

– E pensamos que ele possa estar envolvido no desaparecimento dela.

Ele está do lado oposto do balcão, vestindo um terno que custa dois ou três meses de salários meus. Sua gravata está desfeita e sobre um dos ombros.

– Há alguma prova de que Mia não foi forçada a ir com esse homem?

– Bem – respondo –, não.

O juiz está bebendo. A bebida escolhida da noite é *scotch* com gelo. Acho que ele pode estar bêbado. Sua voz está um tanto arrastada, e ele soluça.

– Supondo que Mia esteja apenas se divertindo por aí com ele... como fica?

Ele fala comigo como se eu fosse um idiota. Mas lembro a mim mesmo de que sou eu que estou no comando. Eu é que

tenho o distintivo brilhante. Eu estou liderando essa investigação, não ele.

– Juiz Dennett, faz oito dias que a investigação começou – afirmo. – Nove desde a última vez que Mia foi vista. De acordo com seus colegas da escola, ela raramente falta ao trabalho. Segundo *sua* esposa, este comportamento, de indolente, irresponsável não condiz com a personalidade de Mia.

Ele toma um gole de seu uísque e coloca o copo muito rápido sobre – balcão. Eve se assusta com o som.

– Bom, há um padrão de conduta desordenada. Invasão e vandalismo. Posse de maconha – diz ele, e então, para me chatear, completa: –, só para nomear alguns indícios. – A expressão em seu rosto é complacente, julgando-se moralmente superior. Eu o encaro, impedido de comentar. Desprezo aquele seu comportamento.

– Chequei os arquivos da polícia – digo. – Não há nada que desabone Mia. – Na verdade, seu registro está completamente limpo. Sequer uma multa por excesso de velocidade.

– Bem, não haveria como ter alguma coisa, não é? – Pergunta ele, e eu entendo. Ele tinha feito tudo desaparecer. O juiz se desculpa, dizendo que vai pegar outra dose. A senhora Dennett ainda lava os pratos. Vou até a pia e abro a torneira de água fria, assim as mãos da pobre mulher não vão mais queimar.

Ela olha para mim, surpresa, como se acabasse de sentir a primeira dor de carne queimada, e sussurra:

– Eu deveria ter lhe contado – seus olhos estão cheios de tristeza.

Sim, penso, você deveria ter me contado, mas mordo minha

língua, e ela continua:

– Queria poder dizer que ele está em negação. Que está tão tomado pela tristeza, que se recusa a acreditar que Mia realmente se foi.

O juiz Dennett volta bem a tempo de ouvir as últimas palavras da confissão da esposa. Faz tanto silêncio no cômodo que, por meio segundo, eu me preparo para a ira de Deus. Mas nada disso acontece, a ira não vem.

– Esse comportamento de Mia não é tão inesperado quanto você levou o detetive a crer, não é, Eve? – Pergunta.

– Ah, James – responde ela chorando. Seca as mãos em um guardanapo enquanto diz: – isso aconteceu há anos. Ela estava no ensino médio. Cometeu alguns erros. Mas foi *anos* atrás.

– E o que você sabe *desta* Mia, Eve? Faz anos que não nos relacionamos com nossa filha. Mal a conhecemos hoje em dia.

– E o senhor, meritíssimo? – digo, para tirar a senhora Dennett da mira. Odeio o modo como ele olha para ela, seu olhar fazendo com que ela se sinta uma estúpida. – O que o senhor sabe *desta* Mia? Quaisquer contravenções que tenham sido retiradas do registro dela? – Pergunto. – Multas de trânsito? Prostituição? Uso de drogas em público? – Não preciso pensar duas vezes a respeito do motivo pelo qual suas transgressões desapareceram dos registros. – Isso não faria bem ao nome da família, não é? E essa coisa toda... Se Mia estiver por aí, dormindo com quem quer que seja no fim da investigação; se ela estiver perfeitamente bem e apenas deu um tempo para se divertir... Isso também não colabora para o bom nome da família...

Eu assisto aos noticiários; geralmente estou a par dos assuntos políticos. Neste novembro, o juiz Dennett está concorrendo a uma reeleição.

Ainda assim, pergunto-me se a má conduta de Mia está limitada apenas à sua juventude.

– É melhor você tomar cuidado – avisa o juiz. Lá no fundo, Eve choraminga.

– *Prostituição?* James? – Embora isso nunca tenha sido mais que uma hipótese.

Ele a ignora. Acho que nós dois fazemos isso.

– Estou apenas tentando encontrar sua filha – digo. – Porque talvez ela esteja fazendo alguma coisa estúpida. Mas considere por um minuto que não esteja. Apenas pense sobre isso. E aí? Tenho certeza de que você vai pedir meu distintivo se ela aparecer morta.

– James – sibila a esposa. Ela está quase aos prantos porque usei o nome de sua *filha* e a palavra *morta* na mesma frase.

– Deixe-me esclarecer isso, Hoffman – diz o juiz para mim.
– Você encontra a minha filha e a traz para casa. Com vida. Só se certifique de investigar direito, porque há mais sobre Mia do que parece – conclui, e, com isso, pega sua bebida e sai da cozinha.

COLIN

ANTES

Eu a pego olhando para si mesma no espelho do banheiro. Ela não reconhece o reflexo: o cabelo duro, a pele feia, os machucados que estão começando a sarar. Estão amarelados agora, em vez de inchados e roxos.

Quando sai do banheiro, estou esperando por ela. Encostado no batente da porta. Ela sai e esbarra em mim, encarando-me como se uma espécie de fera tomasse conta dela, roubando-lhe o ar.

– Não ia bater em você – digo, lendo seus pensamentos, mas ela não fala coisa alguma. Passo a mão gelada por seu rosto. Ela geme e se afasta do meu toque. – Está melhor. – Refiro-me aos machucados.

Ela passa por mim e se distancia.

Não sei há quantos dias estamos assim. Perdi a conta. Tentei me lembrar de quando foi segunda-feira e quando foi quinta-feira. Por fim, os dias começaram a ficar borrados. Todo dia é a mesma coisa. Ela fica deitada na cama, até eu fazê-la se levantar. Passamos com muita birra pelo café da manhã. Depois ela se senta em uma cadeira do lado da janela. Olha para fora.

Pensa. Sonha acordada. Desejando estar em qualquer lugar, menos ali.

Fico pensando o tempo todo em como dar o fora dali. De como juntar dinheiro suficiente para pegar um avião para algum lugar e então tudo estará terminado. Mas é claro que não tenho um passaporte comigo, portanto o mais longe que consigo ir é Tecate ou Calexico, na Califórnia. Mas o único jeito de eu sair do país é contratando um coiote ou cruzando a nado o rio grande. Porém sair do país é apenas metade do problema. E com todo o resto eu provavelmente não conseguirei lidar. Ando pela cabana, pensando em como sair dessa enrascada, sabendo que estou em segurança aqui, por ora, mas, quanto mais nos escondemos; quanto mais eu me escondo, pior vai ser.

Temos regras, expressas e tácitas. Ela não toca nas minhas coisas. Usamos apenas um pedaço de papel higiênico por vez. Usamos o mínimo necessário de sabão, só para não ficarmos muito fedidos. Não jogamos coisas no lixo. Não abrimos as janelas – não que possamos, de qualquer forma. Se alguém aparecer na cabana, ela é Chloe, eu lhe digo. Nunca Mia. Na verdade, ela pode esquecer que esse sempre foi seu nome.

Ela fica menstruada e aprendemos o significado literal da expressão *ficar no pano*. vejo sangue no saco de lixo do banheiro e pergunto:

– O que diabos é isso? – lamento ter perguntado. Juntamos nosso lixo em sacolas plásticas sem uso. De tempos em tempos, vamos de carro e as largamos em alguma lixeira atrás de uma guarita, tarde da noite, quando temos certeza de que ninguém nos verá. Ela pergunta por que não deixamos do lado de fora.

Indago se ela quer ser comida por um maldito urso.

O frio entra pela janela, mas o calor do fogão ajuda a nos aquecer. Os dias ficam mais curtos. A noite cai cada vez mais cedo. A escuridão toma conta da cabana. Há eletricidade, mas não quero chamar atenção. Acendo apenas uma lâmpada fraca à noite. O quarto fica completamente escuro. À noite, ela se deita e escuta o silêncio. Espera que eu apareça das sombras e acabe com sua vida.

Mas, durante o dia, a garota se senta ao lado da janela com corrente de ar. Observa as folhas caírem no chão. Do lado de fora, a terra está coberta de folhas em decomposição. Nada resta para bloquear a vista do lago. O outono está quase no fim agora. Estamos tão ao norte que podemos chegar ao Canadá, perdidos em um mundo desabitado, rodeados por nada além de deserto. Ela sabe disso tão bem quanto eu. Esse é o motivo de tê-la trazido para cá. Agora, a única coisa que me preocupa são ursos. Mas eles hibernam no inverno. Logo todos estarão dormindo. Então, a única preocupação será com o fato de congelarmos até a morte.

Não conversamos muito. Só o necessário: “o almoço está pronto”; “estou tomando um banho”; “onde você está indo?”; “estou indo para a cama”. Não há conversas casuais. A falta de conversa aguça nossa audição e podemos ouvir cada som: um estômago roncando, uma tosse, quando um dos dois engole em seco, um uivo do lado de fora da cabana, à noite, cervos passando sobre as folhas. E, depois, há os sons imaginários: pneus de carro sobre o cascalho, passos nos degraus que levam à cabana, vozes.

Ela provavelmente deseja que sejam reais, assim não teria de esperar mais. O medo com certeza a matará.

EVE

ANTES

A primeira vez em que pus meus olhos em James eu tinha 18 anos e havia vindo aos estados unidos com algumas amigas. Era jovem, ingênua e estava impressionada com a grandeza de Chicago, com a sensação de liberdade que se infiltrou sob minha pele no momento em que nós, as garotas, subimos no avião. Éramos jovens do interior, acostumadas a pequenos vilarejos, com apenas alguns milhares de pessoas, a um estilo de vida agrário e a uma comunidade convencional que, no geral, tinha a cabeça fechada para novas ideias. E, de repente, fomos levadas para um novo mundo, largadas no meio de uma metrópole barulhenta; logo de cara, fiquei nas nuvens. Estava apaixonada.

Foi Chicago que me seduziu primeiro, com todas as promessas que tinha para oferecer. Aqueles edifícios imensos, os milhões de habitantes, a confiança com que caminhavam, a expressão firme em seus rostos enquanto cruzavam as ruas apinhadas. Era 1969. O mundo, tal como o conhecíamos, estava mudando, mas na verdade eu não poderia me importar menos com isso. Não fui pega por essa onda. Estava extasiada com minha própria existência, como se espera de alguém com 18

anos: o jeito como os homens me olhavam, o modo como eu me sentia usando uma minissaia muito menor do que minha mãe teria aprovado. Eu era muito inexperiente, desesperada para ser uma mulher, desejando deixar logo de ser criança.

O que me esperava em casa, no interior da Inglaterra, tinha sido acertado no meu nascimento: eu me casaria com um dos garotos que conhecia a vida inteira, um dos meninos que, na escola primária, puxava meu cabelo ou me atormentava. Não era segredo que Oliver Hill queria se casar comigo. Ele vinha me pedindo em casamento desde que eu tinha 12 anos. Seu pai era pároco na igreja anglicana; sua mãe, o tipo de dona de casa que jurei jamais me tornar: a que obedecia ao marido como se o comando dele fosse a palavra de Deus.

James era mais velho que eu, o que era excitante, cosmopolita e brilhante. Suas histórias eram apaixonadas. As pessoas prestavam atenção até a última palavra que saía de sua boca, falasse ele de política ou do tempo. Era verão quando o vi pela primeira vez em um restaurante no Loop, sentado em uma mesa grande e redonda, com um grupo de amigos. Sua voz ecoava acima dos sons do restaurante, e você não conseguia deixar de ouvi-la. Ela atraía você com sua entonação e presunção, com seu tom veemente. Ao redor dele, olhos esperavam pelas risadas que suas piadas causariam; depois, todo mundo – amigos e estranhos – ria até chorar. Alguns irrompiam em aplausos. Todos pareciam saber seu nome, aqueles que jantavam em outras mesas, os funcionários do restaurante. Do outro lado do salão, um *barman* gritou:

– Outra rodada, James? – E, dentro de poucos minutos,

canecas de cerveja lotavam a mesa.

Eu não podia deixar de notar.

E não estava sozinha. Minhas amigas também o olhavam com cobiça. As mulheres na mesa dele não hesitavam em tocá-lo sempre que podiam: um abraço, um tapinha no braço. Uma mulher morena de cabelo até a cintura inclinou-se para compartilhar um segredo: tudo para ficar bem perto dele.

Ele era mais confiante do que qualquer homem que eu já tinha visto.

James estava na faculdade de direito na época. O que descobri depois, na manhã seguinte, quando acordei ao seu lado na cama. Minhas amigas e eu não éramos velhas o bastante para beber, por isso, foi a minha paixão a responsável pela minha imprudência naquela noite. De repente eu me vi sentada ao lado dele, em sua mesa redonda, encarando a expressão faminta da mulher de cabelo longo quando ele passou um braço em volta do meu ombro; a forma como elogiava meu sotaque inglês, como se isso fosse a melhor coisa do mundo desde a invenção do pão de forma.

James era diferente naquela época; não era o homem que se tornou com o passar do tempo. Seus defeitos eram muito mais agradáveis; sua coragem, encantadora, diferente do marido desagradável que se tornou com o passar dos anos. Antes do seu repertório de palavras ter se transformado em algo insultante e feio, ele era mestre em flertar. Houve um tempo em nossa vida em que fomos felizes, enfeitiçados por completo, quando não conseguíamos manter nossas mãos distantes um do outro. Mas aquele homem com quem me casei desapareceu totalmente.

A primeira coisa que faço pela manhã é telefonar para o detetive Hoffman logo depois que James sai para o trabalho. Esperei, como sempre faço, até ouvir a porta da garagem se fechar e seu Suv deixar nossa casa, antes de emergir da cama. Estou no meio da cozinha, com minha caneca de café na mão, e o rosto daquele homem que raptou Mia me vem à mente. Olho para o relógio, observando enquanto os minutos completam seu ciclo e, quando o marcador vai de 8h59 para as 9h em ponto, disco os números que estão se tornando mais familiares a cada dia que passa.

Ele atende e sua voz é profissional e autoritária quando declara:

– Detetive Hoffman.

Eu o imagino na delegacia; ouço o barulho das pessoas ao fundo, dezenas de oficiais tentando resolver os problemas de outras pessoas.

Levo um instante para me recompor e dizer:

– Detetive, é Eve Dennett.

A voz dele perde a força quando ouve meu nome.

– Senhora Dennett. Bom-dia.

– Bom-dia.

Eu me lembro dele em nossa cozinha, na noite anterior; recordo seu olhar distante, a expressão afável, quando James lhe contou sobre o passado de Mia. Tinha saído apressado. Eu o ouvi bater a porta da frente várias vezes em minha mente. Não tinha tentado esconder nada sobre Mia do detetive Hoffman. Para mim, com toda a honestidade, seu comportamento no passado não importava. Mas a última coisa que eu precisava era que o

detetive cultivasse alguma dúvida sobre mim. Ele era minha única conexão com Mia.

– Precisei telefonar – digo. – Tenho de me explicar.

– Sobre a noite de ontem? – Pergunta ele, e eu respondo que sim. – Não é necessário.

Mas o faço mesmo assim.

Os anos de adolescência de Mia foram difíceis, para dizer o mínimo. Ela queria, de forma desesperadora, se encaixar. Queria ser independente. Era impulsiva, guiada pelo desejo – e lhe faltava bom senso. Suas amigas fizeram-na se sentir aceita onde sua família havia falhado. Entre os amigos, ela era popular, *desejada*, e para Mia isso foi uma overdose natural. Seus conhecidos a faziam se sentir como se estivesse no topo do mundo; não havia nada que ela não fizesse por eles.

– Talvez ela tenha caído no grupo errado de amigos – explico. – Talvez eu devesse ter sido mais vigilante a respeito de com quem ela passava o tempo. O que eu percebi foi que o B+ no boletim se tornou, com frequência, um C–, e ela não estudava mais na mesa da cozinha depois da escola, indo direto para o quarto, onde se fechava e trancava a porta.

Mia estava em plena crise de identidade. Havia uma parte dela que ansiava, com desespero, tornar-se adulta, ainda que o resto dela permanecesse uma criança, incapaz de pensar e raciocinar, como faria mais tarde na vida. Ficava frustrada com frequência e pensava pouco em si mesma. A insensibilidade de James só piorava as coisas. Ele a comparava com Grace sem trégua nenhuma, comentando como a irmã, então com seus 20 e poucos anos, cursando a universidade – a mesma que a dele, é

claro –, iria se graduar *magna cum laude*; sobre como ela fazia cursos de latim e era parte da equipe de debate para se preparar para o curso de direito, para o qual já tinha sido aceita.

No começo, seu comportamento coincidia com as contravenções de uma adolescente comum: matar aulas, não fazer todo o dever de casa. Raras vezes convidava os amigos para virem à nossa casa. Quando vinham pegá-la, ela os encontrava na entrada e, quando eu espiava pela janela, ela me impedia. “que foi?”, perguntava em um tom áspero que, até certo tempo, tinha pertencido somente a Grace.

Estava com 15 anos quando a flagramos saindo de casa no meio da noite. Era a primeira de muitas escapadas. Ela se esquecia de desligar o alarme da casa, então, no meio da fuga, ele disparava. “ela é uma delinquente juvenil”, dizia James. “é uma adolescente”, contemporizava eu, observando-a entrar no carro estacionado na garagem, sem se incomodar em olhar para trás, enquanto o alarme soava e James xingava o maldito, tentando se lembrar da senha.

A imagem significava tudo para ele. Sempre foi assim. Ele sempre se preocupou com sua reputação, com o que as pessoas iriam pensar ou dizer sobre ele. Sua mulher tinha de ser uma esposa-modelo. Ele me disse isso antes de nos casarmos, mas, mesmo assim, fiquei feliz em preencher o papel. Não perguntei o que tinha acontecido quando ele parou de me convidar para os jantares de negócios; quando as filhas não precisaram mais comparecer às festas de Natal da empresa. Quando ele se tornou juiz, era como se nós não existíssemos mais.

Então, pode-se imaginar como ele se sentia quando a polícia

local arrastava sua filha de 16 anos, desleixada e bêbada, de alguma festa para casa; ele, vestindo seu roupão, diante da porta da frente, implorando para que a polícia mantivesse o fato em sigilo.

Ele gritava com Mia, mesmo que ela estivesse passando tão mal que não conseguisse sequer manter a cabeça acima do vaso sanitário, enquanto vomitava. Berrava sobre como os repórteres insaciáveis *amariam* esse tipo de coisa: filha Menor de idade do Juiz Dennett é Presa em estado de embriaguez.

Claro que isso nunca chegou a ser manchete. James se certificava disso. Gastava o que podia para garantir que o nome de Mia nunca desse a graça de sua existência nas páginas do jornal local, desta vez ou da próxima. Nem quando ela e seus amigos rebeldes tentaram roubar uma garrafa de tequila de uma loja de bebidas, nem quando ela e esses mesmos amigos foram pegos fumando maconha em um estacionamento de carros de um shopping isolado, fora de Green Bay Road. “ela é uma adolescente”, tinha dito a James. “é isso que eles fazem.”

Mas nem mesmo eu tinha certeza disso. Grace, com todas as suas dificuldades, nunca se metera em problemas com a Justiça. Eu mesma nunca levei mais do que uma multa por excesso de velocidade, e ali estava Mia, desperdiçando seu tempo em uma cela, na delegacia local, enquanto James implorava e chantageava a Promotoria a não prestar queixas, ou para que as alegações fossem removidas do registro dela. Ele também pagou aos pais para não mencionarem as desventuras de Mia com seus filhos desobedientes.

Jamais se preocupou com Mia ou com a fonte de seu

descontentamento e decorrente mau comportamento. Preocupava-se apenas com o impacto que suas ações teriam sobre *ele*.

Nunca lhe ocorreu deixá-la arcar com as consequências, como qualquer criança *normal*; talvez assim a rebeldia dela teria um fim. Do jeito que as coisas iam, ela podia aprontar o que lhe desse na telha sem sofrer consequência nenhuma. Seus crimes irritavam seu pai, como nenhuma outra coisa era capaz de fazer, e, pela primeira vez na vida, ela era objeto da atenção de James.

– Escutei conversas ao telefone entre Mia e seus amigos sobre brincos que tinham roubado do shopping... como se não pudessem ter *pago* por eles. Meu carro cheirava à fumaça de cigarro depois de Mia tê-lo pegado emprestado para isso ou aquilo, mas, é claro, *minha* Mia não fumava. Ela não bebia, nem fumava, nem...

– Senhora Dennett – interrompe o detetive Hoffman –, adolescentes, por definição, são um tipo raro de pessoa. Cedem à pressão dos pares. Desafiam os pais. Respondem e experimentam tudo e todos que conseguem. O objetivo, em se tratando de adolescentes, é apenas chegar vivo do outro lado, sem nenhum dano permanente. Sua descrição de Mia não está longe do comum – diz o policial.

Tenho a impressão de que ele diria qualquer coisa para que eu me sentisse melhor.

– Não posso lhe contar quantas coisas estúpidas eu fiz quando tinha 16, 17 anos – confessa ele. Deixa escapar: bebida, pequenos acidentes de carro, trapacear em uma prova, fumar *maconha*, sussurra ao telefone. – Mesmo crianças boas têm o

desejo de roubar brincos de um shopping. Os adolescentes pensam que são invencíveis; que nada de mal pode acontecer. Demora a percebermos que as coisas ruins, de fato, acontecem. Adolescentes que não têm falhas – completa ele –, são estes que me preocupam.

Garanto a ele que Mia mudou desde que tinha 17 anos, desesperada para que a visse como alguém maduro e não uma adolescente delinquente.

– Ela amadureceu. – Mas era mais do que isso. Mia tinha se transformado em uma bela e jovem mulher. O tipo de mulher que, quando criança, eu esperava ser um dia.

– Tenho certeza de que sim – concorda ele, mas não consigo deixar a questão de lado.

– Foram dois, talvez três anos de descuido absoluto, e então ela focou em si mesma. Viu uma luz no fim do túnel. Faria 18 anos em breve e ficaria livre de todos nós. Ela sabia o que queria. Começou a fazer planos. Um lugar para ela, liberdade. E ela queria ajudar as pessoas.

– Adolescentes – diz ele, e fico em silêncio, porque, sem tê-la conhecido, vejo que ele sabe mais da minha filha do que eu. – Aqueles que foram mal interpretados e não se sentiram compreendidos. Como ela.

– Sim – sussurro, concordando. Mas Mia nunca me explicou. Nunca se sentou e me contou como conseguia se relacionar com essas crianças. Ela, mais que qualquer outra pessoa, conhecia as dificuldades que os jovens enfrentavam, todas aquelas emoções misturadas; como era difícil para eles se manterem vivos, apenas respirando. Nunca entendi. Para mim,

era tudo uma questão de sentimentos à flor da pele; não conseguia compreender como Mia conseguia se comunicar com *aquelas* crianças. Mas não se tratava de raça, de ser rico ou pobre; dizia respeito à natureza humana.

– James nunca se esqueceu da imagem de sua filha em uma cela de delegacia. Ele pensou nisso durante todos esses anos, lutando para manter o nome dela fora dos jornais, e jamais esqueceu seu desapontamento com ela, e o fato de ter se recusado a cursar direito foi a última gota. Mia era um fardo para James. Ele nunca superou isso. Jamais aceitou a mulher forte e independente que ela é hoje. Na cabeça dele...

– ... ela é uma desajustada – completou o detetive Hoffman, e fico agradecida por essas palavras terem saído de sua boca, não da minha.

– Sim.

Pondero sobre mim mesma aos dezoito anos, as emoções superando todo o bom senso. O que, pergunto-me, teria sido de mim se eu não estivesse naquele pequeno *pub* irlandês, no Loop, naquela noite de julho em 1969? E se James não estivesse lá; não tivesse dado uma palestra sobre lei antitruste; e se eu não tivesse me apegado de forma tão desesperada a cada palavra, se não tivesse ficado tão derretida quando seus olhos me encaravam – não repletos apenas de pensamentos sobre a Comissão de Comércio federal, e fusões e aquisições, mas com aquele olhar que fazia algo mundano parecer tão excitante; aqueles olhos escuros como mogno que dançavam quando encontravam os meus?

Sem o instinto materno para me dizer o contrário, há uma

parte de mim que pode entender o ponto de vista de James.

Mas eu nunca admitiria isso.

Minha intuição, no entanto, fala que alguma coisa aconteceu com minha filha. Alguma coisa ruim. Ela grita comigo, acorda-me no meio da noite: algo aconteceu com Mia.

COLIN

ANTES

Digo para ela que vamos sair.

– Precisamos de gravetos – explico –, para o fogo. – Logo vai nevar, e eles ficarão todos debaixo da neve.

– Nós temos lenha – rebate ela. Está sentada, as pernas cruzadas, na cadeira ao lado da janela. Observa as nuvens pesadas e opressivas que pairam um pouco acima da copa das árvores.

Não olho para ela.

– Precisamos de mais. Para o inverno.

A garota se levanta devagar, alongando-se.

– Você planeja me manter aqui por todo esse tempo? – Pergunta. Enfia aquele horroroso suéter marrom cabeça abaixo. Não lhe contemplo com uma resposta. Fico bem atrás dela quando saímos. Deixo a porta bater.

Ela avança pelos degraus. Começa a coletar gravetos do chão. Há vários deles, derrubados das árvores durante uma tempestade. Estão molhados. Prendem-se ao chão enlameado e nas folhas em decomposição que cobrem a terra. Ela os joga em uma pilha no começo da escada. Limpa as mãos na parte de cima

da calça.

Nossas roupas pairam sobre a balaustrada da varanda. Nós as lavamos na banheira e as penduramos do lado de fora para secar. Usamos uma barra de sabão. É melhor que nada. Estão geladas e duras quando as colocamos e, algumas vezes, ainda úmidas.

Uma neblina espessa paira sobre o lago e ruma em direção à cabana. O dia está deprimente. Nuvens escuras preenchem o céu. Logo começará a chover. Falo para ela se apressar. Pergunto-me quanto tempo esses gravetos vão durar. Já há quase um muro de madeira se formando na parede da cabana. Estive ali, dia após dia, com um machado, cortando árvores caídas e tirando galhos de troncos que ainda estão de pé. Mas coletamos gravetos mesmo assim, para não nos entediarmos. Para eu não me entediar. Ela não vai reclamar. O ar está fresco, e a garota aproveita. Não sabe se terá outra chance como essa.

Eu a observo recolher gravetos. Ela os carrega com um braço, enquanto o outro se abaixa para pegar mais do chão. É um movimento rápido e gracioso. Seu cabelo está sobre um dos ombros, para não ficar caindo em seus olhos. Ela recolhe gravetos até não conseguir aguentar mais, daí faz uma parada para recuperar o fôlego. Arqueia as costas para se alongar. Então, abaixa de novo. Quando está cheia de gravetos, ela os traz para a cabana. Recusa-se a olhar para mim, embora eu tenha certeza de que sabe que a observo. A cada feixe reunido, ela se aventura para mais longe, os olhos azuis fixos no lago. Liberdade.

Começa a chover. É uma chuva torrencial. Dura um minuto e

nada mais. Ficamos encharcados.

A garota vem correndo do outro extremo da propriedade com um feixe de gravetos nos braços. Ela tinha se afastado tanto quanto eu havia permitido. Estava de olho nela o tempo todo, certificando-me de que conseguiria alcançá-la se precisasse. Não acho que ela seja tão estúpida assim. Não de novo.

Já tinha começado a levar os feixes para dentro da cabana. Formo uma pilha com eles ao lado do fogão. Ela me segue para dentro, solta seu feixe e, depois, volta a sair. Não esperava tamanha cooperação. Ela se move mais devagar que eu. Seu tornozelo ainda se recupera. Faz apenas uns dois dias que não a vejo mancando. Esbarramos um no outro na escada e, sem pensar, ouço-me dizendo “desculpe”. ela não responde nada.

Troca de roupa e pendura a molhada em um varal improvisado na sala. Já tinha trazido as roupas que estavam do lado de fora e as pendurado por toda a cabana. Em algum momento, o fogo as ajudará a secar. A cabana está úmida. Do lado de fora, a temperatura tinha caído para algo entre 9 e 12 graus negativos. Deixamos pegadas molhadas por todo o local. Os gravetos formam uma poça de lama sobre o chão de madeira. Falo para ela pegar uma toalha no banheiro e secar o que conseguir. Cedo ou tarde, o restante se secará sozinho.

Estou fazendo o jantar. Ela se move em silêncio até sua cadeira e observa a chuva da janela. As gotas golpeiam o telhado da cabana, um pá-pá-pá estável. Uma calça minha pendurada no trilho da cortina atrapalha a visão dela. Um véu translúcido cobre a Terra, o mundo sendo sufocado pela neblina.

Derrubo uma tigela, e ela tem um sobressalto, lançando

para mim um olhar acusatório. Sou barulhento, sei disso. Não me esforço para ser silencioso. As tigelas resvalam nos balcões; portas de armários batem. Meus pés pesados fazem barulho; colheres caem das minhas mãos nas bancadas cor de laranja-escuro. O líquido na panela sobre o fogão começa a ferver, espirrando para todo lado.

Chega o anoitecer. Jantamos em silêncio, agradecidos pelo ruído da chuva. Vejo, pela janela, a escuridão tomar conta do céu. Acendo uma lâmpada pequena e começo a alimentar o fogo com gravetos. Ela me observa pelo canto do olho e me pergunto o que ela vê.

De repente, ouço um barulho vindo do lado de fora e me levanto rápido, sibilando um *shhhh*, embora ela não tenha dito uma palavra. Pego a arma e a seguro com firmeza em minha mão.

Espio pela janela, vendo que a churrasqueira foi arrastada para longe pelo forte vento, e me sinto aliviado.

Ela me encara, observando o modo como abro as cortinas e olho para o lado de fora, apenas por precaução. Para o caso de alguém estar ali. Fecho as cortinas e me sento. Ela ainda me observa, os olhos pousados em uma mancha de dois dias no meu suéter, nos pelos escuros no dorso das minhas mãos, no modo casual como carrego a arma, como se ela não fosse capaz de tirar a vida de outra pessoa.

Olho para ela e pergunto:

– Que foi?

Ela está largada na cadeira ao lado da janela. Seu cabelo é longo, cacheado. Os machucados no rosto estão sarando, mas os

olhos ainda demonstram sua dor. Ela ainda sente a dor que causei pressionando o revólver contra sua cabeça, e ela sabe, enquanto me examina, a alguns centímetros de distância, que é apenas uma questão de tempo até eu fazer isso de novo.

– O que estamos fazendo aqui? – Pergunta. A indagação é intencional, deliberada. Enfim, a garota reuniu coragem para fazê-la. Ficou esperando desde o instante em que chegamos.

Solto um suspiro longo e exasperado.

– Não se preocupe com isso – respondo depois de um bom tempo. Qualquer resposta, para fazê-la calar a boca.

– O que você quer comigo? – Pergunta ela, em vez de se calar.

Meu rosto sustenta uma máscara impassível. Não quero nada com ela.

– Nada – digo. Reviro os gravetos no fogo. Não olho para ela.

– Então, deixe-me ir embora.

– Não posso. – Tiro o suéter e coloco a arma no chão, aos meus pés. O fogo mantém a cabana quente, pelo menos ali. O quarto está congelante. Ela dorme coberta, com ceroulas, suéter e meias, e ainda assim treme por muito tempo depois que caiu no sono.

Sei disso, pois a tenho observado.

Ela pergunta de novo o que quero com ela. Claro que quero *alguma coisa* com ela, é o que diz. Por que mais eu a arrastaria do meu apartamento e a traria até ali?

– Fui contratado para fazer um trabalho. Para pegar você e levá-la ao Lower Wacker. Para deixá-la lá. É isso. Era pra eu

largar você lá e desaparecer.

O Lower Wacker drive é o andar de baixo de uma grande via com dois níveis no Loop, em Chicago. É como um túnel, tão enorme que nem sei quanto mede. Vejo em seus olhos: confusão. Ela desvia o olhar, concentrando-se na janela, na noite escura.

Há palavras que ela não entende: “um trabalho”, “largar você lá” e “desaparecer”. é mais real para ela acreditar que isso foi um ato fortuito. Que algum homem louco escolheu sequestrá-la para o próprio prazer.

Ela diz que a única coisa que sabe sobre o Lower Wacker é que ela e sua irmã costumavam passar por lá quando eram mais novas, voltando para casa quando as luzes fluorescentes já estavam acesas. É a primeira coisa pessoal que me conta sobre ela.

– Não entendo – diz, desesperada por uma resposta.

– Não sei todos os detalhes. Resgate – respondo. Estou me aborrecendo. Não quero falar sobre isso.

– Então por que estamos *aqui*? – Os olhos dela imploram por uma explicação. Ela olha para mim em uma mescla de completa desorientação, frustração e presunção.

Esta é realmente uma boa pergunta, penso.

Eu a pesquisei, *on-line*, antes de raptá-la. Sei algumas coisas sobre ela, embora ela deva achar que eu não saiba merda nenhuma. Vi fotografias de sua elegante família, com suas roupas de grife, parecendo ricos e tensos ao mesmo tempo. Sei quando seu pai se tornou juiz. Sei quando ele concorreu para a reeleição. Vi vídeos sobre ele na internet. Sei que ele é um idiota.

A maçã não cai longe de sua árvore.

Quero que ela se esqueça disso. Que cale a boca. Mas, em vez disso, respondo:

– Mudei de ideia. Ninguém sabe que estamos aqui. Se soubessem, já teriam nos matado. Eu e você. Ela se levanta e começa a caminhar pela sala. Pisa de leve no chão, os braços cruzados ao redor do corpo.

– Quem? – Pergunta, implorando por uma resposta. Aquelas palavras – “nos matado”, “eu e você” – tiram seu fôlego. A chuva aumenta ainda mais, como se isso fosse possível. Ela se inclina para ouvir minha voz. Olho para o chão de madeira da cabana. Evito seu olhar repleto de expectativa.

– Não se preocupe com isso – respondo.

– Quem? – ela pergunta de novo.

Então, conto a ela sobre Dalmar. Principalmente para que cale a boca. Conto a ela sobre o dia em que ele me achou e me passou uma fotografia dela. Disse que eu tinha de encontrá-la e entregá-la a ele.

Ela se vira de costas para mim e pergunta em um tom acusatório:

– Então, por que não fez isso?

Vejo o ódio cobri-la dos pés à cabeça e penso que era isso que eu deveria ter feito. Deveria tê-la entregado a Dalmar e dado o fora. Estaria em casa agora, cheio de dinheiro para pagar a comida, as contas, a hipoteca. Não estaria me preocupando com o que deixei para trás, com como as coisas estariam em casa, com como ela iria sobreviver, com como eu me livraria dela antes de fugir. Penso sobre isso o tempo todo. As preocupações me mantêm acordado à noite. Quando não estou preocupado

com Dalmar e a polícia, estou pensando nela, sozinha naquela casa velha. Se eu tivesse entregado a garota, como era o esperado, tudo isso teria acabado. A única coisa com a qual estaria preocupado seria sobre se e quando os policiais me pegariam. Mas claro que isso não era nenhuma novidade.

Não quero responder à sua pergunta estúpida. Isso é uma coisa que ela não precisa saber. Não precisa saber por que mudei de ideia, por que a trouxe aqui.

Em vez disso, conto a ela o que sei sobre Dalmar. Não sei por que faço isso. Talvez ache que, assim, ela saberá que não estou brincando. Assim, terá medo. Assim, verá que a melhor alternativa é ficar ali comigo, sua única opção.

Muito do que sei sobre Dalmar eu ouvi de outras bocas. Rumores sobre como se acreditava que ele era uma daquelas crianças-soldados na África, que sofriam lavagem cerebral e eram obrigadas a matar. Sobre ele bater em um empresário em um armazém abandonado, porque não podia pagar uma dívida. Sobre como matou um menino de 9, talvez 10 anos, quando seus pais não puderam pagar o resgate para tê-lo de volta; sobre como Dalmar atirou na criança e mandou fotografias aos pais para esfregar a morte na cara deles e se divertir com isso.

– Você está mentindo – diz ela. Mas seus olhos estão cheios de terror. Ela sabe que não estou.

– Como pode ter tanta certeza? – Pergunto. – Tem alguma ideia do que ele teria feito se tivesse colocado as mãos em você?

Estupro e tortura vêm à mente. Ele tem um esconderijo em Lawndale, uma casa em South Homan, onde estive uma ou duas vezes. Era lá que imaginei que ele manteria a garota, uma casa

de tijolos, com degraus caindo aos pedaços na porta da frente. Carpete manchado. Eletrodomésticos arrancados da parede, quando o último proprietário se foi. Os danos causados pela água e pelo mofo infestavam o teto, descendo pelas paredes. Janelas quebradas tampadas com saco de lixo. Ela, no meio da sala, em uma cadeira dobrável, amarrada e amordaçada. Esperando. Apenas esperando. Enquanto Dalmar e seus caras se divertiam um pouco. E, mesmo depois que o juiz tivesse pago o resgate, imaginei que Dalmar diria a um dos caras para atirar nela. Para se livrar da evidência. Ele a jogaria em alguma caçamba de lixo, em algum lugar, ou talvez no rio. Conto isso a ela.

– Uma vez que você se mete nesse tipo de sujeira, não há saída – digo.

Ela não diz nada. Nenhuma palavra sobre Dalmar, embora eu saiba que está pensando nele. Sei que ela, agora, tem uma imagem de Dalmar atirando em um menino de 9 anos grudada na mente.

GABE

ANTES

O sargento me dá sinal verde para espalhar o rosto do desconhecido nos jornais televisivos de sexta-feira à noite. As pistas começam a aparecer. Pessoas ligam para o número de denúncia dizendo ter visto nosso Zé-Ninguém. Contudo, para algumas, ele é Steve; para outras, Tom. Uma senhora diz que acha ter encontrado com ele na “1”, na noite anterior, mas não tem absoluta certeza (“Havia uma moça com ele?” “Não, ele estava sozinho”). Um cara diz ter visto nosso desconhecido trabalhando como zelador na State Street, mas tem certeza de que o homem era de ascendência hispânica, embora eu lhe garantisse que não era esse o caso. Tenho um par de novatos atendendo às ligações, tentando diferenciar pistas verdadeiras de becos sem saída. De manhã, a essência das chamadas é esta: ou ninguém tem a menor ideia de quem diabos ele é, ou ele é conhecido por tantos nomes que seria o suficiente para mandarmos todos os novatos em investigações que durariam o restante do ano. Essa constatação chega a me doer. Nosso Zé-Ninguém pode ser mais experiente do que eu gostaria de supor.

Gasto um bom tempo pensando nele. Poderia adivinhar

várias coisas sobre ele, sem nunca tê-lo conhecido, sem sequer saber seu nome. Não é apenas um fator em uma pessoa que causa comportamento violento ou antissocial. É um acúmulo de coisas. Poderia dizer que seu nível socioeconômico não o colocava na mesma vizinhança que os Dennett, por exemplo. Poderia adivinhar que ele nunca foi para a faculdade, ou que teve dificuldades em encontrar e manter um emprego. Poderia adivinhar que, quando criança, não teve relacionamentos importantes ou significativos com muitos adultos. Pode ter se sentido alienado. Pode ter havido falta de envolvimento dos pais. Podem ter acontecido problemas conjugais. Ele pode ter sofrido abuso. Provavelmente foi dada pouca ênfase à sua educação, e não havia muita afeto por parte da família. Quase com certeza, seus pais não o cobriam à noite nem liam para ele antes de dormir. Provavelmente, não iam à igreja.

Ele não precisa necessariamente ter abusado de animais quando criança. Talvez fosse hiperativo. Talvez tivesse problemas para se concentrar. Talvez fosse vítima de depressão, ou um delinquente ou antissocial.

É bem provável que nunca tenha se sentido no controle das coisas. Nunca aprendeu a ser flexível. Não sabe o que é empatia. Não sabe como resolver um conflito sem recorrer a socos ou apontar uma arma.

Tive aulas de sociologia; já vi condenados em quantidade suficiente em minha vida que seguiram a mesma linha.

Ele provavelmente não usou drogas, mas talvez sim. Não precisa ter crescido em um conjunto habitacional, mas talvez tivesse. Não precisa ter feito parte de uma gangue, mas não

eliminaría essa possibilidade do passado dele. Seus pais não precisavam necessariamente ter tido uma arma.

Mas presumo que ele não tenha recebido muito carinho. Sua família não rezava antes do jantar. Não iam acampar ou se enroscavam em um sofá para uma noite de filmes. Presumo que seu pai nunca o tenha ajudado com sua lição de casa de matemática. Acho que, pelo menos uma vez, alguém se esqueceu de pegá-lo na escola. Penso que, pelo menos em algum ponto de sua vida, ninguém mais prestava atenção ao que ele assistia na TV. E acho que ele deve ter levado um soco de alguém que conhecia bem; alguém em quem confiava.

Passo pelos canais de TV: os Bulls têm um dia de folga, Illinois acabou de perder dos Badgers. Não é uma boa programação para mim.

Antes de parar em *É a Grande Abóbora, Charlie Brown!*, dou uma passada pelos mais de cem canais da minha TV – quem diz que dinheiro não compra felicidade? – e, como por um golpe de sorte, deparo-me com o rosto do juiz Dennett dando uma conferência de imprensa no jornal das seis da tarde.

– Mas que diabos – digo, aumentando o volume para conseguir ouvir. O mais correto a se presumir é que o detetive-chefe da investigação estivesse ali, na conferência, ou que pelo menos tivesse sido informado sobre essa coletiva. Mas, no meu lugar, estava o sargento, amigo do juiz Dennett, desde que ele havia passado um período na Promotoria, muito antes de entrar para a advocacia privada. Deve ser bom ter amigos em postos altos. A ilustre Eve estava ao lado do juiz Dennett, segurando sua mão – tenho certeza de que isso foi combinado previamente, já

que nunca vi um fiapo de afeição entre o casal –, Grace com eles dois, flertando com a câmera, como se esse fosse seu Evento de debutante. O juiz parecia triste de verdade com o desaparecimento da filha, e tenho certeza de que algum advogado ou político deve ter dito a ele o que falar e como se comportar, cada detalhe, até o último minuto: as mãos-dadas, por exemplo, ou lapsos breves e certo esforço para recobrar a compostura que, eu sei, jamais se perdeu. É tudo uma farsa. Um jornalista tenta fazer uma pergunta, mas isso lhe é negado, enquanto o porta-voz da família entra em cena, e o juiz e sua família são levados pela calçada, entrando na mansão. O sargento fica no ar tempo suficiente para deixar o mundo saber que ele tem os melhores detetives no caso, como se isso fosse me acalmar, antes de a reportagem voltar para um estúdio na Michigan Avenue, onde alguns âncoras repassam o caso Mia Dennett – apresentando uma imagem do nosso Zé-Ninguém na tela –, antes de mostrarem um incêndio no lado sul da cidade.

COLIN

ANTES

Odeio fazer isso, mas não há outra saída. Não confio nela.

Espero até que esteja no banheiro e então vou até ela com uma corda. Pensei na fita adesiva que compramos em Grand Marais, mas não há necessidade disso. Não há ninguém por perto para ouvir seus gritos.

– O que está fazendo?

Ela está em pé, diante da pia, escovando os dentes com o dedo. Seus olhos se enchem de terror ao me verem entrando sem ser chamado no banheiro, com uma corda.

Ela tenta correr, mas eu a prendo em meus braços. É fácil. Ela está frágil esses dias; nem mesmo tenta lutar.

– Não há outra forma – digo, enquanto ela solta maravilhas sobre como sou mentiroso e idiota. Aperto a corda em cada um de seus pulsos, depois ao redor da base da pia. Nó de escoteiro. Ela nunca escapará.

Certifico-me de que a porta da frente esteja trancada antes de eu sair, então parto.

Aprendi quase tudo que sei dos escoteiros quando era criança. Meu professor do quarto ano era o líder e, naquela

época, eu realmente dava importância ao que os professores pensavam de mim.

Não consigo me lembrar de quantos distintivos de mérito ganhei – arco e flecha, caminhadas na floresta, canoagem, acampamento, pesca, primeiros socorros. Aprendi como disparar uma arma de fogo. A saber quando uma frente fria se aproximava. A como sobreviver em meio a uma nevasca. A como fazer uma fogueira. Aprendi a fazer nós: em oito, de segurança... Nunca se sabe quando poderão ser úteis.

Quando eu tinha 14 anos, Jack Gorsky e eu tentamos fugir. Ele era um polaco que vivia na mesma rua que eu. Ficamos desaparecidos por três dias. Caminhamos até Kokomo antes de a polícia nos encontrar, acampando em um cemitério completamente abandonado, ao lado de túmulos centenários. Eles nos acharam bêbados – culpa da garrafa de vodca da senhora Gorsky que Jack escondeu na mochila quando saiu de casa. Era março. Fizemos uma fogueira com nada além de madeira. Jack tinha tropeçado em uma pedra e ralado bastante o joelho. Fiz um curativo com um kit de primeiros socorros e gaze que tinha trazido de casa.

Tentei caçar uma vez, com Jack Gorsky e seu pai. Passei uma noite na casa deles, acordando às 5h da manhã do dia seguinte. Vestimos roupas camufladas e fomos para a floresta. Eles eram profissionais, com todo o equipamento necessário, bestas e rifles, binóculos de visão noturna, munição. Eu era o amador, vestindo um suéter verde-musgo que peguei no Walmart um dia antes. Jack e seu pai vestiam roupas de combate, de quando o senhor Gorsky estivera na guerra do Vietnã. Ele avistou um

cervo-de-cauda-branca. O animal era uma coisa maravilhosa, um macho com chifres dos quais eu não conseguia tirar os olhos. Era minha primeira vez caçando. O senhor Gorsky achou que eu devia ser o primeiro a atirar. Era justo. Agachei, fiquei em posição e olhei para o animal, fixando aqueles olhos negros que me desafiavam a atirar.

– Agora se prepare, Colin – disse ele. Eu tinha certeza de que ele conseguia ver meu braço tremendo como uma folha ao vento. – Fique firme.

Errei o tiro de propósito, assustando a presa para sua segurança.

O senhor Gorsky disse que isso acontecia com todo mundo; da próxima vez, eu teria mais sorte. Jack me chamou de maricas. Depois foi a vez dele. Eu o vi disparar no cervo, bem entre os olhos, enquanto a corça via sua cria morrer.

Da próxima vez que me convidaram para ir junto, disse que estava doente. Não demorou muito para que Jack fosse mandado para um reformatório por ameaçar um professor com a pistola do pai.

Estou dirigindo pela County Line Road; acabei de passar pela Trout Lake Road, quando me dou conta: deveria continuar na estrada. Passar por Grand Marais, sair de Minnesota, sobre o rio grande. Deixei a garota amarrada. Não há como ela sair dali. Nem como chamar os policiais e me entregar. Mesmo que soltasse as mãos, algo que não conseguiria, levaria horas de caminhada até chegar a algum lugar povoado. A essa hora, eu estaria na Dakota do Sul, ou em algum lugar de Nebraska. Os policiais enviariam um alerta sobre mim, mas a garota me

conhecia por Owen, então, a menos que ela se recordasse da placa da caminhonete, poderia ter uma chance. Brinquei com a ideia em minha mente, o pensamento de abandonar aquela cabana horrível e fugir. Mas havia cerca de um milhão de coisas que poderiam dar errado. Havia uma chance de os policiais saberem, a essa altura, que eu estava com a garota. Talvez tivessem descoberto meu nome. Talvez já existisse um alerta. Talvez Dalmar tivesse me denunciado em um ato de vingança, para ter alguma compensação.

Mas esses não foram os únicos motivos que me impediram de continuar. Vejo a garota amarrada à pia do banheiro, em um lugar ermo, numa estação hostil. Ninguém a encontraria. Não até que morresse de fome. Não até que chegasse a primavera, quando os turistas voltariam, atraídos para a cabana pelo cheiro de carne em decomposição.

Essa é a única razão que me mantém na linha. Uma das muitas que tornam impossível largar tudo e fugir, embora eu desejasse fazer isso. Embora precisasse fazer. Apesar de saber que, a cada dia que eu ficava, era mais um prego no meu caixão.

Não sei quanto tempo fiquei fora. Horas, no mínimo. Quando volto, bato na porta. Apareço na porta do banheiro com uma faca. Vejo a garota entrar em pânico, mas não digo coisa alguma. Abaixo-me ao lado dela e corto a corda. Estendo a mão para ajudá-la a se levantar. Mas ela me empurra. Perco o equilíbrio, apoiando-me na parede. As pernas dela estão fracas. Ela acaricia com os dedos a marca deixada pela corda, sua pele em carne viva e vermelha.

– Por que fez isso? – Pergunto, pegando suas mãos para dar

uma olhada mais de perto. Ela ficou sentada ali o dia inteiro tentando se soltar.

Ela me empurra o mais forte que, possivelmente, consegue. Não é muito. Pego-a pelo braço e bloqueio o golpe. Isso dói nela, tenho certeza, o modo como eu a agarro e não a deixo se soltar.

– Achou que eu a *deixaria* aqui? – Pergunto. Jogo-a para longe de mim. Já estou me afastando. – Seu rosto está na TV. Não poderia levá-la comigo.

– Você levou da última vez.

– Agora você está famosa.

– E você?

– Ninguém dá a mínima para onde estou.

– Mentira.

Vou para a cozinha, desfazer os pacotes. Os sacos de papel caem vazios no chão. Combustível para o fogo. Ela vê uma vara de pesca nova encostada na porta.

– Onde você foi?

– Conseguir toda essa porcaria – respondo de forma breve. Devo estar ficando louco. Bato as latas de comida no balcão, bato as portas do armário. E então paro. Paro de guardar as coisas tempo suficiente para olhar para ela. Isso não acontece com frequência.

– Se eu a quisesse morta, você estaria morta. Há um lago lá fora, perto de congelar. Eles não a encontrariam senão na primavera.

Ela olha pela janela, para o lago gélido na bruma da tarde. Isso a faz estremecer, pensando em si mesma, sem vida, o corpo desaparecendo da superfície.

E então faço isso.

Vou até o balcão e pego a arma. Ela se vira para correr. Eu a agarro pelo braço e forço a arma em suas mãos. Isso surpreende a nós dois. A sensação da arma, do metal pesado em suas mãos, a imobiliza.

– Pegue isso – insisto. Ela não quer. – Pegue a arma – grito. Ela a segura com as mãos tremendo e quase a deixa cair no chão. Seguro as mãos dela e as aperto ao redor da arma. Forço seu dedo no gatilho. – Bem aí. Sente isso? É assim que você dispara. Aponta isso para mim e dispara. Acha que estou mentindo para você? Acha que vou machucá-la? Está carregada. Basta apontar isso para mim e atirar.

Ela fica parada; está numa espécie de torpor, a arma nas mãos. Perguntando-se o que diabos acabou de acontecer. Ela ergue a arma por um segundo; seu peso é muito maior do que esperava. Aponta para mim e eu a encaro, desafiando-a. *Dispare a arma*. Seu olhar é selvagem; as mãos trêmulas agarram a arma. Ela não tem a coragem para disparar. Sei disso. Mas, mesmo assim, imagino como seria.

Ficamos assim, 20 ou 30 segundos, talvez mais, antes de ela baixar a arma diante de si e sair da cozinha.

EVE

DEPOIS

Ela me conta sobre seu sonho. A velha Mia nunca faria isso. A Mia de antes nunca me contaria sobre o que pensava. Mas esse sonho a está chateando de verdade, uma espécie de pesadelo recorrente, que ela diz ter todas as noites, não sei há quantas agora, mas é sempre o mesmo, ou assim ela diz. Está sentada em uma cadeira de plástico, de jardim, dentro de um grande cômodo que é sala e cozinha, em uma cabana pequena. A cadeira está encostada em uma parede do lado oposto à porta de entrada, e ela está encolhida, um cobertor duro envolvendo suas pernas. Está congelando de frio, tremendo até seu corpo se tornar incontrollável, apesar de parecer dormir, o corpo exausto tombado no braço da cadeira. Está com um suéter marrom sujo, com um mergulhão bordado na frente e as palavras *L'étoile du Nord* costuradas sob ele.

No sonho, ela observa a si mesma dormindo. A escuridão da cabana se fecha sobre ela, acalmando-a. Consegue sentir apreensão e mais uma coisa. Mais uma coisa. Medo. Terror. Pressentimento.

Quando ele toca seu braço, ela estremece. A mão dele, ela

me conta, está fria como gelo. Sente a arma no colo, caindo em cima de suas pernas agora dormentes, tendo ficado encolhidas durante toda a noite. O sol nasceu, brilhando através das janelas sujas, das cortinas fora de moda em padrão xadrez, que permanecem fechadas. Ela agarra a arma, aponta para ele, põe o dedo no gatilho. Sua expressão é fria. Mia não sabe nada sobre armas. Tudo o que sabe, diz ela, ele que ensinou.

A arma parece estranha e pesada nas mãos trêmulas. Mas ela consegue sentir a determinação em seus sonhos: poderia atirar nele. Poderia fazer isso. Poderia dar fim à vida dele.

Ele está sereno, imóvel. Diante dela, seu corpo se endireita até que ele fique em pé. Parece descansado, embora seus olhos ainda demonstrem aflição: as sobrancelhas franzidas, o pessimismo que se volta para o olhar imóvel dela. Sua barba não é feita há dias; logo juntou-se ao bigode. Ele acabou de sair da cama. Seu rosto está coberto de vincos e o olhar ainda está sonolento. As roupas estão amarrotadas, pois ele dormiu com ela. Está parado ao lado da cadeira de plástico e, mesmo à distância, ela consegue sentir o cheiro de seu hálito.

– Chloe – fala ele com uma voz tranquila. Ela diz que sua voz é suave e tranquilizadora, mesmo ela tendo certeza de que ambos sabem que ele poderia arrancar a arma de suas mãos trêmulas e matá-la. Porém, ele não tenta isso –, fiz ovos.

E então ela acorda.

Há duas coisas que são importantes para mim: as palavras *L'étoile du Nord* no suéter e os ovos. Bem, isso e, claro, o fato de que Mia – codinome Chloe – está segurando uma arma. Pego meu laptop à tarde, quando Mia vai para seu quarto, para uma

das muitas sonecas diárias. Acho um site de buscas e digito as palavras em francês, que eu deveria saber o que significam pelas minhas aulas na escola, milhões de anos atrás, mas que agora não sei. É um dos primeiros endereços da busca: estrela do Norte, o *slogan* do estado de Minnesota. É claro.

Se o sonho é uma recordação, e não completamente um sonho, a lembrança de seu tempo na *L'étoile du Nord*, então, por que ela está segurando uma arma? E, talvez o mais importante: por que não a usou para atirar em Colin Thatcher? Como esse incidente terminou? Quero saber.

Mas reafirmo a mim mesma que esse sonho é apenas simbólico. Pesquiso o significado de sonhos, sobretudo o que significa sonhar com ovos. Deparo-me com um dicionário de interpretação de sonhos, e é sua definição que começa a fazer tudo ter sentido. Imagino Mia naquele mesmo instante, deitada na cama, em posição fetal sob as cobertas. Ela disse que não se sentia bem quando foi para a cama; não consigo me lembrar de quantas vezes ouvi isso até agora e, de forma repetida, explica seu estado alegando cansaço e fadiga. Entendo agora que isso possa significar mais coisas. Meus dedos ficam paralisados sobre o teclado; começo a chorar. Poderia ser verdade?

Dizem que o mal-estar matutino é hereditário. Fiquei mal nas minhas duas gestações, ainda pior na de Grace. Ouvi dizer que, muitas vezes, é pior com o primeiro filho, e com razão. Passei muitos dias e noites inclinada sobre uma privada, vomitando até não restar mais nada além de bile. Sentia-me cansada o tempo todo, uma letargia que nunca havia sentido antes; ficava exausta com o simples fato de ter que abrir os

olhos. James não entendia. Claro que não; como poderia? Isso era uma coisa que nunca entendi até passar por ela, e, mesmo assim, queria morrer com aquilo.

De acordo com esse dicionário de interpretação de sonhos, sonhar com ovos pode representar uma coisa nova e frágil. A vida em sua forma mais primitiva.

COLIN

ANTES

Acordei cedo. Levei a vara de pesca para fora, para o lago, com uma caixa de equipamentos que peguei na loja. Gastei uma pequena fortuna em coisas para pesca – um trado e um escumador também, para quando o lago congelar. Não que eu planeje ficar tanto tempo aqui.

Ela coloca um suéter. Caminha até o lago. Seu cabelo ainda está molhado do banho, e termina congelado devido ao ar gélido. Até que ela chega, tudo está quieto. O sol acabou de começar a brilhar. Estou perdido em pensamentos, tentando me convencer de que tudo em casa está bem. Tentando satisfazer a culpa fazendo uma lavagem cerebral em mim mesmo, para acreditar que há comida suficiente no refrigerador, que ela não caiu e quebrou a bacia. E, quando começo a acreditar nisso, novos medos surgem em minha mente: que eu me esqueci de ligar o aquecedor, e ela congelará até a morte; que ela deixou a porta da frente aberta e algum animal entrará na casa. Daí a racionalização volta, as desculpas: liguei o aquecedor. Claro que liguei. Gasto dez minutos imaginando a mim mesmo ajustando-o em vinte graus.

Pelo menos, por agora, o dinheiro deve ter chegado, o bastante para ela se manter. Por um tempo.

Trouxe uma cadeira de jardim da cabana e sento nela, com uma caneca de café aos meus pés. Observo o que a garota está usando quando ela se aproxima do lago. Sua calça não bloqueia o vento. Não há mais folhas nas árvores para contê-lo. Ele congela o cabelo ao redor de seu rosto. Açoita as pernas de sua calça e passa pela gola de sua camisa. Ela já está tremendo.

Ajustei o aquecedor. Claro que sim. A 20 graus.

– O que está fazendo aqui fora? – Pergunto. – Você vai congelar.

E, ainda assim, ela se senta, sem ser convidada, às margens do lago. Poderia mandá-la voltar para dentro, mas não faço isso.

O chão está úmido. Ela puxa as pernas e as abraça para mantê-las quentes.

Não conversamos. Não precisamos. Ela apenas se sente grata por estar aqui fora.

A cabana cheira mal, a mofo ou bolor. O odor se infiltra no nariz mesmo depois de todos esses dias, quando você pensa que já se acostumou a ele. Está tão frio lá dentro quanto aqui fora. Temos de conservar o máximo de madeira que conseguirmos até o inverno. Até lá, acendemos o fogão apenas à noite. Durante o dia, a temperatura na cabana deve despencar para dez graus. Sei que ela nunca fica aquecida, embora fique debaixo de várias camadas de roupas e cobertas. O inverno mais ao norte é duro e implacável, gelado como nunca sentimos. Em alguns dias, será novembro, a última calmaria antes da tempestade.

Um pequeno grupo de mergulhões plana lago acima, rumo

ao sul. Os últimos que restam nesse canto longínquo do norte. São os filhotes que ficam, aqueles que nasceram nesta primavera e agora estão apenas ganhando força para a longa jornada. Os outros já foram.

Acho que ela nunca pescou antes, mas eu já. Pesco desde que era criança. Seguro a vara, meu corpo está imóvel. Vejo a linha na superfície da água. Ela nunca deve ter pescado, mas sabe o bastante para manter a boca fechada. Sabe que o som de sua voz assustará os peixes.

– Aqui – digo, balançando a vara entre meus joelhos. Tiro meu casaco, um enorme, de chuva, com capuz. Passo para ela. – Coloque isso antes que congele até a morte.

Ela não sabe o que dizer. Nem mesmo agradece. Isso não é uma coisa que fazemos. Desliza os braços pelas mangas, que são duas vezes maiores que o número dela e, depois de um minuto, para de tremer. Coloca o capuz e se refugia do inverno. Não estou com frio; se estivesse, não teria feito isso.

Um peixe morde a isca. Fico em pé. Puxo a linha de pesca para ajustar o anzol. Começo a cambalear, puxando a linha para mantê-la firme. Ela vira de costas quando o peixe sai voando da água, as barbatanas se batendo em busca de vida. Deixo-o cair no chão e vejo seu corpo se contorcer, até que ele esteja morto.

– Pode olhar agora – digo. – Está morto.

Mas ela não consegue. Não olha. Até que meu corpo bloqueia a visão. Agacho perto do peixe e tiro o anzol de sua boca. Depois coloco uma minhoca na ponta e passo a vara para a garota.

– Não, obrigada – diz ela.

– Você já pescou?

– Não.

– Não é o tipo de coisa que ensinam no lugar de onde você veio?

Ela sabe o que penso sobre ela. Garotinha rica e mimada. Ainda tem de provar o contrário. Puxa a vara das minhas mãos. Não é o tipo de pessoa acostumada a ser mandada a fazer algo.

– Sabe o que está fazendo? – Pergunto.

– Posso imaginar – ela fala com rispidez. Mas não tem muita ideia do que fazer, então sou obrigado a ajudá-la a lançar a linha. Desce até a margem e espera. Ela quer o peixe longe dela. Sento-me em minha cadeira e bebo um gole do café, que está frio agora.

O tempo passa. Não sei quanto. Entro para pegar mais café e ir ao banheiro. Quando volto, ela me diz que está surpresa por eu não tê-la amarrado a uma árvore. O sol está alto, tentando aquecer o dia. Não está sendo bem-sucedido.

– Considere-se alguém de sorte.

Depois de um tempo, pergunto sobre seu pai.

A princípio ela fica em silêncio, olhando para a água, tão imóvel quanto um cadáver. Vê as sombras das árvores compridas sobre o lago, ouve o chilrear dos pássaros.

– O que tem ele? – Pergunta.

– Como ele é? – quero saber. Mas, na verdade, eu sei. Apenas quero ouvi-la dizer.

– Não quero falar sobre isso.

Ficamos quietos por um momento. Depois, ela quebra o silêncio:

– Meu pai cresceu sendo rico – responde. – Dinheiro da

família. Dinheiro antigo – explica, e depois me conta: a família dele sempre teve dinheiro. Por gerações. Eles têm mais dinheiro do que podem gastar. – O bastante para alimentar um pequeno país – fala, mas não fazem isso. Guardam tudo para si mesmos.

Ela me diz que seu pai é um figurão. Sei disso.

– As pessoas o conhecem – fala. – Tudo isso lhe subiu à cabeça. O desejo sem fim do meu pai por dinheiro tornou-o corrupto. Não duvido de que ele faça coisas erradas, como aceitar subornos, por exemplo. Ele só nunca foi pego. Imagem é tudo para ele – ela acrescenta.

Depois me fala sobre sua irmã. Grace. Diz que ela, assim como o pai, é pretensiosa, vazia e hedonista. Olho para ela. Grace não é a única a ser todas essas coisas. Ela é a filha de um canalha rico. Sua vida lhe foi entregue em uma bandeja de prata.

Sei mais sobre ela do que a garota gostaria de pensar.

– Pense o que quiser – afirma. – Mas meu pai e eu somos pessoas diferentes. Muito diferentes – diz ela.

Ela me conta que eles nunca se deram bem. Nem quando ela era uma criança, nem agora.

– Ele não fala muito. De vez em quando só, mas é tudo uma farsa. Para o caso de alguém estar olhando.

Grace, uma advogada, é a protegida de seu pai.

– Ela é tudo o que nunca fui – conta a garota. – É seu reflexo. Enquanto meu pai nunca pagou minha faculdade, ele pagou o colégio e a faculdade de direito dela. Comprou para ela um apartamento no Loop, que ela poderia ter pago com o próprio dinheiro. Eu pago US\$ 850 de aluguel por mês e, na maioria deles, em cima do prazo. Pedi que ele fizesse uma

doação para a escola onde trabalho. Para começar um fundo de bolsas escolares, talvez. Ele riu. Mas conseguiu fazer com que Grace trabalhasse na melhor firma de advocacia da cidade. Ela cobra dos clientes mais de US\$ 300 por uma hora de seu tempo. Dentro de alguns anos, provavelmente se tornará sócia. Ela é tudo o que meu pai quis que eu fosse.

– E você?

– Eu sou a *outra*. aquela que cometeu erros que ele teve de encobrir.

Diz que nunca interessou ao pai. Nem quando esteve em um show de improvisação, aos cinco anos. Nem quando teve a primeira peça exposta em uma galeria, aos 19.

– Grace, por outro lado, só com sua presença pode mudar o humor dele. Ela é brilhante, como ele, e articulada. O que diz é eficaz, útil. Já o meu discurso é fincado na ilusão. Na minha “grande ilusão” de um dia ser artista. Segundo ele, puxei o senso de realidade *fantasioso* da minha mãe.

O que me irrita é que ela fala como se estivesse do lado mais fraco da corda. Como se *sua* vida fosse cheia de obstáculos. Ela não tem a mínima ideia de como é difícil não ter sorte. Penso naquele trailer verde-menta, de estar em um abrigo durante uma tempestade, enquanto assistíamos à nossa casa se desfazer.

– Devo lamentar por você? – Pergunto.

Um pássaro começa a cantar. Ao longe, outro responde.

Sua voz está tranquila:

– Nunca lhe pedi para se lamentar por mim. Você fez uma pergunta. Eu respondi – fala.

– Você é cheia de autoconfiança, não é?

– Não é bem assim.

– Sempre a vítima. – Sou antipático. Essa garota não sabe nada sobre uma vida difícil.

– Não – sussurra em resposta. Empurra a vara de pescar para as minhas mãos. – Pegue isto – diz. Abre o casaco e se encolhe quando o ar frio a atinge. Deixa-o no chão ao meu lado. Eu o deixo ali. Não digo uma palavra. – Vou entrar.

E ela passa pelo peixe morto com os olhos fixos nele, sentindo desprezo por ela mesma por tê-lo deixado morrer.

Ela não está nem a 600 metros de distância quando pergunto:

– E sobre o resgate?

– O que tem isso? – grita ela em resposta. Para sob a sombra de uma grande árvore, as mãos nos quadris. Seu cabelo voa no ar frio de outubro.

– Seu pai teria pago o resgate? – Pergunto. Se ele a odeia, tanto quanto ela acredita, ele não teria dado um centavo para sua volta.

Ela está pensando a respeito. Sei que está. É uma ótima pergunta. Se seu pai não pagasse o resgate, ela estaria morta.

– Acho que nunca saberemos – responde, e então se vai. Ouço seus pés esmagarem as folhas caídas no chão. Ouço a porta ranger ao ser aberta, ao longe. E depois a ouço bater. Sei então que estou sozinho.

GABE

ANTES

Estou dirigindo pela rua mais perfeita e arborizada do mundo. Bordos vermelhos e álamos amarelos formam um dossel sobre a rua estreita, suas folhas caindo. É muito cedo para doces ou travessuras; os pequenos desajustados ainda ficarão na escola por mais uma ou duas horas. Mas as casas de um milhão de dólares esperam por eles, escondidas em meio a um paisagismo impecável e gramados que precisam, de verdade, de um cortador de grama... apesar de ninguém por aqui ousar aparar o próprio gramado. Estão todos decorados com fardos de feno, espigas de milho e abóboras redondas e perfeitas, com pedúnculos imaculados.

O carteiro está próximo da caixa de correio dos Dennett quando chego à entrada de carros. Estaciono minha lata velha ao lado do sedã da senhora Dennett e aceno amigavelmente, como se eu vivesse ali. Caminho até a caixa de correio de tijolos.

– Boa-tarde – cumprimento, enquanto estendo a mão para o carteiro de hoje.

– Boa-tarde – responde ele, enquanto coloca um punhado de correspondência em minha mão.

Está frio aqui fora. E cinzento. Sempre foi assim no Halloween. Nuvens escuras descem para a superfície da terra, até que você não possa mais apontar a diferença entre céu e terra. Coloco a correspondência sob o braço e ponho as mãos nos bolsos, enquanto volto para a entrada de carros.

A senhora Dennett está a caminho de abrir a porta da frente toda vez que chego. Há um grande entusiasmo nesse gesto; seu rosto se enche de esperança, até que ela me vê. O sorriso desaparece. O brilho em seus olhos some. Algumas vezes, ela suspira.

Não levo isso para o lado pessoal.

– Oh – diz ela. – Detetive.

Toda vez que a campainha toca, ela tem certeza de que é Mia.

Está usando um avental mostarda por cima da roupa de ioga.

– A senhora está cozinhando? – Pergunto, tentando não ser sufocado pelo cheiro. Ou ela está cozinhando, ou um pequeno animal entrou no porão e morreu.

– Tentando. – Ela já se afasta de mim, deixando a porta da frente aberta. Solta um risinho nervoso enquanto a sigo até a cozinha. – Lasanha – diz, fatiando um monte de muçarela. – Já fez lasanha antes?

– Sou especialista em pizza congelada – respondo, colocando a correspondência sobre o balcão. – Pensei em poupá-la do trabalho.

– Oh, obrigada – fala, deixando cair o fatiador de queijo e pegando uma “explicação de benefícios” da companhia de

seguros. Perambula pela cozinha em busca de um abridor de cartas, enquanto, no fogão, a linguiça italiana começa a queimar.

Sei alguma coisinha sobre lasanhas. Vi minha mãe fazer esse prato um milhão de vezes, quando era criança. Ela tropeçava em mim, na nossa pequena cozinha, enquanto eu a perseguiu dizendo – Já está pronto? Já está pronto?

Encontrei uma colher de pau em uma gaveta e mexi a linguiça.

– O que foi que eu... ? – diz ela sem pensar, enquanto volta para a cozinha. – Oh, detetive, não precisa fazer isso – desculpa-se, mas digo que não me importo. Coloco a colher ao lado da panela. Ela está separando as cartas.

– Já viu tanto lixo...? – Pergunta. – Catálogos. Contas. Todo mundo quer nosso dinheiro. Alguma vez já ouviu falar – segura o envelope mais perto dos olhos para ver o nome da campanha de caridade – da síndrome de Mowat-Wilson?

– Síndrome de Mowat-Wilson – repito. – Não posso dizer que tenha ouvido.

– Síndrome de Mowat-Wilson – diz ela, outra vez, colocando o envelope em uma pilha que, em algum momento, será distribuída no organizador elegante que fica na parede. Eu teria pensado que Mowat-Wilson, com certeza, iria para reciclagem, mas quem sabe agora eles não iriam conseguir um cheque.

– O juiz Dennett deve ter feito alguma coisa especial para merecer lasanha – digo.

Minha mãe faz lasanha o tempo todo. Não há nada de especial nisso. Mas, para alguém como Eve Dennett, suponho

que uma refeição caseira como essa seja um raro prazer. Dependendo, é claro, se alguém irá sobreviver a essa refeição. Considerando a aparência do que ela está preparando, fico feliz por não ser convidado a ficar. Sou um especialista em estereótipos; tenho certeza de que a senhora Dennett tem apenas um prato como truque culinário. É bem provável que pegue uma receita para preparar um frango, e as chances são de que, fora isso, ela saiba apenas ferver água. E acaba aí.

– Não é para James – responde ela, enquanto se move atrás de mim, no fogão. A manga da blusa preta esbarra em minhas costas. Tenho certeza de que ela não percebe, mas eu sim. Ainda posso sentir o toque, segundos depois de ter acontecido. A mulher joga uma porção de cebolas na panela. Elas começam a fritar.

Sei que é o aniversário de Mia.

– Senhora Dennett – chamo.

– Não vou fazer isso – promete ela, absorvida por completo em mexer a linguiça, já carbonizada. – Não vou chorar.

E então noto os balões, um monte deles pela casa, todos em verde-limão e magenta. Aparentemente, as cores favoritas dela.

– É para *Mia* – diz ela. – Mia ama lasanha. Qualquer tipo de massa. Ela é a única com quem poderia contar para comer qualquer coisa que eu cozinhasse. Não que eu espere que ela apareça. Sei que não vai acontecer. Mas não poderia... – Sua voz falha, atrás de mim, e posso ver seus ombros tremerem enquanto a linguiça italiana absorve suas lágrimas. Ela poderia culpar as cebolas, mas não faz isso. E eu não a encaro, em vez disso, perco-me olhando a muçarela. Ela encontra um dente de

alho e começa a esmagá-lo com a palma da mão. Parece ser surpreendentemente terapêutico. O alho vai para a panela e ela pega potes de tempero – manjerição, erva-doce, sal e pimenta – do armário, batendo-os no granito do balcão. O saleiro de acrílico cai no chão de madeira. Não quebra, mas o sal se espalha. Olhamos para os cristais brancos sobre o chão, pensando a mesma coisa: má sorte. São sete anos? Não sei. Independentemente disso, insisto:

- Ombro esquerdo.
- Tem certeza de que não é o direito?

Há pânico em sua voz, como se esse incidente menor com o sal fosse determinante para Mia voltar ou não para casa.

– Esquerdo – respondo, sabendo que estou certo, mas, para acalmá-la, digo: – ah, que diabos, por que não jogar um pouco de sal sobre os dois? Assim, você sabe que estará em segurança.

Ela faz isso, depois limpa as mãos na frente do avental. Eu me inclino para pegar o saleiro, e ela se abaixa para juntar o sal que sobrou. Isso acontece em um instante e, antes que percebamos, batemos a cabeça uma na outra. Ela pressiona a mão sobre o local da colisão. Estendo a mão para ela. Pergunto se está bem, então digo que sinto muito. Nós nos levantamos e, pela primeira vez, a senhora Dennett começa a rir.

Deus, ela é linda, apesar de a risada ser desconfortável, como se ela pudesse irromper em lágrimas a qualquer momento. Uma vez, namorei uma garota que sofria de transtorno bipolar. O estado maníaco surgia em um minuto, e aí ela queria conquistar o mundo; no seguinte, estava tão deprimida que mal conseguia sair da cama.

Eu me pergunto se o juiz Dennett alguma vez – apenas uma desde que isso tudo aconteceu – colocou os braços ao redor da mulher e disse a ela que tudo acabaria bem.

Quando ela se acalma, digo a ela:

– Consegue imaginar como seria se Mia viesse para casa? Esta noite? Se ela simplesmente aparecesse naquela porta e tudo estivesse *acabado*.

Ela balança a cabeça em uma negativa. Não consegue imaginar.

– Por que você se tornou detetive? – Pergunta.

Não há nada de profundo na resposta. É quase vergonhosa.

– Fui designado para essa posição porque, ao que parece, era um bom policial. Mas me tornei policial porque tive um amigo na faculdade que entrou na academia de Polícia. Não tinha nada melhor para fazer além de segui-lo.

– Mas você gosta do seu trabalho?

– Gosto.

– Não é deprimente? Eu mal consigo ver os jornais da noite.

– Tem seus dias ruins – respondo, mas então faço uma lista de todas as coisas boas de que consigo me lembrar. Ter desativado um laboratório de metanfetamina. Ter encontrado um cachorro perdido. Pegado algum garoto que foi para a escola com um canivete na mochila. – Encontrar Mia – concluo, e, apesar de não dizer isto em voz alta, penso comigo mesmo: *se eu conseguisse encontrá-la e trazê-la de volta para casa; se conseguisse fazer a senhora Dennett acordar desse horrível pesadelo em que está enredada, isso faria meu trabalho valer a pena. Valeria todos os casos em aberto, não solucionados; todas as atrocidades que acontecem*

diariamente em nosso mundo.

Ela volta para sua lasanha. Digo a ela que gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre Mia. Observo enquanto ela coloca o macarrão, o queijo e a linguiça em uma assadeira, e conversamos sobre a garota cujas fotos apareceram por ali como mágica, cada vez mais abundantes, cada vez que passo pela porta.

Mia em seu primeiro dia de aula, sorrindo, embora esteja sem metade dos dentes.

Mia com um galo na cabeça.

Mia em roupa de banho, as pernas magricelas, flutuando nos braços da mãe.

Mia se aprontando para o baile do ensino médio.

Duas semanas atrás, alguém poderia nem saber que Grace Dennett tinha uma irmã mais nova. Agora, é como se ela fosse a única presença nessa casa.

COLIN

ANTES

Tenho a vantagem de ter um relógio com calendário. Sem isso, nós dois estaríamos perdidos.

Ela não falou comigo pelas últimas 24 horas. Está irritada por eu ter me intrometido, mas ainda mais chateada por ter falado. Não quer que eu saiba um mísero detalhe sobre ela, mas sei o suficiente.

Espero até que tenhamos terminado o café da manhã. Espero até depois do almoço. Deixo que fique louca e mal-humorada. Ela perambula pela cabana, com pena de si mesma. Faz beicinho. Jamais passa por sua cabeça que há milhões de lugares onde eu preferia estar do que ali; aquilo é apenas a sua desgraça, somente dela. Ou assim ela pensa.

Não sou dado a grandes gestos. Espero até que ela tenha terminado de lavar os pratos do almoço. Ela está secando as mãos em uma toalha felpuda, quando eu, meio acidentalmente, o deixo cair a seu lado, no balcão.

– É para você.

Ela olha para o caderno sobre o balcão. Um bloco de esboços. E dez lápis.

- Isso é tudo. Não gaste de uma vez.
- O que é isto? – ela pergunta com um ar estúpido. Ela sabe o que é.
- Algo para passar o tempo.
- Mas... – Começa a dizer. Não termina. Pega o caderno e passa a mão na capa. Folheia as páginas. – Mas... – Gagueja. Não sabe o que dizer. Gostaria que ela não falasse nada. Não precisamos dizer nada. – Mas... por quê?
- É Halloween – respondo, por falta de uma resposta melhor.
- Halloween – murmura entre os dentes. Ela sabe que é mais do que isso. Não é todo dia que você faz 25 anos. – Como você sabe?

Mostro a ela meu segredo, o pequeno dia 31 em um relógio que roubei de algum idiota.

- Como sabe que é meu aniversário?

Pelo tempo que gastei na internet, antes de raptá-la – essa é a resposta honesta. Mas não quero lhe contar. Ela não precisa saber como eu a segui durante dias antes do sequestro, acompanhando-a no caminho para o trabalho, observando-a pela janela do quarto.

- Pesquisa.
- Pesquisa.

Ela não agradece. Palavras como “por favor”, “obrigada”, “sinto muito” são sinais de paz, e não chegamos a esse ponto ainda. Talvez nunca cheguemos. Ela segura o caderno junto do peito. Não sei por que fiz isso. Estava doente em vê-la olhar pela maldita janela, então gastei cinco dólares em papel e lápis que

parecem ter lido o dia. Eles não vendem blocos de desenho nas lojas locais, por isso tive que dirigir até Grand Marais, até uma livraria, enquanto a mantive amarrada à pia do banheiro.

EVE

ANTES

Planejo uma festa para seu aniversário, apenas por precaução. Convido James, Grace, os pais de James, seus irmãos e esposas com as crianças. Vou até o shopping, compro presentes que sei que ela adoraria: roupas, em sua maioria, batas que sei que ela gosta de usar e um suéter com capuz, além de umas bijuterias bem grandes, que as garotas gostam de usar hoje em dia. Agora que Mia está nos noticiários, mal consigo sair de casa sem ser notada. No supermercado, as mulheres me encaram. Sussurram pelas minhas costas. Estranhos são melhores que amigos e vizinhos, aqueles que querem *falar* sobre o assunto. Não consigo falar sobre Mia sem chorar. Corro pelo estacionamento para evitar os repórteres de jornais, que começaram a nos seguir. No shopping, as vendedoras olham para meu cartão de crédito e imaginam se esse *Dennett* é o mesmo da garota na TV. Minto, finjo ignorância, porque não consigo explicar sem desmoronar.

Embrulho tudo em papéis bem festivos e empilho as caixas envoltas em fita vermelha. Faço três assadeiras de lasanha e compro pães italianos para fazer pão de alho. Faço uma salada e pego um bolo na doceira, com cobertura de chocolate, o favorito

de Mia. Compro 25 balões no mercado e os espalho pela casa. Penduro uma bandeira de “feliz aniversário”, como sempre fizemos desde que as garotas eram crianças, e coloco um Cd de jazz relaxante no aparelho de som.

Ninguém vem. Grace afirma ter um encontro com o filho de algum associado, mas não acredito. Apesar de ela não ousar afirmar isso, está à flor da pele esses dias, sabendo que o que ela jurou ser apenas um stratagema em busca de atenção é algo mais. Mas Grace, como sempre fez, escapa para bem longe da situação, em vez de tomar conhecimento dela. Coloca uma máscara casual, como se não fosse afetada pelas circunstâncias que envolvem Mia, Mas posso afirmar, pelo som de sua voz quando nos falamos; quando o nome de Mia escapa de sua boca – e ela o mantém ali, apreciando-o –, que está aflita de verdade com o desaparecimento da irmã.

James insiste em que não posso planejar uma festa quando nossa convidada de honra não está presente. Então, sem meu conhecimento, telefona para seus parentes, e para Brian e Marty, e diz a eles que a coisa toda é uma maluquice da minha cabeça. Mas não me conta, não até as 20h, pelo menos, quando enfim chega do trabalho e pergunta:

– Por que diabos há tanta lasanha aqui? – enquanto olha para o balcão da cozinha.

– A festa – respondo com ingenuidade. Talvez os convidados estejam apenas atrasados.

– Não há festa, Eve – diz ele. Pega sua bebida, como sempre faz, mas, antes de se retirar para passar a noite no escritório, ele para de repente e olha para mim. É raro ele fazer isso, olhar de

verdade para mim. A expressão em seu rosto é inconfundível: os olhos tristes, as rugas na pele, a boca esticada. Está no som de sua voz, no discurso calmo e cheio de cumplicidade. – Você se lembra do sexto aniversário de Mia? – Pergunta, e eu me lembro. Mais cedo, eu me sentei e olhei as fotografias: todas as festas de aniversário, que vieram e passaram em um piscar de olhos.

Mas o que me surpreende é James se lembrar.

Faço um meneio de cabeça.

– Sim – respondo. – Aquele ano, Mia queria um cachorro de presente. – Um mastim tibetano, para ser exata, um cão de guarda leal, com pelo grosso, bastante pelo, que normalmente pesava mais de 45 quilos. Não haveria cachorro. James deixou isso claro. Não apenas naquele aniversário. Nunca. Mia discutiu com ele até as lágrimas, ficando histérica, e James, que costumeiramente teria ignorado seu discurso ruidoso, gastou uma fortuna em um mastim tibetano de pelúcia, que foi um pedido especial feito em uma loja de brinquedos na cidade de Nova Iorque.

– Não acho que a tenha visto tão feliz outra vez – diz ele, lembrando-se do modo como os braços pequenos de Mia enlaçaram o animal de quase um metro de altura, fechando as mãos como um cadeado do outro lado, e comecei a entender: ele estava preocupado. Pela primeira vez, James estava preocupado com nossa criança.

– Ela ainda tem aquele cachorro – lembrei a ele. – Lá em cima. No quarto dela – digo, e sei que ele sabe.

– Ainda posso vê-la – admite. – Ainda posso ver a *euforia*

quando entrei no quarto dela com aquele cachorro escondido atrás das minhas costas.

– Ela amou – digo, e, com isso, ele entra no escritório e fecha a porta de forma solene.

Esqueci-me por completo de comprar doces de Halloween para as crianças da vizinhança. A campainha toca a noite toda e, de modo estúpido, esperando ver meus parentes no gramado, abro-a a cada vez. A princípio, sou a senhora louca que dá moedas tiradas de um cofre em forma de porco, mas, no fim da noite, estou cortando bolo de aniversário e entregando às crianças. Há os pais que me olham com reprovação e aqueles que me observam com piedade.

– Alguma notícia? – Pergunta uma vizinha, Rosemary Southerland, que pede doces ou travessuras com seus netos, pequenos demais para tocarem a campainha sozinhos.

– Sem novidades – respondo, com lágrimas nos olhos.

– Estamos orando por vocês – diz ela, ajudando o ursinho Pooh a descer o degrau.

– Obrigada – é o que digo, mas o que estou pensando é: *Isso não vai me ajudar em nada.*

COLIN

ANTES

Digo que ela pode ir lá pra fora. É a primeira vez que a deixo sair sozinha.

– Fique onde eu consiga vê-la – digo. Estou cobrindo as janelas com plástico, em preparação para o inverno. Tenho feito isso o dia todo. Ontem, calafetei todas as janelas e portas. Anteontem, isolei as tubulações. Ela perguntou por que eu estava fazendo aquilo, e olhei para ela como se fosse uma estúpida.

– Assim eles não estouram – respondi. Não que queira passar o inverno aqui. Mas, até eu saber qual é nossa melhor opção, não temos escolha.

Ela para diante da porta. Segura o caderno de esboços.

– Você não vem?

– Você já é uma garota crescida – respondo.

Ela sai e se senta na metade da escada. Observo pela janela. É bom ela não abusar da sorte.

Novou na noite anterior, apenas um pouco. O chão está coberto de agulhas marrons de pinheiro e cogumelos, mas logo eles vão morrer. Manchas de gelo se formam no lago. Nada substancial. Tudo estará derretido até meio-dia. Mas é um sinal

de que o inverno chegará logo.

Ela limpa a neve do degrau, senta-se de novo e coloca o caderno sobre o colo. Ontem, saímos juntos e nos sentamos perto do lago. Eu pescava trutas enquanto ela desenhava umas 12 árvores ou mais com linhas rudes brotando da terra.

Não sei por quanto tempo a observo pela janela. Não é tanto por achar que ela vai fugir – ela está mais ponderada agora –, gosto de observá-la. Vejo o modo como sua pele fica vermelha de frio. O modo como a brisa sopra em seu cabelo. Ela o prende atrás de uma orelha, esperando contê-lo, mas não funciona. Nem todas as coisas podem ser contidas. Observo suas mãos se moverem pela página. Com rapidez e facilidade. Com um lápis e o papel, ela se sente da mesma forma que eu com uma arma: no comando, no controle. É a única hora em que ela tem certeza de algo sobre si mesma. É essa confiança que me mantém na janela, de guarda, mas também hipnotizado. Imagino seu rosto, que não consigo ver, pois ela está de costas para mim. Não é nada ruim olhar para ela.

Abro a porta e saio. A porta bate, e ela se assusta, virando-se para ver o que diabos eu posso querer. No papel diante de si, há um lago, as ondulações cobrindo a superfície em um dia tempestuoso. Um punhado de gansos se reúne em uma placa de gelo. Ela tenta fingir que não estou ali, mas sei: minha presença torna qualquer coisa, além de respirar, difícil para ela.

– Onde aprendeu a fazer isso? – Pergunto. Olho para a parte exterior das portas e janelas, procurando buracos.

– A fazer o quê? – Pergunta. Coloca as mãos sobre o desenho, assim não consigo vê-lo.

Paro o que estou fazendo.

– Esqui no gelo – respondo com sarcasmo. – Do que diabos acha que estou falando?

– Sou autodidata – responde ela.

– Sério?

– Sim.

Então ela me conta que tem duas pessoas a quem agradecer por seu “talento artístico”: um professor do ensino médio e Bob Ross. Não sei quem é Bob Ross, então ela me conta. Diz que costumava colocar suas tintas e cavalete diante da TV e pintar com ele. Sua irmã lhe dizia que arrumasse algo melhor para fazer na vida. Ela a chamava de fracassada. Sua mãe fingia não ouvir. Ela conta que começou a desenhar cedo, quando podia se esconder no quarto com um livro de colorir e uma caixa de giz de cera.

– Não é ruim – comento. Mas não estou olhando para ela. Nem para o desenho. Estou raspando a calefação antiga da janela. As raspas caem sobre o chão da varanda e, aos meus pés, pedaços de selante branco se acumulam no chão.

– Como você sabe? – Pergunta. – Você não olhou.

– Olhei.

– Não olhou – ela diz. – Conheço indiferença quando a vejo. Vi isso minha vida inteira.

Suspiro e praguejo por entre os dentes. Suas mãos ainda cobrem o desenho.

– O que é então? – Pergunta.

– O que diabos quer dizer?

– O que tem no desenho?

Paro o que estou fazendo e olho para os gansos. Um por um, eles partem.

– Aquilo – respondo, e ela para de me atormentar. Passo para outra janela.

– Por que fez isso? – Pergunta, segurando o caderno.

Paro o que estou fazendo tempo suficiente para olhá-la. Raspo a calefação com brutalidade, e sei o que ela pensa: *Antes a calefação do que eu.*

– Por que você faz tantas perguntas? – indago com agressividade, e ela se cala. Começa a desenhar o céu, nuvens baixas e pesadas que pairam pouco acima do chão. Em algum momento, digo: – Se não fosse do jeito que é, eu não precisaria tomar conta de você. Você calaria a boca e largaria do meu pé.

– Ah – diz ela. Levanta-se e entra na cabana.

Mas essa não é a verdade completa.

Se eu quisesse que ela largasse do meu pé, teria comprado mais corda e a amarraria à pia do banheiro. Se eu quisesse que ela ficasse quieta, teria usado a fita adesiva.

Mas, se eu quisesse reparar algo teria comprado para ela aquele caderno de desenho.

Adulto, todo mundo teria adivinhado que eu terminaria assim. Sempre me meti em encrenca. Por bater em crianças, responder aos adultos. Ir mal na escola e matar aulas. No ensino médio, a conselheira escolar sugeriu para mamãe que ela me levasse ao psiquiatra. Ela disse que eu tinha um problema de controle de raiva. Mamãe lhe disse que, se ela tivesse passado pelo que eu passei, ela também teria.

Meu pai foi embora quando eu tinha 6 anos. Ficou tempo suficiente apenas para que me lembrasse dele, mas não o bastante para, de verdade, cuidar de mim e de mamãe. Lembro-me das brigas, não apenas gritos. De baterem um no outro e arremessarem coisas. O som de vidro quebrado, enquanto eu fingia dormir à noite. As portas batendo e palavras de quatro letras berradas a plenos pulmões. Lembro-me das garrafas vazias de cerveja, das tampas que apareciam nos bolsos da calça, logo após ele afirmar que estava sóbrio.

Eu me meti em brigas na escola. Mandeí meu professor para o inferno, quando ele disse que eu nunca conseguiria nada na vida. Mandeí minha professora de biologia do ensino médio ir se danar, porque ela pensou que poderia me ajudar a passar naquela matéria.

Não queria que ninguém se importasse comigo.

Entrei nessa vida por acidente. Estava lavando pratos em algum restaurante pretensioso na cidade. Havia sujeira de restos de outras pessoas em minhas mãos, a água quente escaldante, enquanto eu empilhava os pratos limpos, retirados da máquina de lavar. Meus dedos estavam queimados, pingava suor da minha cabeça. Tudo por um salário mínimo e uma parte da gorjeta das garçonetes. Perguntei se poderia fazer umas horas extras. Disse que estava precisando de dinheiro. Meu chefe me respondeu: – E não estamos todos?

O negócio estava devagar, mas ele conhecia um lugar onde eu poderia pegar um empréstimo.

Não era um banco. Pensei que poderia lidar com isso. Peguei uma quantia baixa; pagaria da próxima vez que recebesse meu

salário, mas não funciona assim. Eu não conseguia sequer acertar os juros. Então fizemos um trato. Algum figurão devia cerca de dez vezes mais do que eu. Se conseguisse fazê-lo pagar, estaríamos quites. Então, apareci em sua casa, em Streeterville, amarrei sua esposa e filha nas cadeiras de jantar antiga deles e, com uma arma emprestada, apontada para a cabeça da esposa, eu o vi retirar um punhado de notas de um cofre escondido atrás de uma reprodução de *O lago das Ninfas*, de Monet.

Entrei no negócio.

Algumas semanas mais tarde, Dalmar me achou. Nunca tinha me encontrado com ele. Eu estava em um bar, cuidando da minha vida, quando ele entrou. Eu era carne nova na praça, o brinquedinho deles. Todo mundo parecia ter uma oferta para balançar diante do meu nariz. E então não foi mais por necessidade. Quando Dalmar afirmou que um cara tinha roubado suas coisas, eu entrei no caso. Fui pago com generosidade. Poderia pagar o aluguel. Cuidar de mamãe. Comer.

Mas, com cada nota que ganhava, também vinha a compreensão de que eu já não era dono de mim mesmo.

A cada dia, ela se afastava um pouco mais da cabana. Um dia, era o começo da escada. No outro, seus pés tocaram a grama. Hoje ela segue para um monte de terra, sabendo o tempo todo que estou sentado à janela, observando-a. Ela se senta na terra dura e fria, tornando-se insensível enquanto desenha. Imagino o ar se fechando ao seu redor, os dedos endurecidos. Não posso ver o que ela desenha, mas posso imaginar: cascas e galhos, o que cai das árvores, agora que as folhas despencaram

por completo. Desenha árvore após árvore. Não desperdiça um centímetro de seu precioso papel.

Fecha o caderno e começa a andar para o lago, onde senta à margem, sozinha. Observo enquanto ela procura pedras, tentando fazê-las bater na superfície da água. Todas afundam. Ela vai até a borda do lago. Não muito longe. Trezentos ou 350 metros, mas sempre um lugar onde nunca esteve.

Não que eu pense que ela possa ir embora. É que, de repente, não quero ficar na cabana sozinho. Ela se vira ao som de folhas esmagadas atrás dela. Praticamente tropeço em direção ao lago, as mãos dentro dos bolsos da calça, meu pescoço enterrado no casaco.

– Verificando onde estou? – Pergunta, impassível, antes de eu me aproximar mais.

Paro ao lado dela.

– Preciso fazer isso?

Ficamos lado a lado sem dizer nada. Meu casaco roça seu braço, e ela se afasta. Pergunto-me se ela poderia captar. Essa cena. No caderno de desenhos. O contorno do lago azul e as folhas espalhadas pelo chão. A floresta esverdeada de pinheiros e as árvores perenes. O céu imenso. Ela conseguiria capturar o vento batendo nas árvores remanescentes? Poderia desenhar o ar frio que come nossas mãos e orelhas até que fiquem queimadas?

Começo a me afastar.

– Você quer andar, não quer? – Pergunto, quando ela não me segue. Ela quer. – Então vamos – digo, apesar de o tempo todo eu ficar dois passos à frente. Entre nós, nada além de ar.

Não sei quanto esse lago mede. É grande. Não sei sua profundidade ou qual o ponto mais profundo. Não sei seu nome. Sua costa é acidentada, com mirantes rochosos que avançam para a água. As árvores perenes vêm até as margens. Não há praia. Elas margeiam o lago todo, apinhadas, acotovelando-se pela vista.

As folhas são trituradas sob nossos pés como flocos de espuma. Ela luta para manter o equilíbrio sobre o chão irregular. Não espero por ela. Continuamos por um bom tempo, até não conseguirmos mais ver a cabana entre as árvores. Tenho certeza de que seus pés estão matando-a naqueles sapatos estúpidos, aqueles que ela usava quando partimos. Sapatos elegantes para o trabalho. Mas o ar frio e o exercício fazem bem. Uma mudança, em vez de ficarmos sentados na cabana, lamentando por nós mesmos.

Ela pergunta alguma coisa, mas não ouço. Espero ela me alcançar.

– O que foi? – Pergunto de forma rude. Não sou de conversinhas.

– Você tem irmãos?

– Não.

– Irmãs?

– Você sempre tem que *conversar*? – Pergunto.

Ela passa por mim e assume a liderança.

– Você sempre precisa ser mal-educado? – ela rebate. Não respondo nada. Essa é a essência de nossas conversas.

No dia seguinte, ela está lá fora de novo, andando sem rumo ao redor da propriedade. Não é tola o bastante para ir aonde não

possa vê-la. Não, porque sabe que perderá todo esse privilégio.

Ela tem medo do desconhecido. De Dalmar, talvez, do que eu faria se ela tentasse fugir. Esse medo a mantém no raio de alcance dos meus olhos. Ela poderia fugir, mas não há lugar nenhum aonde possa ir. Ela teve a arma na mão. Poderia ter atirado em mim. Mas é claro que não soube como manusear a coisa. Ela pensa que ainda estou por perto apenas por causa disso.

Mas, com a arma em suas mãos, não precisei mais ouvir sua conversa fiada. Por ora, ela está contente. Pode ir lá fora e congelar. Pode desenhar, sabe-se Deus o quê, o dia todo.

Ela volta mais cedo do que espero. Em seus braços, há um gato sujo. Não que eu odeie gatos. É apenas porque a comida é pouca. O aquecimento é escasso. Não há espaço suficiente para dois de nós ali, muito menos três. E não quero dividir nada.

Seus olhos imploram *por favor*.

– Se eu vir aquele gato aqui de novo – digo –, eu o matarei.
Não estou no humor para ser um bom samaritano.

GABE

ANTES

Depois de esperar o que pareceu uma eternidade – na realidade se passaram cerca de três semanas –, enfim conseguimos uma boa dica. Uma mulher indiana, que morava em um arranha-céu em Kenmore, tinha certeza de que nosso Zé-Ninguém estava em sua vizinhança. Aparentemente ela havia estado fora da cidade por um tempo e essa era a primeira vez que via seu rosto na TV.

Então fui para a cidade... de novo. O prédio era em Uptown, com certeza não a melhor vizinhança da cidade, mas também não a pior. Longe disso. É uma mistura de pessoas que não podem pagar pelas áreas mais luxuosas como Lakeview ou Lincoln Park, e uma mescla eclética de homens e mulheres que acabaram de se estabelecer ali. Restaurantes étnicos espalhavam-se pelas ruas, não apenas chineses e mexicanos; havia um marroquino, um vietnamita e um etíope. Não importa sua diversidade, ainda é relativamente seguro andar de noite ali. Uptown é conhecida por sua vida noturna, teatros históricos e bares. Muita gente renomada foi até lá se apresentar para pessoas sem importância como eu.

Acho o prédio com um estacionamento de dois andares; a

última coisa que vou fazer é doar um centavo que for para a cidade de Chicago, a fim de estacionar meu carro. A policial Butch e eu entramos, tomando o elevador até o apartamento. Ninguém atende à porta, que está trancada. Claro. Então imploramos à senhoria pela chave. Ela é uma senhora idosa que manca ao nosso lado e se recusa a emprestar a chave.

– Você não pode confiar em ninguém nos dias de hoje – explica. Diz que o apartamento foi alugado por uma mulher chamada Celeste Monfredo. A senhoria precisou verificar em seus arquivos. Não sabe nada sobre a mulher, a não ser que ela paga o aluguel em dia.

– Mas é claro que o apartamento poderia estar sublocado.

– Como podemos saber? – Pergunto.

A senhora dá de ombros.

– Não podemos. Os inquilinos são obrigados a sublocar o apartamento ou então pagar a multa de contrato.

– Não há papelada? – Eu não posso comprar nada da farmácia sem assinar alguma coisa.

– Nada que se archive. Os inquilinos só precisam pagar o aluguel. Qualquer coisa que aconteça aqui é problema deles. Não meu.

Pego a chave das mãos dela e entro. A senhoria abre caminho pelo apartamento, ao lado de Butch e eu. Preciso pedir a ela, mais de uma vez, que não toque em nada.

Não sei o que me atinge primeiro: um abajur derrubado, luzes acesas no meio do dia ou o conteúdo de uma bolsa feminina espalhado no chão. Pego no meu bolso um par de luvas de borracha e ando pelo lugar. Há uma pilha de correspondência

no balcão da cozinha, escondido atrás de uma estante de livros. Checo a etiqueta de endereço; cada uma das cartas foi mandada a um tal de Michael Collins, em uma caixa postal na cidade. Butch coloca luvas de borracha e vai até a bolsa. Investiga e encontra uma carteira; dentro dela, uma carteira de motorista.

– Mia Dennett – diz em voz alta, apesar de, é claro, nós dois sabermos exatamente o que isso quer dizer.

– Quero o registro de ligações – digo. – E impressões digitais. E precisamos olhar o prédio. Cada apartamento. Há alguma câmera de segurança? – Pergunto à senhoria. Ela responde que sim. – Preciso de tudo o que vocês têm desde primeiro de outubro.

Examino a parede: concreto. Ninguém teria ouvido nada do que aconteceu nesta sala.

COLIN

ANTES

Ela quer saber quanto eu recebi por este trabalho. Faz muitas perguntas.

– Não recebi nem um maldito centavo – lembro-lhe. – Receberia ao terminar.

– Quanto lhe ofereceram?

– Não interessa – respondo.

Estamos no banheiro. Ela está entrando. Eu, saindo. Não me incomodo em lhe dizer que a água está congelante.

– Meu pai sabe disso?

– Já lhe disse: não sei.

O resgate era para ser recebido do pai. Isso eu sei. Mas não tenho a mínima ideia do que Dalmar fez quando não apareci com a garota. Ela tem mau hálito; seu cabelo é um labirinto loiro de sujeira.

Fecha a porta na minha cara e ouço a água começando a correr. Tento não imaginá-la tirando a roupa e entrando na água cortante.

Quando sai, está secando as pontas do cabelo com uma toalha. Estou na cozinha, comendo granola e leite em pó.

Esqueci-me de como é o gosto de comida de verdade. Todo o dinheiro que eu tenho está espalhado sobre a mesa, e estou contando o que nos restou. Ela olha para o dinheiro. Não estamos falidos. Não ainda. O que é bom.

Ela me conta que sempre pensou que algum condenado insatisfeito jogaria seu pai dos degraus do fórum. De sua voz, percebo uma história diferente. Ela não *pensava* que isso aconteceria. Desejava.

A garota está parada no corredor. Posso ver que está tremendo, mas ela não reclama do frio. Não desta vez.

– Ele era um advogado especializado em litígios antes de se tornar juiz. Estava envolvido em vários casos de ações coletivas, casos sobre contaminação de amianto. Nunca esteve do lado do bem. As pessoas estavam morrendo, vítimas dessas coisas horríveis: câncer de pulmão, envenenamento por amianto, e ele tentava poupar o dinheiro das grandes corporações. Nunca falou sobre seu trabalho. Privilégio advogado-cliente, dizia, mas sei que ele apenas não queria falar sobre o assunto. Ponto final. Mas um dia entrei escondida no escritório à noite, enquanto ele dormia. No começo, estava bisbilhotando porque queria provar que ele estava tendo um caso, na esperança de que minha mãe o deixasse de verdade. Eu era uma criança, 13, 14 anos. Não sabia o que era um mesotelioma, um tumor pulmonar. Mas sabia ler muito bem. Tosse com sangue, taquicardia, caroços sob a pele. Quase metade dos infectados morriam dentro de um ano após o diagnóstico. Você sequer precisava trabalhar com amianto para ser exposto ao perigo: esposas e crianças morriam porque maridos e pais iam pra casa com a roupa contaminada. Quanto

mais sucesso ele tinha, mais nos sentíamos ameaçados. Minha mãe encontrava cartas na caixa de correio. Eles sabiam onde vivíamos. Havia telefonemas. Homens esperavam que Grace, minha mãe e eu morrêssemos de forma tão dolorosa quanto suas mulheres e crianças. Então, ele se tornou juiz. Seu rosto estava em todos os noticiários. Todas aquelas manchetes com o nome dele. Ele era ameaçado o tempo todo, mas, depois de um tempo, paramos de prestar atenção nessas ameaças sem conteúdo. Ele deixou a situação subir à sua cabeça. Isso o fez se sentir importante. Quanto mais pessoas ele irritava, melhor estava fazendo seu trabalho.

Não havia nada a dizer. Não sou bom nesse tipo de coisa. Não consigo jogar conversa fora e, com certeza, não sei ser simpático. A realidade é que não sei nada sobre aquele babaca que pensava estar cuidando de um grande interesse seu ao ameaçar o filho de algum canalha. É assim que o negócio funciona. Caras como eu somos mantidos no escuro. Fazemos um trabalho sem saber realmente o motivo. Assim, não podemos apontar o dedo. Não que eu pensasse em fazer isso. Sei o que aconteceria comigo se o fizesse. Dalmar me falou para pegar a garota. Não perguntei o motivo. Dessa forma, quando os policiais me pegassem, e eu estivesse em uma sala de interrogatório, não poderia responder às suas perguntas ardilosas. Não sei quem contratou Dalmar. Não sei o que eles queriam com a garota. Dalmar me falou para pegá-la. Eu fiz isso.

E, então, mudei de ideia.

Tiro os olhos da minha tigela e a encaro. Seus olhos

imploram para que eu fale alguma coisa, alguma grande confissão que fará tudo ganhar sentido para ela. Que a ajudará a entender o motivo de estarmos ali: por que ela, em vez de sua irmã maldosa? Por que ela, no lugar do juiz insolente? Ela estava desesperada por uma resposta que desse sentido àquilo tudo. Como, em um piscar de olhos, tudo poderia mudar assim? Sua família. Sua vida. Sua existência. Ela procura em vão, pensando que sei a resposta. Pensando em como um pobre homem como eu poderia ser capaz de ajudá-la a ver um ponto de luz naquela escuridão.

– Cinco mil – respondo.

– O quê? – Não era isso que ela esperava ouvir.

Levanto e ando pelo chão de madeira. Meus passos fazem barulho. Passo água na tigela. Deixo-a cair na pia, e a garota se assusta. Viro-me para ela.

– Eles me ofereceram US\$ 5 mil.

EVE

ANTES

Deixo meus dias passarem, simplesmente.

Muitas vezes é difícil sair da cama e, quando consigo, o primeiro pensamento que me vem é Mia. Acordo chorando no meio da noite, uma após outra, interminável, e corro para o andar de baixo, assim não acordo James. Fico aflita cada hora que passo acordada; no supermercado, tenho certeza de ver Mia no corredor dos cereais matinais, então detenho-me por alguns instantes, antes de abraçar uma completa estranha. Mais tarde, no carro, desmorono, incapaz de sair do estacionamento por mais de uma hora, enquanto observo mães com suas crianças entrarem na loja: segurando a mão delas ao cruzarem o estacionamento, mães levantando crianças pequenas e colocando-as no carrinho de compras.

Por semanas vejo o rosto dela na tela da TV e o retrato falado daquele homem. Mas agora há coisas mais importantes acontecendo no mundo. Isso é uma maldição e uma bênção ao mesmo tempo, suponho. Os repórteres estão menos intrusivos. Não me perseguem quando tiramos o carro da garagem nem me seguem durante minhas andanças. Os telefonemas de assédio e

pedidos de entrevistas cessaram; posso abrir as cortinas sem ver o grupo de jornalistas diante de nossa casa. Mas a debandada deles também me preocupa; ficaram apáticos em relação ao nome Mia Dennett, cansados de esperar por uma manchete de primeira página que, talvez, nunca apareça: Mia Dennett volta para Casa ou, quem sabe, a garota Dennett é encontrada Morta. Sufoca-me, como as nuvens escuras que pairam sobre a cidade nesse dia de inverno, o fato de que talvez eu jamais vá saber. Penso naquelas famílias que encontram os restos mortais de um ente querido dez, algumas vezes vinte anos depois, e me pergunto se esse será o meu caso.

Quando canso de chorar, deixo a fúria tomar conta de mim, estilhaçando taças de cristal italiano contra a parede da cozinha, e, quando elas acabam, parto para o jogo de jantar da avó de James. Grito a plenos pulmões, um som bárbaro que, com certeza, não me pertence. Limpo a bagunça antes de James chegar em casa, escondendo um milhão de estilhaços de vidro no lixo da garagem, sob os pedidos de filantropia, assim ele não vai vê-los.

Passo uma tarde inteira observando os melros vermelhos em sua rota para o sul, para o Mississippi ou qualquer outro lugar, para fugirem do inverno rigoroso. Eles chegam um dia em nossa varanda, dúzias deles, gordos e gelados, estocando o que conseguirem para a viagem que têm pela frente. Choveu, e as minhocas estão por toda parte. Eu as observo por horas, ficando triste quando partem. Levará meses para voltarem, aquelas barrigas vermelhas indicando a chegada da primavera.

No outro dia, as joaninhas chegam. Milhares delas imersas

no sol que bate em nossa porta dos fundos. É um verão quente, com temperaturas acima dos 15 graus e bastante sol. O tipo de dia pelo qual ansiamos no outono, as cores das árvores chegando a seu ápice. Tento contá-las, mas elas se dispersam cada vez mais e é impossível manter a conta. Não sei por quanto tempo as observo. Imagino por quanto tempo durarão no inverno. Morrerão? E então, dias depois, quando uma crosta de gelo cobre a terra, penso em todas aquelas joaninhas e choro.

Penso em Mia, quando ela era criança. Penso em todas as coisas que fizemos. Vou até o parque onde costumava levá-la, enquanto Grace ficava na escola o dia inteiro, e me sento no balanço, passo a mão na caixa de areia, sento-me em um banco e olho. Para as crianças. Para as mães afortunadas que ainda têm seus filhos para abraçar.

Mas, principalmente, penso nas coisas que não fiz. Penso na vez em que não interfeiri, quando James disse a Mia que uma nota B não era boa o bastante em química, no ensino médio, e na vez em que ela trouxe uma pintura impressionista de tirar o fôlego para casa, tendo dedicado mais de um mês para terminá-la na escola, e ele zombou: “Se você empregasse todo esse tempo estudando química, poderia ter tirado a”. Penso em mim mesma, observando pelo canto do olho, incapaz de dizer alguma coisa. Incapaz de comentar sobre a expressão vazia no rosto de nossa filha, por que estava com medo de que ele ficasse bravo.

Quando Mia informou a James que não planejava cursar direito, ele lhe disse que ela não tinha escolha. Estava com 17 anos, com todos os hormônios em fúria, e ela pediu: “Mãe”, com desespero, apenas daquela vez, para eu intervir. Estava

lavando os pratos, tentando ao máximo me esquivar da conversa. Lembro-me do desespero no rosto de Mia, do descontentamento no de James. Escolhi o menor dos males.

– Mia – disse. Nunca me esquecerei daquele dia. Do som do telefone tocando ao fundo, embora nenhum de nós tenha prestado atenção nisso naquele instante. O cheiro de alguma coisa que eu tinha queimado na cozinha, o ar frio da primavera entrando por uma janela que abri para deixar o odor sair. – Isso significa muito para ele. Ele quer que você seja como ele.

Ela saiu correndo da cozinha e subiu para o andar de cima, batendo a porta.

Mia sonhava em estudar no instituto de arte de Chicago. Ela queria ser uma artista. Foi tudo que sempre importou para ela. Mas James negou-se a aceitar sua escolha.

Mia começou a contagem, naquele dia mesmo, para seu aniversário de 18 anos, e passou a empacotar as coisas que levaria consigo quando partisse.

Gansos e patos voam sobre minha cabeça. Todos estão me deixando.

Pergunto-me se, de alguma forma, Mia está olhando para o céu e vendo a mesma coisa.

COLIN

ANTES

Se existe uma coisa que temos, é tempo para pensar. Muito tempo.

Aquele maldito gato está rondando a cabana, agora que a garota sacrifica bocados de seu jantar para dar a ele. Ela achou um cobertor roído por traças no armário e, com uma caixa vazia da caçamba da caminhonete, montou uma cama improvisada para aquela coisa estúpida. Ela a montou no galpão lá atrás. Todos os dias, leva um pouco de comida para ele.

Ela deu um nome para a maldita coisa: Canoe. Não que tenha se incomodado em me contar. Mas eu a ouvi chamando por ele nesta manhã, quando ele não estava dormindo em sua cama. Agora ela está preocupada.

Sento na margem do lago e pesco. Vou comer truta todo dia pelo resto desta vida abençoada, se significar que não preciso comer algo que foi congelado ou desidratado.

Na maior parte das vezes, pesco lúcios. Às vezes, trutas. Posso diferenciá-los pelas pintas mais claras nos lúcios, e pelo fato de que são sempre os primeiros bastardos a morderem a isca. A pesca é liberada porque os peixes são repostos no lago

todos os anos, alguns chegam ainda alevinos, outros com cerca de um ano. O Smallmouth Bass me dá o maior trabalho. Até que eu consiga colocá-los no chão, poderia apostar minha vida que eles aparentam ter o dobro do tamanho que têm de verdade. Como esses bastardos são fortes.

Passo grande parte do meu tempo pensando em como vamos sair dessa. Em como eu vou sair dessa. A comida está acabando, o que significa fazer uma viagem à loja. Tenho o dinheiro. Só não sei quanto tempo vai demorar para alguém me reconhecer. E o que faço com a garota enquanto estiver fora? O desaparecimento da filha de um juiz – essa é a notícia urgente. Posso apostar minha vida nisso. Qualquer balconista de loja vai reconhecê-la e chamar a polícia.

O que me faz pensar: será que os tiras descobriram que eu estava com ela na noite em que sumiu? Será que o meu rosto, assim como o dela, está por todo lado na maldita TV? Talvez seja uma coisa boa, digo a mim mesmo. Não para mim; não se significar que vou ser apanhado. Mas, se Valerie vir meu rosto na TV, vir que sou suspeito do desaparecimento de uma mulher de Chicago, então vai saber o que fazer. Vai saber que não estou lá para garantir que haja comida na mesa e que as portas estejam fechadas. Ela vai saber o que precisa ser feito.

Quando a garota não está prestando atenção, tiro uma foto da minha carteira. Está rasgada devido ao tempo, com orelhas nas extremidades, de tanto que eu já a tirei da minha carteira e a coloquei de volta. Imagino se e quando o dinheiro chegou, o dinheiro que roubei na parada de caminhões em Eau Claire. Imagino se ela vai saber que é meu. Ela saberia que estou em

alguma encrenca quando o dinheiro chegasse, US\$ 500 ou mais, enfiados em um envelope sem remetente.

Não sou sentimental. Só preciso saber que ela está bem.

Não que estivesse sozinha. Pelo menos é o que digo a mim mesmo. A vizinha vai vê-la uma vez por semana, recolhe a correspondência e confere se ela está bem. Elas vão ver o dinheiro. Quando domingo vier e eu não aparecer, vão saber. Se é que ainda não viram meu rosto na TV. Se é que Valerie ainda não viu meu rosto na TV e correu para vê-la, para ter certeza de que está bem. Eu me esforço para me convencer de que Valerie está lá. Tudo vai dar certo.

Quase acredito nisso.

Mais tarde naquela noite, estamos do lado de fora. Tento fazer peixe grelhado para o jantar. Exceto pelo fato de não haver carvão, então estou procurando algo que possa queimar para acender o fogo.

A garota está sentada na varanda, enrolada em um cobertor que ela trouxe lá de dentro. Os olhos passeando pelo entorno. Está se perguntando onde estará o maldito gato. Ela não o vê há dois dias e está preocupada. Está esfriando cada vez mais. Mais cedo ou mais tarde, aquela coisinha vai deixar de sobreviver.

– Imagino que você não seja um caixa de banco – diz ela.

– O que você acha? – Pergunto.

Ela entende aquilo como um não.

– O que você faz, então? – Pergunta. – Você *realmente* trabalha?

– Trabalho.

– Em algo dentro da lei?

– Faço o que preciso para sobreviver. Exatamente como você.

– Não acho que seja igual – diz ela.

– E por que não?

– Eu ganho minha vida honestamente. Pago impostos.

– Como sabe que eu não pago impostos?

– Você *paga* impostos? – ela indaga.

– Eu trabalho – digo. – Ganho minha vida *honestamente*. Pago impostos. Limpei o chão de um fulano em uma imobiliária. Lavei pratos. Carreguei caminhões com caixas. Sabe quanto eles pagam por isso? Um salário mínimo. Você tem uma maldita ideia de como é sobreviver com um salário mínimo? Trabalho em dois empregos, 13 ou 14 horas por dia. Isso paga o aluguel, compra comida. Alguém como você trabalha... o quê? Oito horas por dia, com direito a férias de verão.

– Eu trabalho na escola durante as férias de verão – diz ela. É uma estupidez a se dizer. Ela sabe que falou algo estúpido, mesmo antes de eu encará-la.

Ela não sabe como é. Mal pode imaginar.

Olho para o céu, para as nuvens escuras que nos ameaçam. Não com chuva, mas com neve. Vai chegar em breve. Ela aperta o cobertor em torno de si. Estremece com o frio.

Ela sabe que eu nunca a deixarei partir. Tenho mais a perder que ela. – Você já fez esse tipo de coisa antes – diz ela.

– Fiz o quê?

– Sequestro. Colocar uma arma na cabeça de alguém. – Não é uma pergunta.

– Talvez. Talvez não.

– Digamos que, quando me capturou, não me agarrou com mãos de um aprendiz do *ofício*.

Tinha acendido o fogo. Coloco os peixes na frigideira, e eles começam a chiar.

– Nunca incomodei ninguém que não precisasse ser incomodado.

Mas mesmo eu sei que isso não é verdade.

Viro os peixes. Estão cozinhando mais rápido do que quero. Eu os movo para as beiradas da frigideira, para que não queimem.

– Poderia ser pior – garanto a ela. – Poderia ser bem pior.

Comemos do lado de fora. Ela está sentada no chão, as costas apoiadas no parapeito de madeira que circunda a varanda. Eu lhe ofereço uma cadeira. Ela diz não, obrigada. Estica as pernas à sua frente e as cruza na altura do tornozelo.

O vento sopra pelas árvores. Ambos nos viramos para ver as folhas se soltarem dos galhos e caírem no chão.

E é quando ouvimos algo: passos pelas folhas ressecadas que cobrem o chão. É o gato, penso, mas então percebo que os passos são pesados e decididos demais para aquele gatinho esquelético. A garota e eu trocamos um olhar, e eu coloco um dedo sobre os lábios e sussurro *shhh*. Então fico de pé, buscando nos bolsos da calça a arma, que não está lá.

GABE

ANTES

Estava esperando até ter fatos concretos para falar com os Dennett, mas não foi assim que a coisa aconteceu. Mastigava um sanduíche gorduroso de carne sentado à minha mesa quando Eve Dennett entra na delegacia e pergunta à recepcionista se pode falar comigo. Ainda estou limpando o molho do meu rosto com uma pilha de guardanapos quando ela se aproxima da mesa.

É a primeira vez que ela vem à delegacia, parecia deslocada. Muito diferente dos fracassados bêbados que normalmente recebemos.

Sinto seu perfume antes mesmo de ela chegar à minha mesa. Eve caminha modestamente enquanto cada bastardo doentio a segue com olhos, que têm um brilho de inveja quando seus saltos se detêm na minha frente. Todos os policiais sabem que estou trabalhando no caso Dennett e fizeram uma aposta para saber se e quando vou desvendar a coisa toda. Vi até o sargento colocar dinheiro nela; ele disse que vai precisar da bolada quando ele e eu formos demitidos.

– Olá, detetive.

– Senhora Dennett.

– Você não deu notícias por um tempo – diz ela. – Estive pensando se não há alguma... notícia.

Ela carrega um guarda-chuva, que respinga água no chão de linóleo.

Seu cabelo está despenteado pelo vento da tempestade lá fora. É um dia horrível, de ventos fortes e gelados. Não é um dia para sair de casa.

– A senhora poderia ter ligado – digo.

– Estava na rua, fazendo umas coisas – diz ela, mas sei que ela está mentindo. Ninguém sairia hoje se não fosse necessário. É um daqueles dias para se deitar de pijama e assistir à TV.

Eu a conduzo a uma sala de interrogatório e peço que se sente. É uma sala encardida, que mal é limpa, com uma grande mesa no centro e um par de cadeiras dobráveis. Ela coloca o guarda-chuva no chão, mas se agarra à sua bolsa. Eu me ofereço para tirar seu casaco; ela diz não, obrigada. Está frio lá, um desses dias úmidos e congelantes que faz até os ossos gelarem.

Sento na frente dela e coloco o arquivo Dennett na mesa. Vejo que ela espia a pasta de papelão.

Olho para ela, para seus delicados olhos azuis. Eles já começaram a se inundar de lágrimas. Conforme os dias passam, tudo o que penso é: *e se eu nunca encontrar Mia?* é evidente que a senhora Dennett desmorona um pouco mais a cada hora. Seus olhos estão pesados e inchados, como se ela não dormisse mais. Não posso imaginar o que vai ser dela se Mia nunca mais vier para casa. Penso sobre a senhora Dennett em cada hora do dia e da noite; eu a imagino perdida e sozinha dentro daquela mansão, sonhando com todas as coisas horríveis que podem ter

acontecido à sua filha. Sinto essa necessidade contumaz de protegê-la, de responder àquelas questões abrasadoras que a mantêm acordada à noite: quem, aonde, por quê?

– Eu ia ligar para vocês – digo brandamente. – Só estava esperando alguma boa notícia.

– Algo aconteceu – diz a senhora Dennett. Não é uma pergunta. É como se ela soubesse o tempo todo que algo havia acontecido, e foi isso que a trouxe até a delegacia hoje. – Algo ruim. – Ela coloca a bolsa sobre a mesa e a revira atrás de um lenço.

– Há novidades. Mas nada é certo ainda. Não consegui descobrir o que elas significam. – Se o juiz Dennett estivesse aqui, ele me rasgaria em dois por não ter todas as respostas. – Temos uma pista boa de quem estava com Mia antes de desaparecer – digo. – Alguém identificou a foto que está nos noticiários, e, quando estivemos no apartamento dele, achamos alguns pertences de Mia, sua bolsa e um casaco.

Abro o arquivo e coloco algumas fotos na mesa, as tiradas no apartamento pelo novato que me acompanhou outro dia. A senhora Dennett pega a foto da bolsa, do tipo que se usa atravessada no corpo. A bolsa está no chão, com um par de óculos de sol e uma carteira verde caindo de dentro dela sobre o piso de tacos. A senhora Dennett leva um lenço aos olhos.

– A senhora reconhece algo? – Pergunto.

– Eu a escolhi, aquela bolsa. Eu a comprei para ela. Quem é ele? – Pergunta, sem nenhuma pausa entre os pensamentos. Passa os olhos pelas outras fotos, uma de cada vez, e então as arruma em uma fileira. Junta as mãos sobre a mesa.

– Colin Thatcher – digo. Buscamos entre as impressões digitais que achamos no apartamento de Uptown e descobrimos a verdadeira identidade do homem. Todos os outros nomes que estavam no apartamento, em correspondências, no celular etc., são pseudônimos, só para despistar. Obtivemos as fotos de prisões anteriores e as comparamos com o retrato falado. Bingo.

Observo a maneira como as mãos da senhora Dennett tremem diante de mim e como ela tenta, e falha em, controlar o tremor. É sem pensar direito que sinto minha própria mão alcançar as dela, gélidas, que se derretem nas minhas. Faço isso antes que ela possa recolhê-las no colo, tentando esconder o terror que sente por dentro.

– Há um arquivo das câmeras de segurança. Colin e Mia entrando no apartamento, perto das 23h, e depois saindo do prédio.

– Quero vê-lo – diz ela, para minha surpresa. Sua resposta é definitiva, não com o tipo de indecisão que estou acostumado a ver nela.

– Não acho que seja uma boa ideia – digo. A última coisa que Eve precisa ver agora é a maneira como Colin Thatcher grita com a filha dela na saída do prédio e a angústia no olhar da garota.

– É ruim – conclui ela.

– É inconclusivo – minto. – Não quero que a senhora tenha a impressão errada. – Mas não há nada de inconclusivo na maneira atenta com que o homem sai apressado do elevador, tendo certeza de que ninguém os vê, tampouco no medo nos olhos da garota. Ela está chorando. Ele fala alguma coisa que eu

tenho certeza é a palavra com “f”. Algo aconteceu naquele apartamento. As imagens de quando eles chegam ao prédio – nitidamente dois pombinhos subindo para uma rapidinha – não tinham a mesma tensão de quando os dois estão saindo do edifício.

– Mas ela estava viva?

– Sim.

– Quem é ele? – Pergunta. – Esse Colin...

– Colin Thatcher. – Solto as mãos da senhora Dennett e pego algo na pasta de papelão. Puxo a ficha do homem. – Ele foi preso por uma série de delitos: furto, invasão, posse de maconha. Cumpriu pena por tráfico e é procurado para depor sobre um caso de extorsão em andamento. De acordo com seu último agente da condicional, sumiu há alguns anos. Basicamente, é um homem procurado.

Não poderia nem começar a explicar o horror que despontou nos olhos azuis da mulher. Como detetive, estou acostumado a palavras como “invasão”, “extorsão” e “agente da condicional”. Mas a senhora Dennett só tinha ouvido essas palavras em episódios de *Law & Order*. Não poderia entender o que tudo isso significava; as palavras em si são esclarecedoras e difíceis de engolir. Ela está aterrorizada com o fato de um homem como esse estar com a filha dela.

– O que ele poderia querer com Mia? – Pergunta a senhora Dennett.

Eu já fiz a mim mesmo essa pergunta umas mil vezes. Crimes aleatórios são relativamente raros. A maioria das vítimas conhece seus agressores.

– Não sei – digo. – Não tenho ideia, mas prometo que vou descobrir.

COLIN

ANTES

A garota coloca seu prato de lado, na varanda com chão de madeira. Depois, coloca-se a meu lado, e ambos fixamos o olhar por sobre as grades de madeira, espreitando a densa floresta, quando surge uma mulher. Uma mulher de seus 50 e poucos anos com cabelos pretos e curtos, de jeans e camisa de flanela, botas de escalada robustas. Ela acena para nós, como se nos conhecesse, e um pensamento novo cruza minha mente: é uma armadilha.

– Ah, graças aos céus – diz a mulher quando se intromete em nossa propriedade.

É uma invasão. Este é o nosso espaço. Ninguém deveria estar aqui. Sinto-me sufocado, estrangulado. Ela tem um cantil em uma das mãos. Parece ter caminhado mais de 150 quilômetros.

– Podemos ajudá-la? – As palavras surgem em minha boca antes de eu poder imaginar o que está acontecendo ou o que farei. Meu primeiro pensamento: pegar a arma e atirar nela. Jogar seu corpo no lago e fugir. Não estou mais com a arma; não sei onde a garota a mantém. Mas podia amarrá-la enquanto

reviro a cabana atrás do esconderijo. Sob o colchão, no quarto ou em alguma cavidade das paredes de troncos.

– Estou com um pneu furado. A mais ou menos um quilômetro estrada abaixo – diz ela. – Vocês são a primeira cabana que não está deserta. Estou andando... – Diz ela, e então para, retomando o fôlego. – Posso me sentar? – Pergunta, e, quando a garota assente, concordando, ela se larga no degrau inferior e toma um gole do cantil, como alguém que ficou perdido no deserto por dias. Sinto minha mão alcançando a da garota e a apertando; sinto-me esmagando os ossos da mão dela, até que ela deixa um gemido escapar.

Esquecemos completamente o jantar. Mas a mulher nos lembra dele.

– Desculpem interromper – diz ela, apontando os pratos no chão. – Estava aqui pensando se não poderiam me ajudar a consertar meu pneu. Ou a ligar para alguém, talvez. Meu celular não tem sinal por aqui – diz ela, segurando-o na altura dos meus olhos e dos da garota para vermos. Ela fala de novo que sente muito em interromper. Mal sabe ela no que está se metendo. Não é apenas nosso jantar que está perturbando.

Meus olhos deslizam até Mia. Agora é a oportunidade dela, penso. Ela poderia contar à mulher. Contar como essa pessoa louca a sequestrou; como ele a mantém cativa nesta cabana. Prendo o fôlego, esperando uma sequência de coisas que começarão a dar errado. A garota contar, a senhora ser parte de um plano para me apanhar. Ela está trabalhando disfarçada, talvez. Ou trabalhando para Dalmar. Ou talvez seja só uma senhora que assiste aos noticiários e, mais cedo ou mais tarde,

vai perceber que *aquela* garota é a que ela tem visto na TV.

– Não temos celular – digo, lembrando como joguei o celular da garota em uma lata de lixo em Janesville; como cortei a linha telefônica assim que chegamos na cabana. O que eu menos preciso é tê-la ali dentro, vendo como temos vivido há semanas: como dois condenados em fuga. – Mas posso ajudá-la – digo com relutância.

– Não quero incomodar – diz a mulher; e a garota, ao mesmo, tempo, fala:

– Vou ficar aqui e recolher a louça – enquanto se abaixa e pega nossos pratos.

Para o diabo que isso vai acontecer.

– É melhor você vir – digo a ela. – Podemos precisar de sua ajuda.

Mas a velha senhora diz:

– Ah, por favor. Não quero arrastar os dois para longe nesta noite. – Ela aperta a camisa de flanela em torno de si, comentando que está frio.

Mas é claro que eu não posso deixá-la sozinha, embora a mulher jure ser uma excelente assistente. Ela me implora para não arrastar minha “namorada” para fora em uma noite como essa. Está frio, diz ela. A noite vai cair logo.

Não posso deixá-la. Se eu a deixar aqui, ela pode fugir. Eu a imagino correndo pela floresta tão rápido quanto possível, um quilômetro ou mais, até que eu consiga consertar o pneu furado e voltar. Vai estar escuro, e não haverá chance de eu rastrear a floresta à noite e achá-la.

A mulher se desculpa por fazer isso, por ser tão

inconveniente. Imagino minhas mãos se fechando em torno de seu pescoço, apertando a veia jugular até deter o fluxo de oxigênio até o cérebro. Talvez seja isso o que eu devesse fazer.

– Só vou lavar a louça – rebate a garota, calma –, para não termos de nos preocupar com isso mais tarde. – E ela me lança um olhar cúmplice, como se tivéssemos planos íntimos para mais tarde.

– Acho que você deveria vir – digo com gentileza, colocando uma das mãos em seu braço, como se não pudesse aguentar a ideia de nos separarmos.

– Um final de semana romântico? – Pergunta a mulher.

– Sim, algo assim – digo, e então me viro para a garota e sussurro bruscamente: – você vem – eu me inclino para ela e acrescento –, ou aquela senhora não vai sair daqui viva. – Ela fica mortalmente imóvel por uma fração de segundo. Depois coloca os pratos no chão. Andamos até a caminhonete e subimos nela, a mulher e eu no assento da frente, a garota apertada atrás. Escondo vestígios de corda e de fita adesiva do banco do passageiro, esperando que a mulher não os veja. Enfio tudo no porta-luvas e bato a porta, depois me viro para ela e abro um sorriso.

– Para onde?

Na caminhonete, a mulher nos conta que é do sul de Illinois. Que ela e algumas amigas ficaram em uma cabana e foram praticar canoagem em Boundary Waters.

Ela tira uma câmera da bolsa e nos mostra imagens digitais das quatro velhas senhoras: na canoa, com chapéus de sol, bebendo vinho em volta de uma fogueira. Isso me faz sentir

melhor: não é uma armadilha, penso eu. Aqui está a prova, as fotos. Ela estava praticando canoagem com as amigas em Boundary Waters.

Mas ela nos conta – como se eu me importasse – que decidiu ficar um pouco mais. Ela é recém-divorciada, sem pressa de voltar para um lar desfeito. *Uma recém-divorciada*, penso. Ninguém em casa esperando seu retorno. Haveria tempo até que fosse declarada desaparecida – dias, se não mais. Tempo suficiente para eu fugir e estar longe o bastante quando alguém deparasse com seu corpo.

– E então, lá estava eu – diz ela –, voltando à civilização, quando meu pneu furou. Devo ter batido em uma pedra – diz ela –, ou em um prego.

A garota responde em um tom inexpressivo:

– Deve ter sido isso.

Não consigo escutar com atenção. Paramos ao lado de um carro compacto. Mas, antes de descermos, meus olhos rastreiam a floresta densa que nos cerca. Olho através da profusão de árvores, buscando policiais, binóculos e rifles. Confiro para ter certeza de que o pneu está mesmo furado. Está. Se fosse uma emboscada, ninguém tomaria medidas tão elaboradas para me pegar. Agora, enquanto desço da caminhonete e me aproximo do carro abandonado, já estaria de bruços no chão, e haveria alguém em cima de mim com um par de algemas.

Vejo a mulher me observando enquanto pego algumas ferramentas do bagageiro da caminhonete. Tiro a calota e solto os parafusos, depois levanto o carro e troco os pneus. As moças conversam, sobre canoagem e as florestas do norte de

Minnesota. Sobre vinho tinto e um alce, que a senhora viu em sua viagem, um macho com chifres enormes passando pelas árvores. Tenho a impressão de que está tentando ligar os pontos, tentando lembrar se nos viu ou não na TV. Mas lembro a mim mesmo de que ela esteve no meio do nada com as amigas. Estava praticando canoagem, sentada em volta de uma fogueira, bebendo vinho. Não estava assistindo à TV.

Enfio uma lanterna nas mãos da garota e lhe digo para segurá-la.

Está ficando tarde agora, e não há iluminação urbana no entorno. Meus olhos a ameaçam quando encontram os dela, relembrando-lhe que evite palavras como “arma”, “sequestro” e “ajuda”. eu mataria as duas. Sei disso. Imagino se ela também sabe.

Quando a mulher pergunta sobre nossa viagem, vejo a garota congelar.

– Quanto tempo vão ficar? – Pergunta a mulher.

Quando a garota hesita em responder, falo em seu lugar:

– Só mais uma semana.

– De onde vocês são? – Pergunta.

– Green Bay – digo.

– É mesmo? – Pergunta. – Vi a placa de Illinois e pensei...

– Só não tive a oportunidade de trocá-la ainda – respondo, me amaldiçoando pelo erro.

– Vocês são de Illinois – ela pergunta –, originalmente?

– Sim – digo. Mas não conto de onde.

– Tenho uma prima em Green Bay. Ao lado, na verdade. Em Suamico. – Nunca ouvi falar desse maldito lugar. Ainda assim,

ela continua a falar. Que a prima é diretora de uma das escolas da cidade. Que ela tem cabelos opacos e curtos, como os cabelos de uma velha senhora. Ela ri quando nossa conversa acaba. Uma risada nervosa. Então procura algo mais para dizer. Qualquer coisa. – Vocês torcem para o Packers? – Pergunta, e eu minto, dizendo que sim.

Coloco o estepe o mais rápido possível, depois abaixo o carro e aperto os parafusos da calota. Fico parado, olhando para a mulher, imaginando se posso apenas deixá-la ir – de volta à civilização, na qual ela pode se dar conta de quem somos e chamar a polícia –, ou se preciso esmagar a cabeça dela com a chave-inglesa e deixá-la na floresta para sempre.

– Não posso lhe dizer o quanto agradeço – diz ela, e penso em minha própria mãe, deitada na floresta e abandonada para ser devorada por ursos. Aceno com a cabeça, dizendo que está tudo bem. Está escuro o suficiente para que eu mal possa vê-la, e ela mal possa me ver. Pego a chave-inglesa na mão, imaginado com que força deveria bater nela para matá-la. Quantas vezes? Imagino se ela lutaria ou se apenas cairia no chão e morreria.

– Não sei o que teria feito se não tivesse encontrado vocês.
– Ela dá um passo à frente para apertar minha mão e diz: – acho que não perguntei o nome de vocês.

Eu aperto a chave-inglesa. Sinto minha mão tremer. É muito melhor do que matá-la com as mãos nuas. Muito mais impessoal. Não vou ter que olhar em seus olhos enquanto ela luta pela vida. Um bom golpe, e tudo estará terminado.

– Owen – digo, segurando sua mão fria e cheia de veias –, e esta é Chloe. – Ela diz que se chama Beth. Não sei quanto tempo

mais vamos ficar lá, na estrada escura e silenciosa. Meu coração bate forte, e vejo um martelo na caixa de ferramentas. Talvez o martelo seja melhor.

Mas então sinto a mão da garota em meu braço.

– Devemos ir – diz ela. Eu me viro, e sei que ela vê o que estou pensando; vê a maneira como aperto aquela chave-inglesa na mão, pronto para atacar. – Vamos – diz ela novamente, as unhas se enterrando em minha carne.

Largo a chave-inglesa na caixa de ferramentas e a coloco no bagageiro da caminhonete. Observo a mulher entrar no carro e partir lentamente, as lanternas passeando pela mata fechada.

Estou sem ar, e minhas mãos, suadas quando abro a caminhonete e entro, tentando recobrar o fôlego.

EVE

DEPOIS

Estamos sentados na sala de espera, James, Mia e eu. Mia entre nós como o recheio de um sanduíche, como o creme que fica no meio de um biscoito de chocolate. Fico em silêncio, as pernas cruzadas e as mãos juntas no colo. Encaro um quadro na parede oposta – um dos muitos Norman Rockwell da sala –, de um velho colocando um estetoscópio na boneca de uma garotinha. James está sentado com as pernas cruzadas também, o tornozelo encostado no joelho, virando as páginas da revista *Parents*. Sua respiração é ruidosa e impaciente; peço a ele para, por favor, parar com isso. Estamos esperando há mais de 30 minutos para ver a médica, a esposa de um amigo juiz de James. Eu me pergunto se Mia não acha estranho que cada capa de revista da sala esteja entupida de bebês.

As pessoas a medem da cabeça aos pés. Há sussurros, e ouvimos o nome de Mia escapar, abafado, da boca de estranhos. Dou tapinhas na mão dela e lhe digo para não se preocupar; é só ignorá-los, falo, mas é difícil para qualquer um de nós fazer isso. James pergunta na recepção se eles podem acelerar as coisas, e uma ruiva baixinha desaparece para ver por que está

demorando tanto.

Não dissemos a Mia o motivo real pelo qual ela está aqui hoje. Não discutimos minhas suspeitas. Dissemos a ela que estávamos preocupados porque ela não tem passado bem ultimamente, e James sugeriu uma médica, cujo sobrenome russo é quase impossível de pronunciar.

Mia nos contou que ela tem o próprio médico na cidade; que o tem visitado por seis anos, mas James balançou a cabeça e disse que não: a doutora Wakhrukov é a melhor. Nunca ocorreu a Mia que a mulher fosse uma obstetra.

A enfermeira chama o nome dela, embora, é claro, ela diga “Mia”, e é necessário uma cotovelada de James para chamar sua atenção. Ela coloca a revista na cadeira, e eu a fito com olhos indulgentes, perguntando-lhe se ela quer que eu lhe faça companhia.

– Se você quiser – diz ela, e aguardo a desaprovação de James, mas ele fica em silêncio.

A enfermeira encara Mia de um modo estranho enquanto a pesa e mede sua altura. Ela olha a pobre Mia como se fosse alguma espécie de celebridade em vez de vítima de um crime horrível.

– Vi você na TV – diz a enfermeira. As palavras saem brandamente, como se ela não tivesse certeza de tê-las dito em voz alta ou de ter conseguido guardá-las na cabeça. – Li sobre você no jornal.

Nem Mia nem eu temos muita certeza do que dizer. Mia viu a coleção de artigos de jornal. Eu juntei todos durante o tempo em que ela esteve longe. Tentei esconder os recortes em algum

lugar, mas ela os achou quando procurava uma agulha para reparar um botão que havia caído da blusa, e foi procurar na gaveta da minha cômoda. Não queria que Mia visse os artigos por medo do que pudessem lhe causar. Mas ela os viu, lendo cada um até que eu a interrompesse; lendo sobre o próprio desaparecimento, sobre como a polícia tinha um suspeito, e sobre como, com o passar do tempo, temia-se que ela pudesse estar morta.

A enfermeira a envia ao banheiro para urinar em um copo. Momentos depois, eu a encontro na sala de exames, onde a enfermeira mede a pressão e a pulsação de Mia, e então lhe pede que tire a roupa e coloque um avental. Ela avisa que a doutora Wakhrukov estará conosco em poucos minutos, e, quando Mia começa a se despir, eu me viro de costas.

A doutora Wakhrukov é uma mulher sóbria e moderada que deve estar chegando aos 60. Ela entra na sala abruptamente e pergunta a Mia quando ela ficou menstruada pela última vez.

Mia deve ter achado a pergunta terrivelmente estranha.

– Eu... eu não tenho ideia – diz ela, e a médica concorda, lembrando-se somente naquele momento, talvez, da amnesia de Mia.

Ela diz que vai fazer um ultrassom transvaginal e cobre o aparelho com um preservativo e o lambuza com um tipo de gel. Ela pede que Mia apoie os pés nos estribos e, sem nenhuma explicação, coloca o aparelho dentro de Mia, que choraminga e implora para saber o que é que a médica está fazendo, imaginando o que isso tem a ver com sua fadiga esmagadora, com a apatia que torna quase impossível acordar de manhã.

Permaneço em silêncio. Desejo estar na sala de espera, ao lado de James, mas recordo a mim mesma que Mia precisa de mim aqui e deixo meus olhos vagarem pela sala – qualquer coisa para evitar o exame intrusivo da médica, e a confusão e o desconforto óbvios de Mia. Devia ter contado a Mia sobre as minhas suspeitas. Devia ter explicado que a fadiga e o enjoo matinal não são sintomas de uma crise aguda de estresse. Mas talvez ela não tivesse acreditado em mim.

A sala de exames, percebo, é tão estéril quanto a médica. Está frio o suficiente aqui para matar qualquer germe. Talvez seja essa a intenção. A pele nua de Mia está toda arrepiada. Tenho certeza de que o fato de ela estar completamente nua, à exceção de um robe de papel, não ajuda em nada. Luzes fluorescentes se alinham no teto, revelando cada fio de cabelo grisalho na cabeça da médica. Ela não sorri. Parece russa: malares altos, nariz fino.

Mas, quando ela fala, não parece russa.

– Confirmando a gravidez – constata a médica, como se fosse senso comum, algo que Mia já devesse saber. Minhas pernas ficam anestesiadas, e eu me afundo em uma cadeira, que está lá para homens eufóricos que logo serão pais.

Não, eu penso. Esta cadeira não é para mim.

– Os bebês desenvolvem o batimento cardíaco vinte e dois dias após a concepção. Não é sempre que se pode vê-lo tão precocemente, mas há um aqui. É pequenino, dificilmente perceptível. Vê? – pergunta, enquanto vira o monitor para Mia.

– Aquele pequeno movimento trêmulo? – indaga, apontando o dedo para uma mancha escura que está praticamente imóvel.

– O quê? – pergunta Mia.

– Aqui, deixe-me ver se consigo uma vista melhor – diz a médica, e faz pressão com o aparelho, que penetra mais fundo na vagina de Mia. Ela se contorce, aparentemente com dor e desconforto, e a médica lhe pede que se mantenha imóvel.

Mas a pergunta de Mia tem a ver com outra coisa, não com o que a médica interpretou. Ela não está com problemas para conseguir ver o lugar para onde o dedo dela aponta. Observo Mia pousar a mão no abdômen.

– Não pode ser.

– Aqui – diz a médica quando tira o dispositivo e entrega a Mia um pequeno pedaço de papel, uma profusão de manchas pretas, brancas e cinza, como se fosse uma adorável arte abstrata. É uma fotografia, como a de Mia muito antes de se tornar uma criança. Aperto minha bolsa com mãos trêmulas, revirando suas entranhas atrás de um lenço.

– O que é isto? – Pergunta Mia.

– É o bebê. Uma impressão do ultrassom. – Ela diz para Mia se sentar e tira da mão uma luva de látex, que joga na lata do lixo. As palavras dela são sem vida, como se tivesse dado essa explicação mil vezes: Mia deve voltar a cada quatro semanas até que chegue a 32 semanas; então, a cada duas semanas e, pouco depois, a cada semana. Há testes que precisam ser feitos: exames de sangue, e uma amniocentese, se ela achar necessário, além de um teste para intolerância à glicose e outro para estreptococos do grupo B.

Com 20 semanas, a doutora Wakhrukov diz a Mia, ela pode ver o sexo do bebê, se estiver interessada.

– Acha que vai querer?

– Não sei – é tudo o que Mia consegue dizer.

A médica pergunta se Mia tem alguma dúvida. Ela só tem uma, mas mal pode falar. Ela tenta, e então, pigarreando, tenta novamente. É uma voz cheia de medo e fraca, pouco mais que um sussurro:

– Estou grávida? – pergunta.

Esse é o sonho de toda garotinha. Elas começam a pensar nisso quando são jovens demais para saber de onde vêm os bebês. Carregam suas bonecas-bebês para todo lado, cuidando delas e sonhando com nomes. Quando Mia era uma garotinha, eram sempre nomes ostensivamente floreados, que fluíam da ponta de sua língua: Isabella, Samantha e Savannah. Depois houve uma fase em que ela pensou que tudo deveria terminar em i: Jenni, Dani e Lori. Nunca passou por sua cabeça que pudesse ter um menino.

– Está. De aproximadamente cinco semanas.

Não era para ser assim.

Ela passa a mão pelo útero e procura sentir algo: um pulsar ou um pequeno chute. É claro que era cedo demais e, ainda assim, ela esperava sentir o fluxo de movimentos dentro de si. Mas ela não sente nada. Posso ver em seus olhos, quando ela se vira e me encontra às lágrimas. Ela se sente vazia. Sente-se oca por dentro.

– Não pode ser – confia ela. – Não posso estar grávida.

A doutora Wakhrukov puxa um banquinho giratório e se senta. Desenrola a camisola sobre as pernas de Mia e pergunta, a voz mais branda agora:

– Você não se lembra de isso ter acontecido?

Mia sacode a cabeça.

– Jason – diz ela. Mas está balançando a cabeça em uma negativa de novo. – Faz meses desde que estive com Jason. – Ela conta nos dedos. Setembro. Outubro. Novembro. Dezembro. Janeiro. – Cinco meses – conclui ela. A matemática simplesmente não bate.

Mas é claro que sei que Jason não é o pai daquela criança.

– Você tem tempo para decidir o que gostaria de fazer. Há opções. – A médica faz surgir panfletos diante de Mia: adoção e aborto, e as palavras a atingem tão vigorosamente que ela não consegue mais acompanhar a médica.

A doutora manda buscar James, dando a Mia alguns minutos para se vestir antes de a enfermeira trazê-lo para dentro. Enquanto esperamos, pergunto a Mia se posso ver o ultrassom.

Ela me entrega a imagem, sua voz apática repetindo... “não pode ser”. então, pegando aquela fotografia nas mãos e olhando meu neto, minha própria carne e sangue, começo a chorar. Quando James entra na sala, o choro virou um lamento. Tento segurar as lágrimas, mas simplesmente não consigo. Arranco toalhas de papel de um suporte na parede e enxugo os olhos. É bem nesse momento que a doutora Wakhrukov volta, e não posso mais me conter:

– Ele a estuprou. Aquele bastardo estuprou você – lamento.

Ainda assim, Mia não sente nada.

COLIN

ANTES

O inverno chegou. Nevava quando acordamos, e a temperatura na cabana tinha caído para o que pareciam seis graus negativos.

Não há água quente. Ela coloca todas as roupas que consegue encontrar. Coloca duas ceroulas e aquele suéter castanho horroroso. Coloca um par de meias, reclamando que odeia usar meias, mas que sem elas seus pés iam congelar. Diz que sempre odiou meias, mesmo quando era bebê. Ela as arrancava dos pés e as jogava no chão, ao lado do berço.

Não tinha admitido sentir frio antes, mas está frio demais. Acendi a lareira no momento em que acordei. Já tomei três xícaras de café. Estou sentado com um velho mapa rasgado do país, aberto em cima da mesa. Eu o encontrei no porta-luvas, junto com uma caneta nova, porém ressecada, e estou circulando as melhores rotas para nos tirar daqui. Estou com a cabeça no deserto, algum lugar entre las Vegas e Baker, Califórnia. Algum lugar quente. Imagino como poderia fazer um desvio em Gary, indiana, primeiro, sem nenhuma patrulha rodoviária avistar a caminhonete. Percebo que vamos ter de largar a caminhonete e roubar uma nova, de alguma maneira, torcendo para que o roubo

não seja reportado. É isso ou subir em um trem de carga.

Considerando que as pessoas estão nos procurando, pode haver bloqueios nas estradas por nossa causa, em particular no entorno de Gary, só por precaução, no caso de eu ter coragem de voltar para casa. Talvez a polícia a esteja usando como isca. Talvez eles tenham uma equipe de vigilância a postos, em volta da velha casa em Gary, esperando eu ligar ou tomar alguma atitude estúpida.

Droga.

– Vai para algum lugar? – Pergunta a garota, olhando para o mapa enquanto eu o dobro e o coloco de lado.

Não respondo à sua pergunta.

– Quer café? – Pergunto, em vez disso, sabendo que não podemos ficar no deserto muito tempo. Esconder-se no deserto anula qualquer chance de uma vida normal. Seria só sobrevivência. Não podemos ir para o deserto, decido naquele momento. A única chance que temos é algum lugar fora do país. Não temos dinheiro suficiente para um voo, então, no meu ponto de vista, há duas escolhas: para cima ou para baixo. Norte ou sul. Canadá ou México.

Mas é claro que, para sair do país, precisamos de passaportes.

E é então que o que tenho de fazer me ocorre.

Ela diz que não com a cabeça.

– Você não bebe café?

– Não.

– Não gosta de café?

– Não bebo cafeína.

Ela me conta que realmente bebeu cafeína por muito tempo, mas que o café a deixava agitada e trêmula. Ela não conseguia ficar quieta. Na hora em que o pico de cafeína declinava, no entanto, a agitação era substituída por uma fadiga extrema. Então ela tomava outra xícara de café. Um círculo vicioso.

– E, quando eu tentava evitar a cafeína – diz ela –, tinha dores de cabeça debilitantes que só passavam ingerindo cafeína.

Mas eu a sirvo com uma xícara mesmo assim. Ela pega a caneca quente com as mãos e comprime o rosto nela. O vapor sobe para encontrá-la. Ela sabe que não deveria, mas o faz mesmo assim. Leva a caneca aos lábios e a mantém lá. Toma um gole, que queima cada trecho de seu esôfago ao descer. Engasga.

– Cuidado – digo, tarde demais. – Está quente.

Não há uma maldita coisa para fazer, além de sentar e olhar um para o outro. Então, quando ela diz que quer me desenhar, eu respondo que tudo bem. Não há nada mais para fazer.

Não quero me sentar ereto. No começo não foi nada de mais, mas agora ela quer que eu “fique quieto, sente reto e sorria”.

– Esqueça – digo. – Para mim, acabou. – Prefiro ir para o inferno a ficar aqui sentado e sorrindo para ela pela próxima meia hora.

– Tudo bem – concorda ela –, não sorria. Também não precisa olhar para mim. Só sente direito.

Ela me coloca ao lado da lareira. Coloca suas mãos gélidas no meu peito. Ela me abaixa no lugar, até o chão. Minhas costas por pouco não tocam o fogo. A chama quase abre um buraco na minha camisa, e eu começo a suar.

Penso na última vez que ela me tocou. O desespero de suas

mãos quando ela tentou me despir.

A sala está imersa em sombras, as toras escuras de pinheiro das paredes e do teto bloqueando a luminosidade. Conto as toras da parede – há 15, empilhadas até o teto. Não há sol para passar através das pequenas janelas.

Olho para ela. Ela não é ruim de se olhar mesmo.

Estava bonita naquela primeira noite, no meu apartamento. Ela me olhou com esses confiantes olhos azuis, sem pensar por um minuto sequer que eu planejava fazer isso.

Ela se senta no chão e se encosta no sofá. Puxa as pernas para si e pousa o caderno nos joelhos. Pega um lápis e o aponta. Inclina a cabeça, e seu cabelo tomba para um lado, despenteado. Os olhos traçam o formato do meu rosto, a curva do meu nariz.

Não sei por que, mas sinto vontade de socar o cara que estava com ela antes de mim.

– Eu o paguei – confesso. – Seu namorado. Eu lhe dei 100 pratas para ficar ocupado naquela noite.

Ele não perguntou o motivo, e eu não disse. O covarde só pegou o dinheiro da minha mão e sumiu de vista. Não conto a ela que o confrontei no banheiro com minha arma.

Cem pratas podem comprar muita coisa atualmente.

- Ele tinha de trabalhar – diz ela.
- Foi o que ele disse para você.
- Jason trabalha até tarde o tempo todo.
- Foi o que ele disse.
- É a verdade.
- Às vezes, pode ser que sim.
- Ele é muito bem-sucedido.

- Em mentiras.
- Então você o pagou. E daí? – explode ela.
- Por que você viria para casa comigo? – Pergunto.
- O quê?

– Por que você foi para casa comigo naquela noite? – Ela engole em seco e não responde. Finge estar concentrada no trabalho, a fúria voltada aos traços que desenha como maníaca pela página. – Não sabia que era uma pergunta tão difícil – digo.

Ela olha para cima. Uma veia salta sob a pele de sua testa. Sua pele fica úmida, e as mãos tremem. Ela está furiosa.

- Eu estava bêbada.
- Bêbada.
- Sim. Estava bêbada.

– Porque essa é a única razão que justificaria alguém como você ir para casa com alguém como eu, certo?

– Porque é a única razão que justificaria *eu* ir para casa com *você*. ela me observa, e imagino o que vê. O que ela acredita ver. Pensa que sou imune à sua indiferença, mas está errada.

Tiro minha camisa e a jogo no chão, ao lado das minhas botas espalhafatosas. Estou de camiseta e jeans, sem os quais ela provavelmente não me viu. Ela rabisca meu rosto na página, linhas delirantes e sombras que descrevem o demônio que ela vê diante da lareira.

Ela tomou alguns drinques naquela noite, mas estava lúcida o suficiente para saber o que fazia ao aceitar minhas mãos nela. É claro que aquilo foi muito antes de ela saber quem eu realmente era.

Não sei por quanto tempo ficamos em silêncio. Escuto sua

respiração, o som do grafite atingindo a superfície do papel. Quase posso ouvir seus pensamentos. A hostilidade e a raiva.

– É como fumar cigarros ou usar maconha – digo finalmente.

As palavras a enfeitiçam, e ela tenta recuperar o fôlego.

– O quê? – Ela não para de desenhar. Parece até que nem está ouvindo. Mas está.

– Minha vida. O que eu faço. Você sabe que é ruim para você na primeira vez que experimenta. Cigarro. Maconha. Mas se convence de que está tudo bem, que dá para lidar com aquilo. Um dia, apenas isso, só para ver como é. E então, de repente, você é tragado; não dá para sair, nem se quiser. Não foi porque eu precisava do dinheiro desesperadamente, embora precisasse dele, claro. Mas foi mais porque, se eu tentasse sair, seria morto. Alguém me pegaria, e eu acabaria na cadeia. Nunca houve a opção de dizer não.

Ela para de desenhar. Imagino o que vai dizer. Algum comentário irônico, tenho certeza. Mas não. Ela não fala nada. A veia em sua testa desaparece, suas mãos ficam firmes. O olhar se ameniza. Ela olha para mim e concorda.

EVE

DEPOIS

Observo do vestibulo quando James entra com grande espalhafato no quarto de Mia. O som de seus passos do lado de fora da porta, altos e firmes, aproximando-se rapidamente, a acorda. Ela dá um salto na cama e se senta, o olhar amedrontado, o coração praticamente explodindo no peito, como acontece quando alguém está assustado. Leva um segundo para reconhecer onde está: reminiscências de suas roupas do ensino médio que ainda estão no armário, o tapete de juta, um pôster de Leonardo diCaprio que ela pendurou aos 14 anos. E então tudo se assenta. Ela se lembra de onde está. Ela está em casa. Em segurança. Deixa a cabeça pender nas mãos e começa a chorar.

– Você precisa se vestir – diz James. – Vamos ver a terapeuta.

Entro no quarto assim que ele sai e ajudo Mia a escolher uma roupa no armário. Tento acalmar seus temores, relembrar a ela que aqui, em nossa casa, ela está em perfeita segurança.

– Ninguém pode machucar você – prometo, mas nem mesmo eu tenho certeza.

Mia come no carro, somente uma torrada seca que trouxe

comigo para o percurso. Ela não quer nada daquilo, mas, do banco do passageiro, eu me viro e lhe digo a cada poucos minutos:

– Outra mordida, Mia – como se ela tivesse 4 anos novamente. – Só mais uma.

Agradeço à doutora Rhodes por nos encaixar de manhã tão cedo. James encosta a porta, para falar com ela em particular, enquanto eu ajudo Mia a tirar o casaco, e então eu vejo Mia e a doutora Rhodes desaparecerem atrás da porta fechada.

A doutora Rhodes vai falar com Mia sobre o bebê nesta manhã. Mia está em negação sobre o feto que cresce em seu útero, e imagino que eu esteja também. Ela mal pode dizer a palavra. Bebê. fica perdida em sua garganta e, cada vez que James ou eu tentamos abordar o assunto, ela jura que não pode ser real.

Pensamos que poderia ser útil para Mia falar com a doutora Rhodes, não só como profissional, mas como uma terceira pessoa, alguém imparcial. Nesta manhã, a doutora Rhodes vai discutir com Mia as opções, e já posso imaginar a resposta de Mia. *Minhas opções sobre o quê?*, ela vai perguntar, e a doutora Rhodes vai novamente ter que lembrá-la do bebê.

– Deixe-me esclarecer isso, Eve – James diz para mim logo que Mia e a terapeuta saem da sala de espera. – A última coisa de que precisamos é Mia carregando por aí o filho ilegítimo *daquele homem*. ela vai abortar, e vai ser logo. – Ele espera, pensando na logística do processo. – Vamos dizer que o bebê não sobreviveu, quando as pessoas perguntarem. O estresse da *situação* – diz ele. – O bebê não sobreviveu.

Não comento nada. Não consigo. Observo James com uma moção em seu colo. Seus olhos percorrem a moção com mais consideração que ele dá à nossa filha e o filho dela.

Tento me convencer de que o coração dele está no lugar certo. Mas duvido que esteja.

Não foi sempre dessa maneira. James não era sempre desinteressado assim quando o assunto era sua vida familiar. Nas tardes silenciosas, quando James está no trabalho e Mia dormindo, eu me pego desencavando memórias afetivas de James e das meninas: fotos antigas dele segurando Grace ou Mia, ainda bebês, em suas mantinhas.

Assisto a vídeos caseiros de James com as meninas quando eram bebês. Eu o ouço – um James diferente – cantando músicas de ninar para as filhas. Relembro os primeiros dias da escola e as festas de aniversário, dias especiais que James escolheu não perder. Desenterro fotografias de James ensinando Mia e Grace a andarem de bicicleta sem rodinhas, de todos nadando juntos em uma adorável piscina de hotel ou vendo os peixes no aquário pela primeira vez.

James vem de uma família muito rica. Seu pai é advogado, assim como seu avô e talvez o bisavô; honestamente, não sei. Seu irmão Marty é deputado, e Brian é um dos melhores anestesistas da cidade. As filhas de Marty, Jennifer e Elizabeth, são advogadas, corporativa e de propriedade intelectual, respectivamente. Brian foi agraciado com três filhos, um advogado corporativo, um dentista e um neurologista.

Essa é a imagem à qual James se apegava. Embora não ouse dizer as palavras em voz alta, sempre competiu com os irmãos:

quem é o mais influente, o mais poderoso, o Dennett mais proeminente da Terra.

Para James, o segundo lugar nunca foi uma opção.

Durante as tardes, desço ao porão e busco nas velhas caixas de sapatos fotografias para provar a mim mesma que foi tudo real, que aqueles momentos brilhantes de amor paternal existiram. Não esperava por aquilo. Acho um desenho que Mia fez aos cinco anos com um traço deselegante, a letra infantil enfeitando a ilustração: AMO VOCÊ, PAPAI. Há uma figura alta e outra baixa, e parece que as mãos sem dedos estão unidas. Os rostos são enfeitados com sorrisos enormes, e em todo o contorno do papel ela colou adesivos, quase três dúzias de adesivos vermelhos e rosa, em formato de coração. Eu o mostrei a ele em uma noite, depois que chegou do trabalho. Ele fixou o olhar no papel por não sei quanto tempo, um minuto ou talvez mais, e então o levou para o escritório e o prendeu, com um ímã, em seu arquivo de metal.

– É para o bem de Mia – diz ele, quebrando o silêncio ensurdecedor. – Ela precisa de tempo para se curar.

Mas eu me pergunto se esse é realmente o caso.

Quero dizer a ele que há outras maneiras. Adoção, por exemplo. Mia poderia doar a criança para uma família que não pode ter os próprios filhos. Ela poderia fazer uma família desafortunada muito feliz. Mas James nunca veria aquilo assim. Sempre haveria um porém: e se a adoção falhasse, e se os pais adotivos escolhessem não ficar com a criança, e se o bebê nascesse com um defeito de nascença, ou ainda, e se quando o bebê virasse um jovem adulto procurasse por Mia, arruinando

sua vida novamente?

Aborto, por outro lado, é rápido e fácil. Foi o que James disse. Não importa a culpa que vai assombrar Mia pelo resto da vida.

Quando a doutora Rhodes termina a sessão, ela entra na sala de espera e, antes de sairmos, coloca a mão no braço de Mia e diz que não é preciso decidir hoje, que ela tem bastante tempo.

Mas eu vejo nos olhos de James que ele já tomou sua decisão.

COLIN

ANTES

Não consigo dormir, e não é a primeira vez. Tentei contar carneirinhos, porcos, qualquer coisa, e agora ando pela sala. Toda noite é difícil. Toda noite penso nela. Mas nessa noite é pior, porque a data no meu relógio me faz lembrar que é seu aniversário. E estou pensando nela sozinha lá em casa.

Está tudo escuro, quando de repente meus pés não são os únicos na sala.

– Você quase me matou de susto – digo. Mal consigo ver o perfil dela.

– Desculpe – mente ela. – O que está fazendo? – Pergunta.

Minha mãe sempre se incomodou com meus passos pesados. Ela dizia que eu poderia acordar os mortos.

Não acendemos a luz. No escuro, trombamos um com o outro. Nenhum de nós pede desculpa. Nós nos afastamos e continuamos cada um em sua direção.

– Não consigo dormir – digo. – Tentando limpar a mente.

– Do quê? – Ela pergunta, e no começo fico em silêncio. No começo, não quero contar a ela. Ela não precisa saber.

Daí resolvo contar. Está escuro o suficiente na sala para

fingir que ela não está lá. Mas não é só isso. Não é por causa disso. É algo no jeito com que ela diz “deixa pra lá”, e seus passos, que começam a sair da sala, que me fazem querer contar para ela, me fazem querer que ela fique.

Conto que meu pai saiu de casa quando eu era um menino, mas não importava, de qualquer maneira. Não que ele estivesse mesmo lá. Ele bebia. Frequentava bares e jogava. O dinheiro vivia faltando, com ele desperdiçando tudo. Conto que ele era mulherengo e trapaceiro. Conto que aprendi sobre a vida da maneira mais difícil: passando fome e frio, já que nem sempre tinha comida na mesa ou água quente no banho. Eu tinha 3, talvez 4 anos.

Conto a ela como meu pai era genioso e que eu morria de medo dele quando era garoto. Comigo ele gritava muito, mas não fazia muito mais que isso. Mas batia em minha mãe.

Ele trabalhava, às vezes, mas geralmente fazia bicos. estava sempre sendo demitido por não aparecer no trabalho. Por aparecer bêbado. Por xingar o chefe.

Já minha mãe trabalhava o tempo todo. Nunca estava em casa porque precisava trabalhar 12 horas na padaria do armazém, levantando às 5h da manhã, e depois à noite como garçoneiro, em um lugar em que os homens davam em cima dela, tocavam-na e a chamavam de nomes como “docinho” e “boneca”. Meu pai a chamava de vagabunda. Era o que ele dizia: “sua vagabunda imprestável”.

Digo a ela que minha mãe comprava minhas roupas em brechós, que andávamos de carro pela cidade, no dia do lixo, enchendo o veículo com qualquer coisa que pudéssemos achar.

Fomos despejados mais de uma vez. Dormíamos no carro. Costumávamos ir até o posto de gasolina antes da escola para que eu pudesse entrar de fininho no banheiro e escovar meus dentes. Com o tempo, os atendentes perceberam. Disseram que iam chamar a polícia.

Conto a ela sobre o armazém. Minha mãe tinha 20 pratas, e tínhamos enchido uma cesta com coisas de que precisávamos: leite e bananas, uma caixa de cereal. Na caixa registradora, sempre dava mais de vinte pratas, embora tentássemos fazer a conta mentalmente. Então, tínhamos que escolher – o cereal ou as bananas – enquanto algum arrogante na fila suspirava e nos dizia para ir mais rápido. Eu lembro que uma vez um idiota da escola estava na fila atrás de nós. Eu o ouvi falar daquilo pelas duas semanas seguintes. Em como a mãe de Thatcher não tinha dinheiro suficiente para as malditas bananas.

Fico quieto, e ela não me diz nada. Qualquer outra garota seria simpática. Diria que “sentia muito”. diria como aquilo devia ter sido “difícil”. Mas essa garota não. Não porque ela não tenha empatia, mas porque sabe que não é compaixão que eu quero ou preciso.

Nunca contei para ninguém sobre meu pai.

Jamais contei para qualquer outra pessoa sobre minha mãe. Mas agora conto para ela. Talvez seja o tédio, não sei. Tem algo nessa garota que torna tudo fácil de ser dito, e me faz contar tudo a ela; me faz querer tirar isso do meu peito. E, assim, eu consiga, enfim, pegar no sono.

– Quando eu tinha 5 ou 6 anos, ela começou a tremer – digo. – Primeiro as mãos. Começou a ter problemas no trabalho.

Ela deixava as coisas caírem, as derrubava. Em um ano, já estava toda atrapalhada. Não conseguia andar direito. Mal movia os pés, não mexia os braços. As malditas pessoas a encaravam, diziam a ela para se apressar. Ela parou de sorrir e até de piscar – explico pra garota que esse é um dos sintomas da doença da minha mãe. – Ficou deprimida. Não conseguia manter nenhum emprego, porque era lenta e desastrada demais.

– Mal de Parkinson – diz a garota, e eu concordo, embora ela não possa ver, é claro. A voz dela parece soar perto o bastante para ela ser tocada, mas não posso ver a expressão em seu rosto. Não posso decifrar o grau de sensibilidade nos olhos azuis.

– Foi o que os médicos disseram.

Na época em que eu terminava o ensino fundamental, tinha de ajudar minha mãe a se vestir, sempre moletons, porque ela não podia lidar com um zíper. No ensino médio, tinha de ajudá-la a usar o banheiro. Ela não podia cortar as unhas dos pés. Não podia escrever seu nome. Tomava remédios para tentar conter os sintomas, mas todos tinham efeitos colaterais. Náusea. Insônia. Pesadelos. Então ela parou.

Conto à garota que comecei a trabalhar com 14 anos. Ganhei todo o dinheiro que pude. Meu pai já tinha ido embora nessa época. Tão logo ela adoeceu, ele partiu. Eu fiz 18 anos, larguei a escola e saí de casa. Pensei que poderia ganhar mais dinheiro na cidade. Mandava tudo o que ganhava para ela, para pagar as despesas médicas e ter comida na mesa. Dessa maneira, ela não teria que pedir na rua. Mas nunca havia dinheiro suficiente. E então, um dia, eu estava lavando pratos em um restaurante.

Perguntei se podia fazer umas horas extras. Conteí que estava precisando de dinheiro. Meu chefe me disse: “e não estamos todos?”. o negócio estava devagar, mas ele conhecia um lugar onde eu poderia pegar um empréstimo. O resto você já sabe.

GABE

ANTES

Rastreio um parente próximo em Gary: Kathryn Thatcher, a mãe de Colin Thatcher. Tínhamos encontrado um celular escondido em uma gaveta da cozinha de Thatcher – em nome de um tal Steve Moss, mais conhecido como Colin Thatcher – e pedido os registros telefônicos. Havia muitas ligações, quase diárias, para uma mulher de meia-idade que morava em Gary, Indiana. Também me chamou a atenção as três chamadas para um celular pré-pago na noite em que Mia havia desaparecido, bem como aproximadamente dez ligações perdidas do mesmo número nas primeiras horas da manhã seguinte. Peço que o pessoal do departamento de Tecnologia vasculhe a caixa postal e, quando eles conseguem, nos agrupamos para ouvir as mensagens. Há um cara querendo saber onde diabos a garota está, a filha do juiz, e por que Thatcher não tinha feito a entrega. Não parece nada feliz. Na verdade, ele parece muito, muito descontente. Está furioso.

É nesse momento que eu percebo que Colin Thatcher está trabalhando para outra pessoa.

Mas quem?

Faço uma tentativa de rastrear o dono do celular pré-pago. Descubro que ele foi comprado em uma loja de conveniência no Hyde Park, mas o dono da loja, um indiano que mal fala três palavras em inglês, não tem ideia de quem o havia comprado.

Aparentemente, a pessoa pagou por ele em dinheiro. Que sorte a minha.

Decido que eu mesmo vou interrogar a mãe. O sargento quer usar sua influência para colocar alguém de Gary para fazer isso; respondo que nem pensar. Farei isso sozinho.

Em Chicago, a cidade de Gary não tem boa reputação. Costumamos pensar no lugar como a porta do inferno. A maioria da população é pobre. Há um grande número de afro-americanos, e a cidade abriga enormes siderúrgicas que estão situadas ao longo do lago Michigan, despejando fumaça tóxica no ar.

O sargento quer me acompanhar, mas eu o convenço do contrário e vou sozinho. Não queremos assustar a pobre mulher a ponto de fazê-la se calar, depois de tudo por que passamos. Cometi o erro de ter contado para a senhora Dennett que esse interrogatório estava na minha agenda daquele dia. Ela não pediu para ir, mas deu pistas de que gostaria. Coloquei a mão de maneira cautelosa em seu braço e lhe prometi que ela seria a primeira para quem eu ligaria.

Levo aproximadamente duas horas para chegar. São pouco mais de 80 quilômetros, mas a quantidade enorme de carretas pela i-90 me faz rodar a uma velocidade de 50 quilômetros por hora. Cometo o erro de comprar café em um *drive-thru*, e estou quase molhando as calças ao chegar lá. Entro em um posto de

gasolina em Gary, grato pelo arsenal que minhas roupas ocultam.

Kathryn Thatcher mora em um pálido rancho azul. É como se a casa tivesse sido teletransportada dos anos 1950. O gramado está alto, os arbustos muito crescidos. As plantas dos vasos jazem mortas.

Bato na porta de tela e espero no patamar de concreto, que precisa desesperadamente de reparo. É um dia sombrio típico do mês de novembro no Meio-oeste. Os quatro graus de temperatura dão uma sensação de frio, embora eu saiba que, em um mês ou dois, estaremos rezando por um dia com uma temperatura dessas. Como não há resposta, abro a porta de tela e bato na porta de madeira, ao lado de uma guirlanda pendurada em um prego enferrujado. A porta está aberta. Ela cede ao mínimo toque da minha mão. *Maldição*, penso. Talvez eu devesse ter trazido o sargento. Pego minha arma, entro na ponta dos pés e chamo a senhora Thatcher.

Caminho pela sala, tão antiquada que tenho que me lembrar de que não estou na casa da minha avó: um carpete felpudo, painéis de madeira nas paredes, um papel de parede que está descascando, e a mobília... tudo descombinado: couro cinza rasgado ao lado de uma tapeçaria florida. O som monótono de um cantarolar desafinado vindo da cozinha me faz relaxar. Coloco a arma de volta no coldre para não amedrontar a senhora. E então meus olhos avistam um retrato de Colin Thatcher, e alguém que presumo ser Kathryn, vestida com esmero, em um porta-retratos sobre uma TV de 27 polegadas. O aparelho está ligado e sem som, transmitindo uma novela.

– Senhora Thatcher – chamo novamente, mas não há resposta. Sigo o cantarolar até a cozinha e bato na moldura da porta, que está aberta, logo após observá-la por um momento, os dedos trêmulos, tentando por uma, duas, três vezes retirar a embalagem plástica de um prato pronto. A mulher aparenta ter idade suficiente para ser a avó de Colin Thatcher, e fico imaginando se não cometemos algum engano. Ela veste um robe e pantufas nos pés. As pernas estão nuas, e tento não imaginar que não haja nada sob o robe.

– Senhora – digo, atravessando o piso de vinil. Desta vez, quando ela se vira, quase chegando ao teto com o som da minha voz e a presença de um completo estranho em sua casa, mantenho meu distintivo bem à vista para lhe garantir que não está prestes a ser assassinada.

– Meu bom Deus – gagueja ela, levando a mão trêmula ao coração. – Colin?

– Não, senhora – digo, aproximando-me. – Se me permite – falo, aproximando-me de sua figura frágil para ajudá-la a abrir a embalagem da refeição pronta. Jogo o invólucro úmido em um cesto de lixo superlotado, ao lado da porta dos fundos. É um prato infantil para micro-ondas com *nuggets* de frango, milho e um pedaço de *brownie*.

Ofereço a mão para que a senhora Thatcher possa se manter de pé. Surpreendentemente, ela a aceita. Há pouquíssima estabilidade nela, tanto para caminhar quanto para permanecer de pé. Ela se move com passos cuidadosos, a face inexpressiva.

Caminha inclinada, trocando os pés à sua frente; tenho certeza de que a qualquer momento ela pode cair. A saliva pinga

de sua boca.

– Sou o detetive Gabe Hoffman. Sou o policial com...

– Colin? – Pergunta, novamente. Desta vez, ela está praticamente implorando.

– Senhora Thatcher – digo –, senhora, por favor, sente-se.

– Ajudo-a a chegar a um ponto próximo, no qual ela se senta. Levo a refeição até ela e pesco um garfo de uma gaveta, mas suas mãos tremem de maneira tão persistente, que ela não pode levar a comida até a boca. Ela agarra um *nugget* com a mão.

Aquela mulher parece velha o bastante para ter 70 anos, mas, se é a mãe de Colin Thatcher, é provável que tenha pouco mais de 50. Seu cabelo é grisalho, embora na foto não tão antiga da sala ele estivesse castanho-escuro. Parece ter diminuído um ou dois números de roupa, pois seu robe balança em torno dela como um saco, e o que consigo ver de seu corpo são só pele e ossos. Há uma coleção de frascos de remédio na bancada, e frutas podres em uma cesta. E, é claro, há hematomas e machucados aqui e ali na pele da senhora Thatcher, lembranças, suponho, de acidentes recentes.

Sei que há um nome para aquilo. Está na ponta da minha língua.

– A senhora tem visto Colin? – Pergunto.

Ela diz que não. Pergunto quando foi a última vez em que ela o viu. Ela não sabe.

– Com qual frequência a senhora vê Colin?

– Toda semana. Ele corta a grama.

Espio pela janela da cozinha e vejo um jardim coberto de folhas murchas.

– Ele toma conta da senhora? – Pergunto. – Corta a grama, faz as compras... – Ela concorda. Observo as frutas apodrecendo na bancada, cercadas por um enxame de moscas-das-frutas. Dou uma espiadela na geladeira e no congelador, e acho um saco de ervilhas congeladas, uma caixa de leite vencido e algumas refeições prontas.

A despensa é tão inadequada quanto os demais locais: algumas latas de sopa, que a senhora Thatcher provavelmente não é capaz de abrir sozinha, e biscoitos.

– Ele coloca o lixo para fora? – Pergunto.

– Sim.

– Faz quanto tempo que ele ajuda a senhora? Um ano? Dois?

– Ele era uma criança. Quando eu fiquei doente. O pai dele...

– A voz dela se perde.

– Partiu – completo a frase.

Ela concorda com a cabeça.

– E agora Colin... vive com a senhora?

Ela balança a cabeça em uma negativa.

– Ele vem. Para visitar.

– Mas não esta semana?

– Não.

– Nem na última?

Ela não sabe. Há poucos pratos na pia, mas o lixo está lotado de pratos descartáveis. Ele deve tê-la ensinado a usar descartáveis – mais fáceis de serem recolhidos por ela após comer –, e ele mesmo tira o lixo toda semana, quando vem visitá-la.

– Mas ele faz as compras, a limpeza e...

– Tudo.

– Ele faz tudo. Mas não tem vindo faz um tempo, não é, senhora Thatcher?

Um calendário na parede indica o mês de setembro. O leite na geladeira venceu no dia sete de outubro.

– Eu poderia tirar o lixo para a senhora? – Pergunto. – Vejo que ele está cheio.

– Tudo bem – responde ela.

É muito difícil ficar observando os tremores. Sinto-me desconfortável, para ser honesto.

Pego o saco de lixo e o retiro do suporte, saindo pela porta dos fundos. Ela range. Caminho três passos e coloco o lixo no porta-malas do meu carro, para lidar com aquilo depois. Certifico-me de que ninguém esteja observando, e espio a caixa de correio, pegando seu conteúdo, uma pilha tão alta que praticamente transborda para o chão.

Há um aviso do serviço postal lá dentro, requisitando que o morador vá buscar a correspondência adicional no correio. O carteiro havia enchido a caixa com tudo o que podia, até não haver mais lugar lá.

De volta ao interior da casa, vejo a senhora Thatcher lutando com o milho. Mal posso suportar. Ninguém devia ter que lutar tanto para comer a droga de uma refeição pronta. Caminho até onde ela está e peço-lhe que me deixe ajudá-la. Pego o garfo e a sirvo com um pouco de comida. Há um momento de hesitação. Deus sabe que o dia em que alguém tiver que me dar comida na boca será o dia em que vou preferir estar morto.

– Onde está Colin? – ela pergunta.

Ofereço a comida vagarosamente, apenas alguns poucos grãos de cada vez.

– Eu não sei, senhora. Receio que Colin esteja com problemas. Precisamos de sua ajuda. – Pego uma fotografia de Mia Dennett e a mostro para a velha senhora. Pergunto se ela já havia visto a moça.

Ela fecha os olhos.

– Na TV – diz ela. – Eu a vi na TV... Ela é a... Ah, Deus, Colin. Ah, Colin. – E ela começa a choramingar.

Tento lhe assegurar que não sabemos de nada. São apenas suposições. Mia Dennett pode ou não estar com Colin. Mas sei que ela está. Explico-lhe que preciso de ajuda para localizar Colin. Digo que queremos garantir que ele e Mia estejam bem, e que ele não se meta em nenhuma encrenca, mas ela não acredita.

Ela perde todo o interesse na refeição. Seu corpo retorcido se inclina sobre a mesa e, vez após vez, ela diz ininterruptamente “Colin”, uma resposta desencontrada para todas as questões que faço.

– Senhora Thatcher, a senhora sabe me dizer se há algum lugar ao qual Colin poderia ir se precisasse se esconder?

– Colin.

– A senhora pode fornecer alguma informação ou contato de familiares, ou quem sabe de amigos? Qualquer pessoa com quem ele pudesse ter entrado em contato se estivesse com problemas. Seu pai? A senhora tem uma agenda telefônica?

– Colin.

– Por favor, tente se lembrar da última vez em que vocês conversaram. A senhora falou com ele depois de ele ter estado aqui? Por telefone, talvez?

– Colin.

Não posso suportar. Não estou chegando a lugar algum.

– Senhora, tudo bem se eu der uma olhada pela sua casa? Só vou tentar achar algo que possa me ajudar a encontrar seu filho.

É como tirar um doce de uma criança. Outra mãe pediria um advogado e exigiria um mandado. Mas não a senhora Thatcher. Ela sabe o que lhe acontecerá se Colin não vier para casa.

Deixo-a chorando na cozinha e peço licença.

Passo pela sala de jantar, pelo lavabo, pelo quarto principal e chego ao quarto de Colin Thatcher quando adolescente, as paredes decoradas com motivos náuticos e com flâmulas – claro! – do White Sox, além de livros escolares do ensino médio que nunca foram devolvidos. No armário ainda há algumas roupas: um agasalho do time de futebol americano, um par de jeans rasgados e, no chão, um par de chuteiras sujas. Há pôsteres de atletas da década de 1980 presos com tachinhas nas paredes e, pendurada no *closet*, uma imagem discreta de Cindy Crawford, em um lugar em que sua mãe não veria. Há uma manta, provavelmente tecida por Kathryn quando suas mãos ainda podiam fazer crochê, dobrada aos pés da cama, e um buraco na parede, no qual, em um acesso de fúria, Colin poderia ter dado um soco. Há um aquecedor encostado na parede sob a janela e, em uma pequena moldura ao lado da cama, um Colin muito jovem, uma bonita Kathryn e um centímetro da cabeça de um

homem. O restante da foto tinha sido rasgado e jogado fora.

Visito cada cômodo no caminho de volta. Dou uma olhada no quarto principal, a cama desfeita fedendo a odores corporais. Há roupas sujas em uma pilha. As cortinas estão fechadas, e o quarto, escuro. Acendo a luz, mas a lâmpada está queimada. Puxo a corda da luz do *closet*, e um pouco de luminosidade entra no quarto. Há fotografias de Colin Thatcher em cada época de sua vida. Ele não parecia ser tão diferente de mim. Apenas um bebê rechonchudo que se transformou em atleta de futebol americano e depois em um personagem do programa *Os mais procurados da América*. Há dentes-de-leão emoldurados, que devia apanhá-los para ela quando criança. Há o desenho de um boneco. Dele? E um telefone sem fio que tinha sido largado no chão. Eu o apanho e o devolvo à sua base. Não funciona. Levará horas para que a bateria recarregue.

Faço uma anotação mental para conseguir os registros telefônicos. Chego a considerar uma escuta telefônica.

Na sala da frente, passo os dedos pelas teclas de um piano empoeirado. Está desafinado, mas o som desperta a senhora Thatcher, que vem mancando até a sala. Há milho em seu queixo. Ela tropeça no caminho, e mesmo desajeitadamente consigo ampará-la.

– Colin – diz ela pela milésima vez, enquanto eu a coloco no sofá, recostando-a de maneira que ela se deite. Acomodo um travesseiro sob sua cabeça. Encontro o controle remoto e aperto o botão de volume da TV. Sabe Deus há quanto tempo ela vem assistindo os programas no mudo.

Há álbuns de retrato acomodados em uma prateleira de

carvalho, um para cada ano da vida de Colin Thatcher, até os 13 anos. Apanho um e me sento em uma poltrona de couro. Folheio as páginas. Escoteiros. Boletins e relatórios de progresso escolar. Há coleções de folhas, apanhadas em passeios vespertinos e desidratadas nas páginas de uma grande enciclopédia. Recortes de jornal. Placares de minigolfe. Uma carta para o Papai Noel. Um cartão-postal para a senhorita Kathryn Thatcher de Grand Marais, Minnesota, com um selo de quinze centavos, colocado torto em um canto. A data, 1989, está impressa no cartão; a imagem é de uma floresta, um lago, natureza. Há uma inscrição simples: “Papai é um idiota. Sinto saudades”.

Há fotografias em excesso, a maioria antigas, amarelando e começando a descolar.

Fico com Kathryn Thatcher o quanto posso. Ela precisa de companhia. Mas precisa de muito mais que isso; necessita de algo que não posso lhe dar. Eu me despeço e prometo manter contato, mas não vou embora. As refeições prontas vão acabar em breve e uma simples queda pode lhe causar uma concussão e acabar com sua vida.

– Senhora, não posso deixá-la aqui – admito.

– Colin – sussurra ela.

– Eu sei – digo. – Colin toma conta da senhora. Mas Colin não está aqui agora, e a senhora não pode ficar sozinha. A senhora tem família, senhora Thatcher? Alguém para quem eu possa ligar?

Tomo seu silêncio como um não.

Isso me faz ponderar. Se Colin tinha tomado conta da mãe doente por tanto tempo, o que o teria feito abandoná-la?

Retiro algumas coisas do *closet* da senhora Thatcher e as coloco em uma bolsa. Recolho os frascos de remédio. Há um asilo em Gary. Por ora, isso deve bastar.

Digo à senhora Thatcher que vamos sair para um passeio.

– Por favor, não – implora ela, enquanto eu a conduzo para o carro. – Por favor. Quero ficar aqui. Não quero ir.

Coloco um casaco sobre o robe da senhora Thatcher. Em seus pés, ainda estão as pantufas.

Ela protesta com a veemência que lhe é possível, o que não significa muito. Sei que ela não quer ir. Sei que não quer ir embora de sua casa, mas não posso deixá-la aqui.

Um vizinho sai na varanda da frente para verificar o que é aquele tumulto. Eu levanto a mão, dizendo que está tudo bem. Mostro meu distintivo a ele.

Eu a ajudo a entrar no carro e me inclino sobre ela para prender o cinto de segurança. Ela está chorando. Dirijo o mais rápido que posso. Em alguns minutos, aquilo estará terminado.

Penso em minha própria mãe.

Um atendente me encontra no estacionamento com uma cadeira de rodas e ergue a senhora Thatcher do carro como um bicho de pelúcia nos braços de uma criança. Depois de observá-lo conduzir a cadeira de rodas para dentro do edifício, deixo o estacionamento.

Mais tarde, vasculho o saco de lixo com um par de luvas de borracha. É um monte de porcaria, com exceção de um recibo de gasolina do dia 29 de setembro – deduzo que a habilitação da senhora Thatcher tenha sido suspensa – e outro de uma mercearia na mesma data, no valor de US\$ 32. O suficiente para

durar uma semana. Colin Thatcher planejava retornar em uma semana. Não pretendia desaparecer.

Vasculho a correspondência. Contas, contas e mais contas. Avisos de vencimento. Mas era só isso.

Penso naquele cartão-postal, em todas aquelas árvores. Imagino que talvez Grand Marais possa ser um lugar incrível para se visitar no outono.

COLIN

ANTES

Conto a ela que o nome da minha mãe é Kathryn. Mostro-lhe uma foto que mantenho na carteira por segurança. É uma foto antiga, tirada há pelo menos uma década. Ela diz que pode ver meus olhos nela, a seriedade e o mistério deles. O sorriso de minha mãe estava forçado, revelando um canino torto que a enlouquecia.

– Quando você fala dela – ela me diz –, você sorri de verdade.

O cabelo da minha mãe é escuro, como o meu. Liso como a trajetória de uma flecha. Digo que o do meu pai também é. Meus cachos são um mistério, o resultado de algum gene recessivo, eu acho. Nunca conheci meus avós para saber se tinham cabelo cacheado.

Não posso ir para casa por diversas razões, mas a que eu nunca mencionei é o fato de que a polícia me quer atrás das grades. Eu tinha 23 quando infringi a lei pela primeira vez. Tinha sido há oito anos. Tinha tentado viver da maneira correta, mas a minha vida simplesmente não tinha se conduzido pelo caminho certo. Roubei um posto de gasolina e mandei cada um

dos dólares para o pagamento de contas médicas. Descobri quanto dinheiro eu podia fazer traficando drogas, e fiz isso por um tempo, até ser apanhado por um policial disfarçado e passar alguns meses na cadeia.

Depois daquilo, tentei fazer as coisas direito novamente, mas, quando minha mãe recebeu uma ordem de despejo, fiquei desesperado.

Não sei o porquê de toda essa sorte do meu lado. Não entendo o motivo de permanecer tanto tempo sem ser preso pelos policiais, encarcerado. Parte de mim deseja que isso aconteça, para que eu não precise continuar assim, em fuga, me escondendo atrás de nomes falsos.

– Então... – Começa ela. Estamos ao ar livre, andando em meio a árvores imensas. É um dia frio de novembro, a temperatura em torno de 4 graus, e ela está usando meu casaco, encolhendo-se dentro dele, as mãos enfiadas nos bolsos. O capuz envolve sua cabeça. Não tenho ideia de quanto tempo faz que estamos andando, mas não consigo mais ver a cabana. Pisamos em troncos caídos, e afasto os galhos de um pinheiro, para que ela possa passar por baixo deles e não tenha que lutar com a árvore de 18 metros de altura. Caminhamos pelas colinas e quase caímos sobre as ravinas. Chutamos pinhas e ouvimos o canto dos pássaros. Nós nos apoiamos em uma sempre-viva, em meio a uma dezena de árvores similares, para recobrar o fôlego.

– Então você não se chama Owen.

– Não.

– E você não é de Toledo.

– Não sou.

Mas não conto a ela quem sou eu.

Digo que meu pai me trouxe aqui uma vez, a Minnesota, para a trilha Gunflint. Conto que ele era dono da cabana, que estava na minha família há muito tempo. Ele tinha encontrado uma mulher.

– O que ela viu no bastardo, eu não sei – falo. – Só sei que não durou.

Não nos falávamos há anos, mas não tinha me esquecido dele. Então, um dia ele me convidou para vir para cá. Alugamos um trailer. Dirigimos da casa que ele tinha em Gary, Indiana, até Minnesota. Isso foi muito antes de ele se mudar para Winona, para trabalhar no departamento de Transportes. Eu não queria, mas minha mãe disse que eu precisava ir. Ela tinha uma ideia ingênua de que meu pai queria consertar as coisas comigo, mas estava errada.

– A mulher tinha um filho idiota da minha idade. Ele tinha planejado férias de verdade, como se fosse algo que *sempre* fizessemos. A mulher, o filho dela e eu. Ele queria impressioná-la. Prometeu uma bicicleta para mim se eu me comportasse bem e não fizesse nada para estragar o passeio. Fiquei de boca calada o tempo todo. Nunca vi a bicicleta.

Digo a ela que nunca mais falei com ele desde então. Mas mesmo assim o mantive sob vigilância. Só por precaução.

Ela diz que não sabe como vou encontrar o caminho de volta pela floresta. Respondo que é natural para mim. Primeiro, por ter sido escoteiro, e depois pela habilidade inata de saber onde estão o norte e o sul. Isso, e também muito tempo gasto perambulando por florestas – qualquer coisa para fugir de pais

que brigavam – quando eu era garoto.

Ela me acompanha enquanto caminho. Não fica cansada.

Como uma garota criada na cidade podia saber o nome de todas as árvores? Ela as aponta para mim e as nomeia. Abetos vermelhos, abetos brancos e pinheiros, como se fosse uma maldita aula de biologia. Sabe que as bolotas pertencem aos carvalhos, e aqueles pequenos helicópteros estúpidos caem dos bordos.

Acho que ninguém precisa ser um gênio para saber disso. É que nunca dei importância – não até que eu observasse as mãos dela soltando as sementes e visse seus olhos encarando-as com admiração enquanto flutuavam, rodopiando, até o solo.

Ela ensina, mesmo sem querer. Mostra que aqueles helicópteros são frutos e que o cardeal vermelho é o macho da espécie. Ela fica ofendida que todos os animais exibidos sejam machos e que as fêmeas sejam apáticas. Cardeais, patos, pavões, leões. Nunca notei a diferença. Ela não ficaria tão ofendida se não tivesse sido enganada por todos os homens que passaram pela vida dela.

Ela diz que nunca poderia descrever com precisão sobre como seu pai a fazia se sentir. Disse que eu nunca entenderia, de qualquer modo, porque ele nunca tinha batido nela, nunca a tinha deixado passar uma noite com frio. Nunca a tinha deixado ir para a cama sem jantar.

Ela tem um aluno chamado Romain, um garoto negro que passa a maioria das noites em um abrigo para sem-teto no lado norte da cidade.

Ele escolheu ir para a escola, mesmo que ninguém o tivesse

obrigado. Ele tem 18 anos e seu objetivo é conseguir o diploma do ensino médio, porque, caso contrário, não seria aprovado no vestibular. Ele passa os dias estudando arduamente no colégio e passa as tardes limpando as ruas da cidade. Durante a noite, pede dinheiro embaixo da linha elevada do trem. Ela foi voluntária em um abrigo de sem-teto para ver como era.

– Por duas horas, tirei queijo mofado de sanduíches já prontos – conta. O resto dos sanduíches foi guardado para o pessoal do abrigo comer.

Talvez ela não seja tão mimada como imaginei que fosse.

Conheço a sensação de ser observado por olhos desdenhosos, que olham sem realmente enxergar algo. Conheço o som do desprezo em uma voz. Sei como a traição e a decepção doem, quando alguém que pode lhe dar o mundo recusa até mesmo uma minúscula parte dele.

Talvez não sejamos tão diferentes no final das contas.

GABE

ANTES

Confiro os registros telefônicos de Kathryn Thatcher. Nem uma ligação duvidosa à vista. A última vez que ela conversou com o filho foi quando ele ligou de um celular registrado no nome de Steve Moss, no fim de setembro. O restante veio de centrais de telemarketing, agências de cobrança e confirmações de consultas médicas às quais ela nunca compareceu.

Ligo para o asilo em Gary. A atendente me pergunta se sou da família. Digo que não, não sou, e ela não me dá a mínima atenção. Posso ouvir um idoso gritando ao fundo e tento não imaginar a senhora Thatcher ouvindo esse rugido. Sei que isso a faria se sentir mal e lembro a mim mesmo que ela está sendo alimentada, banhada e bem cuidada lá.

Lembro a mim mesmo que não sou o filho dela. Não é minha responsabilidade.

Mas ainda assim não consigo tirar essa imagem da cabeça: minha mãe, afundada em uma cama, de robe, olhando inexpressivamente para uma janela suja, sem esperança e sozinha, enquanto um idoso desdentado grita no corredor. Enfermeiras mal remuneradas a ignoram. A única coisa a

esperar é o dia em que morrerá.

O caso de Mia Dennett é transmitido toda noite nos noticiários, graças à pressão do juiz Dennett, embora ainda não haja prova nenhuma.

Confiro o cadastro de veículos, e não há nenhum registrado em nome de Colin Thatcher ou Steve Moss, ou mesmo em nome de Kathryn Thatcher.

Entramos em contato com qualquer um que conheça Colin Thatcher. São poucos amigos, apenas um ou outro colega de ensino médio com quem ele não falava há anos. Há uma ex-namorada em Chicago, mas não posso afirmar que ele não a pagava por sexo. Ela não tinha nada de agradável para dizer a respeito dele. É uma mulher desprezada, não ofereceu nada de valioso para mim, a não ser uma rapidinha, se eu estivesse interessado – eu não estava. Alguns professores dizem que ele era um garoto com pouca sorte. Outros o descrevem como um desajustado. Os vizinhos da senhora Thatcher só podem contar que ele a visitava frequentemente, tirava o lixo e cortava a grama. Grande coisa. Não sabem o que se passa dentro da casa. Mas me contam que ele dirige uma caminhonete. Cor? Marca? Modelo? Ninguém parece saber. As respostas são todas conflitantes. Nem me incomodo em pedir um número de placa.

Minha mente se volta para o cartão-postal de Grand Marais de tempos em tempos. Pesquiso a cidade portuária na internet e peço folhetos de viagem *on-line*. Calculo a distância entre Chicago e Grand Marais, e chego a solicitar os arquivos das câmeras de monitoramento de tráfego do caminho, mesmo não tendo uma pista clara do que procuro.

Estou em um beco sem saída. Não há nada a ser feito agora,
além de esperar.

COLIN

ANTES

Sorte a minha que a garota ainda dorme quando ouço um arranhar na porta da frente. Aquilo me deixa apavorado. Pulo da cama que arrumei no sofá molengo e percebo que estou sem a arma. Está amanhecendo, o sol começa a nascer. Abro as cortinas para olhar, mas não vejo nada. *Que droga*, penso. Abro a porta e descubro que o maldito gato nos trouxe um rato morto. Ele ficou desaparecido por dias. Está um horror, quase tão mal quanto o roedor decapitado em seus dentes ensanguentados.

Pego o gato em minhas mãos. Lidarei com o rato depois. Por ora, a droga do gato é minha redenção, uma intervenção divina, se eu realmente acreditasse nesse tipo de porcaria. Os armários estão vazios. Não há comida. Se eu não for logo à loja, morreremos de fome.

Não espero que ela acorde. Entro no quarto e digo que estou indo à cidade.

Ela se senta ao ouvir minha voz. Está confusa pelo sono e esfrega os olhos.

– Que horas são? – Pergunta, mas eu a ignoro.

– Ele vem comigo. – O gato deixa um miado escapar. Isso

capta a atenção dela, que está em alerta. Estica as mãos para pegá-lo, mas eu dou um passo para trás. O pequeno bastardo enfia as garras no meu braço.

– Como você...?

– Se ainda estiver aqui quando voltarmos, não vou matá-lo.

– E então eu saio.

Corro até a cidade. Acelero a mais de 110 em uma zona de 80 quilômetros por hora. Apostaria minha vida que a garota não fará nada estúpido, mas novamente não consigo tirar a imagem da mente: a cabana invadida por policiais esperando por mim quando eu retornar.

Passo por um casal de campistas a caminho de Grand Marais. Sempre tento me camuflar. Não frequento o mesmo lugar mais de uma vez. A última coisa de que preciso é que alguém me reconheça.

Mas, naquele momento, a comida não é a única coisa em minha cabeça.

Conheço um cara especializado em identidades falsas, manipuladas, esse tipo de trabalho. Encontro um telefone público do lado de fora da loja de ferramentas e pego algumas moedas no bolso. Rezo a Deus para não estar cometendo um erro. Não leva três minutos, ou o que quer que digam na TV, para rastrear uma ligação. A droga dos operadores podem fazer isso no segundo em que a linha se conecta. Tão logo eu discasse o número. Basta apenas que Dan conte aos policiais que recebeu uma ligação minha e, amanhã, eles entupirão a loja de ferramentas do Sam à minha procura.

Tudo se resume a opções. Tentar o melhor que pudermos

para sobreviver ao restante do inverno – e aí... o quê? Estaremos encrencados. Se ainda estivermos vivos quando a primavera chegar, não haverá mais lugar para nos escondermos.

Coloco as moedas e disco o número.

Quando volto, ela corre pelos degraus cobertos de neve para arrancar o maldito gato das minhas mãos.

Está berrando que não teria fugido. Amaldiçoando-me por ameaçar o gato. Pergunto como diabos eu poderia ter certeza. Pego as sacolas de papel com comida enlatada do assento traseiro da caminhonete. Deve haver uma dúzia de sacolas, cada uma delas cheia até a boca com 10 ou 15 latas de comida. É isso, digo a mim mesmo. A última viagem até a cidade. Até que os passaportes estejam prontos, passaremos com sopa enlatada, feijões assados e tomates cozidos. Isso e qualquer coisa que eu tire do lago congelado.

Ela me agarra pelo braço e me força a olhá-la. Seu toque é firme.

– Eu não teria partido – diz ela novamente.

Eu me viro e digo a ela que não posso correr nenhum risco. Dirijome à escada, deixando o gato e ela sozinhos lá fora. Ela me convence a deixar o gato do lado de dentro da casa. A cada dia fica mais frio. Ele não vai sobreviver ao inverno.

– De jeito nenhum – digo.

Mas ela insiste:

– Ele fica. – Simplesmente assim.

Algo está mudando.

Conto a ela sobre o trabalho com meu tio quando era garoto. Falo com relutância. Mas há certa quantidade de silêncio que uma pessoa consegue suportar.

Comecei a trabalhar para o irmão da minha mãe quando tinha 14 anos. Ele tinha uma barrigona de cerveja e me ensinou a fazer todo tipo de trabalho manual para que, no final das contas, eu pudesse fazer todo o serviço, e ele pudesse levar 90% do pagamento.

Ninguém da minha família foi para a faculdade. Ninguém. Talvez algum primo distante ou alguém assim, conto, mas ninguém que eu conheça. Todos são operários. A maioria trabalha na indústria do aço de Gary. Cresci em um mundo no qual eu, como garoto branco, era minoria e no qual quase um quarto da população vivia abaixo da linha de pobreza.

– A diferença entre nós – digo a ela – é que eu cresci com nada. Não esperava mais do que tinha. Sabia que não conseguiria.

– Mas você deve ter sonhado em se tornar *alguém*?

– Sonhei em manter meu *status*. Em não decair ainda mais. Mas decaí.

Meu tio, Louis, me ensinou a consertar torneiras que pingavam e a instalar aquecedores de água. Ensinou-me a pintar paredes e desentupir privadas. A cuidar de um gramado, consertar uma porta de garagem e trocar as fechaduras da casa de alguém depois de terminar com o ex.

Louis cobrava US\$ 20 por hora. No final do dia, ele me mandava para casa com aproximadamente US\$ 30. Eu sabia que estava sendo explorado. Quando tinha 16 anos, já trabalhava por

conta própria. Mas o trabalho era instável. Eu precisava de algo com o qual pudesse contar. O desemprego em Gary é alto.

Ela me pergunta a frequência com que visito minha mãe. Fico tenso à menção dela e me calo.

– Você está preocupado com ela – diz a garota.

– Não posso ajudá-la enquanto estou aqui.

Então ela compreende.

– O dinheiro – diz. – Os cinco mil...

Suspiro. Digo a ela que eram para minha mãe. Ela não toma mais os remédios, não a menos que eu a force. Ela diz que se esquece. Mas a realidade é que não quer lidar com os efeitos colaterais. Conto que vou para a casa dela todo domingo. Organizo os remédios em um porta-comprimidos, faço compras, limpo a casa. Mas ela precisava de mais. Ela precisava de alguém que tomasse conta dela o tempo inteiro, não apenas aos domingos.

– Um asilo – diz ela.

Eu queria colocar minha mãe em um asilo, e planejava usar os US\$ 5 mil para isso. Mas é claro que não há dinheiro nenhum, porque, em um impulso, escolhi salvar a garota e acabei prejudicando minha mãe e a mim ao mesmo tempo.

Mas, no fundo da mente, sei o motivo de ter feito isso. E não é por causa da garota. Se minha mãe descobrisse que eu tinha sido o homem que havia sequestrado a filha do juiz, quando, mais tarde, fosse divulgado pela imprensa que ela havia sido encontrada assassinada em algum lugar, isso mataria minha mãe. Os cinco mil não teriam mais importância. Ela estaria morta. E, se não morresse, desejaria estar morta. Ela não me

criou para ser assim.

Apenas não pensei em nada disso antes de a garota estar em minha caminhonete. Quando a perspectiva de ganhar algum dinheiro deu lugar à realidade: ela, chorando ao meu lado, a imagem de Dalmar arrancando-a da caminhonete, os 30 anos na prisão. Minha mãe estaria morta antes de eu ser liberado. Que bem isso nos traria?

Começo a andar para lá e para cá pela sala. Não estou bravo. Não com ela. Comigo.

– Que tipo de pessoa quer colocar a mãe em um asilo porque é um maldito de um doente e está cansado de tomar conta dela?

– Pergunto.

É a primeira vez que me permito baixar a guarda. Apoio o corpo contra a parede de madeira, pressionando a mão contra a cabeça, onde há uma dor persistente. Olho nos olhos receptivos dela e pergunto novamente:

– É sério. Que tipo de pessoa coloca a mãe em um asilo porque não quer mais cuidar dela?

– Você já faz bastante.

– Posso fazer mais – disparo.

Ela está parada na porta da frente, observando a neve cair. A seus pés, o maldito gato anda em círculos, implorando para sair. Ela não vai deixar. Não esta noite.

– Pode?

Conto a ela que em alguns domingos, quando chego, fico surpreso que ela ainda esteja viva. O lugar está uma bagunça. Ela não comeu. As refeições que eu deixei no freezer ainda estão lá. Outras vezes, a porta está destrancada. Em outras, o forno

ligado. Pedi-lhe que viesse morar comigo, mas ela não quis. Aquela era a casa dela. Ela não queria sair de Gary. Morou lá a vida toda. Cresceu lá.

– Há vizinhos – digo. – Uma senhora vê se está tudo bem uma vez por semana, pega a correspondência, certifica-se de que há comida suficiente. Ela tem 75 anos, mas se vira melhor que a minha mãe. Mas todos têm a própria vida. Não posso esperar que eles tomem conta de uma mulher adulta por mim. – Conto a ela que também tenho uma tia, Valerie, que mora perto, em Griffith. Ela ajuda, de tempos em tempos. Tenho esperança de que Valerie tenha, de algum modo, percebido: uma ligação de um vizinho me vendo na TV. Espero que ela tenha percebido que minha mãe está sozinha e que ela tenha feito algo, *qualquer coisa*, para ajeitar a situação.

Minha mãe não sabia do asilo, mas nunca quis ser um transtorno. Isso era o melhor que eu podia fazer. Um arranjo para a situação.

Sei que um asilo é um péssimo arranjo. Ninguém quer viver em um asilo. Mas não havia opção melhor.

Pego meu casaco do braço de uma cadeira. Estou triste comigo mesmo. Decepionei minha mãe. Coloco meus sapatos, enfio os braços no casaco.

Não ousa olhar para ela. Praticamente a atropelo para chegar à porta.

– Está nevando – ela diz. Mas não é rápida o suficiente para se mover. Ela coloca a mão em meu braço e tenta me impedir, mas eu a afasto. – Ninguém devia sair em uma noite como esta.

– Não me importo. – Forço caminho para passar por ela e

abro a porta. Ela agasalha o gato nos braços para que ele não fuja. – Preciso da droga de um ar – digo, batendo a porta.

EVE

ANTES

Nos dias que antecederam o dia de ação de graças, uma mulher coloca seu bebê de três semanas no micro-ondas e outra abre a garganta do filho de 3 anos. Não é justo. Por que essas mulheres ingratas foram abençoadas com filhos quando a minha foi tirada de mim? Será que fui uma mãe tão ruim?

O tempo no feriado ficou como na primavera: temperaturas em torno de 15 graus, muito sol. A sexta-feira, o sábado e o domingo foram iguais, e, enquanto comíamos as últimas porções de purê de batatas e de recheios do peru que sobraram, a preparação para um inverno típico de Chicago estava a caminho. O homem do tempo nos alertou para os dias de tempestade de neve iminente que chegaria na noite de quinta-feira. Nas mercearias os estoques de garrafas de água se esgotaram, porque as pessoas se preparavam para se abrigar em casa. *Meu Deus, penso, é inverno, uma ocorrência anual, não a bomba atômica.*

Aproveito o clima ameno para decorar a casa. Certamente não estou no espírito animador do feriado, mas decoro a casa mesmo assim, para espantar o tédio e os pensamentos horrorosos que enchem minha mente. Quero deixar a casa

alegre. Não que James ou eu possamos notar a diferença, mas só por precaução. Só para o caso de Mia estar aqui para aproveitar o Natal, a árvore e as luzes, e o envelhecimento delas, as meias da infância com anjos bordados que agora começam a perder os cabelos.

Alguém bate na porta. Vou até ela e, como sempre, um pensamento atravessa minha mente: Mia?

Estou envolta em luzes brancas, testando-as na tomada e tentando desfazer 12 meses de nós nos fios. Nunca tenho muita certeza de como esses nós são capazes de se formar dentro das caixas plásticas do sótão, mas ainda assim, todos os anos, tão certamente quanto o inverno inclemente de Chicago, eles se formam. Uma música celta de Natal toca no aparelho estéreo: *Carol of the Bells*. Ainda estou de pijama, um conjunto de seda listrado – a parte de cima com botões e a calça com cordões para amarrar. São quase 10h da manhã e, em minha cabeça, pijamas podem ser considerados aceitáveis, embora meu café já tenha esfriado e o leite já esteja com nata. A casa está uma bagunça: caixas plásticas vermelhas e verdes espalhadas aqui e ali, tampas removidas e jogadas em um canto para não atrapalhar o caminho. Há os galhos da árvore de Natal artificial que montamos todos os anos desde que James e eu alugamos um apartamento em Evanston, enquanto ele terminava a faculdade de direito. Eles estão acomodados em pilhas pela sala de estar. Passo os olhos pelas caixas de enfeites que colecionamos ao longo dos anos, tudo desde “o primeiro Natal do bebê” até as bengalas de doces que as meninas fizeram no terceiro ano. Mas esses eram os enfeites que raramente iam para a árvore, sendo

forçados a permanecer na caixa, juntando poeira. Sempre insisti em uma árvore suntuosa, que os outros admirassem durante as festas de final de ano. Odiava os tecidos baratos que enchiam casas aleatórias no Natal, bem como os homens de neve e toda a quinquilharia que as pessoas juntavam ao longo dos anos.

Mas nesse ano, prometo, os enfeites das meninas serão os primeiros que vou pendurar.

Levanto do chão, deixando as luzes para trás. Vejo o detetive Hoffman espiando pelo vidro chanfrado. Abro a porta e recebo um jato de ar gelado que entra em casa para me saudar.

– Bom-dia, senhora Dennett – diz ele, entrando sem cerimônia em meu lar.

– Bom-dia, detetive. – Passo a mão pelo meu cabelo despenteado.

Os olhos dele deslizam pela casa.

– A senhora está enfeitando a casa, vejo – diz ele.

– Tentando – respondo –, mas as luzes estão emaranhadas.

– Bem – começa ele, tirando um casaco leve e colocando-o no chão, ao lado de seus sapatos –, sou especialista em desembaraçar luzes de Natal. A senhora se importa? – Pergunta ele, e aceno com a mão para concordar, grata que alguém esteja aqui para terminar essa tarefa difícil.

Ofereço café ao detetive, sabendo que ele vai aceitá-lo, porque sempre faz isso, certa de que vai tomar o dele com bastante creme e açúcar. Lavo minha caneca e torno a enchê-la, voltando à sala com uma caneca em cada mão. Ele está ajoelhado no chão, mexendo delicadamente no fio de luzes para separar os nós com as pontas dos dedos. Coloco o café dele em um porta-

copo que está sobre uma mesinha e me sento no chão para ajudá-lo. Ele veio falar de Mia. Está perguntando algo sobre uma cidade de Minnesota: será que eu já estive lá, ou Mia? Digo a ele que não.

– Por quê? – Pergunto, e ele dá de ombros.

– Só estou curioso. – Conta que viu algumas fotografias da cidade; parece bonita. Uma cidade portuária que fica aproximadamente a 65 quilômetros da fronteira com o Canadá.

– Isso tem algo a ver com Mia? – Pergunto, e, embora ele tente responder, não consegue. – O que é? – insisto.

– Só um palpite – diz ele, e então admite –, não sei de nada. Mas estou seguindo uma pista.

E, quando meus olhos imploram desesperadamente por mais informação, ele promete:

– A senhora será a primeira a saber.

– Tudo bem – cedo após um momento de hesitação, sabendo que o detetive Hoffman é o único que se importa com minha filha tanto quanto eu.

Faz quase dois meses desde que Gabe Hoffman passou a aparecer inesperadamente em casa. Ele vem sempre que tem uma urgência: uma pergunta rápida sobre Mia, algum pensamento que lhe ocorreu no meio da noite.

Odeia quando eu o chamo de *detetive*, tanto quanto eu odeio que ele me chame de *senhora Dennett*, mas ainda assim mantemos a aparência de formalidade quando, depois de semanas discutindo os detalhes particulares da vida de Mia, os nomes próprios deveriam ser uma rotina. Ele é mestre em conversa fiada e rodeios. James ainda não se convenceu de que

esse homem não é um idiota. Eu o acho doce.

Ele faz uma pausa no trabalho, alcança a caneca de café e toma um gole.

– Dizem que vai vir muita neve – ele comenta, mudando de assunto. Ainda assim, minha mente está perdida na tal cidade portuária. Grand Marais.

– Trinta centímetros – concordo. – Talvez mais.

– Seria bacana ter neve no Natal.

– Seria – digo –, mas nunca acontece. Talvez devêssemos encarar como uma bênção. Com todas as viagens e pessoas se deslocando que temos no Natal, talvez seja uma boa coisa não nevar.

– Tenho certeza de que a senhora já terá feito todas as suas compras muito antes do Natal.

– Você acha? – Pergunto, um pouco surpresa por ele presumir isso, acrescentando: – Não tenho muitas pessoas a quem presentear. Somente James, Grace e... – Hesito – ... Mia.

Ele faz uma pausa, e entre nós há um momento de silêncio em respeito a Mia. Poderia ser desconfortável, mas ainda assim já aconteceu quase um milhão de vezes nos últimos meses, em qualquer vez que o nome dela é meramente mencionado.

– A senhora não parece ser do tipo que procrastina – diz o detetive depois de um momento.

Dou risada.

– Tenho muito tempo disponível para procrastinar – digo, e é verdade. Com James trabalhando o dia inteiro, o que mais tenho para fazer, além de comprar presentes de Natal?

– A senhora sempre foi dona de casa? – ele pergunta, e,

sentando-me mais ereta, sentindo-me um pouco desconfortável, paro para pensar. Como fomos de decoração de Natal e do tempo para isso? Odeio a expressão “dona de casa”. ela é muito desatualizada, muito anos 1950. Tem uma conotação negativa agora, algo que não existia necessariamente há mais de 50 anos.

– O que você quer dizer com dona de casa? – Pergunto, acrescentando: – Temos uma faxineira, você sabe. E eu cozinho, às vezes, mas geralmente James está atrasado, e eu acabo comendo sozinha. Então não acho que dá para dizer que eu realmente *cuide* da casa. Se quer perguntar se eu nunca tive um *emprego*...

– Não quis ofender – interrompe ele. Parece envergonhado, sentado ao meu lado no chão, desembaraçando as luzes. Está fazendo um progresso significativo, muito melhor que eu. Um fio de lâmpadas repousa desembaraçado na frente dele e, enquanto se inclina para testá-las na tomada, fico surpresa de que todas funcionem.

– Muito bem – respondo, e então uma mentira: – Não fiquei ofendida. – Dou tapinhas na mão dele, algo que eu nunca tinha feito antes, nenhum tipo de gesto que invadissem nosso espaço pessoal de um metro. – Trabalhei por um tempo como designer de interiores.

Ele corre os olhos pela sala, registrando os detalhes. De fato, decorei nossa sala, uma das poucas coisas das quais me orgulho; meu trabalho como mãe ficou aquém disso. Era algo que me fazia sentir realizada; algo que não experimentava em muito, muito tempo, desde antes do nascimento das garotas e de minha

vida ter sido preenchida por trocas de fraldas e limpeza de purê de batata jogado no meu chão de madeira.

– A senhora não gostava desse trabalho? – Pergunta o detetive Hoffman.

– Ah, não. Eu o amava.

– O que houve? Se é que a senhora não se importa que eu invada um pouco sua...

Penso comigo mesma: *ele tem um sorriso bonito. É doce e jovial.*

– Houve as crianças, detetive – respondo casualmente. – Elas mudam tudo.

– A senhora sempre quis ter filhos?

– Acho que sim. Sonhava em ter filhos desde que era criança... Era algo com que todas as mulheres sonhavam.

– A maternidade é uma vocação, como dizem? Algo para o qual a mulher está instintivamente programada?

– Eu estaria mentindo se dissesse que não fiquei extasiada quando soube que estava grávida de Grace. Amei ficar grávida, e senti-la se mexendo dentro de mim... – Ele fica corado, envergonhado com essa súbita revelação particular. – Quando ela nasceu, foi como um chamado da natureza. Sonhei em embalar um filho para dormir, acalmá-lo com o som da minha voz. Mas o que enfrentei foram noites insones, delírio causado pela falta de sono, um choro intenso que não se acalmava ante nada. Houve brigas a respeito da comida e acessos de raiva, e por anos eu não tinha tempo para fazer as unhas ou usar maquiagem. James ficava até tarde no escritório e, quando vinha para casa, queria fazer pouco por Grace; ele lavou as mãos de

qualquer participação em sua criação. Aquele era o meu trabalho, um trabalho cotidiano, noturno, exaustivo, embora gratificante, e, no final do dia, ele sempre parecia confuso pelo fato de eu não ter tido tempo para buscar sua roupa na lavanderia ou dobrar as roupas lavadas.

Fez-se silêncio. Desta vez, um silêncio desconfortável. Falei demais, fui franca demais. Levanto-me e começo a espetar os galhos na árvore de Natal nos orifícios do tronco central. O detetive tenta ignorar minha confissão, dispondo os últimos fios paralelamente. Há mais que o suficiente para decorar a árvore, e então ele pergunta se eu gostaria de ajuda, e respondo que claro que sim.

Estamos quase terminando a árvore quando ele comenta:

– Mas então a senhora teve Mia. Já devia ter pegado o jeito da maternidade em algum ponto do caminho.

Sei que a intenção dele é boa, que quer fazer um elogio, mas sou atingida pelo fato de que o que ele entendeu de minha declaração anterior não foi que a maternidade é um trabalho árduo, e sim que eu não tinha o que era necessário para ser uma boa mãe.

– Tentamos conceber Grace por anos. Quase desistimos. Depois de tudo, bem... acho que éramos ingênuos. Pensamos que Grace era nosso milagre. Certamente não aconteceria novamente. E não fomos tão precavidos com Mia. Daí, um dia, aconteceu... o enjoo matinal, a fadiga. Soube na hora que estava grávida. Não falei para James por dias. Não tinha certeza de como ele reagiria.

– Como ele reagiu?

Pego o próximo galho da mão do detetive e o enfio na árvore.

– Ele entrou em negação, eu acho. Pensou que eu estivesse enganada, que tinha interpretado errado os sinais.

– Ele não queria outro filho?

– Não acho nem que ele quisesse o primeiro – admito.

Gabe Hoffman está parado na minha frente, usando um blazer cor de camelo que, tenho certeza, custou-lhe um braço e uma perna. Ele usa um suéter por baixo do blazer e uma camisa por baixo de tudo, e não tenho ideia de como pode não estar suando.

– Você está muito formal hoje – digo, parada na frente da árvore de Natal, exibindo meu pijama de seda. Posso sentir o gosto do hálito matutino em minha língua. Naquele momento, com a luz do sol inundando a janela da sala de estar e obscurecendo minha visão, ele parecia muito elegante e cortês.

– Vou à corte. Esta tarde. – É tudo o que ele consegue dizer, e então nos encaramos silenciosamente.

– Amo minha filha – digo ao detetive.

– Sei que ama – responde ele. – E seu marido? Ele a ama também?

Sou invadida pela impetuosidade. Mas o que deveria ter me ofendido e me afastado, de algum modo, me aproxima dele. Estou fascinada por esse Gabe Hoffman cheio de frases absurdas, alguém que hoje não faz rodeios para falar.

Ele me encara, e meus olhos baixam para o chão.

– James ama James – admito. Na parede mais distante há uma fotografia emoldurada: James e eu em nosso casamento.

Nós nos casamos em uma velha catedral na cidade. Os pais de James arcaram com o custo exorbitante, embora, de acordo com a tradição, meu pai é que deveria ter pago as despesas. Os Dennett não permitiriam isso. Não porque estivessem tentando ser bons; pelo contrário, acreditavam que nosso casamento seria vulgar se não o custeassem, o que representaria uma humilhação na frente de seus amigos importantes.

– Essa não era a vida que imaginei quando criança. – Deixo os galhos da árvore de Natal caírem no chão. – Quem quero enganar? Não teremos Natal neste ano. James vai alegar que precisa trabalhar, embora tenho certeza de que não será trabalho o que ele fará, e Grace vai passá-lo com os pais do homem que ela aparentemente começou a namorar, mesmo que não o tenhamos conhecido ainda. Vamos comer, James e eu, no dia de Natal, como fazemos em vários outros dias do ano, e vai ser tão mundano quanto possível. Vamos nos sentar em silêncio e engolir uma refeição para depois nos retirarmos para quartos separados a fim de passar a noite. Vou ligar para os meus pais, e James vai me dizer para “me apressar” por causa do custo da ligação internacional. Não importa – concluo. – Tudo o que eles vão querer saber mesmo é sobre o paradeiro de Mia, e serei lembrada desse fato, como acontece a cada minuto de cada dia... – Tento recobrar o fôlego. Levanto uma das mãos: basta. Balanço a cabeça e viro de costas para o homem que me encara com tanta pena em seu olhar, que me sinto envergonhada. Não posso continuar. Não posso terminar.

Sinto minha pulsação. Minha carne está pegajosa; meus braços estão transpirando. Não posso respirar. Tenho uma

necessidade sufocante de gritar.

Será um ataque de pânico?

Mas, quando os braços do detetive Hoffman se fecham ao meu redor, cada fragmento de medo desaparece. Seus braços se fecham em mim por trás, e meu coração desacelera para um ritmo compassado. O queixo dele se apoia no topo da minha cabeça, e meu fôlego volta, meus pulmões se enchendo de oxigênio.

Ele não diz que vai dar tudo certo, porque talvez não dê.

Não promete achar Mia, porque talvez não a encontre.

Mas me abraça tão apertado que, por um momento, minhas emoções ficam à deriva. A tristeza e o medo, o arrependimento e a aversão. Ele compacta tudo em seus braços e, por uma fração de segundo, não sou eu que tem que carregar o peso de tudo. Nesse momento, o fardo é dele.

Eu me viro para ele e enterro meu rosto em seu peito. Seus braços hesitam, mas depois se fecham em torno do meu pijama de seda. Ele tem cheiro de creme de barbear.

Sinto meus pés se elevarem até as pontas e meus braços se esticando para atrair o rosto dele para mim.

– Senhora Dennett – ele protesta gentilmente. Digo a mim mesma que ele não quer protestar enquanto pressiono meus lábios sobre os dele. É novo e excitante, além de um gesto desesperado, tudo ao mesmo tempo.

Ele fecha o punho e agarra meu pijama com a mão, e me atrai para ele. Envolvero seu pescoço com meus braços e passo meus dedos pelo cabelo dele. Sinto o sabor de seu café.

Por um momento, ele corresponde ao beijo. Apenas por um

momento.

– Senhora Dennett – sussurra ele novamente, as mãos movendo-se em minha cintura para afastar gentilmente seu corpo do meu.

– Eve. Por favor – digo, e, quando ele se afasta, limpa a boca com o dorso da mão. Faço uma tentativa final e frustrada, puxando-o para mim, as lapelas de seu blazer em minhas mãos.

Mas ele não quer.

– Senhora Dennett. Não posso.

O silêncio dura uma vida.

Meus olhos se perdem no chão.

– O que foi que eu fiz? – sussurro.

Não é o tipo de coisa que costumo fazer. Nunca fiz isso. Sou aquela que é confiável e virtuosa. Esse... esse é um comportamento no qual James é especialista.

Houve uma época em minha vida quando os olhos masculinos me seguiam. Quando os homens pensavam que eu era bonita. Quando eu atravessava uma sala de braços dados com James Dennett, e todos os homens e suas esposas invejosas se viravam para nos encarar.

Ainda sinto os braços do detetive à minha volta, sua tranquilidade e compaixão, o calor de sua pele. Mas agora ele está parado a metros de distância, e eu me vejo encarando o chão.

A mão dele vem ao meu queixo. Ele levanta meu rosto e me força a olhá-lo.

– Senhora Dennett – diz ele, e então tenta novamente, sabendo que não o estou olhando de verdade. Não posso fazê-lo.

Estou muito envergonhada para ver o que há em seus olhos. – Eve. – Eu o encaro, e não há raiva nem deboche ali. – Não há nada no mundo que eu queira mais do que isso. É apenas que... sob essas circunstâncias...

Concordo. Eu sei.

– Você é um homem honrado – digo. – Ou um bom mentiroso.

Ele desliza uma das mãos pelo meu cabelo. Fecho os olhos e me inclino ao seu toque. Encolho-me contra ele, permitindo que seus braços me envolvam. Ele me segura bem próximo dele. Pressiona os lábios no topo da minha cabeça e beija meu cabelo, e então desliza a mão por todo o seu comprimento.

– Ninguém me obriga a visitá-la duas ou três vezes na semana. Faço porque quero vê-la. Eu poderia ligar. Mas venho para ver *você*.

Ficamos daquele jeito por um minuto, talvez dois, até ele dizer que precisa se dirigir ao tribunal na cidade. Eu o acompanho à porta e o observo sair, depois fico parada na frente do vidro frio, vendo a alameda até que seu carro desapareça do meu campo de visão.

COLIN

ANTES

É chamado de “Alberta Clipper”. Uma área de baixa pressão que se movimenta rapidamente quando o ar quente do oceano Pacífico se choca com as montanhas da Columbia Britânica no Canadá. O resultado disso é algo chamado Chinook, ventos quase tão fortes quanto um furacão, que trazem o ar frio para o sul e provocam bruscas variações de temperatura. Não tinha ideia de que isso havia acontecido há dois dias. Não até a temperatura da cabana cair tanto, que decidimos ficar no aquecimento da caminhonete por alguns minutos. Precisávamos nos descongelar. Enfrentamos os ventos cortantes até a caminhonete. Ela andava em meu encalço, usando-me como escudo contra o vento. As portas estavam praticamente congeladas. Na caminhonete, achei uma estação no rádio, e o homem do tempo falava sobre esse tal de “Alberta Alipper”. Tinha acabado de chegar à área. Estava intenso, agredindo-nos com neve e baixando a temperatura do vento até o que considere insuportável. A temperatura deve ter caído para perto de uns seis graus negativos desde cedo.

Não achei que conseguiria ligar a caminhonete. Deixo

escapar alguns palavrões, e ela, algumas Ave-Marias, mas no final a coisa funcionou. Levou um tempo para o ar quente sair pela ventilação e, quando saiu, aumentamos ao máximo o calor e ficamos lá, sentados. Achei que ela nunca mais fosse parar de tremer.

– Há quanto tempo você tem esta caminhonete? – Pergunta. Diz que esse veículo deve ser mais velho que alguns de seus alunos.

Os alto-falantes da frente não funcionam. O assento de vinil está rasgado.

– Há tempo demais – respondo. O homem do tempo interrompe a previsão para que seja transmitido um comercial. Viro a sintonia do rádio, passando de música *country* para *Für Elise*, de Beethoven. Sem chance. Tento novamente e encontro uma estação de rock clássico. Deixo lá e abaixo o volume. Do lado de fora, o vento assovia. Ele balança a caminhonete para frente e para trás. Deve estar a uma velocidade de quase 100 km/h.

Tenho tosse, e meu nariz está escorrendo. Ela me disse que é por andar por aí no frio na outra noite, mas eu digo a ela que ninguém fica doente só por estar no frio. E então viro minha cabeça e tusso. Meus olhos estão pesados. Sinto-me uma droga.

Olhamos pela janela. O vento chacoalha as árvores para tudo quanto é lado ao vento. Um galho se parte de um carvalho próximo e atinge a caminhonete. Ela pula e olha para mim. Digo que está tudo bem. Logo isso passará.

Ela me pergunta qual é meu plano, por quanto tempo pretendo nos manter escondidos na cabana. Digo-lhe que não

sei.

– Há algumas coisas para resolver – falo –, antes de podermos ir. – Estou muito consciente de que, quando eu for, ela irá comigo. É só nisso que penso nesses dias: quando e para onde vamos. As temperaturas em queda deixam claro que não podemos ficar muito mais aqui. Já pedi que Dan preparasse os passaportes falsos, mas ele me disse que levaria tempo. “quanto?”, perguntei do telefone público da loja de ferramentas do Sam, deixando claro para ele que não tínhamos muito tempo. “ligue-me em umas duas semanas”, foram as palavras dele. “vou ver o que posso fazer.”

Então temos que esperar, pelo menos por enquanto. Mas não digo isso a ela. Por ora, eu a deixo pensar que não tenho ideia do que fazer.

Os Beatles começam a tocar no rádio. Ela diz que eles a fazem lembrar da mãe.

– Ela costumava ouvir os discos deles quando Grace e eu éramos crianças – diz ela. – Ela gostava da música, mas, sobretudo, era um elo com sua herança britânica. Ela adorava todas as coisas da Inglaterra: chá, Shakespeare, os Beatles.

– Por que você nunca fala da sua mãe? – Pergunto.

Ela diz que tem certeza de ter mencionado a mãe.

– Provavelmente eu só a mencionei de passagem. Esse é o jeito de minha mãe – ela me conta. – Nunca sob os holofotes. Não há nada a dizer sobre ela. É quieta, submissa. Maleável.

Coloco minhas mãos em concha na frente da saída do ventilador, tentando absorver tanto calor quanto possível.

– O que será que ela pensa que aconteceu a você? –

Pergunto.

Sinto como o cheiro de nosso sabonete fica na pele dela, embora nunca permaneça na minha. Um perfume sutil. Como o de maçãs.

– Não sei – diz ela. – Não pensei a respeito disso.

– Mas ela sabe que você sumiu.

– Talvez.

– E está preocupada.

– Não sei – diz ela.

– Como não sabe?

Ela reflete um pouco.

– No último ano, ela deve ter ligado uma ou duas vezes para mim. Como não retornei, ela não quis me incomodar. Então, deixou passar.

Mas ela diz que imagina. Diz que o pensamento cruzou sua mente algumas vezes. O que as pessoas deviam ter pensado quando o aniversário dela passou. Quando não esteve no jantar de ação de graças. Ela imagina se as pessoas estão procurando por ela. Se perceberam que ela sumiu.

– Imagino se a polícia está envolvida ou se virou apenas um rumor. Será que perdi meu emprego e há outra professora em meu lugar? Será que meu apartamento foi retomado quando não paguei o aluguel?

Eu lhe digo que não sei. Talvez. Não que ela possa ir para casa. Não que ela vá retornar para aquele emprego, para aquele apartamento algum dia. Então, será que importa?

– Mas ela ama você – digo. – Sua mãe.

– Claro – ela responde. – Ela é minha mãe. – E então ela

me conta sobre a mãe. – Ela é filha única – diz. – Cresceu em Gloucestershire, em uma vila pequena e entediante com velhos chalés de pedra, aqueles com telhados inclinados, e casas que têm centenas de anos. É onde meus avós moram. A casa deles não tem nada de especial; é uma cabana antiga com tanta bagunça que sempre fico louca quando vou lá. Minha avó é uma acumuladora; meu avô, o tipo de homem que vai tomar cerveja até ter 102 anos. Ele recende a bebida, mas de um jeito cativante. Os beijos dele são sempre molhados e têm sabor de cerveja. Eles são avós do tipo padrão: ela sabe cozinhar como ninguém, ele tem horas e horas de histórias fascinantes sobre ter lutado na guerra. Minha avó me escreve cartas, longas mensagens em papel de caderno, com a mais perfeita caligrafia, uma letra cursiva fluente que dança na página, e no verão ela coloca flores desidratadas de uma trepadeira que eu sempre adorei, uma planta adorável que subiu pela parede de pedra e agora cobre o telhado da casa dela.

A garota me conta que a mãe costumava cantar *Lavender's Blue* para ela quando criança. Digo-lhe que nunca ouvi falar da música.

Ela se lembra de que, quando ela e a irmã eram pequenas, brincavam de esconde-esconde. Depois de a irmã fechar os olhos e contar até 20, certa vez, ela desapareceu dentro do quarto e colocou fones de ouvido.

– Eu estava em um *closet* – ela me conta. – Um *closet* pequeno e lotado. Só esperando que ela me achasse. – Ela diz que ficou lá por mais de uma hora. Tinha 4 anos.

Foi a mãe que a encontrou por fim, que vasculhou a casa de

cima a baixo quando percebeu que Mia tinha sumido. Ela se lembra do ranger da porta do *closet* ao se abrir, e ela, meio adormecida. Lembra dos olhos da mãe, profundamente comovidos, e da maneira como ela a embalou no colo sentada no chão, dizendo sem parar: “você é minha garotinha perfeita, Mia”, deixando-a pensar no que não tinha sido dito.

Ela se lembra de que a irmã foi duramente repreendida.

– Ela teve que se desculpar – ela me conta –, e fez isso. Embora de uma maneira meio arrogante. – Ela se lembra, mesmo aos 4 anos, de pensar nas vantagens de ser uma garotinha perfeita. Ela queria ser boa. É o que me diz. Que tentou bastante ser uma garotinha perfeita.

Ela diz que quando a irmã estava na escola e o pai fora, compartilhava com a mãe o chá da tarde.

– Era nosso segredo – diz a garota pra mim. – Ela aquecia cidra de maçã para mim, e preparava para si uma xícara de chá. Compartilhávamos sanduíches de manteiga de amendoim e geleia. Bebíamos com os dedinhos levantados, e nos chamávamos de “queridinha” e “amor”, e ela me contava tudo sobre a vida nesse mágico reino britânico, como se princesas e príncipes vagassem livremente por todas as ruas de pedra.

Mas ela me diz que o pai odiava aquele lugar. Que forçou a mãe a esquecer disso tudo. Ele forçou a mãe a se tornar americana. Para que perdesse qualquer rastro da própria cultura. Ela me conta que isso é chamado de imperialismo: uma relação baseada em dominação e subordinação. Sorri amargamente quando fala do pai. Não acho que pretenda fazer isso. Não acho sequer que ela saiba que faz isso, mas faz. Acho que a relação

dos pais não é a única imperialista.

Está escuro lá fora, preto como piche sem luar. A luz interior da caminhonete nos ajuda a enxergar, mas, ainda assim, só vejo o contorno de sua pele, o reflexo da luz em seus olhos.

– Ela quase se destituiu de sua herança britânica, estando nos estados unidos desde que era mais jovem que eu. Meu pai até a fez parar de usar palavras mais comuns aos britânicos do que aos americanos. Não sei quando foi que a batata frita virou apenas fritas para ela, ou quando ela parou de colocar a palavra “droga” na frente de frases enfurecidas, como muitos de seus conterrâneos fazem, mas em algum ponto da minha infância isso certamente aconteceu.

Pergunto quem a procuraria. Com certeza, alguém percebeu que ela sumiu.

– Não sei – diz ela. Mas ela pode deduzir. – As pessoas com quem trabalho devem estar preocupadas, meus alunos, confusos. Mas minha família? Honestamente, não sei. E você? – Pergunta ela. – Quem deve estar procurando por você?

Dou de ombros.

– Ninguém dá um centavo por mim.

– Sua mãe – diz ela.

Eu me viro e olho para ela. Não digo coisa alguma. Nenhum de nós tem certeza de se é ou não uma pergunta. O que eu sei é que sinto algo mudar dentro de mim a cada vez que ela me olha.

Os olhos dela não olham mais através de mim. Agora, quando ela fala, ela olha para mim. A raiva e o ódio se foram.

Estico o braço e passo uma das mãos, aquecida pelo ar quente, em seu rosto. Arrumo um fio de cabelo solto atrás da

orelha dela. Sinto que ela pressiona a bochecha contra minha mão, permanecendo assim por um tempo. Ela não faz objeção.

Então digo a ela:

– Temos que voltar lá para dentro. Quanto mais ficarmos aqui, pior vai ser.

Ela não se move rapidamente. Hesita. Acho que vai dizer algo. Parece prestes a falar algo que está na ponta de sua língua.

Mas então ela menciona Dalmar.

– O que tem ele? – Pergunto, mas ela não me diz. Está muda, ruminando algo. Como se pensasse como tinha vindo parar aqui. Ao menos, é o que acho que ela está pensando. Como a filha de um rico juiz acaba escondida comigo em uma cabana de quinta categoria?

– Não importa – diz ela. Ela reconsiderou suas palavras. Não quer falar no que está pensando.

Podia arrancar isso dela, mas não o faço. A última coisa que quero falar agora é sobre Dalmar.

– Vamos entrar – digo.

Ela concorda lentamente com a cabeça.

– Tudo bem. Vamos. – Empurramos as portas para abri-las contra a força do vento. Refazemos nossos passos até a cabana fria e escura, de onde ouvimos os uivos do vento.

GABE

DEPOIS

Estou folheando o caderno de anotações, desesperado por pistas, quando me ocorre algo: aquele maldito gato. Particularmente, detesto gatos. Fico apavorado com a elasticidade deles. Eles têm uma tendência de se sentirem bem acomodados no meu colo, com certeza porque sabem o quanto isso me irrita. O pelo deles fica em mim, e eles soltam aqueles ronronados bizarros.

Meu chefe está me cobrando para encerrar logo essa coisa. Ele fica me lembrando que já faz semanas desde que a garota Dennett voltou para casa, e eu não estou nem perto de descobrir quem fez isso a ela. Meu problema é simples: Mia é a única que pode me ajudar. E ela mal consegue se lembrar do próprio nome, quanto mais dos detalhes dos últimos meses de sua vida. Preciso reavivar a memória dela.

E então tropeço na imagem do gato. Minha mãe diz a meu pai o tempo todo que ela o trocaria por um Schnauzer. Eu, pessoalmente, fui trocado por um papagaio. Vejo minha vizinha dando beijos em seu poodle o tempo todo. As pessoas têm uma relação engraçada com seus bichos. Não eu. O último bichinho de estimação que tive acabou sendo descartado em uma descarga.

Ligo para um cara em Minnesota e lhe peço que me faça um favor. Envio-lhe um fax com o desenho e lhe digo que estamos procurando por um gato malhado, cinza e branco, que pesa talvez por volta de uns quatro quilos. Ele envia um patrulheiro a Grand Marais, até a cabana, para dar uma olhada por lá.

Não há gato nenhum, mas há pegadas de um animal na neve. Sugeri – não foi nada difícil pensar nisso – que ele deixasse uma tigela de comida e um pouco de água, que provavelmente congelaria durante a noite. Melhor do que nada. Peço-lhe que confira novamente pela manhã e veja se o gato comeu a ração. Não deve haver muita caça nessa época do ano, e o pobrezinho deve estar com frio. Meu colega responde que correr atrás de gatos desaparecidos não é a prioridade deles.

– E qual é, então? – Pergunto. – Prender caras que excederam o limite diário de pesca de trutas? – Lembro a ele que se trata de um caso de sequestro que chegou às manchetes dos jornais.

– Tudo bem, tudo bem – diz ele. – Ligo de volta para você de manhã.

COLIN

ANTES

Conto a ela que meu segundo nome é Michael, como o do meu pai. Ela ainda não sabe meu nome verdadeiro. Ela me chama de Owen, se é que me chama de algo. Normalmente eu não a chamo de nada. Não há necessidade. Tenho uma cicatriz perto da cintura que ela viu quando eu saía do banheiro, depois de um banho. Ela pergunta sobre a marca. Digo a ela que foi a mordida de um cachorro quando eu era garoto. Mas da cicatriz no meu ombro eu não vou falar. Conto a ela que quebrei três ossos do corpo: uma clavícula em um acidente de carro quando criança; meu punho, jogando futebol; e meu nariz em uma briga.

Coço a barba quando estou pensando. Caminho quando estou bravo. Faço qualquer coisa para me manter ocupado. Não gosto de ficar sentado mais do que alguns minutos, e só faço isso quando tenho motivo: alimentar a lareira, jantar, dormir.

Conto a ela como tudo isso começou. Como um homem qualquer me ofereceu US\$ 5 mil para achá-la e lhe entregar na Lower Wacker drive. Não sabia nada dela naquela época. Vi uma foto e, por dias, a segui. Não era algo que eu quisesse fazer. Não sabia qual era o plano até aquela noite. Até que eles me ligassem

no celular e me contassem o que eu deveria fazer. É assim que as coisas são: quanto menos eu souber, melhor. Não foi como das outras vezes. Mas era mais dinheiro do que já tinham me oferecido.

A primeira vez foi apenas para pagar um empréstimo que eu havia feito, conto a ela.

– Para que eu não levasse uma surra – explico. Depois daquilo, fiz alguns serviços por algumas centenas de dólares, às vezes por mil. Digo que Dalmar foi só um intermediário. Os demais se escondem atrás de uma cortina de fumaça. – Não tenho uma droga de uma pista sobre quem paga as contas.

– E isso incomoda você? – Pergunta ela.

Dou de ombros.

– É assim que as coisas funcionam.

Ela poderia me odiar por fazer isso com ela. Ela poderia me odiar por tê-la trazido para cá. Mas ela consegue perceber que o que fiz salvou sua vida.

Meu primeiro trabalho foi encontrar um homem chamado Thomas Ferguson. Eu deveria fazê-lo pagar uma dívida substancial. Ele era um tipo rico e excêntrico. Uma espécie de gênio da tecnologia que ganhou dinheiro nos anos 1990. Tinha uma queda por apostas. Havia conseguido uma hipoteca e gastou quase todo o valor da casa em jogos. Depois, a poupança para a faculdade dos filhos. Em seguida passou para um fundo que os sogros deixaram em nome dele e da mulher quando morreram. Quando a esposa descobriu, ameaçou deixá-lo. Ele colocou as mãos em mais dinheiro e foi para um cassino em Joliet, para tentar recuperar tudo. Ironicamente, Thomas Ferguson

realmente ganhou uma pequena fortuna no cassino. Mas isso não pagou sua dívida.

Achar Thomas Ferguson foi fácil.

Eu me lembro de como minhas mãos tremeram quando subi os degraus da casa no bairro de Streeterville, em Chicago. Não queria me meter em confusão. Toquei a campainha. Quando uma adolescente espiou pela abertura da porta, eu a forcei. Passava das 20h de uma noite fria de outono. A casa estava às escuras. A garota começou a gritar. Sua mãe correu até a sala, e elas se esconderam embaixo de uma velha mesa quando eu mostrei a arma. Disse à mulher que chamasse o marido. Levou uns bons cinco minutos para que o covarde desse as caras. Estava no andar superior, escondido. Eu tinha tomado todas as providências: cortado a linha telefônica e bloqueado a porta dos fundos. Não havia como ele fugir.

Ainda assim, Thomas Ferguson esperou tempo suficiente para que eu amarrasse a esposa e a garota e colocasse a arma na cabeça de sua mulher para enfim aparecer. Ele disse que não tinha dinheiro. Nem um centavo em seu nome. Mas é claro que aquilo não podia ser verdade. Estacionado do lado de fora havia um Suv da Cadillac que ele acabara de dar para a esposa.

Conto a ela que nunca matei ninguém. Nem daquela vez, nem nunca.

Jogamos conversa fora, para passar o tempo.

Conto a ela que ronca quando dorme.

– Não sabia – diz. – Não me lembro qual foi a última vez que alguém me viu dormir.

Sempre uso sapatos, mesmo sabendo que não há para onde

ir. Mesmo quando a temperatura despenca e fica negativa, e sei que não vamos nos mover um centímetro para longe do fogo.

Deixo a água pingando da torneira. Falo para não fechá-la. Se a água congelar, os canos vão se romper. Ela me pergunta se vamos morrer congelados. Eu digo que não, mas não tenho tanta certeza.

Quando fico muito entediado, pergunto-lhe se ela pode me ensinar a desenhar. Arranco todas as folhas, porque ficaram uma droga. Jogo-as na lareira. Tento fazer um retrato dela. Ela me mostra como desenhar os olhos.

– Os olhos normalmente se alinham com o topo das orelhas, o nariz, com a parte de baixo delas – diz ela. Então me faz observá-la. Ela diseca a própria face com as mãos. É uma boa professora. Penso nos garotos em sua escola. Eles devem gostar dela. Eu nunca gostei de nenhuma das minhas professoras.

Tento novamente. Quando termino, ela diz que é uma réplica perfeita da senhora Cabeça de Batata. Arranco o desenho do caderno espiral, mas, quando tento pôr fogo na folha, ela a tira das minhas mãos.

– Para o caso de você ficar famoso um dia – diz.

Mais tarde, ela esconde o desenho onde não possa encontrá-lo. Ela sabe que, se eu o achar, vai acabar alimentando a lareira.

EVE

DEPOIS

Ele vai e volta ao assunto durante todo o fim de semana, deixando pequenas pistas aqui e ali, sobre como ela ficaria gorda e a criança pecaminosa que crescia em seu ventre. Ele ignorou meus apelos para parar com aquilo. Mia ainda tem de aceitar a ideia de que há vida dentro dela, embora eu a tenha ouvido no banheiro, vomitando, e soubesse que o enjoo matinal tinha começado. Bati na porta e perguntei se estava bem; James me empurrou para o lado. Eu me segurei na moldura da porta para não cair, encarando-o com desgosto.

– Você não tem nada para fazer? –, ele me pergunta. – Manicure? Cabelo? *Alguma coisa?*

Sou contra o aborto. Para mim, é um crime. Há uma criança dentro de Mia, não importa que tipo de maluco a tenha ajudado a concebê-la. Uma criança com coração, braços e pernas crescendo, com sangue correndo pelo corpinho, pelo corpo do meu neto ou neta.

James não me deixou ficar sozinha com Mia. Ele a manteve confinada no quarto a maior parte do fim de semana, enchendo a cabeça dela com material do movimento pró-escolha:

panfletos apanhados em clínicas na cidade e artigos que imprimiu da internet. Ele conhece minha opinião sobre o aborto. Normalmente, somos conservadores em nossas opiniões, mas, agora que há uma criança ilegítima no ventre de nossa filha, ele jogou longe todo o pensamento racional.

Só uma coisa interessa: se livrar da criança. Ele prometeu pagar pelo aborto. Falou sobre aquilo, ou pelo menos murmurou, como se conversasse consigo mesmo. Disse que desejava pagar pelo aborto porque não queria que as contas fossem encaminhadas para a companhia de seguros para reembolso; não queria registros de que *isso* tinha acontecido.

– Você não pode obrigá-la a fazer um aborto, James – confronto-o.

Mia não se sentia bem. James tinha levado torradas para o quarto. Ele nunca dera tanta atenção a ela durante sua vida inteira. Ela não se juntou a nós para jantar no domingo à noite. Não foi coincidência. Tive certeza de que James a tinha trancado no quarto para que eu não a influenciasse.

– Ela quer fazer.

– Porque você lhe disse que ela tem de fazer.

– Ela é uma *criança*, eve, que não tem a menor lembrança da concepção desse bastardo. Está doente, e já passou por muita coisa. Ela não é capaz de tomar essa decisão agora.

– Então vamos esperar – sugeri – até que ela esteja pronta. Temos tempo.

Havia tempo. Poderíamos esperar por algumas semanas. Mas James não pensa assim. Ele quer que isso seja feito agora.

– Que droga, Eve – explodiu ele, afastando a cadeira da

mesa da cozinha e ficando em pé. Saiu de lá sem terminar a sopa.

Na manhã seguinte, ele tirou Mia da cama antes de eu terminar minha xícara de café. Estou sentada à mesa da cozinha quando ele quase a arrasta escada abaixo. Ela vestiu peças que não combinavam; tenho certeza de que James as tirou do armário dela e a forçou a se vestir.

– O que está fazendo? – Exijo saber. Corro pelo saguão, a xícara escorregando pela beirada da mesa e se espatifando em milhares de pedaços no chão de madeira.

– Já falamos sobre isso – diz ele. – Já concordamos. Todos nós. – Ele me encara, desafiando-me a discordar.

Havia ligado para seu amigo juiz e pedido que a esposa do homem, a doutora Wakhrukov, lhe fizesse um favor. Tinha ouvido James ao telefone nesta manhã, antes das 7h, e a palavra “eliminado” me fez parar do lado de fora da porta do escritório. Os abortos são feitos em clínicas por toda a cidade, e não em consultórios de obstetras renomados. A doutora Wakhrukov está no ofício de trazer bebês a esse mundo, não no de impedi-los de nascer. Mas a última coisa que James precisa é que alguém o flagre entrando em uma clínica de aborto com a filha a reboque.

Vão sedar Mia até que ela esteja tão calma e dopada que não poderá dizer não, nem que deseje. Vão dilatar o colo de seu útero e colocar um aparelho de sucção para tirar o bebê do útero de sua mãe, como faria um aspirador.

– Mia, querida – digo, esticando o braço para alcançar sua mão. Está fria como gelo. Ela está em uma nuvem de confusão, ainda não completamente acordada, ainda não ela mesma. Ela

não tem sido ela mesma desde que voltou. A Mia que eu conheço é extrovertida, impetuosa, e segura de suas convicções. Ela sabe o que quer e consegue o que quer. Nunca escuta o pai, porque o acha frio e repreensível. Mas ela está entorpecida e insensível, e ele usou isso como vantagem. Ele a envolveu em um encanto. Ela está sob o feitiço dele. Ela não tem condições de tomar essa decisão. E isso vai permanecer com ela para o resto da vida.

– Vou junto – digo.

James me encurrala contra uma parede.

– Você não vai – ordena, com um dedo apontado para mim.

Eu o empurro para longe de mim e pego meu casaco.

– Eu vou.

Mas ele não vai me deixar ficar no caminho.

Ele tira o casaco das minhas mãos e o joga no chão. Segura Mia com uma das mãos, arrastando-a pela porta da frente. O vento de Chicago invade o saguão e gruda nas minhas pernas e braços nus, torcendo minha camisola em volta de mim. Tento pegar o casaco.

– Você não tem que fazer isso. Mia, você não tem que fazer isso – grito. Mas ele está me segurando e, como eu não me detenho, ele me empurra com força suficiente para eu cair no chão.

Bate a porta da frente com força antes de eu poder retomar o fôlego e me levantar. Busco forças para ficar de pé e espiar pela janela enquanto o carro se afasta.

– Você não tem que fazer isso, Mia – embora saiba que ela não pode mais me ouvir.

Meus olhos correm até o chaveiro de ferro fundido e

descobrem que minhas chaves não estão lá, que James as levou em uma tentativa de me manter à deriva.

COLIN

ANTES

Só levou um dia ou dois, e o maldito resfriado foi embora. Eu me senti uma droga no primeiro dia. Mas, quando comecei a sentir pena de mim mesmo, meu nariz desentupiu e pude respirar. Sou assim. Para ela, foi diferente. Posso dizer pela tosse.

Ela começou a tossir logo depois de mim. Não uma tosse seca como a minha, mas algo muito mais profundo. Obriguei-a a beber água da torneira. Não sei muita coisa – não sou médico –, mas pode ajudar.

Ela está muito mal. Posso ver no rosto dela. Os olhos lacrimejam. Seu nariz está assado e vermelho de ficar sendo limpo com pedaços de papel higiênico. Ela sempre está muito gelada. Senta-se na frente da lareira, a cabeça apoiada no braço de uma cadeira, e se fecha em um lugar em que nunca esteve. Nem mesmo quando coloquei aquela arma em sua cabeça.

– Quer ir para casa? – Pergunto. Ela tenta disfarçar. Mas sei que tem chorado. Posso ver as lágrimas caindo por suas bochechas. Elas pingam no chão.

Ela levanta a cabeça, limpando o rosto com uma das mangas.

– Só não me sinto bem – mente. É claro que ela quer ir para casa. O gato não sai do seu colo. Não sei se é por causa da manta que está enrolada nela ou se é pelo fato dela estar à frente da lareira. Ou talvez seja pura devoção. Como diabos vou saber?

Eu me vejo segurando aquela arma na cabeça dela. Imagino-a deitada na terra pedregosa, cercada por folhas. Ultimamente não tenho conseguido tirar essa imagem da cabeça.

Coloco uma das mãos na testa dela e lhe digo que está quente. Ela responde que está muito cansada, o tempo todo.

Mal pode manter os olhos abertos, e, quando consegue, estou sempre lá com um copo de água para que ela beba.

Ela me conta que sonha com a mãe, em deitar no sofá da sala de estar deles, como quando era criança e ficava doente. Ela sonha em ser envolta em um cobertor que carregava o tempo todo. Algumas vezes, a mãe o colocava na secadora por alguns minutos para aquecê-lo. Então, a mãe lhe faria uma torrada de canela e tomaria conta dela enquanto assistiam a desenhos animados, e, quando as novelas comessem, elas também as assistiriam juntas. Sempre tinha um copo de suco para beber. Líquido, a mãe sempre dizia. Tome bastante líquido.

Ela me diz que pode ver a mãe parada aqui na cozinha da cabana em uma camisola de seda e em chinelos que parecem sapatilhas de balé. Há música de Natal, diz ela, Ella Fitzgerald. A mãe está cantarolando. O aroma de canela enche o ar. Ela chama “mamãe”, mas, quando se vira, ela me vê e começa a chorar.

– Mamãe – choraminga. Seu coração dispara. Tinha certeza de que a mãe estava lá.

Atravesso a sala e coloco uma das mãos em sua cabeça. Ela

se encolhe. Minha mão está um gelo.

– Você está fervendo. – E então lhe dou um copo de água morna.

Sento ao lado dela no sofá.

Ela leva o copo aos lábios, mas não bebe. Deita-se de lado, a cabeça acomodada em um travesseiro que eu trouxe da cama. Está fino como papel. Eu me pergunto quantas cabeças já estiveram nele antes da dela. Pego o cobertor, que caiu no chão, e o coloco sobre ela. O cobertor é rústico, parece de lã. Ele arranha sua pele.

– Se Grace era a favorita de meu pai, eu era a da minha mãe – diz ela subitamente.

Um momento de clareza a atingiu bem ali. Ela diz que vê a mãe correndo até seu quarto quando ela teve um pesadelo. Ela sente os braços da mãe em volta de si, protegendo-a do desconhecido. Ela vê a mãe empurrando-a no balanço enquanto a irmã estava na escola.

– Vejo-a sorrindo, escuto sua risada. Ela me ama – diz ela. – Só não sabia como demonstrar.

De manhã, reclama que a cabeça dói, e a garganta e, meu Deus, ela não para de tossir. Mas não reclama do incômodo. Só me conta porque pergunto.

Tem dor nas costas.

Em um instante vai para o sofá, onde cai no sono de bruços. Ela está tão quente quanto o inferno, embora trema como se a qualquer momento fosse se congelar em um bloco de gelo. O gato caminha por suas costas até que eu o espante. Então ele se refugia no encosto do sofá. Ninguém nunca me amou tanto.

Ela murmura no sono sobre coisas que não estão lá: um homem em um casaco camuflado e grafite em uma parede de tijolos, pintada ilegalmente com spray, em um estilo livre, com uma caligrafia ilegível. Ela a descreve em seus sonhos. Preto e amarelo. Letras grossas e entrelaçadas em 3-d.

Eu a deixo ficar com o sofá. Há duas noites durmo em uma cadeira. Estaria mais confortável na cama, mas não quero ficar tão longe dela. Fico acordado a metade da noite por causa daquela maldita tosse, embora, de alguma maneira, ela consiga dormir, mesmo tossindo. Normalmente é o nariz entupido que a acorda, aquela inabilidade assustadora e repentina de respirar.

Não sei que horas são quando ela diz que quer ir ao banheiro. Ela se senta no sofá e, quando decide que aguenta, fica em pé. Posso dizer pela maneira como se move que tudo dói naquele corpo.

Ela deu apenas poucos passos quando começa a despencar.

– Owen – ela consegue sussurrar. Apoia a mão em uma parede, erra e cai no chão.

Não acho que já tenha me mexido tão rápido na vida. Eu não a apanhei, mas impedi sua cabeça de bater no piso de madeira.

Ela não fica desacordada muito tempo, apenas alguns segundos. Quando volta a si, me chama de Jason. Pensa que sou ele. E eu poderia ficar bravo, mas, em vez disso, a ajudo a ficar de pé e, juntos, vamos ao banheiro. Eu abaixo suas calças e a ajudo a urinar. Depois a carrego até o sofá e a acomodo lá.

Uma vez, ela me perguntou se eu tinha namorada. Disse que não, que tinha tentado uma vez e que não era para mim.

Perguntei-lhe sobre aquele seu namorado. Encontrei-o no

banheiro e odiei o cara no minuto em que coloquei os olhos nele. Ele é o tipo de imbecil que finge ser durão. Pensa que é melhor que todo mundo, mas no fundo é um covarde. É o tipo de Thomas Ferguson, que deixaria um homem colocar uma arma na cabeça dela.

Observo-a dormindo. Ouço a tosse agitar seus pulmões. Ouço sua respiração rasa e vejo o peito subir e descer irregularmente a cada respirada.

– O que você quer saber? – Perguntou ela quando questionei sobre o namorado.

Subitamente, não queria mais conversar sobre isso.

– Nada – respondi. – Não importa.

– Porque – disse ela – acredito no que você disse.

– No que eu disse?

– Sobre pagá-lo. Acredito em você.

– Acredita?

– Não me surpreende.

– Por que diz isso?

Ela deu de ombros.

– Não sei. Simplesmente não me surpreende.

Sei que não posso deixar isso ir adiante. Sei que a cada dia ela fica pior. Sei que precisa de um antibiótico; que, sem isso, pode morrer. Só não sei o que fazer.

EVE

DEPOIS

Ela certamente não pode ser deixada lá sozinha. Deixo a casa tão logo James chega sem Mia. Não há nada mais importante que Mia. Tenho certeza de que ela está sozinha, parada em alguma esquina, abandonada pelo próprio pai, e com certeza sem recursos para voltar para casa.

Grito com ele. Como ele pôde fazer isso com nossa filha?

Ele a deixou sair sozinha do consultório daquela médica, em um dia frio de janeiro, sabendo bem que ela não é capaz sequer de preparar o próprio café da manhã, quanto mais achar o caminho de casa.

Ele ainda me disse que é *ela* que estava sendo teimosa. Que Mia é quem estava sendo pouco razoável sobre aquele *maldito* *bebê*. falou que ela recusou o aborto e que saiu andando do consultório da obstetra, quando a enfermeira chamou pelo seu nome.

James irrompe escritório adentro e bate a porta, sem saber que faço a mala e silenciosamente desço as escadas, antes de sair de casa.

Não dei a Mia a consideração que ela merece. Enquanto pego

as chaves do carro e dirijo até o consultório da médica, contornado-o muitas, muitas vezes, ela está acomodada em segurança em seu apartamento, com uma lata de sopa aquecendo no fogão para o almoço.

Ela abre a porta, e eu a abraço com o máximo de força que me é possível sem machucá-la.

Ela está no pequeno apartamento que chamava de lar. Passou um longo tempo desde que ela esteve aqui. As plantas estão vivas por um fio, e há pó por todo canto. Cheira a casa nova, aquele odor que diz que ninguém esteve lá por um longo tempo. O calendário na geladeira da cozinha está empacado em outubro, a imagem em chamas com folhas vermelhas e laranja. A secretária eletrônica apita; deve haver umas mil mensagens esperando por ela.

Ela está fria, congelada por ter andado tanto tempo e esperado por um táxi. Ela diz que não tinha um centavo consigo para a corrida. A temperatura do apartamento é congelante. Ela está com o seu suéter favorito de capuz sobre uma blusa fina.

– Sinto tanto, tanto – digo diversas vezes. Mas ela tem tudo sob controle. Me segura pelo braço e pergunta o que houve, e conto a ela sobre James. Agora sou eu que estou descomposta; sou eu que estou desmoronando. Ela pega a mala das minhas mãos e a traz para o quarto.

– Então você vai ficar aqui – diz ela. Ela me acomoda no sofá e me cobre com uma manta, depois vai para a cozinha terminar a sopa: canja de galinha, diz, porque a faz se lembrar de casa.

Tomamos nossa sopa, e então ela me conta o que aconteceu

no consultório da obstetra. Passa a mão pelo abdômen e se encolhe em uma cadeira.

Tudo estava indo conforme o planejado. Ela disse que já tinha se convencido; que era só uma questão de tempo e tudo estaria terminado. James estava sentado lá, lendo um jornal jurídico e esperando a consulta. Em poucos minutos, a médica russa ia se livrar do bebê.

– Mas – ela me conta – havia um menininho e sua mãe. Acho que não tinha nem 4 anos. – Ela me fala da mulher, com a barriga do tamanho de uma bola de basquete. O garoto brincava com seus carrinhos, subindo-os e descendo-os pelas rígidas pernas da cadeira da sala de espera. “vrum, vrum, vrum...” ele deixou um cair aos pés de James, e o infeliz teve a audácia de empurrá-lo com seus mocassins italianos, sem sequer levantar o nariz do livro.

– Aí eu ouvi a mãe – diz Mia –, vestida com um macacão jeans largo e parecendo tão desconfortável quanto seu estado permitia, dizer ao menino: “venha cá, Owen”, e ele correu para ela e acelerou um carrinho sobre sua barriga protuberante. Depois, subiu em seu colo e disse: “oi, bebê” para a criança lá dentro.

Ela faz uma pausa para recobrar o fôlego e então admite para mim:

– Owen. Não sei o que significava, mas era algo importante. Não podia tirar meus olhos do garotinho. “Owen”, eu me ouvi falando, e tanto o menino quanto a mãe me olharam.

Ela me conta que James perguntou o que ela estava fazendo, e ela lhe contou sobre o *déjà vu*. era como se ela já tivesse estado

lá. Mas o que isso significava?

Mia diz que se inclinou na cadeira e disse ao garotinho que gostava de carros. Ele se ofereceu para mostrar um para Mia, mas a mãe riu e comentou: “ah, Owen, não acho que ela queira vê-los”. Só que Mia quis. James chamou sua atenção e lhe disse para devolver os brinquedos à criança. Porém, ela queria fazer algo para ficar perto do garoto. Ela diz que o som de seu nome não a deixava respirar direito. Owen.

– Peguei um dos carros na mão, uma van roxa, e contei a ele como tinha gostado dela, daí passei o brinquedo no topo de sua cabeça, e ele riu. Ele disse que logo ia ganhar um irmãozinho. Oliver.

E então a enfermeira estava lá na porta chamando o nome dela. James se levantou e, quando ela não fez o mesmo, ele lhe disse que era sua vez.

A enfermeira chamou o nome dela de novo. Ela olhava diretamente para Mia; sabia quem era ela. James a chamou mais de uma vez. Tentou puxá-la pelo braço e chegou bem perto de seu rosto, para discipliná-la como somente James faria. Disse de novo que era a vez deles.

– A mãe de Owen o chamou, e eu me vi esticando a mão e acariciando aquele cabelo cacheado. Não sei quem ficou mais incomodado, se a mãe do menino ou se papai, mas o garotinho gostou daquilo e sorriu, e eu devolvi o sorriso. Coloquei os carrinhos de volta nas mãos dele e levantei da minha cadeira – Mia conta. Ela diz que James deu um suspiro: “graças a Deus; já era hora”. Mas não era hora. Ela pegou o casaco e disse ao pai que não podia fazer aquilo.

Ela fugiu para o saguão. Ele correu atrás dela, é claro, bradando condenações, críticas e ameaças. Ele pediu que ela reconsiderasse, mas Mia não podia. Ela não sabia o que aquilo significava. Owen. Não sabia por que aquele nome significava tanto para ela. Tudo o que sabia é que não era hora de seu bebê morrer.

COLIN

ANTES

São 2h da manhã quando sou acordado pelo grito dela. Levanto da cadeira e a vejo apontar, através da sala escura, para algo que não está lá.

– Mia – digo. Mas não posso afastar seus olhos de lá. – Mia – tento novamente. Minha voz é firme. Tenho de olhar para o lugar cinco vezes, porque ela está me assustando muito. Seus olhos, cheios de lágrimas, estão grudados no ponto onde há *algo*. estico a mão para o interruptor e acendo a luz, apenas para garantir a mim mesmo que estamos sozinhos. Então fico de joelhos na frente do sofá. Pego a cabeça dela com minhas mãos e a forço a olhar para mim.

– Mia – digo, e ela sai do transe.

Ela me diz que havia um homem na porta com um facão e uma bandana vermelha amarrada na cabeça. Está histérica. Delirando. Consegue descrevê-lo perfeitamente, até um ferimento na coxa direita de sua calça jeans. Um homem negro com um cigarro enfiado entre os lábios. Mas o que mais me preocupa é o calor que emana de seu rosto quando aperto as mãos nele. Seu olhar está vidrado quando ela enfim me encara.

Ela apoia a cabeça em meu ombro e começa a chorar.

Abro a água da banheira e a encho até a borda. Não tenho remédios. Não tenho nada para baixar a temperatura. É a primeira vez que agradeço pelo fato de a água não aquecer, a no máximo ficar morna. Tépidas o bastante para evitar que ela fique hipotérmica. Fria o suficiente para que não tenha uma convulsão.

Eu a ajudo a se levantar. Ela se apoia em mim, e eu a carrego até o banheiro. Ela se senta no vaso sanitário enquanto tiro as meias de seus pés. Ela se encolhe quando os pés descalços tocam o chão frio.

– Não – implora.

– Vai ficar tudo bem – tento persuadi-la. É mentira.

Desligo a água e digo que vou lhe dar privacidade, mas ela estica o braço e segura minha mão.

– Não vá – pede.

Observo a mão trêmula tentar abrir o botão da sua calça cáqui. Ela sente fraqueza, e se apoia na pia para se manter equilibrada antes de poder terminar o gesto. Dou um passo adiante e libero o botão. Ajudo-a a se abaixar até o vaso e puxo suas calças até o chão. Tiro as ceroulas de suas pernas e puxo o suéter pela sua cabeça.

Ela chora enquanto entra na banheira. Deixa a água subir pelos seus joelhos enquanto os puxa até o peito. Apoia a cabeça neles, e seu cabelo tomba, as pontas mergulhadas na água. Eu me ajoelho ao lado da banheira. Com as mãos em concha, pego a água e a jogo onde ela não alcança. Mergulho uma toalha de mão e a espremo em sua nuca. Ela não para de tremer.

Tento não olhar para ela. Tento não olhar abaixo de seus olhos enquanto ela me implora para continuar falando, qualquer coisa que a faça parar de pensar no frio congelante. Tento não imaginar as coisas que não posso ver. Tento não pensar na cor de sua pele, pálida, ou na curvatura de sua espinha. Tento não encarar seu cabelo, flutuando na superfície da água.

Conto a ela sobre uma senhora que vive no mesmo andar que eu. Essa senhora de 70 anos sempre consegue se trancar para fora do apartamento quando tira o lixo para colocá-lo no latão, no final do corredor.

Conto a ela como minha mãe recortou meu pai de todas as fotos antigas. Todas as fotos do casamento deles ela colocou na picotadora de papéis.

Ela me deixou manter uma foto dele. Mas, depois que paramos de nos falar, eu a usei para praticar tiro ao alvo.

Conto a ela que, quando era criança, queria ser jogador profissional de futebol americano. Jogar no ataque, como Tommy Waddle.

Conto a ela que eu danço foxtrote porque minha mãe me ensinou. Mas não é o tipo de coisa que eu deixaria alguém ver. Nos domingos, quando ela tem um bom dia, coloca Frank Sinatra para tocar no rádio e nós deslizamos pela sala. Atualmente sou melhor que ela, com larga diferença. Ela aprendeu a dançar com os pais. Não havia nada melhor para fazer, tendo crescido em tempos difíceis. Muito difíceis. Ela sempre me disse que eu não sabia nada sobre a pobreza, mesmo nas noites em que me acomodava em um saco de dormir no assento traseiro do nosso carro.

Conto a ela que, se fosse por mim, eu viveria em um lugar como esse, no meio do nada. A cidade não é para mim, com todas aquelas malditas pessoas.

O que eu não conto a ela é como ela parecia bonita naquela primeira noite. Como eu a observei sentada sozinha no bar, ensombrecida pela fraca luminosidade e pela fumaça de cigarro. Eu a observei mais do que precisava, pelo puro prazer de fazer isso. Não digo a ela como as velas faziam seu rosto brilhar, como a fotografia que me deram não lhe fazia justiça. Não lhe digo nada disso. Não digo a ela como me sinto quando ela me olha, ou como ouço sua voz à noite, em meus sonhos, me perdoando. Não lhe digo que sinto muito, embora eu sinta. Não digo a ela que a acho linda, mesmo percebendo que ela se olha no espelho e odeia a imagem que vê.

Ela se cansa de tremer. Vejo seus olhos se fecharem quando ela começa a pegar no sono. Coloco a mão em sua testa e me convenço de que a febre baixou. Eu a acordo. E então a ajudo a ficar de pé na banheira. Eu a envolvo com uma toalha rústica e a ajudo a sair. Eu a ajudo a vestir as roupas mais quentes que encontro, e então seco as pontas de seu cabelo com uma toalha. Ela se deita no sofá diante da lareira, que está se apagando, então coloco mais lenha. Antes de conseguir cobri-la, ela já dormiu, mas continua a respirar de maneira entrecortada. Sento ao lado dela e não me permito dormir. Vejo o subir e descer de seu peito para me certificar de que está viva.

Há um médico em Grand Marais. Digo-lhe que precisamos ir. Ela tenta objetar. “Não podemos”, diz. Mas eu lhe digo que

temos de ir.

Lembro a ela que seu nome é Chloe. Faço tudo o que posso para nos disfarçar. Digo a ela para colocar o cabelo para trás, o que ela nunca faz. No caminho, entro em uma mercearia e compro um par de óculos de leitura. Digo a ela para usá-los. Não ficou perfeito, mas vai ter de servir. Uso meu boné do Sox.

Digo a ela que vamos pagar em dinheiro. Nada de seguro-saúde. E que ela não deve falar mais que o necessário. E que me deixe falar.

Só precisamos de uma receita.

Dirijo por Grand Marais por uns bons 30 minutos antes de me decidir por um médico. Faço isso analisando o nome deles. Kenneth Levine parece formal demais. O filho da mãe provavelmente deve dormir todas as noites assistindo ao jornal. Há uma clínica, mas continuo dirigindo – muita gente. Há um dentista e um obstetra. Eu me decido por um consultório grande com o estacionamento vazio, em nome de Kayla Lee, uma médica de família. Seu carrinho esporte está estacionado do lado de fora. Não muito prático tendo em vista a neve que caía. Digo a Mia que não queremos a melhor médica da cidade, apenas alguém que possa nos dar uma receita.

Ajudo-a a atravessar o estacionamento.

– Tenha cuidado – digo. Há uma camada de gelo no chão. Patinamos por ela até chegar à porta. Ela não consegue acalmar a maldita tosse, embora tivesse mentido e dito que se sentia melhor.

O consultório fica no segundo andar, sobre uma copiadora. Entramos lá e nos dirigimos a uma escadaria estreita. Ela diz

que é o paraíso estar em um lugar tão quente. O paraíso. Imagino se ela realmente acredita nesse tipo de bobagem.

Há uma senhora sentada atrás da mesa, uma mulher que está falando umas bobagens sobre o Natal. Conduzo Mia até uma cadeira. Ela enfia o nariz em um lenço e assoa. A recepcionista levanta a cabeça.

– Pobrezinha – diz ela.

Pego os formulários com ela e me sento na cadeira para obesos. Observo Mia enquanto ela preenche os papéis. Ela consegue se lembrar de Chloe, mas, quando chega no *sobrenome*, sua mão para.

– Deixe-me fazer isso por você – falo. Tiro a caneta de suas mãos. Ela me observa escrever “Romain”. Invento um endereço. Deixo as informações sobre o seguro-saúde em branco. Levo os papéis até a recepção e digo à senhora que vamos pagar em dinheiro. Então sento ao lado dela e lhe pergunto se está bem. Pego a mão dela. Meus dedos deslizam entre os dela, e eu os aperto levemente, dizendo que tudo vai dar certo.

Ela pensa que é um ardil para enganar a recepcionista, mas o que ela não sabe é que minha atuação é uma porcaria.

A senhora nos conduz a uma sala nos fundos e tira os sinais vitais de Mia. A sala é pequena e há um mural de animais pintado na parede.

– Pressão sanguínea baixa – diz a mulher. Respiração e pulsação aceleradas, temperatura de 40 graus. – Pobrezinha – diz ela novamente. Fala que a médica virá logo. Não sei quanto tempo vamos esperar. Ela se senta na beirada da mesa, encarando os caprichosos leões e tigres, enquanto eu caminho

para lá e para cá pela sala. Quero dar logo o fora dali. Digo isso ao menos umas três vezes.

A doutora Kayla Lee bate à porta e em seguida entra na sala. Ela é alegre – morena, e não loira, como imaginei. Estava esperando uma bonequinha loira.

A médica é extrovertida e fala com Mia como se ela tivesse 3 anos. Senta-se em um banquinho giratório e o puxa para perto de Mia, que tenta pigarrear. Mas tosse. Ela está péssima. Mas talvez sentir-se assim tão mal a ajude a disfarçar o fato de que está morta de medo.

A médica pergunta se ela já tinha nos visto. Mia não consegue arranjar uma resposta, então eu assumo. Estou surpreendentemente calmo.

– Não – digo. – Pacientes novos.

– Então, o que está acontecendo... – Ela espia a ficha – ... Chloe?

Mia está exausta dessa empreitada. Ela não consegue sustentar o olhar na médica.

Tenho certeza de que a médica sente o cheiro de odor corporal em nossas roupas, que usamos quase todo dia, o que não nos permite sentir mais o cheiro. Ela está auscultando um pulmão. Há uma tosse seca que se parece com uma dúzia de cachorrinhos lutando dentro dela. Sua voz está rouca. Parece que vai sumir a qualquer momento.

– Ela está tossindo assim por quase quatro dias – digo. – Febre. Calafrios. Eu disse a ela para virmos aqui na tarde de sexta-feira. Mas ela disse que não, que era só um resfriado.

– Fadiga?

Mia concorda. Digo à médica que Mia está letárgica, que ela havia desmaiado em casa. Ela anota isso.

– Vômitos?

– Não.

– Diarreia?

– Não.

– Deixe-me dar uma olhada – diz a médica, e rapidamente acende uma luz nos olhos de Mia, em seu nariz, nas orelhas. Diz a ela para falar “ahhhh” e sente seus gânglios. E então o estetoscópio vai para os pulmões novamente. – Respire fundo – diz a doutora Lee. Atrás dela, continuo a andar de um lado para o outro. Ela move o estetoscópio pelo peito e pelas costas de Mia. Ela tem que se deitar. Então se sentar novamente, e a médica dá tapinhas em seu peito e escuta.

– Suspeito que seja pneumonia. Você fuma?

– Não.

– Histórico de asma?

– Não.

Eu me distraio com a arte na parede: uma girafa de bolinhas. Um leão cuja juba parece a de um desses malditos cones que cachorros usam quando não podem parar de se lambar. Um elefante azul-bebê que parece ter acabado de engatinhar pelo jardim.

– Ouço muitos ruídos em seus pulmões, para falar em termos leigos. Pneumonia é a inflamação dos pulmões, causada por uma infecção. O fluido bloqueia suas vias aéreas. O que começa como um resfriado pode decidir se instalar nos pulmões por alguma razão e o que acontece é isso – diz ela, apontando

para Mia.

A médica recende a perfume. Ela não cala a boca quando Mia tosse, embora saibamos que ela a escuta.

– Tratamos pneumonia com antibióticos – continua ela. Ela lista as possibilidades. Não nos dá uma receita. – Mas primeiro eu gostaria de confirmar com um raio X do tórax...

A cor se esvai do rosto de Mia, como se houvesse alguma lá, para começo de conversa. Não há a mínima possibilidade de pisarmos em um hospital.

– Aprecio seus cuidados – interrompo. Dou um passo à frente, perto o bastante para tocar a médica. Sou mais alto que as duas, mas não uso minha altura para demovê-la. Esbarraríamos em uma dúzia de pessoas em um hospital. Talvez mais.

Grudo um maldito sorriso no rosto e confesso que estou desempregado. Não temos seguro. Não podemos pagar pelos US\$ 200 ou US\$ 300 que um raio X nos custará.

E então Mia começa a tossir, até que nós todos pensemos que ela vai vomitar. A médica enche um pequeno copo plástico com água e entrega a ela. E então dá um passo para trás, para observar sua paciente se engasgar em busca de ar.

– Tudo bem – diz ela. Ela faz a maldita receita e deixa a sala.

Cruzamos com ela no saguão, enquanto saímos. Ela está debruçada em um balcão, escrevendo na ficha de Chloe Romain. Seu jaleco balança e quase toca o cano de suas botas de caubói de couro. Há um vestido feio por baixo. Seu estetoscópio está em volta do pescoço.

Estamos quase na porta quando ela se detém.

– Vocês têm certeza de que nunca os vi antes? Parecem tão familiares. – Mas ela não está olhando para Mia. Está olhando para mim.

– Não – digo desdenhosamente. Não preciso ser gentil. Já tenho o que preciso.

Antes de sairmos, agendamos uma consulta para o acompanhamento de Chloe Romain, à qual ela nunca comparecerá.

– Obrigada pela ajuda – diz Mia, enquanto a empurro gentilmente para a porta.

No estacionamento, digo a ela que fizemos bem. Temos a receita. É tudo de que precisamos. Passamos em uma farmácia no caminho de volta para a cabana. Mia espera na caminhonete enquanto eu corro lá, grato por achar uma cabeça-oca de 16 anos no caixa e o farmacêutico enfiado lá no fundo, sem nunca levantar a cabeça. Dou um comprimido a Mia antes de sairmos do estacionamento e observo, com o canto dos olhos, enquanto ela dorme no caminho todo para casa. Tiro meu casaco e o coloco sobre ela, para que não sinta frio.

GABE

ANTES

Passo muitos dias visitando Kathryn Thatcher em sua nova residência. A primeira vez que apareci disse que era seu filho.

– Ah, graças a Deus... ela fala de você o tempo todo – diz a recepcionista, me conduzindo ao quarto da mulher. Posso ver em seus olhos que está desapontada em me ver, mas tão aliviada em ter companhia que não se incomoda em dizer que eu menti. Está bem medicada agora e pode fazer algumas coisas sozinha. A senhora Thatcher divide um quarto com uma mulher de 82 anos que mora lá; é só questão de tempo até que ela morra. Está tão dopada com morfina que não tem sequer uma pista de onde está e de quem é, e tem certeza de que a senhora Thatcher é alguém chamada Rory McGuire. Ninguém vem visitá-la. E ninguém visita a senhora Thatcher, a não ser eu.

Descubro que a senhora Thatcher gosta de romances sobre crimes verídicos. Vou à livraria e compro todos os *best-sellers* do gênero que encontro. Eu me sento na beirada de sua cama e os leio para ela. Sou uma droga lendo em voz alta. Sou uma droga lendo de qualquer maneira; não acho que tenha dominado a técnica no primeiro ano escolar. Descobri que também gosto de

romances sobre crimes verídicos.

Entro às escondidas em seu quarto com *nuggets* de frango. Sempre que conseguimos, dividimos uma embalagem com dez e uma omelete grande.

Trago um antigo Cd *player* meu e retiro alguns Cds de Natal na biblioteca.

Ela diz que não parece ser Natal no asilo; pode ver a neve pela janela, mas do lado de dentro tudo continua do mesmo jeito. Quando eu saio à noite, ligo a música, para que ela não tenha que ouvir a respiração difícil da companheira de quarto.

Os dias de folga que eu não passo com Kathryn Thatcher, passo com Eve. Acho alguma razão boba para aparecer à sua porta repetidamente. Conforme dezembro avança e o inverno chega, uma névoa toma conta dela. Ela põe a culpa na depressão causada pelo inverno, seja lá o que diabos é isso. Posso ver que está cansada o tempo todo. Está triste. Ela se senta e olha fixamente pela janela, para a neve que cai.

Tento e invento um fragmento de informação – real ou não – sobre o caso, que passará a impressão de que não estou em um beco sem saída.

Eu a ensino a fazer a lasanha da minha mãe. Não estou tentando transformá-la em uma *chef*. Só não tenho certeza de que há outra maneira de fazê-la comer.

Ela diz que o marido vem para casa cada vez menos. Ele trabalha até mais tarde, às vezes até as 22h ou 23h. Na noite passada ele não veio para casa. Disse que trabalhou a madrugada inteira em moções, algo que Eve garante que ele nunca fez.

– O que você acha? – Pergunto.

– Ele parecia cansado de manhã. Passou aqui para trocar de roupa.

Estou tentando aperfeiçoar minha grande habilidade de detetive para descobrir o motivo pelo qual ela não abandona o marido. Até agora, não fui bem-sucedido.

– Então ele *estava* trabalhando – concluo.

Uma porcaria que estava. Mas, se isso faz com que Eve se sinta melhor, que seja.

Nunca fazemos alusão ao beijo. Mas, toda vez que a vejo, imagino os lábios de Eve pressionados contra os meus. Quando fecho meus olhos, sinto seu gosto, e sinto o cheiro de seu sabonete para mãos e também de seu perfume.

Ela me chama de Gabe, e eu a chamo de Eve. Ficamos mais próximos do que costumávamos ser.

Agora, quando ela abre a porta da frente, há uma centelha de felicidade, e não apenas desapontamento por não ser a filha, há muito perdida. Há uma centelha de felicidade por *mim*.

Eve me implora para levá-la ao asilo, mas sei que é mais do que ela conseguiria aguentar. Ela quer conversar com a senhora Thatcher, de mãe para mãe. Pensa que há algo que a senhora Thatcher possa lhe contar, que não contaria a mim. Ainda assim, eu digo não. Ela pergunta como é Kathryn, e eu lhe digo que é uma mulher forte e desafiadora. Eve me diz que ela costumava ser forte; que a porcelana fina e a alta-costura a enfraqueceram.

Tão logo a senhora Thatcher esteja completamente estabilizada, vai viver com uma irmã que mora perto, uma mulher que, aparentemente, não ligou muito a TV nos jornais noturnos nos últimos meses. Liguei para ela outro dia a pedido

de Kathryn. Ela não tinha ideia de que o sobrinho havia sumido nem tinha ouvido uma palavra sequer sobre a busca de Mia Dennett.

Fui designado para outros casos. Um incêndio em um edifício, provavelmente criminoso. Reclamações de diversas adolescentes contra um professor do ensino médio.

Mas, à noite, quando vou para meu apartamento, bebo para conseguir dormir e, quando consigo, durmo com a imagem de Mia Dennett na câmera de vigilância, sendo escoltada do elevador pelo insistente Colin Thatcher. Imagino uma Eve desolada chorando até dormir. E lembro a mim mesmo que sou o único que pode impedir isso.

Estou visitando o asilo em uma terça-feira de muita neve quando Kathryn Thatcher se vira para mim e pergunta sobre a vizinha, Ruth Baker.

– Ruthie sabe que estou aqui? – Pergunta ela, e dou de ombros, respondendo que não sei. Nunca ouvi falar dessa Ruth – mais conhecida como Ruthie – Baker. Mas ela me diz que Ruthie verifica como ela está toda semana, quando Colin não pode ir lá. Ela diz que Ruthie recolhe a correspondência todo dia e a leva com ela até a casa da senhora Thatcher. Em minha mente, tenho uma visão das cartas na caixa de correio quase transbordando para o chão, cheia até que fosse impossível fechar a portinhola.

Havia tanta correspondência que precisei dirigir até o posto do correio de Gary com um mandado para recolher o que o carteiro não pôde enfiar na caixa. Falei com os vizinhos, mas não havia Ruth ou Ruthie, nem senhora Baker. A senhora

Thatcher me diz que Ruth vive na casa branca do outro lado da rua, e é então que me lembro da placa de “vende-se”. Ninguém atendeu a porta.

Faço uma pesquisa e empaco em um obituário da primeira semana de outubro. Consigo os registros de óbito e descubro que a senhora Ruth Baker teve um derrame e morreu às 16h18 do dia 7 de outubro. A senhora Thatcher não sabia. A senhora Baker deveria ficar de olho em Kathryn Thatcher enquanto Colin estivesse fora. Adivinho que, aonde quer que esteja, ele não tem ideia de que a mulher de 75 anos que ficou encarregada de zelar por sua mãe está morta.

Minha mente volta à correspondência. Eu pego a pilha de cartas que tirei da caixa de correio da senhora Thatcher e a que peguei no correio, arrumando tudo pela data do carimbo. Claro, há uma lacuna: desde o desaparecimento de Mia até as notificações de vencimentos de contas começarem. Por volta de cinco dias. Imagino quem diabos está com a correspondência perdida da senhora Thatcher. Volto à casa de Ruthie Baker e bato na porta. Novamente, não há resposta, então rastreio o parente mais próximo, uma mulher da minha idade, filha de Ruthie, que vive em Hammond com o marido e os filhos. Certo dia, bato à sua porta.

– Posso ajudá-lo? – pergunta ela, alarmada quando eu lhe mostro meu distintivo.

– Sua mãe é Ruth Baker? – Pergunto, antes mesmo de dizer meu nome.

Ela diz que é. Sempre que um policial aparece à sua porta, a primeira coisa que você pensa é: *O que aconteceu de errado?*

Esqueço de dizer a ela que sinto por sua perda. Logo começo a falar, com um único pensamento na cabeça: achar Mia.

– Acredito que sua mãe tenha coletado a correspondência de uma vizinha. Kathryn Thatcher – digo, e uma onda de culpa e vergonha invade a mulher.

Ela começa a se desculpar profusamente. Sei que ela sente muito, mas acho que também está preocupada de ter se metido em alguma encrenca. Roubo de correspondência é um delito, e aqui estou eu, um policial, parado à sua porta.

– É que... estamos tão ocupados – diz ela. – Com todos os preparativos... O funeral e tirar as coisas da casa dela. – Ela viu a correspondência. Na verdade, passou pelas cartas um milhão de vezes, toda vez que ela entra ou sai da casa da mãe, empilhadas em uma mesinha de madeira, no canto ao lado da porta da frente. Ela só não teve tempo de devolvê-las ao dono.

Sigo a senhora em sua minivan de volta à rua na qual Kathryn Thatcher vive. Entramos na garagem da casa de Ruth Baker, e a mulher vai lá dentro para pegar a correspondência. Agradeço a ela e tiro as cartas de sua mão. Lá mesmo, na garagem, mexo nas cartas. Cardápio do restaurante chinês, uma conta de água, um anúncio de mercearia, mais contas, e um envelope recheado entregue a Kathryn Thatcher sem remetente. A caligrafia é descuidada. Abro o envelope e acho, enfiado lá, um monte de dinheiro. Sem bilhete, sem remetente. Viro aquilo várias vezes em minhas mãos. Vejo o carimbo do correio. Eau Claire, Wisconsin. Jogo a correspondência no banco do passageiro do meu carro e saio às pressas. De volta à delegacia, acesso um mapa *on-line*. Traço a rota de Chicago a Grand

Marais. Claro. Bem onde a i-94 vira para oeste, para St. Paul, Minneapolis, e a rodovia 53 se dirige para o norte, depois para o oeste. Mais ao norte de Minnesota, está a cidade de Eau Claire, Wisconsin, a aproximadamente 4h30 de Grand Marais.

Entro em contato com um tal de oficial “Roger Alguma Coisa” do nordeste de Minnesota. Ele me garante que estou seguindo a pista errada, mas diz que vai verificar mesmo assim. Digo que vou enviar um esboço por fax, para o caso de precisar. O rosto de Colin Thatcher apareceu nos noticiários apenas na área de Chicago. As emissoras de TV em Minnesota e o resto do mundo não têm ideia de quem ele seja. Mas vão ter.

COLIN

ANTES

O antibiótico faz efeito, e ela começa a se sentir melhor durante a noite. Enquanto a tosse continua forte, a febre cede significativamente. Ela parece viva, não mais um zumbi.

Mas, conforme se sente melhor, começa a mudar. Digo a mim mesmo que tem a ver com o antibiótico. Mas mesmo eu sei que não é verdade. Ela está quieta. Pergunto se está bem, e ela diz que ainda não se sente bem. Não quer comer. Tento convencê-la a comer um pouco, mas ela se senta e fica encarando a janela. O silêncio se instala na cabana, um silêncio desconfortável, trazendo-nos de volta ao lugar que costumávamos ocupar.

Tento conversar, mas suas únicas respostas são monossilábicas. “Sim”, “não”, “não sei”. ela diz que vamos morrer congelados. Diz que odeia a neve e que se tiver de tomar canja novamente vai vomitar.

Normalmente, eu ficaria enfurecido. Diria a ela para calar a boca. Eu a faria lembrar que salvei sua vida. Diria a ela para comer a maldita sopa antes que eu a enfiasse goela abaixo à força.

Ela não quer saber de desenhar. Pergunto se ela quer sair – o dia está mais bonito do que eu já tinha visto nos últimos tempos –, mas ela diz que não. Eu vou mesmo assim, e ela não se mexe um centímetro enquanto estou fora.

Ela não consegue se decidir. Não quer a canja. Sei disso. Então, para o jantar, dou a ela uma opção. Listo o nome de todas as comidas do armário. Ela diz que não liga. Não está com fome.

Ela diz que está cansada de tremer o tempo inteiro, da porcaria que comemos, das latas de gororoba disfarçadas de comida. Só o cheiro daquilo a faz querer vomitar.

Está cansada do tédio. Está cansada de não ter absolutamente nada para fazer em horas, dia após dia, interminavelmente. Ela não quer sair para outra caminhada no bendito frio. E também não quer fazer outro desenho.

Suas unhas estão horríveis. Seu cabelo tem as raízes oleosas, um ninho de rato que, aparentemente, nunca mais vai se desfazer. Não podemos fugir do nosso cheiro, apesar de nos forcarmos a tomar banho quase todos os dias naquela banheira suja.

Digo a ela que eles me mandariam para a cadeia se eu for pego. Não sei por quanto tempo. Trinta anos? Perpétua? Na verdade, nem se trata *disso*, digo a ela. A pena em si não significa nada; o número de anos é irrelevante. Jamais vou viver para cumpri-la. Todos os bandidos conhecem alguém na cadeia. Vou morrer lá. Eles garantiriam isso.

Não é uma ameaça. Não estou tentando fazê-la se sentir culpada. As coisas são como são.

Não quero estar aqui também. Passo cada minuto acordado

pensando quando é que Dan vai vir com os passaportes, como vou pegá-los sem os policiais me acharem. A comida já está escassa, as noites esfriando, até que em uma manhã não vamos acordar. Sei que *agora* é a hora de partir. Antes de a comida acabar, antes de o dinheiro acabar. Antes de morrermos congelados.

Ela me deixa o encargo de me preocupar sozinho. Diz que nunca ninguém se preocupou com ela.

Penso em todas as coisas que poderiam dar errado. Morrer de fome. Congelados. Seremos achados por Dalmar. Pela polícia. Há perigo também em voltar para casa.

Há perigo em ficar aqui. Eu sei. Ela sabe. Mas minha maior preocupação agora é não mantê-la mais comigo.

GABE

DEPOIS

Acredite se quiser, eles acham o maldito gato. O coitadinho estava escondido em algum depósito atrás da cabana, congelando quase até a morte. Não havia nada que comer por isso não foi difícil atraí-lo com a ajuda de uma porção de ração que os policiais levaram. Mas é claro que não gostou da gaiola em que foi preso, pelo que contaram, e lutou com unhas e dentes para sair de lá antes de trancarem a portinhola. O felino foi de jato até Minneapolis, depois veio para o aeroporto o'Hare em um voo comercial. O danadinho acumulou mais milhas do que eu! eu o apanhei de manhã e o levei até os Dennett quando – vejam só – descobri que Eve e Mia tinham se mudado.

Fiz o trajeto até Wrigleyville com a ideia de surpreender as duas com uma dúzia de *donuts*, café com leite e um gato malhado malnutrido. São 10h e ambas estão de pijama, assistindo à TV.

Seguro a porta quando alguém está saindo para não ter que tocar o interfone. Gosto de surpresas.

– Bom-dia – digo, quando Mia abre a porta.

Ela não me esperava. Eve se levanta do sofá e passa a mão

pelo cabelo desarrumado.

– Gabe – diz ela. Veste o robe para garantir que nada fique à mostra.

Tento deixar o gato no saguão, mas, Deus me ajude, só basta um “obrigada” vindo de Mia, em resposta ao meu “trouxe alguns *donuts* e café”, e o gato fica completamente furioso, arranhando as grades da gaiola e fazendo ruídos que nunca ouvi um gato fazer. Lá se vai minha grande entrada.

Eve fica pálida.

– O que é esse barulho? – pergunta ela, e eu carrego o pestinha para dentro e fecho a porta.

De acordo com pesquisas, as pessoas que vivem com animais têm a ansiedade diminuída e queda de pressão arterial. O nível de colesterol delas também costuma diminuir. São mais relaxadas e menos estressadas. Enfim, viver com animais proporciona uma melhora considerável no estado de saúde. A menos, é claro, que você tenha um cachorro que faça xixi incontavelmente onde quer que deseje ou que mastigue seus móveis.

– O que está fazendo com esse gato? – Pergunta Eve. É evidente que está confusa, e pensa que eu devo estar louco.

– Esse carinha? – Pergunto. Faço-me de bobo. Eu me abaixo e abro a jaula, e pego o gato nos braços. Ele me arranha com as garras traseiras. *Merda!* – estou tomando conta dele para um amigo. Espero que não se importem. Alguém tem alergia a gatos? – Pergunto, colocando-o no chão e me levantando para olhar Mia nos olhos.

A bola de pelos vai até ela e faz mais ou menos mil voltas

entre suas pernas. Ele mia. Ronrona.

Eve ri. Passa de novo a mão pelos cabelos.

– Parece que você achou um amigo, Mia – diz ela.

A garota murmura alguma coisa, como se experimentasse uma nova palavra antes de pronunciá-la e nos surpreender com isso. Deixa que o gato se esfregue nela por não sei quanto tempo, enquanto ouvimos Eve falar incessantemente sobre como o pestinha está enamorado pelos pés de Mia.

– O que foi que disse? – Pergunto, dando um passo adiante, enquanto ela se inclina e apanha o gato nos braços. Ele *não* a arranha. Eles esfregam nariz com focinho, e ele dá uma pequena cabeçada nela.

– Sempre disse a ela que deveria ter um gato – Eve continua a falar.

– Mia? – digo.

Ela me olha com lágrimas nos olhos. Sabe que eu sei, e que fiz isso por uma razão.

– Canoe – sussurra ela. – Eu disse Canoe.

– Canoe?

– É o nome dele.

Que diabos aconteceu com Max ou fido? Canoe? Que tipo de nome é esse?

– Mia, querida... – Eve vai até ela, consciente, pela primeira vez, de que algo está acontecendo ali. – Quem se chama Canoe? – pergunta. Sua voz está infantilizada, como se conversasse com uma criança com deficiência mental. Eve tem certeza de que Mia está falando alguma bobagem, efeito colateral do transtorno do espectro autista. Exceto pelo fato de que essa é a primeira vez

que vejo Mia falando alguma coisa que faça sentido.

– Eve – digo, retirando a mão dela gentilmente do braço de Mia. Enfio a mão no bolso do casaco e tiro o fax que mandei aos policiais de Grand Marais e o desdobro, para revelar um desenho perfeito do pequeno Canoe. – Este – continuo, mostrando o desenho a ela – é Canoe.

– Então ele não é...

– Havia um galpão – Mia diz. Ela não nos olha. Seus olhos estão perdidos no gato. Eve tira o desenho das minhas mãos. Ela sabe agora. Viu o caderno de desenhos, cada uma das imagens, até o esboço de Colin Thatcher, que ela me confessou que a mantinha acordada à noite. Mas tinha se esquecido do gato. Eve afunda no sofá. – Havia um galpão atrás da cabana. Ele vivia lá. Eu o encontrei dormindo em uma velha canoa enferrujada. Eu o assustei no começo. Só abri a porta para olhar o galpão e o assustei bastante. Ele fugiu por um buraco que havia no galpão e correu como um guepardo até a floresta. Nunca pensei que ele voltaria, e eu estava sem comida. Ele disse que de jeito nenhum aquele gato poderia ficar conosco. De jeito nenhum.

– Quem disse isso, Mia? – Perguntei. É claro que eu sabia. Deveria ter sido uma droga de um psicólogo. Mas sua resposta foi inesperada:

– Owen – diz ela, e então começa a soluçar, colocando uma das mãos na parede para se apoiar.

– Mia, querida, quem é Owen? Não há nenhum Owen. O homem da cabana? Aquele homem? Aquele homem é Colin Thatcher.

– Eve – digo. Minha autoestima está aumentando a cada

segundo. Consegui fazer o que um Phd não pôde. Consegui fazer com que Mia declarasse ter estado na tal cabana, com um homem chamado Owen e um gato chamado Canoe. – Ele teve diversos nomes. Owen provavelmente é mais um deles. Há algo mais de que você se lembra? – Pergunto. – Pode me contar mais sobre ele?

– Deveríamos chamar a doutora Rhodes – interrompe Eve. Sei que ela tem razão, pois deseja o melhor para Mia, mas não posso deixar aquilo acontecer. Ela revira a bolsa, mas eu pronuncio seu nome. Já se passou o bastante entre nós para Eve saber que pode confiar em mim. Não vou deixar nada ruim acontecer a Mia. Ela olha para mim, e eu balanço a cabeça em uma negativa. Não agora. Isso está ficando bom.

– Ele disse que odiava gatos. E que, se visse Canoe novamente na cabana, atiraria nele. Não quis dizer isso de verdade. É claro que ele não atiraria, senão eu não teria deixado o gato entrar.

– Ele tinha uma arma?

– Sim.

É claro que sim. Eu sabia que sim.

– Você tinha medo dele, Mia? Achou que ele poderia atirar em você?

Ela assente.

– Sim. – Mas depois se detém. – Não. – Balança a cabeça em uma negativa. – Não sei. Acho que não.

– Bem, é claro que você estava com medo, querida, ele tinha uma arma. Sequestrou você.

– Ele ameaçou você com a arma?

– Sim. – Ela está pensando. Está acordando de um sonho e tentando lembrar os detalhes dele. Consegue reunir fragmentos, mas nunca a coisa toda. Todos já passamos por isso. Em um sonho, a casa onde mora não é exatamente a *sua*. Uma senhora que é sua mãe não necessariamente se parece com sua verdadeira mãe. De dia, quase não faz tanto sentido quanto fez à noite.

– Ele me segurou. Do lado de fora. Na floresta. Apontou a arma para mim. Estava tão bravo. Gritando. – Ela balança a cabeça vigorosamente. Lágrimas caem pelo seu rosto. Isso deixa Eve à beira de um ataque nervoso. Tenho que ficar entre elas para manter Eve afastada.

– Por quê? – Pergunto. Minha voz está calma, baixa. Talvez eu *tenha* sido psicólogo em uma outra vida.

– É minha culpa. É tudo minha culpa.

– O que é sua culpa, Mia?

– Tentei dizer a ele.

– Tentou dizer o que a ele?

– Ele não queria ouvir. Ele tinha a arma. Ficou apontando-a para mim. Sabia que, se algo desse errado, ele ia me matar.

– Ele disse isso para você? – Pergunto. – Disse que, se algo desse errado, ele a mataria?

Não, não, ela diz com a cabeça. E me olha bem nos olhos.

– Podia ver nos olhos dele. – Ela conta que estava com medo naquele dia no bar. Tentou não ficar, mas estava com medo.

Minha mente vasculha as informações arquivadas nela e viaja até o bar de jazz em Uptown, ao proprietário careca e à vela

verde chiquezinha. Foi nesse lugar que Mia encontrou pela primeira vez Colin Thatcher, mais conhecido como Owen. Pelo testemunho da garçonete, ela saiu correndo, mas não foi forçada a isso, saiu porque quis, como se estivesse ansiosa. Penso nas palavras da garçonete: *Ela mal podia esperar para sair daqui*. Isso não me parecia uma atitude de quem está com medo.

– E então – Mia começa a chorar –, tudo deu errado. Eu tentei dizer a ele. Devia ter dito a ele. Mas tive medo. Ele tinha a arma. E eu sabia que, se algo desse errado, ele me mataria. Eu tentei...

– Colin Thatcher – interrompi. – *Owen*. Owen a mataria se algo desse errado?

Ela concorda, depois nega com um gesto rápido de cabeça.

– Sim. Não. – Está frustrada. – Não sei – praticamente cospe as palavras.

– O que você tentou dizer a ele? – Pergunto, mas, em vez de me responder, a mente dela gira 180 graus, e ela chacoalha a cabeça, bloqueada e frustrada; não consegue mais se lembrar do que ia dizer.

A maioria das pessoas acha que há duas respostas naturais ao medo: lutar ou fugir. Mas há uma terceira reação para uma situação ruim: paralisia. Como um veado sob luzes fortes. Ou se fingir de morto. As palavras de Mia – “estava com medo”; “tentei dizer a ele” – provam exatamente isso. Não houve uma resposta de luta ou fuga. Ela congelou. Lá estava ela: completamente alerta, a adrenalina correndo, mas incapaz de fazer algo para salvar a própria vida.

– É tudo minha culpa – repete.

– O que é sua culpa? – Pergunto, esperando um *replay* da mesma conversa.

– Eu tentei fugir – ela diz desta vez.

– E ele pegou você?

Ela concorda.

Eu a faço recordar de sua resposta anterior:

– Lá fora, na floresta? – Pergunto. – E ele ficou bravo com você por tentar fugir. Daí apontou a arma. E disse que, se tentasse fazer aquilo de novo...

– ... ele me mataria.

Eve engasga. Cobre a boca com a mão. É claro que ele ameaçou matá-la. É o que eles fazem. Tenho certeza de que aconteceu várias vezes.

– O que mais ele disse? – Indago. – Do que você se lembra?
– Ela balança a cabeça; não consegue se lembrar.

– Canoe – tento. – Você disse que ele o mataria se o visse na cabana, mas ele não o fez. Você se lembra de ver o gato na cabana?

Ela alisa o pelo do gato. Não olha para mim.

– Ele me contou que ficou deitado ao meu lado por dias. Nunca saiu de perto de mim.

– Quem não saiu? – Pergunto.

– Ele disse que ninguém o amou tanto assim na vida dele. Que ninguém foi tão dedicado.

– Tão dedicado quanto quem?

Ela olha para mim. *Dã*, os olhos dela dizem.

– Canoe.

E foi então que aquilo me atingiu: se tudo aquilo tinha vindo

à tona só de ver o gato, que recordações poderíamos encontrar se colocássemos Mia de novo naquela cabana? Preciso encontrar a pessoa que fez isso a ela, para ter certeza de que ela, e Eve, estão em segurança.

COLIN

ANTES

Digo a ela que vamos sair para caminhar. Está escuro lá fora, já passa das 22h.

– Agora? – Pergunta. Como se tivéssemos algo melhor para fazer.

– Agora.

Ela tenta argumentar, mas não deixa. Não desta vez.

Eu a ajudo a vestir o casaco, e nos dirigimos para fora. A temperatura está em torno de zero grau. A neve cai fina e levemente. Perfeita para uma batalha de bolas de neve. Isso me leva de volta ao estacionamento de trailers, jogando bolas de neve com as crianças pobres de outros trailers, onde vivemos antes de mamãe comprar uma casa que não era móvel.

Ela me segue, descendo os degraus. No final da escada, para e olha ao redor. O céu está negro. O lago, oculto pela escuridão. Estaria escuro – escuro demais – sem o brilho da neve. O branco da precipitação começa a acumular em seus cabelos e cílios e ela apanha um pouco de neve nas mãos. Olhando pra cima, coloco minha língua para fora para prová-la.

A noite está silenciosa.

Aqui fora, a neve faz tudo resplandecer. Parece que tudo brilha e nem está tão frio. É uma dessas noites em que a neve, de alguma maneira, faz você se sentir confortável. Ela ainda está parada junto aos degraus. A neve já se acumula em seus tornozelos.

– Venha aqui – digo. Caminhamos com dificuldade pela neve até o pequeno e deteriorado galpão que fica nos fundos.

Espio pela porta aberta. Tenho de forçar a maldita coisa contra a neve para entrar. Não é fácil.

Ela me ajuda a empurrar.

– O que estamos procurando? – Pergunta ao entrarmos.

– Isto – digo, erguendo um machado. Pensei tê-lo visto antes aqui. Dois meses atrás, ela teria pensado que o machado seria usado nela.

– Para quê? – Pergunta ela. Não está com medo.

Tenho um plano.

– Você vai ver.

A neve deve estar com dez centímetros de altura agora, talvez mais. Nossos pés afundam nela, e as pernas de nossas calças ficam ensopadas. Andamos um pouco, até que a cabana desapareça do campo de visão. Estamos em uma missão, e o fato por si só já é revigorante.

– Já cortou sua própria árvore de Natal? – Pergunto.

Ela me olha como se eu tivesse enlouquecido; como se apenas um caipira maluco fosse cortar a própria árvore de Natal. Mas então eu vejo certa hesitação escapar.

– Sempre quis cortar minha árvore de Natal – ela responde. Seus olhos brilham como os de uma criança.

Diz que em sua casa a árvore era sempre artificial. As árvores de verdade faziam muita sujeira. A mãe dela nunca concordaria com isso. Não havia nada de divertido na casa dela no Natal. Era tudo voltado para as aparências. A árvore era enfeitada com todos aqueles ornamentos de cristal, que eram fáceis de quebrar. Gritavam se ela se aproximasse a menos de um metro da coisa.

Digo a ela para escolher qualquer uma que deseje. Ela aponta para um pinheiro de quase dois metros de altura.

– Tente outra vez – sugiro. Mas, por um momento, encaro a árvore e imagino se conseguiria.

Convenço a mim mesmo de que ela está se divertindo. Que não se importa com o frio ou com a neve que fica presa na parte da meia que cobre seu tornozelo. Ela me diz que suas mãos estão congelando. Pressiona as duas em minhas bochechas para que eu sinta, mas não consigo sentir nada. Minhas bochechas estão insensíveis.

Conto a ela que, quando eu era criança, minha mãe e eu nos esquecíamos do Natal.

Ela costumava me levar à missa, mas, quanto a presentes e árvores, e toda aquela porcaria... bom, não tínhamos dinheiro. E eu nunca quis que minha mãe se sentisse culpada por isso. Então, deixava o dia 25 de dezembro chegar e passar em branco, como se fosse qualquer outro dia. De volta à escola, as crianças se gabavam de tudo o que tinham ganhado. Eu sempre inventava alguma coisa. Não que me sentisse mal. Nunca fui de sentir pena de mim mesmo.

Digo a ela que nunca acreditei em Papai Noel. Nem por um

único dia.

– Qual era o seu desejo de Natal? – Pergunta ela.

O que eu queria era um pai. Alguém para cuidar da minha mãe e de mim, para que eu não tivesse de fazer isso. Mas respondo que queria um atari.

Ela acha uma árvore. Tem mais ou menos um metro e meio de altura. Pergunto se quer tentar e lhe dou o machado. Segurando-o nas mãos, ela ri. É um som que nunca ouvi. Ela dá uma batida na árvore.

Depois de quatro ou cinco tentativas, ela me entrega o machado. Examino a base da árvore. Consigo ver um pequeno pedaço branco do interior do tronco, é um pequeno dente, nada mais além. Não é uma coisa fácil mesmo. Digo-lhe para se afastar, enquanto eu realmente acerto a árvore. Ela assiste a tudo com o olhar brilhante de uma criança de cinco anos. Que o diabo me leve se eu não conseguir cortar esta árvore.

O resto do mundo está quieto. Tudo está em paz. Tenho certeza de que nunca experimentei uma noite tão perfeita quanto essa. Ela me diz que é impossível acreditar que, em algum lugar lá fora, o mundo esteja em guerra. Que as pessoas passem fome. Que crianças sofram abuso. Estamos isolados da civilização.

– Duas figuras minúsculas em um globo de neve que uma criança virou ao contrário – diz ela. Visualizo aquilo: nós, caminhando por montículos de cerâmica, enquanto a neve de *glitter* nos envolve em nossa própria bolha.

Estou certo de ter ouvido uma coruja piar ao longe. Paro e digo *shhh*, e por um momento só escutamos. Esse é o lugar para

onde as corujas-das-neves migram no inverno. Estamos quase mortos de frio, mas ela vem para cá para se manter aquecida. Ouvimos. Silêncio.

Ela olha para o céu e observa as nuvens se desfazendo. Elas nos banham em neve.

A árvore é pesada. Fazemos uma pausa juntos, ela na frente, eu atrás. Deslizamos com a árvore pela neve, quatro ou cinco vezes, um de nós ou os dois escorregando e caindo na neve. Nossas mãos estão tão frias que quase não conseguem agarrar o tronco da árvore.

Quando chegamos à cabana, pego a árvore pela base. Andando de costas, eu a levo degraus acima. Ela fica no pé da escada. Finge ajudar, mas nós dois sabemos que não faz nada.

Forçamos a árvore pela porta da frente e a apoiamos contra uma parede da sala. Eu desabo. A árvore deve pesar uns 50 quilos, está ensopada e transbordando de neve.

Chuto meus sapatos molhados para longe e bebo água direto da torneira da cozinha. Ela passa as mãos pelas folhas jovens, ainda cheias de neve. Cheira o pinheiro. É a primeira vez que nenhum de nós reclama por passar frio. Nossas mãos estão feridas, o nariz vermelho e as bochechas, coradas. Mas, sob camadas de roupas, suamos. Eu a encaro, e sua pele está ruborizada pelo frio.

Entro no banheiro para me limpar e trocar as roupas. Ela enxuga a umidade do chão, sob a árvore e nos lugares onde nossos sapatos espalharam neve. Posso sentir o cheiro do pinheiro em minhas mãos. Sinto a seiva grudenta. Respiro com dificuldade, tentando recobrar o fôlego. Caio no sofá quando

volto.

Ela se dirige ao banheiro para tirar as roupas molhadas. Coloca um par extra de ceroulas que secavam na janela.

– Nunca alguém me deu uma árvore – disse ela ao sair do banheiro.

Estou reavivando a lareira quando ela atravessa a sala e observa minhas mãos meticulosas manipulando a madeira do jeito certo, trazendo o fogo de volta à vida. Diz que faço tudo daquela maneira, com certa experiência que finjo não ter. Não respondo nada.

Sento novamente no sofá e enrolo minhas pernas com um cobertor. Meus pés descansam na mesinha. Ainda respiro com dificuldade.

– O que eu não daria por uma cerveja – digo.

Ela me observa sentado lá por não sei quanto tempo. Posso sentir os olhos dela em mim.

– Você, também? – Pergunto depois de um tempo.

– Por uma cerveja?

– Sim.

– Sim – ela concorda.

Eu me lembro de nós dois sentados lado a lado, bebendo cerveja naquele bar. Pergunto se ela se lembra, e ela diz que sim. Conta que parece ter sido há um milhão de anos atrás, muito antes de alguém nos colocar dentro do globo e encher nosso mundo de *glitter*.

– Que horas são? – Ela pergunta.

Meu relógio está na mesa ao lado dos meus pés. Eu me inclino e dou uma olhada. Digo que são 2h da manhã.

– Está cansado?

– Estou me recuperando.

– Obrigada pela árvore – diz ela. – Obrigada por *nos* conseguir uma árvore – acrescenta. Ela não quer ser arrogante.

Olho a árvore fixamente, inclinada contra a parede de troncos. Está deformada. É simples. Mas ela diz que é perfeita.

– Não – respondo. – É só para você. Para que deixe de parecer tão triste.

Prometo achar luzes para ela. Não sei como, mas prometo. Ela me diz para não me preocupar. Diz que ela é perfeita exatamente como está. Mas eu digo que acharei as luzes.

Ela me pergunta se eu já andei de metrô, na linha suspensa de Chicago. Eu lhe dirijo uma expressão apática. Digo que sim, claro que sim. Você dificilmente circula por Chicago sem utilizar o metrô, o sistema de transporte mais rápido da cidade. Ela conta que usa a linha vermelha a maior parte do tempo, “voando pela parte subterrânea da cidade, como se toda aquela excitação da superfície não existisse”.

– Alguma vez você andou de ônibus?

Imagino aonde diabos ela quer chegar com isso. – Algumas vezes.

– Já saiu? Para bares. Coisas assim.

– Algumas vezes. – Dou de ombros. – Não é exatamente o que gosto de fazer, na verdade.

– Mas você vai?

– Acho que sim. Às vezes.

– Alguma vez você foi ao lago?

– Conheço um cara que tem um barco no porto de Belmont.

– E, com aquilo, quero dizer que ele é um marginal como eu. Um cara que trabalha para Dalmar, que mora em um barco, um cruzador usado que ele mantém abastecido e atracado, caso precise fugir. Ele tem provisões suficientes no barco para durarem pelo menos um mês, se precisar viajar até os grandes lagos e chegar ao Canadá. É assim que pessoas como nós vivem. Sempre prontas para uma fuga.

Ela concorda. O porto de Belmont. Claro. Ela diz que corre por ali o tempo todo.

– Posso já ter visto você. Podemos ter nos cruzado na rua, andado no mesmo ônibus. Talvez aguardado pelo mesmo metrô?

– Milhões de pessoas vivem em Chicago.

– Mas talvez...?

– Pode ser. Talvez. Aonde quer chegar?

– Só estava pensando... – A voz dela se esvai.

– O quê? – Pergunto.

– Se poderíamos ter nos encontrado alguma vez. Se era para ser...

– O quê? Isto? – Balanço a cabeça. Não estou tentando ser um idiota. É só a verdade. – Provavelmente não.

– Você acha que não?

– Não teríamos nos encontrado – digo.

– Como sabe?

– Não teríamos nos encontrado.

Olho para o outro lado, puxo o cobertor até o pescoço e me deito de lado.

Peço que ela apague a luz e, quando ela entra na cozinha, pergunto se não vai para a cama.

– Como pode ter certeza? – Pergunta ela, ao invés de responder minha pergunta.

Não gosto do rumo dessa conversa.

– Qual é a diferença? – Pergunto.

– Você teria conversado comigo se realmente nos encontrássemos?

Naquela noite, teria falado comigo se não fosse obrigado?

– Eu não estaria naquele bar, para começo de conversa.

– Mas... e se você estivesse?

– Não.

– Não?

– Eu não teria conversado com você.

A rejeição foi como um tapa no rosto dela.

– Ah.

Ela atravessa a sala e apaga a luz. Mas não posso deixar aquilo assim. Não posso deixá-la ir se deitar furiosa como está.

– Não é o que você está pensando – admito, no escuro.

Ela está na defensiva. Eu a magoei.

– E o que é que eu estou pensando?

– Não tem nada a ver com você.

– Claro que tem.

– Mia...

– Então o que é?

– Mia.

– O quê?

– Não tem nada a ver com você. Não significa nada. – Mas significa. Significa, para ela. Ela está andando pela sala enquanto eu falo. – A primeira vez que eu a vi, você estava saindo do seu

apartamento. Eu estava do outro lado da rua, sentado nos degraus de um prédio baixo. Esperando. Tinha visto uma foto. Liguei de um telefone público na esquina. Você atendeu, e eu desliguei. Sabia que estava lá. Não sei por quanto tempo esperei, 45 minutos, talvez uma hora. Tinha de saber com quem havia me metido. E então vi você através das janelinhas ao lado da porta da frente. Vi você descer os degraus correndo com os fones de ouvido. Você abriu a porta e se sentou do lado de fora para amarrar um dos tênis. Eu memorizei como era seu cabelo, a maneira como ele caía sobre seus ombros antes de você usar esses braços compridos para amarrá-lo. Uma mulher passou com quatro ou cinco cachorros. Ela disse algo para você, e você sorriu, e eu pensei comigo mesmo que nunca tinha visto algo tão... Eu não sei... Nunca tinha visto nada tão *bonito* em minha vida. Você saiu correndo pela rua, e eu esperei. Fiquei observando táxis passarem e um monte de gente caminhando para suas casas, depois de descerem no ponto de ônibus na esquina. Eram seis, talvez sete horas. Começou a escurecer. O céu estava com aquelas cores dramáticas de outono. Você voltou caminhando. Passou bem na minha frente e então deu uma corridinha para atravessar a rua, acenando para um táxi, que reduziu a velocidade para deixar você passar. Quase tenho certeza de que você me viu. Você pegou uma chave de dentro do tênis e entrou, subindo as escadas, e aí não pude ver mais você. Depois vi a luz na sua janela e sua silhueta. Imaginei o que você estaria fazendo lá dentro. Imaginei-me lá dentro com você, como seria se não tivesse de ser assim.

Ela está quieta. E então diz que se lembra daquela noite. Diz

que se lembra do céu, tão vibrante como se a luz do sol tivesse sido espalhada em partículas por toda a sua vastidão. Ela diz que o céu estava da cor de caqui e de sangria, tons de vermelho que apenas Deus poderia criar.

– Eu me lembro dos cachorros, três labradores pretos e um *golden retriever*, e a mulher, com os seus 40 e poucos quilos, sendo arrastada por uma profusão de coleiras. – Ela conta que se lembra da ligação, embora na hora tenha se irritado. Lembra-se de ter se sentado lá dentro, sentindo-se sozinha, porque aquele maldito namorado dela estava trabalhando, mas, mais do que isso, porque se sentia feliz por ele não estar lá. – Eu não vi você – ela sussurra. – Se tivesse visto, teria me lembrado.

Ela se abaixa para se acomodar no sofá, a meu lado. Abro o cobertor para ela, que desliza para dentro dele. Comprime as costas contra mim, como se estivéssemos selados a vácuo. Posso sentir o ritmo de seu coração contra mim. Posso sentir o sangue pulsando em meus tímpanos. Está tão alto, que tenho certeza de que até ela ouve. Eu a envolvo com o cobertor. Estico a mão e encontro a dela, e nossos dedos se entrelaçam. O toque dela é encorajador. Ao mesmo tempo, minha mão para de tremer. Deslizo meu braço por baixo da curva do pescoço dela. Ela preenche todos os espaços, até que nos tornamos um só. Descanso minha cabeça em uma massa de cabelos loiros sujos, perto o suficiente para que ela sinta minha respiração em sua pele, confirmando que estamos vivos, apesar de, por dentro, mal podermos respirar.

Caímos em esquecimento dessa maneira, em um mundo em que nada mais importa. Nada além de nós.

Quando acordo, vejo que ela se foi. Não a sinto mais pressionada contra mim. Algo está faltando, embora não fizesse muito tempo em que não havia nada ali.

Vejo-a do lado de fora, sentada no degrau da varanda. Está congelando. Não parece se importar.

O cobertor está em volta de seus ombros, e ela está usando meus sapatos nos pés. Ficam enormes nela. Ela chutou a neve do degrau, embora as pontas do cobertor encostem nela e estejam molhadas.

Não saio imediatamente.

Faço café. Acho meu casaco. Faço as coisas no meu ritmo.

– Ei – chamo quando saio descalço. Entrego a ela uma caneca de café. – Talvez isto aqueça você.

– Ah. – Ela se sobressalta. Vê meus pés descalços e diz: – Seus sapatos. – Mas, antes que possa tirá-los, eu a impeço. Digo que não importa. Gosto daquilo, ela usando meus sapatos. Ela deitada ao meu lado na cama. Poderia muito bem me acostumar com isso.

– Está frio aqui fora – digo. Está um frio de rachar. Talvez 6 graus negativos.

– Está? – Pergunta ela.

Não respondo.

– Vou deixar você sozinha – falo. Acredito que alguém que escolha congelar o traseiro em um dia como este quer ficar sozinha.

Não aconteceu nada entre nós. Mas me deitar ao seu lado por todas aquelas horas, de estar próximo a ela, sentindo a maciez de sua pele e a maneira como seu peito faz barulho

quando ela ronca... *aquilo* tinha acontecido.

– Seus pés devem estar congelados.

Passo os olhos pelos meus pés. Estão sobre uma camada fina de gelo e neve.

– Estão – digo. E me viro para entrar.

– Obrigada pelo café.

Não sei o que esperava que ela dissesse, mas espero que ela diga alguma coisa.

– Sim – respondo, deixando a porta bater.

Não sei quanto tempo se passou – o suficiente para eu começar a me irritar. Comigo mesmo, por ficar irritado com ela. Não devia ligar. Não devia dar a mínima.

Mas então ela aparece. Suas bochechas estão vermelho-rubi devido ao frio. Seu cabelo cascadeia à sua volta.

– Não quero ficar sozinha – diz ela. Larga o cobertor na porta. – Não consigo me lembrar da última vez que alguém me disse que eu era bonita – acrescenta.

Bonita não faz jus a ela.

Olhamos um no olho do outro, deixando bem clara as coisas entre nós. Estamos ofegantes.

Quando ela vem até mim, chega com humildade. Suas mãos me tocam com cautela. Da última vez, eu a empurrei, mas era diferente.

Ela era uma mulher diferente.

Eu era um homem diferente.

Passo minha mão por seu cabelo. Minhas mãos acariciam seus braços. Elas memorizam os dedos dela e o formato de suas costas. Ela me encara com um olhar que eu nunca vi antes, nem

nela, nem em outra mulher. Confiança. Respeito. Desejo. Guardo na memória cada sarda, cada manchinha em seu rosto. Aprendo o formato de suas orelhas e passo um dedo pelo arco de seus lábios.

Ela pega minha mão e me conduz ao quarto.

– Você não precisa fazer isso – digo. Deus sabe que ela não é mais minha prisioneira. O que eu quero é que ela deseje ficar comigo.

Paramos na porta. Seus lábios acham o caminho até os meus, e eu seguro sua cabeça entre minhas mãos. Meus dedos alisam seu cabelo. Os braços dela se fecham em minhas costas. Ela não me deixa ir.

O que muda é a maneira como nos tocamos. Há contato, algo que costumávamos evitar. Roçamos um no outro quando entramos no quarto. Ela passa os dedos pelo meu cabelo. Deixo minha mão repousar em suas costas. Ela traça as linhas do meu rosto. Compartilhamos a mesma cama.

Nossas mãos e dedos decoram o que nossos olhos não podiam. Couro cabeludo irregular. Trechos de pele ressecada.

Não há nada frívolo no que fazemos. Não flertamos. Estamos além disso. Não trazemos à tona relações passadas. Não tentamos fazer o outro ter ciúme. Não nos damos apelidos. Não fazemos menção à palavra amor.

Matamos o tempo. Conversamos. Listamos todas as coisas malucas que vemos na cidade. Os sem-teto empurrando carrinhos de supermercado. Fanáticos religiosos caminhando com crucifixos nas costas. Pombos.

Ela me pergunta minha cor favorita. Digo que não tenho. Ela

me pergunta minha comida favorita. Deixo uma colherada da minha gororoba cair na tigela.

– Qualquer coisa que não seja isto – digo.

Ela me pergunta o que teria acontecido a ela se não tivéssemos vindo para cá. Se eu a tivesse entregado a Dalmar e recebido minha recompensa.

– Não sei – respondo.

– Eu estaria morta?

Aprendemos coisas que não sabíamos. Que contato pele com pele ajuda a nos manter aquecidos. Que sopa de frango e feijões assados realmente combinam. Que podem caber duas pessoas naquela cadeira bamba.

Estamos fazendo uma refeição. Qual é, eu não sei. Comemos quando precisamos. Não há coisas como café da manhã, almoço ou jantar. É tudo a mesma coisa. E tudo horrível.

Ela me olha com aqueles olhos dela. Eles exigem uma resposta.

– Não sei – digo novamente. Eu a vejo sendo arrancada do meu carro e jogada na van. Suas mãos estão unidas e seus olhos, cerrados. Ouço seu choro.

Empurro minha tigela para longe. Não tenho fome. Perdi o apetite. Ela se levanta e apanha minha tigela.

Diz que vai lavar a louça hoje, mas toco gentilmente seu punho quando ele fica ao meu alcance e digo para deixar aquilo para lá.

Nós nos acomodamos ao lado da janela, de onde observamos a lua, um fiapo no céu. As nuvens passam por ela, e algumas vezes vemos a lua, outras não.

– Olhe as estrelas – diz ela. Ela sabe o nome das constelações. Áries. Fornalha. Perseu. Diz que, em Chicago, costumava fazer pedidos aos aviões porque havia muito mais deles do que estrelas flutuando pelo céu noturno.

Há momentos em que ela está distante demais, mesmo quando estamos no mesmo cômodo.

Ela me ensina a contar até cem em espanhol. Eu ensino para ela o foxtrote. Quando o lago congela completamente, pescamos. Nunca ficamos lá fora por tempo demais. Ela não gosta de ficar só observando. Então anda pelo lago como se Moisés tivesse aberto o mar para ela. Ela gosta de neve recém-caída. Algumas vezes, há pegadas de animais. Outras, ouvimos motos de neve ao longe. Quando está com muito frio, ela entra. E então me sinto sozinho.

Eu a levo para fora. Carrego a arma comigo. Andamos pela floresta por um tempo, até um lugar tão desolado que tenho certeza de que ninguém vai ouvir o som de uma bala saindo do cano.

Digo a ela que quero que ela aprenda a atirar. Eu lhe entrego a arma na horizontal, com as duas mãos, como uma joia valiosa. Ela não quer tocar aquela maldita coisa.

– Pegue – digo baixinho.

– Por quê? – Pergunta. – Para o caso de precisar.

Quero que aprenda a atirar para que possa se proteger.

– É para isso que você está aqui.

– E se um dia eu não estiver? – Pergunto. Afasto uma mecha de seu cabelo para trás de uma orelha nua. Vejo que o

vento a libera novamente. – Não está carregada.

Ela passa o dedão e o indicador pela trava do gatilho.

Pega a arma das minhas mãos. É pesada, metal gelado sob uma temperatura congelante. O chão está coberto de neve.

Coloco seu dedo no gatilho, envolvendo o cabo com sua mão. Movo seu dedão para baixo. Empurro a mão esquerda para cima, para se encontrar com a direita. Minha mão sobre a dela lhe garante que tudo ficará bem. Que vai dar certo. As mãos dela estão frias, como as minhas. Mas elas se encontram comigo sem nenhuma reserva, correspondendo quando tocadas.

Conto a ela quais são as partes da arma: o cano, o tambor e a trava do gatilho. Tiro um carregador abastecido com balas, no bolso do meu jeans, e mostro a ela como carregar a arma. Conto a ela sobre os tipos de arma que existem: rifles, armas de mão e semiautomáticas. Essa é uma semiautomática. Quando um cartucho com balas acaba, outro, cheio, é colocado na arma. Tudo com um toque no gatilho.

Digo a ela para nunca mirar em alguém se não tiver intenção de matar. – Aprendi isso do jeito mais difícil – digo –, quando tinha 7 anos. Talvez 8. Um garoto no meu bairro. O velho dele tinha uma arma. Costumava se gabar dela durante todo o maldito tempo. Eu dizia que ele era um mentiroso. Mas ele queria me provar que não estava mentindo, então fomos à casa dele depois da escola. Não havia ninguém em casa. O pai dele mantinha a coisa em um criado-mudo, destravada e carregada. Eu a peguei da gaveta como se fosse um brinquedo. Brincamos de polícia e ladrão. Ele era o tira, mas eu tinha a arma. Ele me disse: “Mãos ao alto”, e eu me virei e atirei nele.

Daí ficamos parados lá no frio congelante. Lembrando-nos das vezes em que ela encarou o cano de uma arma. Há culpa. E tristeza. Tenho certeza de que ela lê isso em meus olhos. Tenho certeza de que pode ouvir tudo em minha voz.

– Eu não teria matado você.

Estou me agarrando cegamente à mão dela.

– Mas poderia – diz ela. Ambos sabemos que é verdade.

– Sim – admito. Não vou fazer o tipo que se desculpa. Mas tenho certeza de que meu olhar diz tudo.

– Mas aquilo foi diferente – diz ela.

– Como? – Pergunto.

Eu me posiciono atrás dela, como uma sombra. Levanto seus braços e, juntos, miramos uma árvore próxima. Separo suas pernas e lhe mostro como mirar, daí engatilhamos a arma e puxamos o gatilho. O som é ensurdecedor. O coice da arma quase lhe deixa em nocaute. A casca da árvore explode.

– Porque, se eu tivesse tido uma chance, teria matado você também – ela responde.

É assim que definimos todas aquelas coisas que aconteceram entre nós nos primeiros dias. É assim que nos desculpamos de todas as palavras ruins que foram ditas, dos pensamentos horríveis que passaram por nossa mente. É assim que anulamos a violência e o ódio dos primeiros dias e semanas na cabana, dentro das paredes de madeira que agora são nosso lar.

– E seu amigo? – Ela pergunta. Estou apontando para a arma em suas mãos. Quero que desta vez ela tente sozinha.

– Para sorte dele, eu não tinha mira quando garoto. A bala

passou de raspão, do lado de fora de seu braço. Um arranhão.

EVE

VÉSPERA DE NATAL

Gabe me ligou de manhã cedo para me contar que viria. Passava um pouco das 5h30 quando meu celular tocou, e, ao contrário de James, que dormia como um bebê, eu estava acordada há horas, atormentada por outra noite de insônia. Não perco tempo tentando acordá-lo. Acho meu robe e meus chinelos, e saio da cama.

Há novidades. Fico parada na porta de casa, tremendo de frio, esperando que o carro de Gabe apareça em nossa garagem coberta de neve. Passa das seis e ainda está escuro. As luzes de Natal dos vizinhos iluminam o céu noturno: árvores decoradas brilhando através das janelas, luzes intermitentes penduradas em calhas, velas tremulando em cada veneziana que dá para a rua. Das chaminés, nuvens de fumaça serpenteiam pelo ar gélido.

Aperto mais o robe em meu corpo e espero. Ouço um trem ao longe, ribombando pela cidade. Não há ninguém à espera ao lado dos trilhos, antes do amanhecer em uma manhã de domingo em plena véspera de Natal.

– O que foi? – Pergunto quando ele estaciona e salta do

carro. Ele vem direto até mim. Não fecha a porta.

– Vamos entrar. – Ele pega minhas mãos e me conduz para onde está mais quente.

Sentamos bem juntos no sofá de camurça branca. Mal temos consciência de que nossas pernas se tocam.

A casa está às escuras; apenas a luz do forno na cozinha está acesa.

Não quero acordar James. Sussurramos. Ele tem um olhar diferente. Há algo novo.

– Ela está morta – tento adivinhar.

– Não – ele diz, mas então pensa melhor e, encarando as próprias mãos, admite humildemente: – Não sei. Há uma médica em uma cidadezinha no nordeste de Minnesota, uma tal de doutora Kayla Lee. Não quero lhe dar esperanças. Recebemos uma ligação faz uma semana; ela viu a foto de Mia no noticiário e a reconheceu como uma de suas pacientes. Foi há semanas atrás, talvez um mês, que Mia se consultou. Mas a médica tem certeza de que era ela. Mia usou um pseudônimo: Chloe Romain.

– Uma médica?

– A doutora Lee disse que ela estava com um homem. Colin Thatcher. Disse que Mia estava doente.

– Doente?

– Pneumonia.

– Pneumonia.

Sem tratamento, a pneumonia pode levar a uma infecção sanguínea. Pode levar a problemas respiratórios, incapacidade de respirar. Sem tratamento, a pessoa pode morrer.

– A médica lhe deu uma receita e a mandou para casa. Ela

pediu para vê-la novamente em uma semana; Mia não voltou para a consulta.

Gabe conta que tem tido uma intuição persistente sobre Grand Marais. Algo dentro dele lhe diz que ela deve estar lá.

– O que fez você pensar em Grand Marais? – Pergunto, lembrando-me do dia em que apareceu em minha casa indagando se eu já tinha ouvido falar dessa cidade.

– Um cartão-postal que encontrei na casa de Thatcher. Enviado por Colin à sua mãe. Para um garoto que raramente saía de casa, aquilo me chamou a atenção. Um bom lugar para se esconder. E há mais.

– O quê? – Imploro saber.

A médica lhe deu uma receita, mas não significa que ela foi usada. Não significa que o remédio sequer foi comprado.

– Estive conversando com Kathryn Thatcher e pesquisando algumas coisas sobre a família dela. Parece que há uma cabana em Grand Marais que está na família há anos. Kathryn diz que não sabe muito sobre ela. Nunca esteve lá. Mas seu ex levou Colin lá quando ele era um garoto. É uma casa de verão, digamos assim, habitável por apenas alguns meses do ano. Enviei um policial para investigar a casa e, quando ele foi até lá, descobriu uma caminhonete vermelha com placa de Illinois estacionada do lado de fora.

– Uma caminhonete vermelha – repito.

Gabe me lembra de que os vizinhos da senhora Thatcher tinham certeza de que Colin dirigia uma caminhonete.

– E...? – Pergunto ansiosamente.

Ele fica de pé.

– Estou a caminho. Vou dirigindo. Esta manhã. Ia pegar um voo, mas não há um jeito fácil; não há rotas diretas e, entre escalas e conexões...

Eu me levanto e o encaro com firmeza.

– Também vou. Deixe-me arrumar uma...

Tento passar por ele. Gabe me segura pelos ombros.

– Você não pode ir – diz ele em um tom gentil. Explica que é só uma pista. Não há provas. A casa está sob vigilância agora. Ele nem tem certeza de que Mia está lá. Colin Thatcher é um homem perigoso, procurado por muito mais que isso.

– Posso sim – choramingo. – Ela é minha filha.

– Eve.

Minha voz está esganiçada. Minhas mãos, trêmulas. Esperei durante meses por esse momento e, agora que ele chegou, não tenho certeza de estar pronta. Há tanta coisa que pode dar errado.

– Ela precisa de mim agora. Sou a mãe dela, Gabe. É *meu* dever protegê-la.

Ele me abraça, um abraço apertado de urso.

– É meu dever proteger *você* – diz ele. – Acredite em mim. Se ela estiver lá, vou trazê-la para casa.

– Não posso perdê-la agora – digo, às lágrimas.

Meus olhos vão para uma foto de família feita há anos: James, Grace, Mia e eu. Todos parecemos forçados a estar lá, sorrisos artificiais colados a cenhos franzidos e olhos revirados.

Mesmo eu. Mas Mia parecia genuinamente feliz. Por quê?, eu me pergunto. Nunca lhe demos razão para ser feliz.

Gabe abaixa os lábios até minha testa e os mantém lá,

pressionados gentilmente contra a pele enrugada.

É assim que estamos quando James desce as escadas aos tropeços, vestindo um pijama com estampa xadrez.

– Que diabos é isso? – ele exige saber.

Sou a primeira a me afastar.

– James – digo, apressando-me para interceptá-lo no saguão –, eles acharam Mia.

Mas os olhos dele passam por mim e ele se desvencilha do meu contato.

– E é assim que você dá a notícia? – Desafia ele, ridicularizando Gabe. – Dando em cima da minha esposa?

– James – falo novamente, pegando a mão dele para que entenda: nossa filha está voltando para casa. – Eles acharam Mia.

Mas James responde com um olhar enviesado para Gabe.

– Só vou acreditar quando ela estiver em casa – ele responde, saindo da sala.

COLIN

ANTES

Há luzes na árvore de Natal. Não vou contar a ela como chegaram lá. Disse que ela não ia gostar de saber. Falei que alguém perdeu, e nós ganhamos.

Ela diz que as luzes parecem maravilhosas à noite, quando apagamos tudo e ficamos lado a lado no escuro, só com as luzes da árvore de Natal e a lareira.

– É perfeito – diz ela.

– Não é bom o bastante – falo.

– O que quer dizer? – Ela pergunta. – Está perfeita.

Mas nós dois sabemos que aquilo está longe da perfeição.

Perfeito é o jeito que ela olha para mim, e a maneira como diz meu nome. O jeito com que a mão dela passa pelo meu cabelo, embora eu não ache que ela saiba o que está fazendo. O jeito como nos deitamos juntos noite após noite. A maneira como me sinto: completo. Perfeita é a maneira como ela às vezes sorri, outras vezes chegando a dar risada. O jeito como podemos dizer qualquer coisa que vem à mente, ou como nos sentamos por horas em absoluto silêncio.

O gato deita perto de nós durante o dia. Dorme conosco à

noite, no travesseiro dela, onde há um pouco de calor. Digo para enxotá-lo, mas ela não quer. Então ela se aproxima de mim. Divide meu travesseiro comigo. Ela alimenta o gato com nossos restos, e ele os devora.

Mas ambos sabemos que, quando os armários da cozinha se esvaziarem, ela terá de decidir: nós ou ele.

Falamos sobre aonde iríamos se tivéssemos oportunidade.

Listo todos os lugares onde consigo imaginar que haja calor.

– México. Costa Rica. Egito. Sudão.

– Sudão?

– Por que não? É quente.

– Está com tanto frio assim? – Pergunta ela. Eu a puxo para cima de mim.

– Estou ficando aquecido – respondo.

Pergunto aonde ela gostaria de ir... se algum dia sairmos daqui.

– Há uma cidade na Itália – diz ela. – Uma cidade-fantasma: abandonada, perdida em um olival; uma cidade quase não existente, com apenas umas 200 pessoas, um castelo medieval e uma velha igreja.

– Esse é o lugar para onde você quer ir? – eu me surpreendo. Esperava Machu Picchu ou Havaí. Algo assim.

Mas posso ver que ela pensou bastante nisso.

– É o tipo de lugar onde poderíamos nos esconder. É um mundo sem TV e tecnologia. Fica na Ligúria, uma parte da Itália que faz fronteira com o sul da França; estaríamos a poucas milhas da Riviera Italiana. Poderíamos viver da terra, plantar nossa comida. Não teríamos de depender dos outros. Não

teríamos de nos preocupar em sermos apanhados, achados ou...

– Olho para ela. – Você acha que é uma bobagem – conclui.

– Acho que legumes frescos seriam uma ótima troca por esses nossos tomates em lata.

– Odeio tomates em lata – admite ela.

Digo que também os odeio. Só os comprei porque estava com pressa.

– Poderíamos achar uma velha casa rústica, uma daquelas monstruosidades de granito, ou uma, não sei, com talvez uns 200 anos. Teríamos uma vista de tirar o fôlego, talvez da costa, se tivermos sorte. Poderíamos criar animais também.

– Uvas?

– Poderíamos, sim, ter um vinhedo. E trocar nossos nomes, começar de novo.

Eu me levanto, apoiado em um dos cotovelos.

– Quem você seria?

– O que quer dizer?

– Seu novo nome.

A resposta parece óbvia:

– Chloe.

– Chloe, então. É quem você será – digo. Penso no nome. Chloe. Recordo o dia, meses atrás, quando dirigíamos de volta para Grand Marais. Eu a forcei a escolher um nome, e ela veio com Chloe. – Por que Chloe? – Pergunto.

– Como assim?

– Aquele dia. Quando eu lhe disse que você não poderia mais ser Mia. E você disse Chloe.

– Ah... – Diz ela, sentando-se direito. Há marcas da minha

camisa em seu rosto. Seu cabelo está comprido. Na metade das costas. Talvez mais. Espero por uma resposta simples. “apenas gosto dele”, ou algo assim. Mas a resposta é mais que isso. – É uma garota que vi na TV.

– Como assim?

Ela fecha os olhos. Sei que não quer me contar.

Mas conta, mesmo assim.

– Eu tinha 6 ou 7 anos. Minha mãe estava na cozinha, mas deixou a TV ligada no noticiário. Eu estava pintando. Ela não sabia que eu estava prestando atenção. Havia uma história, sobre uma viagem de uma banda de adolescentes de uma escola, de Kansas ou Oklahoma, algo assim. Havia um grupo de garotos em um ônibus, viajando para uma competição. Não sei direito. Não estava realmente atenta àquilo. O ônibus derrapou para fora da estrada e caiu em uma ravina. Meia dúzia de garotos morreu, e também o motorista. Então apareceu uma família, mãe, pai e dois irmãos mais velhos, talvez com 18 ou 19 anos. Ainda posso vê-los: o pai, esquelético, com entradas no cabelo; os garotos, os dois, altos e magricelas como jogadores de basquete, com cabelos vermelho-fogo. A mãe parecia ter sido atropelada por uma carreta. Eles choravam, todos, parados na frente de uma casinha branca. Foi isso que me fez prestar atenção. O choro. Tinham o coração partido. Destruído. Prestei atenção ao pai, principalmente, mas todos eles choravam. A maneira como soluçavam abertamente pela filha morta... Pela irmã morta. Ela havia morrido no acidente, havia mergulhado ravina abaixo quando o motorista dormiu ao volante. Estava com 15 anos; eu me lembro do pai falando aos prantos da sua garotinha. Ele não

parava de dizer como ela era incrível, embora as coisas que ele disse, que ela era doce e tinha nascido para ser flautista, não fossem necessariamente *incríveis*. Mas para ele eram. Ele ficava dizendo “minha Chloe”, ou “meu bebê Chloe”. Era o nome dela. Chloe Frost. Tudo o que conseguia pensar era em Chloe Frost – ela continua. – Eu queria *ser* ela, ter alguém se lamentando por mim como sua família se lamentava por ela. Chorei por Chloe, por dias sem fim. Eu falava com ela quando estava sozinha. Mantinha conversas com minha amiga morta, Chloe. Desenhava retratos dela. Dúzias deles, com seu cabelo vermelho-fogo e olhos castanhos.

Ela passa as mãos pelo cabelo em um gesto encabulado. Constrangida. Então admite: – Eu tinha inveja dela, na verdade. Inveja por ela estar morta, inveja porque em algum lugar, lá fora, alguém a amou mais do que alguém me amou. – Ela hesita, então diz: – É louco. Eu sei.

Mas eu balanço a cabeça.

– Não – respondo. Porque sei que é o que ela quer ouvir. Mas penso em quanto ela deve ter se sentido solitária enquanto crescia. Sentindo falta de uma amiga morta que nem mesmo tinha conhecido. As coisas não eram tão maravilhosas para mamãe e eu, mas ao menos não nos sentíamos sozinhos.

Ela muda de assunto. Não quer mais falar sobre Chloe Frost.

– Quem você vai ser? – Pergunta ela.

– John? – sugiro. Não poderia ser mais que um John.

– Não – ela diz, a resposta quase tão óbvia quanto “Chloe” tinha sido. – Você será Owen. Porque não importa, não é? Não é seu verdadeiro nome.

– Quer saber? – Pergunto. Aposto que ela pensou nele um milhão de vezes. Aposto que ponderou consigo mesma qual seria meu nome verdadeiro. Imagino se ela já pensou em perguntar.

– Não – diz –, porque esse é quem você é para mim. Você é Owen.

– Ela diz que, quem quer que eu tenha sido antes disso, não importa.

– E você será Chloe.

– Eu serei Chloe.

E naquele momento Mia deixou de existir.

EVE

DEPOIS

Faço uma consulta com a doutora Rhodes. Ela concorda, com uma condição: que seja autorizada a ir também. Compro as três passagens de avião com um cartão de crédito que James e eu compartilhamos. O departamento de polícia pagou a de Gabe.

Vamos revisitar a cabana na qual Mia foi mantida prisioneira durante esse tempo todo. A esperança é que estar lá ativará a memória dela e a fará se lembrar de algo sobre seu tempo no cativeiro. Se o gato, sozinho, pôde disparar memórias sobre Colin Thatcher, imagino o que a cabana fará.

Mia e eu fazemos uma mala. Não menciono a James aonde vamos. Mia pede a Ayanna para cuidar de Canoe por alguns dias, e a mulher concorda, sem reservas. Seu filho de 9 anos, Ronnie, está encantado por ter um gato como companhia. Pedimos ao táxi que nos leve ao apartamento dela a caminho do aeroporto o'Hare. É com grande dificuldade que Mia se separa de Canoe pela segunda vez. Só imagino o que deve ter acontecido da primeira vez em que ela disse adeus.

O aeroporto é um lugar horrendo para uma pessoa na condição de Mia. O barulho é ensurdecador: milhares de pessoas,

alto-falantes, aviões rugindo sobre nossas cabeças. Mia está à beira de um ataque; podemos ver isso, embora ela esteja acomodada entre a doutora Rhodes e eu, e eu esteja de braços dados com ela.

A doutora Rhodes sugere uma dose de Valium, que ela havia trazido em sua bagagem de mão, caso fosse necessário.

Gabe estica o pescoço para espiar.

– O que mais você tem aí? – Pergunta ele. Nós quatro estamos sentados em cadeiras do nosso terminal.

– Outros sedativos – replica ela. – Sedativos mais fortes.

Ele se encosta e apanha um jornal que alguém deixou para trás.

– É seguro? – Pergunto. – Para o...

– Para o bebê – completa Mia, impassível. Ainda não consegui me convencer a dizer a palavra.

– Sim – digo, humilhada pelo fato de *ela* ter conseguido pronunciá-la.

– É seguro – a médica nos garante –, desta vez. Não sugeriria usá-lo com frequência durante a gravidez.

Mia toma os comprimidos com um gole de água, e esperamos. Na hora em que o voo é anunciado, ela está quase dormindo.

Voaremos de Minneapolis a St. Paul para uma escala de 45 minutos, antes de continuarmos para Duluth, Minnesota. Lá, um suposto amigo de Gabe, o detetive Roger Hammill, vai nos encontrar e nos levar de carro a Grand Marais. Ele se refere ao homem como seu amigo, mas posso ouvir muito bem o desdém em sua voz quando fala dele. Nosso voo é cedo, às 9h da manhã,

e, enquanto o avião ascende ao céu assustadoramente frio, sabemos que esse será um longo dia. Nossa salvação é que Mia está dormindo.

Mia e eu sentamos lado a lado. Ela está no assento da janela, e, eu, no corredor. Gabe senta-se na poltrona do outro lado do corredor e, uma ou duas vezes, passa a mão em meu braço e me pergunta se estou bem. Ao lado dele, a doutora Rhodes está perdida em um audiolivro, os fones de ouvido cobrindo suas orelhas. O restante dos passageiros desconhece nossa situação. As pessoas falam incessantemente sobre o tempo, as condições para a prática de esqui e seus voos de conexão. Uma mulher se perde em um Pai-Nosso enquanto o avião decola, rezando para que cheguemos em segurança. Ela segura um rosário nas mãos trêmulas. O piloto nos previne que será um voo turbulento e pede que permaneçamos em nossos assentos.

Quando chegamos a Minneapolis, Mia já despertou e está irritada de novo com a agitação. Pergunto à médica quando ela pode tomar mais remédios, mas a doutora Rhodes me garante que temos de esperar; precisamos de Mia lúcida para essa tarde. Enquanto aguardamos pela nossa conexão, Gabe dá um iPod para Mia, tendo encontrado a música mais tranquila possível para abafar o som.

Imagino o que vai acontecer quando chegarmos. Só de pensar naquilo já me sinto enjoada. Penso na reação de Mia ao gato. Qual será a reação dela quando virmos o lugar no qual foi mantida prisioneira esse tempo todo? Penso no progresso que fizemos desde que ela voltou para casa. Será que se perderá por completo?

Peço licença para ir ao banheiro, e a doutora Rhodes assume meu lugar ao lado de Mia, para que ela não fique sozinha. Quando saio, Gabe está esperando por mim. Caminho até ele, para que me tome nos braços.

– Logo, logo tudo isso vai terminar. Acredite em mim – diz ele. Eu acredito.

Em Duluth, somos escoltados em um Suv do departamento de polícia por um homem que se apresenta como detetive Hammill. Gabe o chama de Roger. Mia diz que é um prazer conhecê-lo, embora Gabe me lembre de que aquela não é a primeira vez que eles se encontram.

Ele é um homem de barriga grande, com aproximadamente a minha idade, mas para mim parece muito mais velho, e me torno consciente então de que também estou envelhecendo. Há uma fotografia de sua esposa grudada no interior do carro: uma loira obesa, com um círculo de crianças amontoadas em volta deles. Há seis crianças, uma mais robusta e carnuda que a outra.

Mia, a doutora Rhodes e eu nos sentamos no banco de trás, e, Gabe, no da frente. Ele o ofereceu para mim, mas eu o recusei de bom grado, sem vontade de cumprir a tarefa desafiadora da conversa fiada.

A viagem leva mais de duas horas. Gabe e o detetive Hammill se perdem em piadas fúteis sobre o trabalho da polícia. Competem entre si, e posso afirmar que Gabe não gosta do homem, já que sua voz não está excessivamente amistosa, e, às vezes, é brusco. Embora, em respeito a nós, mulheres, permaneça civilizado.

Ele tenta falar com Mia e comigo mais do que com nosso

motorista, e durante a maior parte da viagem o restante de nós fica em silêncio, enquanto o detetive Hammill faz um monólogo sobre duas vitórias dos Tiberwolves sobre o Chicago Bulls nesta temporada. Não tenho conhecimento nenhum sobre esportes profissionais.

Viajamos pela rodovia 61 grande parte da jornada, passando por trechos da margem do lago Superior. Os olhos de Mia estão fixos na água. Imagino se ela já tinha visto aquele lago.

– Algo parece familiar? – Gabe pergunta mais de uma vez. Ele faz todas as perguntas que eu não tenho coragem de fazer.

Mais cedo, a doutora Rhodes deixou claro que Gabe não deveria forçar demais a barra. Gabe deixou claro que tinha um trabalho a fazer; o dela era recolher os pedaços, quando eles caíssem.

– Presumindo que a menor distância entre dois pontos seja uma linha reta – diz o detetive Hammill, espiando Mia pelo retrovisor –, você deve ter viajado por esse caminho.

Passamos por Grand Marais e pegamos um caminho conhecido como trilha Gunflint. O detetive Hammill é um poço de informações, embora tenha poucas coisas novas a oferecer para mim, já que eu tinha estudado cada detalhe do percurso e de sua paisagem nas noites insones desde que Mia voltou. Passamos por uma estrada com duas faixas, através da floresta nacional, cercados por mais vegetação do que eu jamais tinha visto em toda a minha vida. A maior parte das plantas está morta agora, enterrada sob montes de neve; não vão ser desenterradas senão na primavera. Os pinheiros acolhem neve em suas agulhas, pesadas com o acúmulo.

O que vejo em Mia enquanto seguimos viagem é uma postura mais ereta, os olhos mais atentos à paisagem, não o olhar vidrado que tinha visto no passado, mas sim consciente e interessado.

A doutora Rhodes instrui Mia para visualizar e repetir esta afirmação: “Posso fazer isto”. Parece até que ouço James agora, zombando da mulher por suas técnicas irracionais.

– Reconhece alguma coisa agora? – Pergunta Gabe. Ele se virou para trás no banco, e ela balança a cabeça dizendo que não. É de tarde, 15h, talvez 16h, e o céu já está ficando escuro. As nuvens o preenchem, e, embora o aquecimento esteja ligado a toda, minhas mãos e dedos dos pés começam a ficar amortecidos. O aquecedor não consegue competir com as temperaturas negativas lá de fora.

– Muito bom que tenha escapado de lá – diz o detetive Hammill para Mia. – Você nunca teria sobrevivido ao inverno.

O pensamento me dá arrepios. Já que Colin Thatcher não a tinha matado, a mãe natureza em pessoa faria o trabalho.

– Ah – diz Gabe, para deixar o clima mais leve. Ele vê algo em mim de que não gosta. – Você ficaria surpreso. Mia é uma lutadora e tanto. Não é? – Pergunta ele, com uma piscadela. Depois, seus lábios se movem em silêncio para dizer as palavras que só ela e eu conseguimos ver: “você pode fazer isso”, enquanto as rodas do carro passam por um monte de neve e nos vemos cara a cara com uma desoladora cabana de madeira.

Ela havia visto as fotos. Houve tantas vezes em que a encontrei sentada, letárgica, encarando as imagens dessa mesma cabana, ou os olhos estáticos de Colin Thatcher, sem

enxergar nada. Mas agora ela vê algo. O detetive Hammill abre a porta. Como uma força magnética, Mia emerge do carro, e tenho que impedi-la.

– Mia, seu gorro – digo – e o cachecol. – Está tão frio aqui fora que o próprio ar vai congelar a carne dela. Mas Mia parece completamente inconsciente do frio, e tenho que colocar as luvas à força em suas mãos, como se ela fosse uma criança de 5 anos. Seus olhos estão perdidos na cabana, nos degraus que conduzem da entrada coberta de neve a uma porta lacrada com fita amarela. A neve cobre os degraus, embora as pegadas permaneçam, e rastros de pneus na entrada sugerem que alguém tenha passado aqui desde a última nevasca. A neve está em todos os lugares: no teto, na varanda, no mundo inabitado ao redor da casa. Imagino como Mia se sentiu chegando a essa cabana, tão afastada que alguém poderia acreditar que era o último habitante da Terra. Estremeço só de pensar.

Há um lago que eu tinha visto nos desenhos de Mia, congelado umas mil vezes, e era pouco provável que descongelasse antes da primavera. Fico tão subjugada por essa sensação de solidão e abandono, que não vejo Mia percorrer o caminho até os degraus com segurança e familiaridade. Gabe a alcança antes e oferece ajuda. Os degraus estão escorregadios, e mais de uma vez seus pés escorregam.

No topo, eles esperam o detetive Hammill destrancar a porta. A doutora Rhodes e eu o seguimos de perto.

O detetive empurra a porta, e ela range. O resto de nós disputa espaço para olhar lá dentro, mas é Gabe, com sua educação de sempre, que diz a Mia:

– Primeiro as damas – embora ele a siga de perto.

GABE

VÉSPERA DE NATAL

Em algum lugar de Minnesota começa a nevar. Dirijo tão rápido quanto me é possível, o que não parece ser rápido o suficiente. É difícil enxergar através do para-brisa, embora os limpadores estejam na velocidade máxima. É o sonho de todas as crianças de 6 anos: neve na noite de Natal. Nesta noite, o Papai Noel virá, seu trenó lotado de presentes para todas as meninas e meninos.

O detetive Hammill liga para alguém. Ele tem dois homens mantendo a cabana sob vigilância. É o que ele me diz, uma pequena cabana perdida na floresta. Mas não viram ninguém chegar ou partir; não viram ninguém lá dentro.

Quando chego, ele parece ter uma equipe montada: mais ou menos dez de seus melhores homens. É uma grande oportunidade por aqui. Não é todo dia que esse tipo de coisa acontece.

Penso em Eve. Faço isso mais de mil vezes: o que direi, as palavras que usarei, para dar as boas notícias. E então contemplo a possibilidade de não haver boas notícias: se Mia não estiver na cabana, ou se não sobreviver ao resgate. Há um milhão de coisas que podem dar errado.

Quando passo pela margem do lago Superior, os homens de Roger estão ficando impacientes. Ele tem meia dúzia deles escondidos na floresta. Estabeleceram um perímetro. Estão armados com o que há de melhor no arsenal do departamento.

O detetive Hammill é um homem com uma missão em mente. Parece ter algo a provar.

– Ninguém dá um tiro sequer até que eu chegue – digo, enquanto meu carro segue por uma estrada estreita e coberta de neve. Os pneus patinam, e luto para retomar o controle. Fico mortalmente assustado. Mas o que mais me preocupa é a urgência na voz do detetive. Mais do que eu, ele é um homem colocado no exercício da função pela perspectiva de carregar uma arma.

– É véspera de Natal, Hoffman. Meus homens têm família.

– Estou fazendo o melhor que posso.

O sol se põe e está escuro aqui fora. Acelero. Passo voando por uma passagem estreita, quase me decapitando em galhos baixos devido ao peso da neve. Não sei quantas vezes me perdi, as árvores jorrando neve e me fazendo chegar a lugar nenhum. Este carro velho ainda vai me matar.

Sigo o mais rápido que posso, sabendo que preciso encontrar Thatcher antes que o detetive Hammill o faça. Não há dúvidas quanto ao que esse cara é capaz de fazer.

COLIN

VÉSPERA DE NATAL

Esta tarde voltei para a cidade e liguei para Dan. Está tudo pronto. Ele disse que vai se encontrar com a gente no dia 26, em Milwaukee. É o melhor que pode fazer. O cara não está a fim de dirigir toda a droga do caminho até Grand Marais. Ele deixou isso bem claro.

É meu presente de Natal para ela, uma surpresa para amanhã. Vamos partir ao pôr do sol e dirigir a noite toda. É o jeito mais seguro de fazer isso. Sugeri que nos encontremos no zoológico. Um ótimo lugar público. Aberto no Natal. Repasso a cena em minha mente centenas de vezes. Vamos deixar a caminhonete no estacionamento. Ela vai ficar escondida na seção dos primatas. Vou me encontrar com Dan na seção dos lobos. Vou procurá-la depois que ele se for, assim que me certificar de que não estamos sendo seguidos. Dali, a forma mais rápida de chegar ao Canadá é por Windsor, ontário. Vamos dirigir até Windsor e, depois, seguiremos o mais longe que a grana para o combustível permitir. Tenho dinheiro suficiente para chegarmos até lá. E, daí, estará tudo acabado. Usaremos nomes falsos. Vou arranjar um trabalho.

Pedi a Dan que trabalhasse em uma identidade falsa para mamãe também e, quando puder, vou entregar a ela de alguma maneira. Assim que descobrir como fazer isso.

Sei que esta é minha última noite nesta porcaria de cabana. Ela não sabe ainda. Estou me despedindo em segredo.

Amanhã é dia de Natal. Eu me lembro de que, quando era garoto, saía de casa bem cedo no dia de Natal. Antes, tirava umas moedas do vidro de trocados lá de casa e caminhava até a padaria na esquina. Ela ficava aberta até a hora do almoço no Natal. Fingíamos que eu ia fazer uma surpresa, mas nunca era. Mamãe ficava na cama até me ouvir escapulindo pela porta de frente.

Não ia direto para a padaria. Antes, xeretava pelas janelas abertas da casa dos outros garotos da vizinhança, só para ver o que tinham ganhado de Natal. Observava por um momento a expressão de felicidade deles, os rostos sorridentes, para depois pensar *que se danem*, e me virar para enfrentar a neve pelo restante do caminho.

Sinos de Natal na porta da padaria anunciavam minha chegada para a mesma senhora de idade que trabalhava lá há uns 100 anos. Ela sempre usava um gorro de Papai Noel no Natal e dizia ho, ho, ho. Eu pedia duas bombas de chocolate de 25 centavos, que ela colocava em um pacote branco para lanches. Então voltava para casa, onde mamãe me esperava com duas xícaras de chocolate quente. Tomávamos nosso café da manhã e fingíamos que não era o dia de Natal.

Agora, estou olhando pela janela, pensando em mamãe e imaginando se está bem. Amanhã será a primeira vez em 30 e

poucos anos em que não dividiremos bombas de chocolate no Natal.

Quando colocar as mãos em papel e caneta, vou escrever um bilhete e o colocarei em uma caixa de correio em Milwaukee. Contarei a ela que estou bem. Direi que Chloe está bem, só para lhe dar um pouco da inútil paz de espírito materna de que as mães que se importam com os filhos precisam. Quando a carta chegar a mamãe, estaremos fora do país. E, assim que conseguir descobrir como farei isto, vou tirar mamãe do país também.

Chloe surge atrás de mim e me envolve com seus braços. Pergunta se estou esperando Papai Noel.

Penso no que mudaria, se pudesse, mas não mudaria nada. Meu único pesar é que mamãe não esteja aqui. Mas não posso consertar isso sem arruinar *tudo*. Um dia, tudo ficará bem. É assim que aplaco minha culpa. Não sei como, nem quando. Não sei como conseguirei a identidade falsa para mamãe sem ser descoberto, ou como enviar dinheiro suficiente para uma passagem de avião. Mas, um dia...

Eu me viro e a pego nos braços, todos os seus 40 e poucos quilos. Ela perdeu peso. Suas calças não param mais nos quadris. Ela sempre as puxa para não caírem. As bochechas estão encovadas. Os olhos começaram a ficar turvos. Isso não pode continuar.

– Sabe o que quero neste ano para o Natal? – Falo.

– O quê?

– Uma lâmina – digo.

Aliso o bigode e a barba com os meus dedos. Eu os odeio. São nojentos. Penso em todas as coisas que serão melhores

quando sairmos do país. Não sentiremos tanto frio. Poderemos tomar banho com sabonete de verdade. Poderei limpar este rosto peludo. Poderemos sair pelo mundo juntos. Não teremos de nos esconder, ainda que vá levar toda a eternidade para nos sentirmos em segurança outra vez.

– Eu gostei – ela zomba, sorrindo. Quando sorri, todas as peças do mundo parecem se encaixar no devido lugar.

– Mentirosa – digo.

– Então pediremos duas – ela diz, deixando-me sentir os pelos macios de suas pernas.

– O que você pediria ao Papai Noel? – Pergunto.

– Nada – ela responde sem pensar muito. – Tenho tudo o que desejo. – Descansa a cabeça contra o meu peito.

– Mentirosa – repito.

Ela se afasta um pouco e me encara. O que ela quer, diz, é parecer bonita. Para mim. Tomar um banho. Usar perfume.

– Você está bonita – digo, e ela está. Mas ela repete em um sussurro: “Mentiroso”. Diz que nunca se sentiu mais asquerosa em toda a sua vida.

Ponho minhas mãos nas laterais de seu rosto. Ela está envergonhada e tenta olhar para o outro lado, mas eu a forço a olhar para mim.

– Você está bonita – digo outra vez.

Ela assente:

– Tudo bem, tudo bem. – Então tamborila os dedos na minha barba e comenta: – e eu gosto da barba.

Nos encaramos por um momento antes de chegarmos a uma trégua.

– Um dia – prometo –, você usará perfume e todas essas coisas.

– Tudo bem.

Fazemos uma lista das coisas que faremos *um dia*. Sair para jantar. Assistir a um filme. Coisas que o resto do mundo faz sempre.

Ela diz que está cansada e desaparece dentro do quarto. Sei que está triste. Falamos sobre o futuro, mas, em sua mente, ela está convencida de que isso não existe mais.

Recolho nossas coisas, tentando ser discreto. Coloco-as ao lado do balcão: o bloco de desenho e os lápis dela, o que sobrou do dinheiro. Leva dois minutos, se tanto, para recolher as coisas que são importantes. Ela é a única coisa de que preciso.

Então, por puro tédio, entalho as palavras “Nós estivemos aqui” no balcão da cozinha com uma faca afiada. As palavras são serrilhadas; não é uma obra de arte de maneira alguma. Jogo meu casaco em cima do entalhe para que ela não o veja até que seja a hora de partir.

Lembro-me daquela primeira noite na cabana. Lembro-me do medo em seus olhos. *Nós estivemos aqui*, penso, mas são outras pessoas que vão embora. Vejo o sol se pôr. A temperatura na cabana cai. Coloco mais lenha na lareira. Observo o tique-taque dos minutos no meu relógio. Quando penso que o tédio com certeza vai me matar, começo o jantar. Sopa de frango. Esta, digo a mim mesmo, é a última vez na vida que tomo sopa de frango.

É aí que escuto.

EVE

DEPOIS

Ela esteve aqui. Ela se dá conta disso imediatamente.

Mia diz que havia uma árvore de Natal, mas não há mais. Costumava ter o calor vindo do fogão, mas agora só há ar frio ao nosso redor. Costumava ter um cheiro muito diferente. Agora, tudo o que se pode sentir é um odor penetrante de alvejante.

Ela diz que vê vestígios do que aconteceu: latas de sopa sob as bancadas, embora não estejam mais lá. Escuta o som da água correndo de uma torneira, e o estrondo de sapatos pesados no chão de madeira, embora o resto de nós permaneça imóvel, observando Mia como falcões, as costas pressionadas contra as paredes de toras.

– Escuto a chuva caindo no telhado da cabana – diz –, e vejo Canoe correr agitado, de um cômodo para o outro. – Seus olhos percorrem um caminho imaginário da sala de estar até o quarto, como se, naquele momento, realmente visse o gato, embora saibamos que está longe e em segurança, com Ayanna e o filho.

E então ela diz que escuta o som do seu nome.

– Mia? – Pergunto, minha voz pouco mais que um sussurro,

mas ela balança sua cabeça. Não.

– Chloe – ela me lembra, a mão puxando o lóbulo da orelha, o corpo emanando calma pela primeira vez em muito tempo. E ela sorri.

Mas o sorriso não dura muito.

COLIN

VÉSPERA DE NATAL

Mamãe sempre me disse que tenho ouvidos de morcego. Sou capaz de ouvir qualquer coisa. Não sei qual é o som, mas ele me tira à força do sofá. Apago a luz, e a cabana fica às escuras. Chloe começa a se agitar no quarto. Seus olhos lutam contra a escuridão. Ela chama por mim. Quando não respondo de imediato, chama outra vez. Desta vez, está com medo.

Afasto a cortina da janela. O brilho tímido da lua ajuda a enxergar. Deve haver uma dúzia deles: carros de polícia, o dobro de policiais.

– Merda. – Solto a cortina e corro pela cabana. – Chloe, Chloe – chamo. Ela pula da cama. A adrenalina corre pelo seu corpo enquanto luta contra o sono. Eu a tiro do quarto para uma parte da cabana em que não há janelas.

Ela está se dando conta. Agarra minha mão, as unhas cravando-se em minha pele. Posso sentir suas mãos trêmulas.

– O que há de errado? – Pergunta. Em um fio de voz. Lágrimas caem de seus olhos. Ela sabe o que há de errado.

– Eles estão aqui – digo.

– Ai, meu Deus – ela choraminga. – Precisamos sair daqui!

– ela me deixa um instante e corre para o banheiro. Pensa que sairemos pela janela, de alguma maneira, e fugiremos. Ela acha que podemos escapar.

– Não vai funcionar – falo. A janela está emperrada. Nunca vai abrir. Ela tenta mesmo assim. Ponho minhas mãos nela, puxando-a para longe dali. Minha voz emana calma. – Não há para onde ir. Você não pode fugir.

– Então lutaremos – ela diz. Passa por mim. Tento evitar as janelas, embora aposte que a escuridão da cabana nos torne invisíveis. Mas o faço ainda assim.

Ela está chorando porque não quer morrer. Tento dizer a ela que são os policiais. Os malditos policiais, quero dizer, mas ela não consegue ouvir uma única palavra do que digo. Continua dizendo, de novo e de novo, que não quer morrer. As lágrimas escorrem de seus olhos.

Ela pensa que é Dalmar. Não consigo raciocinar direito. Espio pela janela, dizendo que não há para onde ir. Não podemos lutar. Há muitos deles. Não vai dar certo nunca. Só vai piorar as coisas.

Mas ela encontra a arma na gaveta. Sabe como atirar. Ela a pega com as mãos trêmulas. Encaixa o pente.

– Chloe – digo com calma. Minha voz é só um sussurro. – Não vai adiantar.

Mas ela põe o dedo no gatilho mesmo assim. Junta as duas mãos. Segura com firmeza, como ensinei. Não deixa espaço entre as mãos e a culatra.

– Chloe – digo. – Acabou.

– Por favor – chora –, precisamos lutar. Não podemos

deixar que acabe assim. – Ela está louca, descontrolada e demente. Histérica. Mas, por alguma estranha razão, sinto-me calmo.

Talvez porque já soubesse que, mais cedo ou mais tarde, acabaria assim.

Nós nos encaramos por um instante. Olho nos olhos dela. Estão esmagados pela derrota. Ela está chorando. Seu nariz escorre. Não sei quanto tempo passou. Dez segundos. Dez minutos.

– Eu mesma faço isso – diz, exasperada. Está brava porque não o farei por ela. Observo a maneira como a arma treme em suas mãos. Ela não pode fazer isso. E, se tentar, vai morrer. Então ela murmura: – Mas a sua mira... – deixa as palavras pairando no ar. Leio sua expressão: desesperança. Desespero. – Não se preocupe – ela fala após um tempo –, eu mesma faço isso.

Mas não permito. Então, faço um gesto de rendição.

– Tudo bem – digo. Eu me aproximo e tiro a arma das mãos dela.

Não pode terminar assim. Não com ela me implorando para salvar sua vida. E eu me recusando a fazê-lo.

A luz dos holofotes converge para a cabana. Ela nos cega. Estamos de pé em frente à janela, completamente expostos. Permaneço com a arma nas mãos. Meu olhar é sereno, embora os olhos dela estejam arregalados de medo. A luz a faz pular de susto, e ela cai em cima de mim. Eu me coloco na frente dela para escondê-la. Ergo a mão para nos proteger da luz.

A mão com a arma.

GABE

VÉSPERA DE NATAL

Hammill me liga para dizer que seus rapazes estão prontos.

– Como assim? – Rosno.

– Ele nos ouviu.

– Tem certeza de que é ele? – Pergunto.

– É ele, sim – diz. – É Thatcher.

– Ninguém atira – digo –; ninguém se mexe até que eu chegue aí. Ouviu bem?

Ele diz que sim, mas no fundo sei que não se importa nem um pouco.

– Preciso dele vivo – falo, mas ele não me escuta. Há muita comoção do outro lado da linha. A voz de Hammill parece estar a um quilômetro de distância. Ele diz que tem seu melhor atirador lá. *Atirador?*

– Ninguém atira – digo de novo, e de novo. Colocar minhas mãos em Thatcher é apenas metade do trabalho; descobrir quem o contratou é a outra.

– Não dispare. Ordene a seus homens que não disparem.

Mas Hammill, que está ocupado demais escutando o som da própria voz, não me ouve. Diz que está escuro ali. Só que eles

têm visão noturna. Conseguiram avistar a garota. Ela parece aterrorizada. Há uma pausa, e em seguida Hammill diz: – Há uma arma – e sinto o coração apertar.

– Ninguém atira – digo, quando consigo distinguir a cabana escondida no meio das árvores, cercada por um zilhão de carros de polícia. Não é de espantar que Thatcher tenha ouvido.

– Ele está com a garota. – Derrapo ladeira acima e movo o câmbio automático para “estacionar”, quando fica claro que não vou conseguir avançar nem mais um centímetro nessa neve.

– Estou aqui! – grito ao celular. Meus pés afundam na neve.

– Ele tem uma arma.

Largo o celular e saio correndo. Posso vê-los alinhados atrás dos veículos, cada um deles esperando o instante de atirar.

– Ninguém atira – digo, quando o som nítido de um disparo me faz parar subitamente.

EVE

DEPOIS

Não tenho certeza do que esperava que acontecesse após nossa volta à cabana. No aeroporto, tinha listado para Gabe os piores cenários que conseguia conceber: Mia não se lembraria de nada; semanas de terapia se perderiam; isso faria com que Mia perdesse de vez a sanidade.

Todos observamos Mia enquanto ela inspeciona o interior da cabana, um barraco no meio da floresta de Minnesota. Ela dá uma olhada geral no lugar. Não demora muito para que suas recordações comecem a fluir, e então, quando Gabe pergunta pela enésima vez se ela se lembra de alguma coisa, nos damos conta de que temos de ser cuidadosos quanto ao que lhe pedir.

O som que minha filha emite é algo que nunca ouvi antes, um som parecido com o de um animal agonizando. Mia cai de joelhos no meio do cômodo. Grita em uma linguagem incompreensível, que nunca ouvi. Soluça, em uma explosão selvagem de que jamais imaginei minha Mia ser capaz, e eu também começo a chorar.

– Mia, querida – murmuro, querendo envolvê-la em meus braços e aconchegá-la.

Mas a doutora Rhodes me avisa para tomar cuidado. Ergue a mão e não me deixa consolar Mia. Gabe aproxima-se e sussurra para a médica e para mim que ali, naquele lugar onde Mia desmoronou, histérica, é onde, há menos de um mês, havia um corpo ensanguentado.

Mia volta-se para Gabe com seus lindos olhos azuis repletos de angústia, urrando:

– Você o matou. Você o matou – sem parar. Ela chora, delira, diz que vê o sangue jorrando do corpo sem vida, penetrando nas frestas do chão. Vê o gato fugindo, deixando pegadas ensanguentadas pelo lugar.

Ouve o tiro que atravessa a cabana silenciosa e dá um salto, revivendo aquele instante ali mesmo, ouvindo o vidro se quebrar e se espatifar no chão.

Diz que o vê cair. Vê seus membros tornarem-se flácidos enquanto despenca. Lembra que os olhos dele se apagaram; que seu corpo se convulsionou, fora de controle. Havia sangue em suas mãos, em suas roupas.

– Há sangue por todo lado – soluça ela em desespero, Tateando o chão. A doutora Rhodes diz que Mia está tendo um surto psicótico. Afasto as mãos da médica de mim; quero apenas acalmar minha filha. Caminho em direção a ela, quando Gabe segura meu braço e me detém.

– Por todo lado. Sangue vermelho por todo lado. Acorde! – Mia bate as mãos no chão e, em seguida, puxa os joelhos para junto do corpo e começa a se balançar com violência. – Acorde! ah, meu Deus, por favor, acorde. *Não me abandone.*

GABE

VÉSPERA DE NATAL

Não fui o primeiro a chegar à cabana. Avisto o rosto redondo de Hammill no meio da multidão. Agarro-o pela gola e pergunto que diabos foi aquilo. Em um dia normal, ele poderia me dar uma surra, se quisesse. Mas não é um dia normal: hoje, estou possuído.

– Ele ia matá-la. – Ele sustenta que Thatcher não lhes deu escolha.

– É o que você diz.

– Não é sua jurisdição, panaca.

Um aspirante à fama, parecendo não ter mais do que 19, talvez 20 anos, vem de dentro da cabana e declara:

– O canalha está morto. – E Hammill responde erguendo os polegares. Alguém bate palmas. Esse é, aparentemente, o atirador, um garoto burro demais para saber das coisas. Lembro-me de quando eu tinha 19 anos. A única coisa que desejava no mundo era botar a mão em uma arma. Agora, a ideia de usá-la me apavora.

– Qual é seu problema, Hoffman?

– Precisava dele vivo.

Estão todos seguindo para a cabana. Uma ambulância consegue abrir caminho através da neve, a sirene no último volume. Observo o vermelho e azul, vermelho e azul berrando pela noite escura. Os paramédicos descem e tentam, o melhor que podem, empurrar a maca pela neve.

Hammill segue seus subordinados até lá dentro. Todos sobem a escada e entram na cabana. Um holofote ilumina o interior, até que alguém tem o bom senso de acender uma lâmpada. Prendo a respiração.

Nunca me encontrei com Mia Dennett. Duvido que já tenha ouvido meu nome. Ela não tem a menor ideia de que há três meses tem ocupado minha mente; de que é o rosto que vejo quando acordo de manhã e o rosto que vejo quando vou para a cama.

Ela emerge da cabana, contida por Hammill, que a segura com tanta força que é como se estivesse algemada. Está coberta de sangue, mãos, roupas e até o cabelo. As mechas do cabelo loiro estão tingidas de vermelho. A pele está assustadoramente branca, translúcida sob o detestável brilho do holofote, que ninguém fez a cortesia de desligar. É um fantasma, uma aparição, com uma expressão vazia no rosto: como se as luzes estivessem acesas, mas não houvesse ninguém em casa. Lágrimas congelam em seu rosto enquanto ela escorrega pela escada, e Hammill a força a ficar de pé.

– Primeiro eu – declara Hammill ao levar Mia para longe de mim. Os olhos dela examinam meu rosto. O que vejo nela é Eve, há 30 anos, antes de James Dennett, antes de Grace e Mia, antes de mim.

Filho da mãe. Eu lhe daria uma surra se não estivesse tão preocupado em não assustar Mia. Não gosto do jeito como toca nela.

Dentro da cabana, encontro o corpo de Colin Thatcher caído de qualquer jeito pelo chão. Uma ou duas vezes, quando era policial de rua, ajudei a tirar um defunto de um acidente rodoviário. Não há nada parecido no mundo. A sensação de carne morta: dura e fria no instante em que a alma a deixa. Os olhos, abertos ou fechados, perdem a vida. Os dele estão abertos. Sua carne está fria. Há mais sangue do que já vi em toda a minha vida. Baixo os olhos para ele e digo:

– Que bom conhecê-lo finalmente, Colin Thatcher.

Penso em Kathryn Thatcher naquele asilo vagabundo. Vejo o olhar no rosto sofrido dela quando lhe dou a notícia.

Os caras de Hammill já começaram a trabalhar: fotos da cena do crime, impressões digitais, recolhimento de evidências.

Não sei o que pensar do lugar. É uma moradia inadequada, para dizer o mínimo. Tudo ali fede. Não sei o que esperava. Um esmaga-cabeças e um divisor de joelhos medievais? Correntes e flagelos? Algemas, pelo menos? O que vejo é um lugarzinho feio com uma porcaria de uma árvore de Natal. Meu apartamento é pior que isso.

– Dê uma olhada – diz alguém. Fico de pé, as pernas doloridas. Na fórmica, alguém gravou as palavras “Nós estivemos aqui”. – O que acha disso?

Passo os dedos sobre as palavras.

– Não sei.

Hammill entra na cabana. Sua voz é alta o suficiente para

acordar os mortos.

– Ela é toda sua – diz para mim, enquanto dá um pequeno chute em Thatcher, só para constar.

– O que foi que ela falou? – Pergunto, apenas para dizer alguma coisa. Realmente não dou a mínima para o que ela disse a *ele*.

– Veja por si mesmo – ele responde. Há algo em seu tom de voz que estimula meu interesse. Ele exhibe aquele sorriso arrogante que significa “eu sei algo que você não sabe” e acrescenta: – vale a pena.

Inclino-me sobre Colin Thatcher para uma última olhada. Ele continua mortinho no chão de madeira.

– O que foi que você fez? – Pergunto discretamente, e saio dali.

Ela está sentada na parte de trás da ambulância aberta, sendo atendida por um paramédico. Enrolaram um cobertor de lã em volta dela. Estão se certificando de que todo aquele sangue não lhe pertence. A ambulância está silenciosa agora, com as luzes e a sirene desligadas. Há um burburinho, alguém rindo.

Caminho devagar em sua direção. Ela está olhando para o espaço, deixando o paramédico examiná-la, embora se encolha a cada toque.

– Está frio aqui – digo, atraindo sua atenção. Seu cabelo é longo. Cai sobre seu rosto e esconde seus olhos. Há algo de indefinível nela, não sei o que significa.

Há sangue seco – gelado? – grudado em sua pele. Seu nariz está escorrendo. Tiro um lenço do bolso e ponho na mão dela.

Nunca senti tanto afeto por alguém que não conheço.

– Você deve estar exausta. Foi uma provação e tanto. Vamos levá-la para casa. Em breve. Prometo. Sei de alguém que está querendo muito ouvir sua voz. Sou o detetive Gabe Hoffman. Estávamos procurando por você.

É impossível acreditar que é a primeira vez que a vejo. Parece que a conheço melhor do que boa parte dos meus amigos.

Os olhos dela se erguem e cruzam com os meus por um segundo, e em seguida dirigem-se para um saco de transporte de cadáveres vazio que está sendo levado para dentro.

– Não precisa olhar – digo.

Mas não é o saco em si. É o espaço. Ela está olhando para o espaço. A área está lotada de gente indo e vindo. A maioria deles é homem, só há uma mulher. Mencionam os planos para o Natal de passagem: missa e jantar com os sogros, ficar acordado até tarde para montar um brinquedo que a mulher comprou pela internet. Todos no exercício de suas funções. Em qualquer outro caso, eu estaria dando parabéns por um trabalho bem feito. Mas este não era um caso como qualquer outro.

– O detetive Hammill fez algumas perguntas a você. Tenho perguntas a fazer também, mas podem esperar. Sei que não está sendo... fácil... para você.

Passa pela minha cabeça alisar o cabelo dela ou pegar sua mão, algum gesto simples que possa trazê-la de volta à vida. Seu olhar está distante. Ela repousa a cabeça nos joelhos dobrados e não diz sequer uma palavra. Não chora. Nada disso me surpreende: é uma mulher em choque.

– Sei que tudo isso tem sido um pesadelo para você. Para sua família. Tanta gente preocupada. Vamos conseguir levá-la

para casa a tempo para o Natal, prometo – digo. – Eu mesmo vou levá-la até lá.

Assim que receber autorização para isso, Mia e eu vamos pegar a estrada e fazer a longa viagem de volta, e Eve a estará esperando de braços abertos na frente da casa. Mas primeiro precisaremos parar no hospital local para um exame completo. Espero que os repórteres não tenham pensado nisso; que não estejam fazendo fila no estacionamento do hospital com câmeras de vídeo, microfones e um monte de perguntas.

Mia não diz uma palavra. Penso em ligar para Eve do meu celular e deixar que seja Mia a lhe contar as boas notícias. Enfio a mão no bolso: onde diabos está o meu celular? Reflito. Talvez seja muita coisa, e cedo demais. Talvez ela não esteja pronta ainda. Mas Eve está esperando, angustiada, pela minha ligação. O mais rápido possível.

– O que aconteceu? – Pergunta ela enfim em um tom suave. *Claro*, penso. Tudo aconteceu tão rápido. Ela está lutando para que as coisas façam sentido.

– Acertaram ele – digo. – Está tudo acabado.

– Tudo acabado. – Mia deixa as palavras escorregarem da sua língua e caírem na neve. Seus olhos parecem girar 360 graus. Ela absorve a paisagem como se fosse a primeira vez que a visse. Será possível que essa seja a primeira vez que ela sai da cabana?

– Onde estou? – sussurra. Troco um olhar com o paramédico, que dá de ombros. *Ora*, penso, *essa é mais sua área do que a minha. Eu pego os caras ruins. Você cuida dos bons.*

– Mia – digo. Ouço um celular tocando à distância. Parece

muito com o meu. – Mia – tento de novo.

Ela parece confusa da segunda vez que falo seu nome. Falo uma terceira vez, porque não consigo pensar em nada mais para dizer na sequência. “o que aconteceu?” “onde estou?” essas são as perguntas que eu planejava fazer a *ela*.

– Esse não é o meu nome – diz ela em voz baixa. O paramédico está arrumando suas coisas. Quer que ela seja examinada por um médico, mas por enquanto está tudo bem. Há sinais de desnutrição. Feridas cicatrizando. Mas nada que exija atenção imediata.

Engulo em seco.

– Claro que é. Você é Mia Dennett. Não se lembra?

– Não. – Ela nega com a cabeça. Não que não se lembre. É que tem certeza que estou errado. Inclina-se para perto de mim, como se fosse revelar um segredo, e me diz: – Meu nome é Chloe.

O detetive Hammill passa por perto e solta um ruído desagradável.

– Disse a você que valia a pena. – Faz um muxoxo enquanto grita para a equipe: – apressem-se para que a gente possa encerrar o dia.

GABE

DEPOIS

Na cidade de Grand Marais, fazemos registro em um hotel, uma pequena pousada tradicional do lago Superior, com uma placa alardeando “café da manhã continental incluso” que atrai meu olhar. Nosso voo de volta é só de manhã.

A doutora Rhodes deu um calmante a Mia que a fez apagar. Carreguei-a para a cama de casal no quarto que compartilha com Eve. O resto de nós permanece no corredor, conversando.

Eve está uma pilha de nervos. Ela sabia que essa coisa toda ia dar errado. Chega quase a botar a culpa em mim, mas se detém antes.

– Cedo ou tarde, tudo teria vindo à tona – comenta, mas não consigo decidir se ela acredita mesmo nisso ou se está apenas tentando me acalmar.

Mais tarde eu a farei se lembrar do caso; lembrar-se de que Colin Thatcher não foi o mandante de seu sequestro. Há alguém por aí procurando por ela, e precisamos de Mia tão consciente quanto possível para conseguir ir atrás desse alguém. Ele deve ter lhe contado algo. Colin deve ter lhe contado sobre o plano que pretendiam colocar em prática.

Eve encosta-se em uma parede do corredor recoberta de papel de parede em tom pastel. A médica trocou de roupa, e veste uma calça confortável e chinelos. Seu cabelo está preso em um coque pesado que faz sua testa parecer enorme. Tem os braços cruzados, e nos diz:

– Chama-se Síndrome de Estocolmo. É quando as vítimas passam a ter uma ligação emocional com seus carcereiros e ficam com medo da polícia, que aparece para salvá-las. Não é incomum. Vemos isso o tempo todo. Em situações de abuso doméstico, de crianças violentadas, de incesto. Tenho certeza de que pode identificar isso, detetive. Uma mulher liga para o departamento de polícia para dizer que seu marido está batendo nela, mas, quando a polícia chega à sua porta, ela se vira contra eles e sai em defesa do marido. Há uma variedade de condições que ajudam no desenvolvimento dessa síndrome. Mia precisaria se sentir ameaçada pelo agressor, algo que sabemos que aconteceu. Precisaria sentir-se isolada das outras pessoas além do agressor. Sabemos que é esse o caso também. Precisaria sentir inabilidade para escapar da situação. Isso é evidente. E, por fim, o senhor Thatcher teria de mostrar um mínimo de humanidade para com ela, como...

– Não deixar Mia morrer de fome – proponho.

– Exatamente.

– Dar-lhe roupas para vestir. Abrigo. – Eu poderia continuar indefinidamente. Aquilo fazia total sentido para mim.

Mas não para Eve. Ela espera até que a doutora Rhodes diga boa-noite e siga pelo corredor, fora do alcance auditivo, para dizer:

- Ela o amava – naquele tom de “mãe sabe dessas coisas”.
- Eve, acho...
- Ela o amava.

Nunca vi Eve tão certa de algo como está disso. Ela fica parada à porta, observando Mia adormecida na cama. Observa como uma mãe que acabou de ter um filho observa o recém-nascido.

Eve dorme na cama ao lado de Mia. Durmo na outra cama de casal, embora tenha meu quarto. Eve me implora que eu não vá embora. Quem sou eu para falar alguma coisa, penso, ao deslizar sob os lençóis. Não sei droga nenhuma sobre estar apaixonado.

Nenhum de nós dois dorme.

– Não o matei – lembro a Eve, mas isso não importa, pois alguém o fez.

EVE

DEPOIS

Durante todo o voo para casa, ela está distante. Senta-se no assento da janela e apoia a testa no vidro frio. Fica indiferente quando tentamos falar com ela, e de vez em quando eu a ouço chorar. Vejo as lágrimas dela escorrendo por seu rosto e pingando nas mãos. Tento consolá-la, mas ela se afasta.

“A doutora Rhodes se separa de nós no aeroporto. Quer ver Mia pela manhã. A médica e eu decidimos entre nós que iríamos aumentar suas sessões para duas vezes por semana. Estresse pós-traumático é uma coisa, luto é outra.

– É muito com que lidar – diz ela a mim, e ambas observamos a mão de Mia descer para o abdômen. Esse bebê não é mais um fardo, mas um último vestígio dele, algo a ser preservado.

Penso no que teria acontecido com Mia se ela tivesse feito o aborto. Teria perdido a sanidade de vez.

Vamos até o carro de Gabe no estacionamento. Ele se ofereceu para nos levar até em casa. Tenta, desajeitadamente, carregar nossas quatro malas – não me deixa ajudar. Mia anda mais rápido do que nós, e nos esforçamos para manter o ritmo.

Ela faz isso para não ver a expressão desconfortável no meu rosto, e para não ter de olhar nos olhos do homem que ela acredita ter matado seu amante.

Passa o trajeto inteiro no assento de trás em silêncio. Gabe pergunta se está com fome, ela não responde. Pergunto se está aquecida, ela me ignora. O trânsito está fluindo. É um domingo gelado, do tipo que dá vontade de passar na cama. O rádio está ligado em volume baixo. Mia está deitada no assento traseiro e, depois de um tempo, adormece. Observo o cabelo despenteado cair sobre seu rosto pintado de rosa pelo ar do inverno. Seus olhos parecem se mover, o corpo permanecendo adormecido enquanto imagens devem preencher sua mente. Tento dar um sentido àquilo tudo: como alguém como Mia pode ter se apaixonado por alguém como Colin Thatcher?

Em seguida, meus olhos deslizam até o homem sentado ao meu lado, um homem tão diferente de James que é quase cômico.

– Vou deixá-lo – revelo, os olhos fixos na estrada adiante. Gabe não diz coisa alguma. Mas, quando sua mão se fecha sobre a minha, diz tudo o que precisa dizer.

Ele nos deixa na entrada do prédio. Oferece-se para nos ajudar, mas recuso, dizendo a ele que somos capazes de dar conta.

Mia caminha para dentro sem mim. Em silêncio, observamos ela se afastar. Gabe diz que estará de volta pela manhã. Tem algo para ela. Em seguida, quando a pesada porta se fecha, e ela não está mais à vista, inclina-se para me beijar, totalmente indiferente aos transeuntes voltando para casa pelas

calçadas fervilhantes, aos táxis passando pela rua barulhenta. Pouso as mãos em seu peito para fazê-lo parar.

– Não posso – digo.

Isso dói mais em mim do que vai doer em Gabe, e observo enquanto ele me fita em busca de uma explicação, o olhar suave se perguntando o motivo, mas gradualmente começa a assentir. Não tem nada a ver com ele. É hora de colocar minhas prioridades em ordem. Estiveram fora de sincronia por muito tempo.

Mia me diz que há um som de vidro estilhaçando. Ela o vê lutando para respirar. Há sangue por toda parte quando ele estende as mãos, e ela não pode fazer nada além de vê-lo cair.

Ela acorda na própria cama, gritando. Na hora em que entro, ela caiu da cama e está no chão, inclinada sobre alguém que não está ali. Sussurra seu nome.

– Por favor, não me deixe – diz, e em seguida começa a arrancar a roupa de cama, procurando por ele. Joga o cobertor para o lado e puxa os lençóis. – Owen! – grita. Depois me empurra para o lado, passa por onde estou parada à porta, observando a cena dolorosa, e quase não consegue chegar ao banheiro antes de vomitar.

É assim todo dia.

Alguns dias, o enjoo matinal não é tão ruim. Mas esses, diz Mia, são os piores dias. Quando não está preocupada com a sensação constante de náusea, porque se lembra constantemente de que Owen está morto.

Hesito à porta.

– Mia – falo. Estou pronta para fazer qualquer coisa que faça aquela dor parar. Mas não há nada a ser feito.

Quando está pronta, ela me conta dos últimos instantes dentro da cabana, da forma como os tiros soavam como fogos de artifício, da forma como a janela quebrou e o vidro se estilhaçou pelo chão, o ar do inverno se sentindo à vontade para entrar.

– O barulho me apavorou, e meus olhos se voltaram para fora antes de eu ouvir que Owen ofegava. Ele sussurrou meu nome. *Chloe*. Lutou para conseguir tomar fôlego suficiente. Suas pernas começaram a ceder. Não sabia o que tinha acontecido.

Ela chora, balançando a cabeça e revivendo o instante, como faz uma centena de vezes por dia em sua mente, e pousa a mão em sua perna para fazê-la parar. Não há necessidade de continuar. Mas ela continua. Continua porque precisa fazê-lo, porque sua mente não consegue mais manter os flashbacks contidos. Permanecem adormecidos ali, como um vulcão à beira da erupção.

– Owen? – diz ela em voz alta, presa em um instante que não é o presente. – A arma caiu das mãos dele. Fez uma marca no chão. Ele estendeu as mãos para mim. Havia sangue por todo lado. Ele tinha levado um tiro. Suas pernas começaram a ceder. Tentei segurá-lo, tentei, mas o peso era demais. Ele despencou no chão. Caí junto com ele. Owen! ah, meu Deus, Owen – ela soluça.

Diz que visualizou a costa acidentada da Riviera Italiana. Naquele último minuto, foi isso o que viu. Os barcos flutuando, preguiçosos, no mar da ligúria, e os picos abruptos dos alpes Marítimos e dos Apeninos. Viu uma casa rústica de pedra

perdida na montanha, onde trabalhavam arduamente no campo verde luxuriante, até ficarem com dor nas costas. Ela e o homem conhecido como Owen. Imaginou que não estivessem mais fugindo. Que estavam em casa. Naquele último instante, Mia viu crianças correndo pela grama densa, mergulhando por entre fileiras regulares de videiras. Tinham cabelo escuro e olhos escuros como os dele, e inseriam palavras em italiano em seu inglês que se esvaía. *Bambino, allegro e vero amore.*

Ela me conta como o sangue escorreu do corpo dele. Como se espalhou pelo chão, como o gato correu pelo cômodo, com suas patas finas imprimindo pegadas sangrentas pelo piso. E, novamente, seus olhos circulam pelo quarto, como se estivesse acontecendo aqui, neste momento, embora o gato esteja empoleirado no peitoril da janela, como uma estátua de porcelana.

Diz que a respiração dele era lenta, que ele respirava de modo entrecortado, fazendo muito esforço. Havia sangue por todo lado.

– Os olhos dele ficaram parados. O peito dele, parado. Acorde. Acorde. Eu o sacudi. “ah, meu Deus, por favor, acorde. Por favor, não me abandone.” – ela soluça nos lençóis da cama. Conta que as pernas dele pararam de se debater quando a porta da frente se abriu. Havia uma luz ofuscante e uma voz masculina mandando-a se afastar do corpo. – Por favor, não me deixe – grita ela.

Todo dia ela acorda gritando o nome dele. Ela dorme no quarto; estico o sofá-cama e durmo na sala. Ela se recusa a abrir a cortina e aceitar o mundo adentrando o quarto. Gosta dele

escuro, assim pode acreditar que é noite vinte e quatro horas por dia e sucumbir à depressão. Mal consigo fazê-la comer.

– Se não por você – aconselho –, coma pelo bebê.

Ela diz que é o único motivo que tem para viver agora.

Admite para mim, em segredo, que não consegue seguir adiante. Não diz isso quando está lúcida, mas sim quando está soluçando, perdida em desespero. Pensa na morte, em todas as formas de se matar. Lista-as para mim. Penso comigo mesma que nunca vou deixá-la sozinha.

Segunda-feira de manhã Gabe apareceu com uma caixa de coisas que tinha trazido da cabana. Vinha guardando-as como possíveis indícios.

– Planejava devolvê-las à mãe de Colin – disse ele –, mas pensei que talvez você quisesse dar uma olhada.

Ele esperava um cessar-fogo. O que conseguiu foi um olhar de repreensão enquanto ela murmurava “Owen” baixinho. Quando a puxo para fora do quarto, ela se senta e encara a TV sem prestar atenção. Tenho de verificar o que ela está assistindo. O jornal noturno a deixa arrasada, com suas palavras como morte, assassinato e culpado.

Digo a Mia que não foi Gabe que atirou em Owen, mas ela diz que não importa. Não quer conversar sobre nada. Ele está morto. Ela não odeia Gabe por isso. Só que não sente nada. Há um vasto vazio engolindo sua alma. Justifico o que ele fez, o que todos fizemos. Tento fazê-la entender que a polícia estava lá para protegê-la. Que o que eles viram foi um condenado armado e sua presa.

Mia, sobretudo, culpa a si mesma. Diz que colocou a arma

na mão dele. Soluça à noite dizendo que sente muito. A doutora Rhodes fala com ela sobre os estágios do luto: negação e raiva. Um dia, promete, haverá uma aceitação da perda. Mia abriu a caixa que Gabe trouxera para ela e tirou um suéter cinza de capuz dali. Levou-o até o rosto: fechou os olhos e sentiu o cheiro do algodão. Claro que planejava guardá-lo.

– Mia, querida – disse –, deixe-me lavá-lo.

Estava com um fedor terrível, mas ela se recusou a me deixar tirá-lo de suas mãos.

– Não – insistiu.

Dorme com ele toda noite, fazendo de conta que são os braços dele que a abraçam.

Ela o vê por toda parte: em seus sonhos, quando está acordada. Ontem insisti para que déssemos uma caminhada. Era um dia suportável para janeiro. Precisávamos de ar fresco. Tínhamos ficado trancafiadas naquele apartamento por dias. Limpei o lugar e esfreguei uma banheira que não era usada há meses. Pudei as plantas dela com uma tesoura e joguei as folhas mortas em uma lixeira. Ayanna ofereceu-se para comprar algumas coisas para nós no mercado: leite e suco de laranja, e, a meu pedido, flores frescas, algo para lembrar a Mia de todas as outras coisas do mundo que estão vivas. Mia mergulhou nos braços amplos de um casaco que resgatou da mesma caixa de papelão, e saímos. No final da escada, ela parou e olhou fixamente para um ponto imaginário do outro lado da rua. Não sei por quanto tempo ficou olhando, até que eu a puxei delicadamente pelo braço e disse:

– Vamos andar.

Não consegui imaginar para o que ela olhava; não havia nada ali, apenas um prédio de tijolos de quatro apartamentos com um andaime na frente. O clima de Chicago é rigoroso. Mas, vez ou outra, Deus nos abençoa com um dia de temperaturas que variam entre 1 e 4 graus, para nos lembrar de que a miséria vaivém. Deve estar uns três graus quando saímos para caminhar, o tipo de dia em que os adolescentes fazem a tolice de saírem de bermudas e camisetas, esquecendo-se de que em outubro ficamos horrorizados com temperaturas como essa.

Permanecemos nas ruas residenciais, porque pensei que haveria menos barulho. Podíamos ouvir a cidade não tão longe. Estávamos no meio do dia. Ela arrastava os pés. Contornando a esquina, entrando na Waveland, ela e um jovem esbarraram um no outro. Poderia ter impedido se não estivesse olhando as decorações de Natal remanescentes em um terraço próximo, deslocadas agora, ao lado de poças de neve derretida na calçada, uma cena que me lembrava a primavera. O homem era lindo, com um boné de time de beisebol puxado para baixo, os olhos encarando o chão. Mia não estava prestando atenção quando se esbarraram. Depois, quase desmoronou, incrédula.

Ele não conseguia entender o choro.

– Sinto muito. Desculpe-me – disse ele. Eu insisti que não se preocupasse. Era o mesmo boné que Mia pegou da caixa, aquele que fica ao lado de sua cama.

O luto e o enjoo matutino a fazem correr para o banheiro três, às vezes quatro vezes por dia.

Gabe chega esta tarde, com a intenção de chegar ao fundo da situação. Até hoje, estava satisfeito com breves visitas, com o

único propósito de reconciliação. Mas ele me lembra de que há uma ameaça persistente lá fora e que os policiais que estão estacionados no prédio dela, por segurança, não ficarão lá para sempre. Ele faz com que Mia se sente no sofá-cama.

– Conte-me sobre a mãe dele – pede ela. Isso também pode ser chamado de toma lá dá cá.

O apartamento de Mia é uma caixinha de aproximadamente 37 metros quadrados. Há a sala com o sofá-cama e uma TV minúscula; ela estica o sofá-cama quando vem alguma visita para dormir. Lavei o banheiro várias vezes, mas ele ainda não me parece limpo. A banheira enche de água toda vez que tomo uma ducha. A cozinha é grande o bastante para uma pessoa; você não consegue ficar atrás da geladeira quando a porta está aberta sem ser empurrado para cima do fogão. Não há máquina de lavar. O aquecedor mal dá conta de aquecer a sala e, quando consegue, a temperatura passa dos trinta graus. Jantamos no sofá-cama, que não nos importamos em esticar, já que, noite após noite, eu o uso como cama.

– Kathryn – responde Gabe. Ele está empoleirado de forma desajeitada na beirada do sofá-cama. Nos últimos dias, Mia tem perguntado sobre a mãe de Colin. Não sei o que dizer, a não ser que Gabe talvez saberia mais sobre a senhora Thatcher do que eu. Nunca a conheci, apesar de que, daqui a alguns meses, seremos avós da mesma criança. – Ela é uma mulher doente – explica ele –; está em estágio avançado de mal de Parkinson.

Vou para a cozinha e finjo lavar os pratos.

– Eu sei.

– Ela está bem, dentro do esperado. A senhora Thatcher tem

vivido em um asilo... Ela não consegue cuidar de si mesma.

Mia pergunta como a mulher foi parar em um asilo. Até onde Colin – Owen – sabia, ela estava morando em uma casa.

– Eu a levei para lá.

– Você a levou para lá? – Pergunta ela.

– Sim – confessa Gabe. – A senhora Thatcher precisa de cuidados constantes.

Isso faz Gabe ganhar pontos com Mia.

– Ele estava preocupado com ela.

– Ele tinha um bom motivo para estar. Mas ela está bem – garante Gabe. – Levei a senhora Thatcher ao funeral. – Ele faz uma pausa longa, apenas para dar tempo de a notícia ser absorvida.

Gabe me contou sobre o funeral. Foi alguns dias depois de Mia ter voltado para casa. Estávamos imersas nas primeiras consultas com a doutora Rhodes, quando o ruído da geladeira era suficiente para assustar minha filha. Gabe recortou o obituário de um jornal de Gary e o trouxe para mim. Trouxe-me um santinho também, com uma fotografia bonita, um retrato em preto e branco colado sobre um papel marfim. Na época, estava indignada por Colin Thatcher ter um enterro tão civilizado. Joguei tudo na lareira, assistindo a seu rosto se desfazer nas chamas. Orei para que a mesma coisa acontecesse com ele: que queimasse no inferno.

Paro o que estou fazendo e espero pelo som do choro, que não vem. Mia continua quieta.

– Você foi ao funeral?

– Fui. Foi bonito. Tão bonito quanto se pode esperar.

A imagem de Gabe aos olhos de minha filha crescia vertiginosamente. Percebo uma mudança na voz dela, que não mais transparece aversão. Ela se suaviza e perde um pouco da autodefesa. Por outro lado, permaneço na cozinha, agarrada a um prato de cerâmica, imaginando Colin queimando no inferno embora tentando, desesperadamente, não pensar nisso.

– O caixão estava...

– Fechado. Mas havia fotografias. E muitas pessoas. Havia mais gente que o amava do que ele imaginava.

– Eu sei – sussurra ela.

Silêncio. Mais do que posso aguentar. Lavo as mãos e as seco na calça. Quando espio a sala, vejo que Gabe está sentado mais próximo, ao lado de Mia, e que ela está com a cabeça em seu ombro. Ele a abraça, e ela chora.

Quero interferir, ser o ombro no qual ela chora, mas não ousou fazer isso.

– A senhora Thatcher está morando com sua irmã Valerie agora. Ela está bem medicada e mais capaz de lidar com a doença.

Eu me escondo na cozinha, fingindo não escutar a conversa deles.

– Da última vez que a vi – diz Gabe –, havia... esperança. Agora, Mia, fale para mim como você foi parar naquela cabana.

Ela diz que isso é fácil de explicar.

Prendo a respiração. Não sei se quero ouvir. Ela diz a Gabe o que sabe, que ele foi contratado para sequestrá-la e entregá-la a um homem do qual ela nunca ouviu falar. Mas ele não conseguiu fazer isso, então a levou para um lugar onde acreditava que

estaria a salvo. Respiro fundo. Ele a levou para um lugar onde acreditou que ela estaria em segurança. Talvez ele não fosse um homem tão louco, afinal de contas.

Ela menciona algo sobre um resgate. Diz que tem a ver com James.

Fui para a sala, onde consigo ouvir. À menção do nome de James, Gabe se levanta do sofá-cama, hesitante, e começa a andar pela sala.

– Eu sabia disso – fala várias vezes. Observo meu bebê sentado no sofá-cama e penso que seu pai tinha a possibilidade de jamais metê-la nisso. Saio do apartamento, encontrando consolo no dia gelado de inverno. Gabe me vê sair, mas não pode consolar nós duas ao mesmo tempo.

Quando ela vai para cama à noite, eu a ouço se contorcer e remexer. Ouço-a chorar e gritar o nome dele. Fico parada do lado de fora da porta de seu quarto, querendo fazer isso desaparecer, mas sabendo que não posso. Gabe diz que não há nada que eu possa fazer. “apenas fique ao lado dela”, diz ele.

Ela diz que poderia se afogar na banheira.

Que poderia atingir uma artéria com uma faca de cozinha.

Que poderia colocar a cabeça dentro do forno.

Que poderia pular da escada de incêndio.

Que poderia saltar da plataforma do metrô.

GABE

DEPOIS

Consigo um mandado e comando uma busca ao gabinete do juiz. Ele está sozinho. O sargento aparece e tenta suavizar as coisas, mas o juiz Dennett não dá a mínima. Ele diz que, quando sairmos de mãos vazias, ambos perderemos nosso emprego.

Mas não terminamos de mãos vazias. Acontece que encontramos três cartas de ameaça entre os arquivos pessoais e trancafiados do juiz Dennett. Todas com pedido de resgate. As cartas diziam que estavam com Mia. Em troca de soltá-la, exigiam uma quantia enorme de dinheiro, ou, além de matá-la, deixariam vazar o fato de o juiz Dennett ter aceitado US\$ 350 mil em propinas em 2001, em troca de uma sentença branda em um caso de extorsão. Faziam chantagem.

Leva algum tempo, entrevistas e minhas melhores qualidades como detetive, mas somos capazes de identificar os elementos principais no caso do resgate que não deu certo, entre eles, Dalmar Osoma, um somali que ajudou a arquitetar o plano. Temos uma força-tarefa em busca dele, agora.

Eu daria tapinhas em minhas próprias costas, se pudesse alcançá-las. Mas não posso. Deixo o sargento fazer isso por

mim.

Quanto ao juiz Dennett, ele é o único que perde o emprego. É exonerado. Mas essa é a menor de suas preocupações. Há provas contra ele de obstrução de justiça e sumiço de evidências, nas quais ele pode pensar enquanto espera o próprio julgamento. É aberto um inquérito sobre a acusação de recebimento de propinas, para ver se são verdadeiras. Eu apostaria minha vida nisso.

Eu o interroguei antes de ele ser mandado para a prisão.

– Você sabia – digo, com absoluta descrença. – O tempo todo. Você sabia que Mia tinha sido sequestrada.

Que tipo de homem faria isso com a própria filha?

Sua voz ainda transborda egoísmo, mas, pela primeira vez, há um pinga de vergonha junto:

– No começo não – ele responde. Está em uma cela na delegacia. O juiz Dennett atrás das grades: uma imagem com a qual sonhei desde que nossos caminhos se cruzaram. Ele está sentado na beirada do catre, encarando o vaso sanitário, sabendo que, cedo ou tarde, terá de usá-lo na frente de todos nós.

Foi a primeira vez que tive certeza de que o juiz Dennett estava sendo sincero.

Ele diz que, a princípio, tinha certeza de que Mia havia fugido e estivesse fazendo alguma coisa estúpida. Era da sua natureza.

– Ela já tinha fugido – diz.

E então as cartas começaram a chegar. Ele não queria que ninguém descobrisse que ele era corrupto, que tinha aceitado propinas durante todos esses anos. Teria sido exonerado. Mas

admite e, por meio segundo, acredito: ele não queria que nada de ruim acontecesse com Mia. Iria pagar o resgate para libertá-la, mas também queria que ficassem calados. Ele exigiu uma prova de que ela estivesse viva; não houve nenhuma.

– Porque – digo – *eles* não estavam com ela. – Colin Thatcher estava. Ele tinha, ao que parecia, salvado a vida dela.

– Presumi que estivesse morta – diz ele.

– E...?

– Se estivesse morta, ninguém precisava saber o que eu tinha feito – admite ele com uma sobriedade que eu nunca esperaria do juiz Dennett.

Sobriedade e remorso? ele se lamentava pelo que tinha feito?

Penso em todos aqueles dias em que ele se sentava na mesma sala com Eve; em todas as noites que compartilhou a mesma cama com ela, acreditando que a filha deles estivesse morta.

Eve pede o divórcio e, quando tudo terminar, vai ficar com metade de tudo o que o juiz Dennett tem. É dinheiro suficiente para começar uma nova vida para ela e Mia.

EPÍLOGO

MIA

DEPOIS

Sento-me no consultório de cores opacas, diante da doutora Rhodes, e conto a ela sobre aquela noite. Estava chovendo, forte e pesado, e Owen e eu estávamos sentados no quarto escuro da cabana, ouvindo a água bater no teto de madeira. Conto à doutora como saíamos para pegar madeira para o fogo, e como a chuva nos encharcava, antes de voltarmos para dentro da cabana.

– Aquela – digo a ela – foi a noite em que algo mudou entre mim e Owen. Aquela foi a noite em que entendi o motivo de eu estar ali, naquela cabana, com ele. Ele não estava tentando me machucar – explico, lembrando-me do jeito como ele olhava para mim, com aqueles olhos escuros e sérios, dizendo: “Ninguém sabe que estamos aqui. Se soubessem, já teriam nos matado. Eu e você”. e, de repente, eu era parte de alguma coisa; não estava mais sozinha, como estive minha vida toda. – Ele estava *me salvando* – explico. E foi aí que tudo mudou.

Foi quando eu não estava mais assustada. Quando entendi.

Há coisas que conto para a doutora Rhodes: sobre a cabana,

sobre nossa vida ali, sobre Owen.

– Você o amava? – Pergunta ela. E eu respondo que sim, eu o amava. Meus olhos se enchem de tristeza, e a médica me passa um lenço pela mesa de centro que nos separa. Eu o seguro contra o rosto e choro. – Fale-me sobre o que está sentindo, Mia – pede ela, e lhe conto sobre como sinto falta dele, como desejo que as recordações não tivessem voltado, assim eu poderia permanecer na escuridão, completamente inconsciente da morte de Owen.

Mas, é claro, é muito mais que isso.

Há coisas que jamais poderei contar para a médica.

Posso lhe falar da tristeza que me persegue dia a dia, mas nunca poderei contar a ela sobre a culpa. A certeza de que eu coloquei Owen naquela cabana; de que eu coloquei a arma em suas mãos. Se eu tivesse lhe dito a verdade, poderíamos ter bolado um plano. Poderíamos ter pensado em algo juntos. Mas, naqueles primeiros minutos, naqueles primeiros dias, eu estava tão amedrontada que não poderia lhe contar a verdade, por temer que pudesse fazer algo comigo. Depois, não pude mais lhe contar a verdade, pois tinha medo de como ela mudaria as coisas entre nós.

Ele não me protegeria do meu pai e de Dalmar se tudo aquilo fosse uma mentira, uma farsa.

Passei minha vida inteira desesperada para que alguém cuidasse de mim. E lá estava ele.

Eu não iria deixar isso desaparecer.

Passo a mão na barriga cada vez maior e sinto o bebê chutar. Lá fora, além das janelas nebulosas, o verão chegou; o calor e a

umidade dificultam a respiração. Logo o bebê nascerá, uma lembrança de Owen, e não vou mais ficar sozinha.

Há uma imagem que carrego comigo em minha mente. Estou no colégio, levando para casa, orgulhosa, um boletim cheio de notas a, que minha mãe pendura na porta da geladeira, com um ímã da abelhinha Bee Happy, que dei a ela de Natal naquele ano. Meu pai chega em casa e vê o boletim. Ele dá uma olhada rápida e então diz para minha mãe:

– Essa professora de inglês deveria ser demitida. Mia é velha o bastante para saber a diferença entre pronomes, não acha, Eve? – Ele usa o boletim como descanso para copos e, antes de sair para o escritório, vejo a água penetrar no papel.

Eu tinha 12 anos.

Volto a pensar naquele dia de setembro, em que entrei no bar sombrio. Era um dia lindo de verão, mas dentro do bar estava escuro, quase vazio, como um lugar desses deveria estar às duas da tarde – apenas alguns clientes sentados em silêncio na própria mesa, afogando as mágoas na bebida. O lugar era uma espelunca, a esquina de um prédio de tijolos todo pichado. Havia música tocando ao fundo. Johnny Cash. Não estava na minha vizinhança e sim mais a sudoeste, em Lawndale, e, quando passei os olhos pelo bar, vi que era a única pessoa branca no lugar. Havia banquetas de madeira perto de um balcão, rachaduras no assento ou sem parafusos em alguns lugares, garrafas de bebidas alinhadas à parede. A fumaça enchia o ar, indo até o teto, tornando o lugar escuro, opaco. A porta da frente era mantida aberta com uma cadeira, mas, mesmo no dia fresco

– com o calor e a luz do sol –, estava hesitante em entrar. O *barman*, um homem careca com cavanhaque, assentiu para mim e perguntou se poderia me servir uma bebida.

Pedi uma cerveja e fui para o fundo do bar, até uma mesa próxima do banheiro masculino, onde ele me disse que estaria. Quando eu o vi, minha garganta secou e foi difícil respirar. Seus olhos eram pretos como carvão, a pele escura, parecendo emborrachada como um pneu. Estava afundado em uma cadeira de espaldar, inclinado sobre uma cerveja. Vestia um casaco de tecido camuflado, do qual ele não precisava em um dia como aquele; meu agasalho estava amarrado à cintura.

Perguntei se ele era Dalmar, e ele me examinou por um minuto, aqueles olhos densos esquadrinhando meu cabelo rebelde, vendo a determinação em meu olhar. Ele desceu pela camisa Oxford e minha calça jeans, avaliando a bolsa preta que eu trazia atravessada no corpo, o agasalho amarrado à minha cintura.

Nunca estive tão certa em minha vida sobre nada quanto estou disso.

Ele não disse se era ou não Dalmar; em vez disso, perguntou o que eu tinha para ele. Quando falou, sua voz era baixa, grave, com um sotaque africano que nada disfarçaria. Sentei-me sem ser convidada na cadeira oposta à dele e notei que ele era grande, muito maior que eu, cada uma de suas mãos, que agarravam o envelope que tirei da bolsa e coloquei na mesa, tendo duas vezes o tamanho das minhas. Ele era preto, como o mais preto dos ursos, um predador alfa sem oponentes. Ele sabia, enquanto estava sentado diante de mim, naquela mesa

miserável, que era quem estava no topo da cadeia alimentar, e que eu era apenas uma alga.

Ele perguntou por que deveria confiar em mim, como poderia ter certeza de que não faria papel de bobo. Reuni toda a coragem que consegui e, sem piscar, respondi:

– Como vou saber que *you* não *me* fará de tola?

Ele riu com audácia, de um modo um tanto perturbador, e respondeu:

– Ah, sim. Mas há uma diferença aqui, entende? Ninguém faz Dalmar de bobo.

E então eu soube que, se algo desse errado, ele acabaria com a minha vida.

Mas não me deixei amedrontar.

Ele tirou os papéis de dentro do envelope: a prova que estava comigo por seis semanas ou mais, até que eu soubesse o que fazer com ela. Contar à minha mãe ou ir à polícia parecia muito fácil, muito mundano. Precisava ser algo mais, uma punição horrível para um crime horrível. A proibição de exercer seu trabalho não compensava o fato de ser um péssimo pai, mas a perda de uma bolada de dinheiro e mais a reputação aos pedaços chegariam perto. Pelo menos perto.

Não foi fácil de encontrar. Isso é certo. Fucei em alguns papéis de um arquivo trancafiado a sete chaves, tarde da noite, quando ele arrastou minha mãe para um jantar beneficente no Navy Pier, pagando US\$ 500 por lugar para apoiar uma organização sem fins lucrativos e cuja missão era melhorar as oportunidades educacionais de crianças que viviam na pobreza. O que achei ser um absurdo completo – ridículo –, sabendo

como ele se sentia em relação ao que eu fazia

Fui para a casa deles. Peguei a linha vermelha até Linden e, de lá, um táxi. Aleguei que meu computador estava quebrado. Minha mãe, oferecendo o velho dela, sugeriu que eu passasse a noite lá e eu concordei, mas é claro que não fiquei. Fiz uma mala, mesmo assim, para sustentar o disfarce. Era o modo perfeito de arrumar a evidência, horas mais tarde e depois de dissecar por completo o escritório do meu pai, quando chamei um táxi e voltei para meu próprio apartamento, para um computador que funcionava à perfeição, onde pesquisei por investigadores particulares a fim de transformar minha suspeita em prova contundente.

Não procurava por extorsão, recebimento de propina. Não exatamente. Procurava por qualquer coisa. Evasão fiscal, perjúrio, assédio, o que fosse. Mas foi extorsão que encontrei. A prova de uma transferência no valor de US\$ 350 mil para uma conta fora do país – o que também caracterizava evasão –, que meu pai mantinha em um envelope fechado, dentro de um arquivo trancado do qual, por sorte, encontrei a chave. Eu a escondi dentro de uma lata de chá antiga, dada a meu pai por um empresário chinês anos atrás, perdida em meio a tantas folhas soltas de chá. Pequena, prateada e sublime.

– Como isso funciona? – Pergunto para o homem diante de mim. Dalmar. Não sei exatamente como chamá-lo. Matador profissional. Assassino de aluguel. É isso, afinal de contas, o que ele é. Seu nome me foi passado por um vizinho suspeito que teve mais de um problema com a lei, com a polícia aparecendo em seu apartamento no meio da noite. É um valentão, o tipo de

homem que ama falar sobre suas proezas, enquanto sobe a escada para o terceiro andar. A primeira vez que eu e Dalmar conversamos foi por telefone – uma chamada rápida de um telefone público da esquina para acertar esse encontro –, e ele perguntou se eu queria que ele matasse meu pai. Respondi que não; que não o mataríamos. O que planejei para meu pai era ainda pior. Ter sua reputação destroçada, vilipendiada, maculada, vivendo entre os pobres que ele mandou para a prisão. Isso, para meu pai, seria pior, tal como o purgatório: o inferno na terra.

Dalmar levaria 60%. Eu ficaria com 40%. Assenti, porque não estava em posição de negociar. E 40% do resgate pedido era um montão de dinheiro. Oitenta mil dólares, para ser exata. Uma doação anônima para minha escola era o que eu tinha em mente; era o que eu planejava fazer com minha parte do dinheiro. Tinha pensado nos detalhes, feito os preparativos com antecedência. Para dar autenticidade à farsa, eu não iria apenas desaparecer. Precisariam existir provas, caso houvesse uma investigação: testemunhas, impressões digitais, fitas de vídeo e coisas assim. Eu não perguntaria quem, o quê nem quando. Teria de haver o fator surpresa, assim, no momento, meu comportamento foi verdadeiro: uma mulher amedrontada em um sequestro. Achei um apartamento abandonado no lado noroeste da cidade, em Albany Park. Era ali que eu me esconderia, enquanto os profissionais, Dalmar e seus comparsas, fariam o resto. Esse era o plano, pelo menos. Paguei três meses de aluguel, em dinheiro, e estoquei garrafas de água, frutas em conserva, carnes e pães congelados, assim nunca precisaria sair. Comprei papel-toalha e

higiênico, e equipamentos de arte em grande quantidade; dessa maneira, não correria o risco de ser vista. Assim que o resgate fosse pago e que as ações ilegais do meu pai fossem descobertas, era nesse apartamento caindo aos pedaços em Albany Park que a polícia me encontraria, presa e amordaçada. Meu sequestrador já estaria longe.

Dalmar queria saber quem ele pegaria de refém, quem ele manteria preso pelo resgate. Olhei para seus olhos negros de serpente, para sua cabeça e a cicatriz de mais de 7 centímetros que cruzava a lateral do seu rosto – um rebite em sua pele, onde imaginava que algum tipo de lâmina, um canivete ou facão, cortara o exterior vulnerável, criando um homem intocável do lado de dentro.

Meus olhos investigaram o bar, para ter certeza de que estávamos sozinhos. Quase todo mundo lá era do sexo masculino, a não ser uma garçonete de uns 20 anos, usando jeans e uma camiseta muito apertada. Todos, além de mim, eram negros. Um homem, sentado diante do bar, escorregou desajeitadamente do banco, bêbado, e cambaleou, trôpego, até o banheiro masculino. Eu o observei passar, empurrar uma porta pesada de madeira, e então meus olhos se voltaram para os de Dalmar, negros, sérios e implacáveis.

E respondi:

– Eu.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, um grande obrigada a minha incrível agente literária Rachael Dillon Fried, que teve fé suficiente em mim e em *A Garota Perfeita*. Nunca serei capaz de agradecê-la o suficiente, Rachel, por todo o trabalho árduo e apoio sem fim, mas, sobretudo, pela crença inabalável de que *A Garota Perfeita* seria mais que um arquivo em meu computador. Se não fosse por você, isso nunca teria acontecido!

À minha editora, Erika Imranyi, que foi absolutamente incrível durante este processo. Não poderia ter pedido uma profissional mais perfeita. Erika, suas ideias brilhantes deram forma ao livro *A Garota Perfeita* e o transformaram no que é hoje; estou tão feliz com o resultado final. Obrigada por esta oportunidade incrível e por todo o encorajamento para eu fazer o melhor que podia.

Obrigada a todos da Greenburger Associates e Harlequin Mira, por me ajudarem durante toda a jornada.

Obrigada à minha família e aos meus amigos – em especial àqueles que não tinham ideia de que eu havia escrito um romance e que o acolheram com nada menos que orgulho e apoio, sobretudo minha mãe e meu pai, e às famílias Shemanek, Kahlenberg e Kyrychenko, e a Beth Schillen, pela análise honesta.

E, por fim, obrigada a meu marido, Pete, por me dar a oportunidade de viver meu sonho, e a meus filhos, que estão tão entusiasmados com o fato de a mãe deles ter escrito um livro!

Star Books Digital

The logo features a teal-colored graphic element resembling an open book or a stylized bracket positioned beneath the word "Books". To the right of this graphic are two small, solid-colored squares, one purple and one pink, stacked vertically.